

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais

Daniel Amadeu de Melo Pedersoli

**ECOS DE GAZIMESTAN:  
a construção do discurso dos jornais *The Guardian* e *The New York Times* sobre o ex-  
líder sérvio Slobodan Milosevic durante a Guerra do Kosovo**

Belo Horizonte

2017

Daniel Amadeu de Melo Pedersoli

**ECOS DE GAZIMESTAN:  
a construção do discurso dos jornais *The Guardian* e *The New York Times* sobre o ex-  
líder sérvio Slobodan Milosevic durante a Guerra do Kosovo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Cristiano Garcia Mendes.

Área de Concentração: Política Internacional – Instituições, Conflitos e Desigualdades.

Linha de pesquisa: Instituições, Conflitos e Negociações Internacionais.

Belo Horizonte

2017

## FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

P371e Pedersoli, Daniel Amadeu de Melo  
Ecos de Gazimestan: a construção do discurso dos jornais The Guardian e The New York Times sobre o ex-líder sérvio Slobodan Milosevic durante a Guerra do Kosovo / Daniel Amadeu de Melo Pedersoli. Belo Horizonte, 2017.  
181 f. : il.

Orientador: Cristiano Garcia Mendes  
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais

1. Pós-estruturalismo. 2. Derrida, Jacques, 1930-2004 - Crítica e interpretação. 3. Kosovo (Sérvia) - História - Guerra civil, 1998-1999. 4. Diferença (Filosofia). 5. Linguagem - Análise do discurso. I. Mendes, Cristiano Garcia. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 327.35

Daniel Amadeu de Melo Pedersoli

**ECOS DE GAZIMESTAN:  
a construção do discurso dos jornais *The Guardian* e *The New York Times* sobre o ex-  
líder sérvio Slobodan Milosevic durante a Guerra do Kosovo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais.

Área de Concentração: Política Internacional – Instituições, Conflitos e Desigualdades.

Linha de pesquisa: Instituições, Conflitos e Negociações Internacionais.

---

Prof. Dr. Cristiano Garcia Mendes - PUC Minas (orientador)

---

Prof. Dr. Eduardo Soares Neves Silva (Banca Examinadora)

---

Profa. Dra. Letícia Carvalho de Souza (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 16 de novembro de 2017

*Ao meu pai, que - como Jacques Derrida -  
desafia diariamente  
as noções de ausência e presença.*

*À minha mãe,  
que faz da última seu traço mais marcante.*

*Amo vocês.*

## AGRADECIMENTOS

Posto que uma dissertação de mestrado deve sempre primar pelo rigor acadêmico-científico e perspicácia analítica, talvez seja este o mais apropriado - e quiça único - momento em que um autor pode render-se brevemente ao leve andar de sua escrita, de modo a olhar para trás e ser capaz de exercer sua gratidão, também por muitos docemente codinominada de memória do coração. Se como diz o ditado e elogio em boca própria for de fato um vitupério, nada então mais apropriado que tal elogio seja feito por aquele que sente-se pleno de gratidão por tudo que recebeu ao longo desta jornada, a qual trouxe à ribalta fadiga e satisfação em - quase - igual medida.

Em primeiro lugar, agradeço à minha família, sem cujo incessante e incontestado apoio nada disso seria possível, a começar pelo desejo perene pelo conhecimento enquanto ferramenta a permitir a construção de um melhor homem e também melhor cidadão. Agradeço pela confiança e pela crença inabalável em minha capacidade de desenvolver um bom trabalho. Obrigado ao meu pai, minha mãe, meus irmãos, minhas tias, bem como a todos vocês que foram capazes de me amar e entender ao longo de todos esses anos, apesar – e não por causa – do que somos. À minha mãe, em especial, meu eterno carinho e agradecimento pela incansável torcida, suporte, e crença no meu potencial. Desses materiais são feitos os sonhos. E também as famílias, de todas formas e cores.

Meu muito obrigado ao caríssimo Marcel Vinícius, que - mesmo ainda às escuras - mostrou-se imediatamente pronto a dar-me todo apoio, tranquilidade e confiança necessários para a consecução desta tarefa, além da mais graciosa e energizante presença, da qual espero poder eternamente partilhar, lado a lado.

Aos meus amigos, agradeço por tornarem leves e insubstituíveis o passar dos dias - que tornaram-se meses e em seguida anos - em que não pude dar-lhes minha presença devido aos compromissos aqui firmados.

Ao querido Carlos Danilo, obrigado pela paciência, companhia e resiliência em todas as vezes em que elas foram necessárias e prontamente providas.

Aos amados Douglas e Izabela, pela deliciosa companhia em nossas alegres e insubstituíveis aventuras pelo mundo. O resultado da inspiração obtida em uma de nossas viagens lê-se nas páginas a seguir.

A todos que dedicam-se à nobre arte de ensinar àqueles que atendem pelo nome de alunos, minha eterna gratidão por terem feito parte desta caminhada, das mais diversas e variadas formas. Em especial ao meu orientador, Cristiano Mendes, meu muito obrigado, tanto pela confiança em minha capacidade enquanto acadêmico e pesquisador quanto pela aparente infindável paciência, da qual eu mais de uma vez - inadvertidamente - abusei.

À Capes, agradeço pela bolsa de estudos que tornou possível esta empreitada.

Ao longo de nossa caminhada, às vezes encontramos profissionais que nos encantam pela gentileza, atenção e zelo com que desenvolvem seu trabalho, adicionando um componente alegre e gentil a relações que poderiam ser doutra forma frias e distantes. Deixo aqui registrado meu agradecimento a tais pessoas, que ilustro nas figuras da Sra. Roziane Michielini da biblioteca desta universidade, e de Paula e Janssem, da secretaria deste programa.

Às noites passadas em claro em meio a pilhas de livros cujas alturas paulatinamente cresciam, agradeço por me relembrem da importância do esforço e do comprometimento na busca pela excelência, sem a qual muito pouco se consegue ou se constrói nesta vida.

Ao meu violino, eterno e fiel companheiro, meu muitíssimo obrigado pelas alegres e deliciosas horas de distração proporcionadas. E também minhas desculpas pelas outras tantas em que minha dedicação foi-lhe roubada para estar focada em outro lugar.

A todos e a todas que de alguma maneira - consciente ou não - deram sua singela contribuição a este que vos escreve, meu eterno muito obrigado.

“L’inédit surgit, qu’on le veuille ou non, dans la multiplicité des répétitions.”

(DERRIDA, 2001b)

"Constituição íntima das cousas" ...  
"Sentido íntimo do Universo" ...  
Tudo isto é falso, tudo isto não quer dizer nada.  
É incrível que se possa pensar em cousas dessas.  
É como pensar em razões e fins (...)  
O único sentido íntimo das cousas  
É elas não terem sentido íntimo nenhum.  
(CAEIRO, 1925)

“Já não sou quem eu era: devo ser quem me tornei.”

(CHANEL, s.d.)

## RESUMO

Esta dissertação parte de uma abordagem pós-estruturalista para analisar os discursos dos jornais *The Guardian* e *The New York Times* durante os dezesseis meses de duração da Guerra do Kosovo com vistas a compreender como deu-se a construção do discurso sobre o ex-presidente da Sérvia e da Iugoslávia, Slobodan Milosevic. Assentando-se nas contribuições de Jacques Derrida às noções de pós-estruturalismo e de desconstrução, bem como na obra posterior de Lene Hansen, considera-se que é o discurso o responsável por dar nome e consequentemente criar a noção do que é real (ou do que convencionou-se assim denominar). Em outras palavras, analisar o discurso sobre uma dada realidade torna-se sinônimo de analisar a própria realidade. Assim, a partir da leitura e investigação de todos os editoriais publicados por ambos jornais durante o período, esta pesquisa busca entender quais conceitos tais mídias utilizaram para construir o sentido em torno de Milosevic, bem como as instabilidades que jazem entremeadas a toda tentativa de conferir significado a algo. Concluiu-se que - não de maneira idêntica - tanto *The Guardian* quanto *The New York Times* construíram seus discursos sobre o ex-líder por meio de um processo dual de ligação e diferenciação de conceitos os quais construíam a identidade não somente do próprio Milosevic quanto também do Ocidente.

Palavras-chave: Pós-estruturalismo. Análise de Discurso. Derrida. Kosovo. Milosevic. The Guardian. The New York Times.

## ABSTRACT

This master's dissertation builds on a poststructuralist approach in order to analyse the speeches of the newspapers *The Guardian* and *The New York Times* during the sixteen months of the Kosovo War in order to understand the discourse construction about Serbia's and Yugoslavia's ex-president Slobodan Milosevic. Anchored in the contributions to the notions of poststructuralism and deconstruction made by Jacques Derrida as well as subsequent works by Lene Hansen, it is considered that speech is responsible for naming and consequently creating the notion of what is real (or what is conventionally known as real). In other words, to analyse the speech about a given reality becomes synonym to analysing the reality itself. Therefore, from the reading and investigation of all editorials published by both newspapers in the period, this research aims at understanding which concepts these medias have used in order to build the meaning around Milosevic as well as the instabilities that lie intertwined to every attempt at conferring signification to something. It was concluded that - although not in identical manner - both *The Guardian* and *The New York Times* have constructed their discourses around the former leader by means of a dual process of linking and differentiation of concepts which built not only Milosevic's own identity but as well as the West's.

Keywords: Poststructuralism. Discourse Analysis. Derrida. Kosovo. Milosevic. The Guardian. The New York Times.

## LISTA DE FIGURAS

|  |     |
|--|-----|
| Figura 1: diagrama de Fairclough.....  | 98  |
| Figura 2: processo de linking.....   | 105 |
| Figura 3: processo de linking and differentiation .....                        | 108 |
| Figura 4: representação gráfica dos vetores da análise de discurso.....        | 112 |
| Figura 5: representação gráfica da análise de discurso proposta .....          | 114 |
| Figura 6: eixos da construção do discurso sobre Milosevic no TG.....           | 137 |
| Figura 7: o processo de linking and differentiation no caso de Milosevic ..... | 139 |
| Figura 7: eixos da construção do discurso sobre Milosevic no NYT.....          | 159 |

## LISTA DE QUADROS

|   |     |
|---|-----|
| Quadro 1: as três principais vertentes do positivismo .....           | 31  |
| Quadro 2: princípios e pressupostos básicos do positivismo.....       | 32  |
| Quadro 3: pressupostos básicos do pós-positivismo .....               | 45  |
| Quadro 4: grandes debates nas Relações Internacionais .....           | 52  |
| Quadro 5: O comparativo entre The Guardian e The New York Times ..... | 164 |

## LISTA DE GRÁFICOS

|  |     |
|--|-----|
| Gráfico 1: Distribuição dos editoriais com menção à Milosevic ao longo da Guerra do Kosovo no The Guardian .....       | 119 |
| Gráfico 2: distribuição dos editoriais com menção à Milosevic ao longo da Guerra do Kosovo no The New York Times ..... | 141 |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|      |   |
|------|---|
| ABNT | Associação Brasileira de Normas Técnicas              |
| AD   | Análise de Discurso                                   |
| ELK  | Exército de Libertação do Kosovo                      |
| EUA  | Estados Unidos da América                             |
| FD   | Formação Discursiva                                   |
| KLA  | Kosova Liberation Army                                |
| NATO | North Atlantic Treaty Organization                    |
| NYT  | <i>The New York Times</i> , jornal americano          |
| ONU  | Organização das Nações Unidas                         |
| Org. | Organizador   |
| OTAN | Organização do Tratado do Atlântico Norte             |
| TG   | <i>The Guardian</i> , jornal britânico                |
| TPII | Tribunal Penal Internacional para a antiga Iugoslávia |
| UN   | United Nations  |
| US   | United States   |

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>18</b>  |
| <b>2 POSITIVISMO, PÓS-POSITIVISMO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....</b>                                     | <b>24</b>  |
| <b>2.1 O paradigma positivista e o conceito de modernidade.....</b>                                      | <b>25</b>  |
| 2.1.1 <i>Os pressupostos do positivismo e suas três vertentes.....</i>                                   | 25         |
| 2.1.2 <i>O positivismo e seu projeto de modernidade.....</i>   | 32         |
| <b>2.2 O paradigma pós-positivista e a proposta da pós-modernidade .....</b>                             | <b>37</b>  |
| 2.2.1 <i>O nascimento do pós-positivismo: pressupostos e desafios .....</i>                              | 37         |
| 2.2.2 <i>O pós-positivismo e o projeto da pós-modernidade .....</i>                                      | 46         |
| <b>2.3 O positivismo nas Relações Internacionais e os grandes debates da área .....</b>                  | <b>50</b>  |
| <b>2.4 O pós-positivismo nas Relações Internacionais .....</b>   | <b>56</b>  |
| 2.4.1 <i>O construtivismo.....</i>   | 59         |
| 2.4.2 <i>O pós-estruturalismo .....</i>  | 66         |
| 2.4.2.1 <i>Antecedentes do pós-estruturalismo.....</i>   | 67         |
| 2.4.2.2 <i>O pós-estruturalismo e a realidade como discurso.....</i>                                     | 71         |
| 2.4.2.3 <i>O pós-estruturalismo e a desconstrução .....</i>  | 74         |
| 2.4.2.4 <i>A agenda do pós-estruturalismo em Relações Internacionais .....</i>                           | 83         |
| <b>3 ANÁLISE DE DISCURSO.....</b>  | <b>91</b>  |
| <b>3.1 Histórico da AD.....</b>  | <b>91</b>  |
| <b>3.2 Tipos de AD: AD-1 (saussureana) e AD-2 (construtivista).....</b>                                  | <b>96</b>  |
| <b>3.2 Tipos de AD: AD-3 (pós-estruturalista) .....</b>  | <b>100</b> |
| <b>3.4 A metodologia analítica de Lene Hansen.....</b>   | <b>104</b> |
| <b>3.5 O discurso sobre Slobodan Milosevic e metodologia analítica de Lene Hansen ...</b>                | <b>112</b> |
| <b>4 O DISCURSO SOBRE SLOBODAN MILOSEVIC NO THE GUARDIAN .....</b>                                       | <b>116</b> |
| <b>4.1 Os pressupostos da AD-3 e os discursos sobre Milosevic no The Guardian .....</b>                  | <b>116</b> |
| <b>4.2 Concentração/dispersão temporal dos discursos .....</b>   | <b>118</b> |
| <b>4.3 Caracterização da personalidade de Milosevic.....</b>   | <b>120</b> |
| <b>4.4 Comparação da Guerra do Kosovo com outras situações e conflitos anteriores....</b>                | <b>123</b> |
| <b>4.5 Caracterização da ação do Ocidente.....</b>   | <b>125</b> |
| <b>4.6 Caracterização das etnias e nacionalidades envolvidas .....</b>                                   | <b>127</b> |
| <b>4.7 Conclusões .....</b>  | <b>136</b> |
| <b>5 O DISCURSO SOBRE SLOBODAN MILOSEVIC NO THE NEW YORK TIMES E O CONTRASTE COM O THE GUARDIAN.....</b> | <b>140</b> |
| <b>5.1 Concentração/dispersão temporal dos discursos .....</b>   | <b>140</b> |
| <b>5.2 Caracterização da personalidade de Milosevic.....</b>   | <b>142</b> |
| <b>5.3 Comparação da Guerra do Kosovo com outras situações e conflitos anteriores....</b>                | <b>146</b> |
| <b>5.4 Caracterização da intervenção militar .....</b>   | <b>148</b> |
| <b>5.5 Caracterização das etnias e nacionalidades envolvidas .....</b>                                   | <b>156</b> |
| <b>5.6 Semelhanças e contrastes entre TG e NYT.....</b>  | <b>158</b> |
| <b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>165</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>169</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Empertigado em um palanque no alto de uma colina na região balcânica de Kosovo Polje, um jovem líder sérvio discursava para uma multidão em uma tarde do dia 28 de junho de 1989. O homem era Slobodan Milosevic, então presidente da República Socialista da Sérvia, um dos entes federados da antiga da Iugoslávia. O local - conhecido como Campo de Gazimestan - era carregado de simbologia para a etnia sérvia que se aglomerava para presenciar o evento. Teria sido exatamente naquele local que, 600 anos antes, o Reino da Sérvia caía de vez nas mãos dos turcos do Império Otomano, aos quais se subordinaria pelos próximos cinco séculos. Por mais peculiar que possa parecer a celebração de uma derrota, naquele 28 de junho de 1989 os sérvios relembavam não tanto o insucesso militar, mas o que consideravam ser a última glória de um povo que ficaria posteriormente acostumado à dominação e ao jugo externo.

Com o passar dos anos, entretanto, a menção ao nome de Gazimestan tornou-se inexoravelmente associada não somente à batalha em si, mas também àquele que exaltara sua memória 600 anos depois: Slobodan Milosevic. Ao longo de toda a década de 1990 e por toda a primeira década dos anos 2000, o nome do ex-líder sérvio e iugoslavo povoou as páginas de jornais e revistas ao redor do globo, poucas vezes de forma discreta. Compreender o modo como fora descrito coloca-se assim como impulso inicial deste pesquisador, e objetivo central desta pesquisa. Tal alvo, no entanto, não poderia ser ambicionado fora de um ambiente em que a própria noção de discurso e de construção discursiva não estivessem no centro das atenções.

Como apresentado nas páginas a seguir, o advento da pós-modernidade trouxe em seu bojo tentativas de superação do paradigma positivista cuja hegemonia no cenário científico e social persistia há praticamente três séculos. Em seu seio, o questionamento de pressupostos basilares do positivismo, como a noção de uma concretude material existente independente da conceituação e agência humanas. Dentre suas variadas correntes, uma delas radicalizava a visão de mundo até então dominante nas ciências sociais, propondo um rompimento com a noção de realidade enquanto externa à ideia que se faz dela, e postulando ser impossível a separação entre sujeito e objeto.

Apoiado nas contribuições de Friedrich Nietzsche e posteriormente do franco-argelino Jacques Derrida, o pós-estruturalismo enquanto abordagem científica foi paulatinamente ganhando espaço e destaque na academia ao relativizar o modo pelo qual se organiza e se reproduz o conhecimento, em frontal choque à maneira como se procedia até então. Para os pós-estruturalistas, torna-se impossível a separação entre um objeto de estudo e seu pesquisador, pelo simples fato que aquele somente existiria em função desse. Denunciando e invertendo o julgamento moral em que se assenta o conhecimento positivista, o pós-estruturalismo vê na desconstrução das estruturas o único modo de se entendê-las. Considerar que o discurso sobre algo é tudo aquilo ao qual pode-se ter acesso é reconhecer que uma dada realidade somente pode existir a partir do momento em que é nomeada por alguém. Desse modo, compreender o discurso torna-se sinônimo de compreender a própria realidade, ou o que convencionou-se chamar dela.

Ao se estudar o discurso sobre algo - ou alguém - depara-se por conseguinte com a noção de existência de um falante, um sujeito que produz o ato discursivo sobre o qual debruçar-se-á um pesquisador. Assim, se esta pesquisa dedica-se ao estudo da construção do discurso em torno de Slobodan Milosevic, faz-se necessário delimitar seu foco de atuação. Em outras palavras, é mister definir de quem serão analisados os discursos. Por escolha pessoal deste pesquisador e também pela abrangência, capilaridade e alcance de suas publicações, esta pesquisa irá analisar o supracitado processo para dois *selves* produtores do discurso: o jornal britânico *The Guardian* e o americano *The New York Times*.

Considerando que a análise e escrutínio de todas as páginas das referidas fontes ao longo de todos os anos configura-se como tarefa semi-hercúlea para uma dissertação de mestrado, este pesquisador optou por filtrar sua atenção somente na seção editorial de cada publicação, por ser essa a parte em que usualmente é defendida e apresentada de maneira mais clara e direta a posição oficial de um corpo jornalístico. Se por um lado não há dúvidas que a mera escolha e opção pela publicação de um artigo - em detrimento de outro - já configura-se como posicionamento acadêmico-ideológico *de facto*, pode-se dizer contudo que é na seção editorial que tal posição é posta à descoberto. Assim, foram levadas em consideração todas as vezes em que o nome Milosevic fora mencionado, seja no título do artigo, seja na chamada ou também no corpo do texto.

De maneira análoga, também não poderia ser factível discorrer sobre o modo como Milosevic fora retratado nos editoriais de ambos jornais durante todo o período de sua vida, ou mesmo no leque que cobre desde a primeira até a sua última aparição. Isso posto, este pesquisador - mesmo que procedendo à leitura da totalidade dessas ocorrências em ambas publicações - dedicou sua análise aos dezoito meses em que teve lugar o conflito que ficou conhecido como Guerra do Kosovo, evento que contou com ampla cobertura midiática internacional.

Desse modo, tem-se que esta pesquisa considerou um total de 115 discursos, sendo 59 correspondentes ao *The Guardian* e 66 ao *The New York Times*, publicados entre os meses de março de 1998 a junho de 1999. No que tange ao *The Guardian*, tais discursos foram obtidos por meio do acesso pago ao banco de dados oficial da publicação. Tal opção deveu-se ao modo como o jornal permite o acesso ao seu acervo, impossibilitando - em sua versão gratuita - a busca por palavra-chave associada ao filtro por uma determinada seção. Todos os discursos foram obtidos tal como se apresentavam os resultados da busca no dia 23 de agosto de 2016. Em relação ao *The New York Times*, todos os discursos analisados foram obtidos no dia 30 de agosto de 2016, por meio de acesso livre ao acervo do jornal (pelo seu *website*), o qual possibilita a filtragem dos dados por palavra-chave e também pela seção editorial, mantido o mesmo recorte temporal.

No que tange à escrita e apresentação desta pesquisa, foram seguidas as normas vigentes pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) compiladas no manual de orientações para a elaboração de trabalhos técnicos científicos desta instituição de ensino (2ª edição, 2016). Algumas ressalvas, contudo, devem ser aqui problematizadas, dada a natureza *sui generis* de uma análise de discurso e o frontal choque epistemológico com algumas das diretrizes descritas no manual.

Tal como discutido em maior detalhe ao final do capítulo terceiro, à obrigatoriedade de tradução de toda e qualquer citação em língua estrangeira ao vernáculo deste trabalho choca-se a noção pós-estruturalista que o ato de se traduzir um discurso é em si próprio equivalente à criação de um outro discurso, o qual passa então a abarcar também o paradigma e visão de

mundo do tradutor.<sup>1</sup> Este pesquisador, na tentativa de ater-se às regras impostas sem contudo sacrificar as especificidades de uma análise de discurso pós-estruturalista, optou por traduzir todas as citações, sem contudo sugerir que - posto que o inglês é idioma corrente de Relações Internacionais - a leitura deste trabalho leve em conta a transcrição original de cada um dos textos, constante sempre em formato de nota de rodapé ao final de cada página. Também com vistas a seguir as orientações do manual da instituição sem contudo fazê-lo às custas da qualidade da análise, este pesquisador optou por ater-se à praxe de utilizar o estilo de texto de citações longas (mais de três linhas) para toda a qualquer citação de trecho retirado dos discursos de *The Guardian* e *The New York Times*. Tal prática contudo circunscreve-se a tais ocorrências, de modo que a instrução da ABNT (citações inferiores a três linhas devendo constar no corpo do texto, entre aspas) é seguida durante todo o restante do trabalho, por exemplo nas seções de apresentação do estado da arte e dos postulados teórico-metodológicos que pautam esta obra.

Por fim, esta pesquisa estrutura-se em seis capítulos, numerados e apresentados em ordem, além de um último, não numerado, no qual constam as referências bibliográficas utilizadas na consecução desta. Neste primeiro capítulo é feita a introdução do tema e são apresentados os principais pressupostos teóricos e metodológicos em embasam e sustentam todo o estudo.

No capítulo segundo tem início a discussão do estado da arte que sustenta esta empreitada. Nele são apresentadas as noções de positivismo e o seu projeto de modernidade, bem como o seu contraponto e antítese ontológica, o pós-positivismo e o projeto que ele engendra, a pós-modernidade. Nesse capítulo objetiva-se demonstrar como ambos paradigmas deram à luz teorias e abordagens que reproduziam e baseavam-se na maneira pela qual o mundo e a noção de ciência eram entendidos por cada viés. Sendo as Relações Internacionais<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> A preocupação com o sentido que o correr das palavras adquire em uma tradução não é recente, nem nasce com o pós-estruturalismo, mesmo que caiba-lhe apropriadamente bem ao ir ao encontro de seus principais pressupostos. A título de ilustração, pode-se elencar a expressão de cunho popular e de uso corrente no idioma italiano: *traduttore, traditore*. Com o perdão do trocadilho, a expressão pode ser traduzida por este pesquisador ao português como *tradutor, traidor*; e denota como a tentativa de se reproduzir um sentido (o objetivo final de uma tradução) de uma língua em outra é plena de percalços e fadada à eterna incompletude. Já na atualidade, cita-se também o célebre aforismo atribuído ao prêmio Nobel de literatura José Saramago: “Os autores escrevem as suas respectivas literaturas nacionais, mas a literatura mundial é obra dos tradutores.”

<sup>2</sup> Tal como é praxe na academia, este trabalho utilizará a notação Relações Internacionais - com iniciais maiúsculas - quando referir-se à área de conhecimento pertencente às ciências sociais. Quando utilizado com iniciais minúsculas, este trabalho estará a se referir ao conceito amplo, à prática de relações que Estados mantêm uns com os outros, para além do ambiente doméstico, nacional.

parte integrante do campo maior das Ciências Sociais, ela não furta-se a esse debate, questão tratada na segunda metade do capítulo.

Em seguida, o capítulo terceiro apresenta e discute a análise de discurso (AD) enquanto método por excelência das abordagens pós-estruturalistas. A sua primeira seção traz o histórico da AD, desvelando suas principais influências, bem como o modo como ela surgiu e consolidou-se enquanto prática, ao passo que as seções segunda e terceira debruçam-se sobre a proposta de divisão da análise de discurso em fases, elucidando-as uma a uma. A quarta seção, por sua vez, discorre sobre a metodologia de análise de discurso utilizada por Lene Hansen na consecução de sua obra, metodologia essa que - devido à repercussão obtida e à escolha deste pesquisador - será replicada nesta obra resguardadas variações de proposta, escopo e conteúdo. A quinta e última seção traz ao leitor a primeira ligação efetiva entre a base teórica que assoalha esta pesquisa e seu objeto de pesquisa, demonstrando a maneira pela qual os discursos sobre Milosevic serão abordados ao longo desta obra.

Passados o capítulo introdutório e os capítulos segundo e terceiro (eminentemente teóricos), o quarto capítulo dedica-se à análise propriamente dita dos discursos encontrados nas páginas do jornal britânico *The Guardian*. A sua primeira seção - ao fazer uma ponte entre os pressupostos do pós-estruturalismo derridiano e o objeto de estudo - abre o caminho para as seções subsequentes, cada uma dedicada à apresentação dos pontos que este pesquisador considerou serem os fatores estruturantes a balizar a construção do discurso sobre Milosevic posta a cabo nas páginas editoriais da publicação britânica.

De maneira análoga, o capítulo quinto analisa a construção discursiva encontrada no *The New York Times*. O capítulo, no entanto, não somente apresenta e discute os resultados encontrados como também presta-se a compará-los com aqueles observados no *The Guardian*, de modo que os resultados da análise do jornal americano são apresentados já à luz do contraste com seu par britânico. Tal como no capítulo que lhe antecede, é dedicada uma seção para cada uma daquelas consideradas linhas-mestras da análise, sempre apresentadas e em seguida contrastadas com o outro sujeito produtor do discurso.

O capítulo sexto, por sua vez, elenca as considerações finais deste estudo, debatendo suas principais conclusões ao passo que sugerindo temas futuros e novas possibilidades de estudo relacionadas ao assunto doravante abordado.

Por fim, considerando-se o escopo e proposta desta pesquisa, faz-se necessária atenção e a provisão de esclarecimento a respeito de dois pontos em especial. Em primeiro lugar, tem-se que o conceito de discurso aqui utilizado deve ser entendido não somente em seu sentido estreito - qual seja, a verbalização de uma ideia ou posição - mas sim em seu sentido amplo, que considera como discurso todo ato e veículo de comunicação capaz de transmitir uma ideia (escrita ou imagética) e dessa forma criar ou moldar a própria percepção - e por conseguinte, a realidade - a partir desse conceito.

Em segundo lugar, é pertinente assinalar que esta pesquisa não tem por objetivo a descoberta - ou denúncia - de verdades que poderiam fazer até então escondidas e/ou inexploradas nas páginas de ambas publicações. Pelo próprio modo como coloca-se, o pós-estruturalismo não considera a existência de uma verdade universal ou absoluta, mas de perspectivas que multiplicam-se e competem pela capacidade explicativa. Assim, ao buscar compreender o modo pelo qual deu-se a construção do discurso sobre Slobodan Milosevic no *The Guardian* e *The New York Times* esta pesquisa oferece à comunidade acadêmica e à sociedade em geral apenas mais uma visão de um tema passível de outras inúmeras interpretações diferentes, desde que obviamente pautadas pelo rigor analítico necessário à obtenção desta titulação.

## 2 POSITIVISMO, PÓS-POSITIVISMO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O positivismo e o pós-positivismo configuram-se como os dois principais paradigmas que norteiam a produção científica atual, fornecendo o alicerce ontológico e epistemológico sobre o qual se assentam as variadas teorias que por sua vez buscam explicar - ou compreender - a realidade. As Relações Internacionais, enquanto área aninhada no leque das chamadas Ciências Sociais, não escapam do debate que permeia o modo pelo qual o conhecimento da área é construído e difundido.

Dividido em quatro seções, este primeiro capítulo discute como positivismo e pós-positivismo originaram-se, seus principais pressupostos, bem como os desdobramentos advindos de suas proposições, com ênfase sobretudo na área de Relações Internacionais, à qual esta dissertação se filia.

A primeira e segunda seções debruçam-se, respectivamente, sobre o positivismo e o pós-positivismo. Seu objetivo é apresentar os dois paradigmas, apontando como o entendimento que perfazem do mundo - e das relações sociais - transborda em sua visão, e principalmente, nas suas propostas de modernidade e pós-modernidade.

Oriunda dessa discussão, a terceira seção tem por meta demonstrar como o paradigma positivista adentra as Relações Internacionais, firmando-se como alicerce a partir do qual outras teorias derivam. Paulatinamente, à medida que essas ganhavam robustez e facetas particulares, ganhou corpo também a noção do que veio a ser chamado de grandes debates da área, assunto tratado ao final da seção.

De maneira análoga à terceira, a quarta seção dedica-se a apresentar como o pós-positivismo encontra lugar na produção do conhecimento em Relações Internacionais, dando relevo às duas principais teorias - ou para alguns, abordagens - que compartilham desse paradigma: o construtivismo e o pós-estruturalismo. Devido à escolha metodológica deste pesquisador, a este será dedicado maior espaço que àquele, uma vez que é a abordagem pós-estruturalista que servirá de base para os capítulos analíticos adiante.

## 2.1 O paradigma positivista e o conceito de modernidade

Ao longo de seu desenvolvimento e consolidação, as Ciências Sociais tal como se apresentam na atualidade foram influenciadas por variados pensamentos e conceitos que davam auxílio e base àqueles que buscavam melhor compreender o mundo à sua volta. Para autores como Smith (2000), Neufeld (1995), Hansen (2006), Adler (1999), dentre outros, é inegável a contribuição bem como alcance de um paradigma na construção dessa ciência: o positivismo, daí advinda a importância de sua elucidação e discussão.

Em geral, há consenso que a maneira pela qual o positivismo descreveu o mundo e as relações que o rodeiam, sejam elas materiais ou humanas, moldou uma considerável parte do conhecimento tal como hoje se apresenta. Mais do que isso, moldou-se uma visão de mundo, uma forma de se observar - e dividir - a realidade que perpetuou-se basicamente incólume do início do século XIX até a atualidade.

### 2.1.1 *Os pressupostos do positivismo e suas três vertentes*

Mais do que um corpo coerente de princípios, pressupostos e proposições, o positivismo é fruto de quase dois séculos de contribuições de autores variados, que foram-lhe aos poucos dotando de corpo e robustez teórica. No entanto, qualquer discussão sobre o paradigma positivista deve inevitavelmente perpassar suas três principais vertentes que - apesar de unidas em torno da mesma proposta - apresentam nuances próprias quanto à construção e operacionalização do chamado conhecimento positivo. São elas: o positivismo comtiano, o neopositivismo - ou positivismo lógico - e uma terceira vertente, para a qual o conhecimento positivo existe enquanto fruto de quatro pilares de sustentação.

A primeira versão do positivismo dominou praticamente todo o século XIX, alcançando até o início do século XX, e tem como principal figura Augusto Comte, também considerado um dos principais expoentes desse paradigma como um todo. O positivismo de vertente comtiana via nas ciências sociais um viés de continuidade com as chamadas ‘ciências da natureza’. Comte, na verdade, considerava a ciência como um único todo concebido de partes que se articulavam. Estudar a sociedade e as relações humanas guardava semelhanças

processuais e metodológicas com o estudo da química, da física e da biologia, por exemplo. (COMTE, 1978).

Chave para se compreender a chamada primeira vertente é a noção que somente o conhecimento científico poderia ser encarado como verdadeiro, posto que seria o único a assentar-se na comprovação empírica, diferenciando-se por conseguinte do conhecimento fruto de credices populares, tradições culturais ou superstições. Assim, para Comte, era mister compreender os pormenores do universo, e a forma pela qual eles seriam desvendados seria descobrindo as leis que regiam seus funcionamentos. E essa é outra faceta relevante do positivismo comtiano: o entendimento que o conhecimento é um processo cumulativo, no sentido que os passos dados pelos cientistas de um tempo serão responsáveis por lançar as bases da busca pelo conhecimento futuro. É seu progresso o que torna factível a explicação dos fenômenos naturais e sociais que regem o mundo, em oposição ao conhecimento não científico, calcado na confiança pela tradição. (COMTE, 1978; RIBEIRO JÚNIOR, 2003).

A noção de progresso, de evolução, é tão cara a Comte que o autor considera que o conhecimento dos homens passava necessariamente por três estágios. Tal como o homem que nasce, cresce e chega à maturidade plena, também as sociedades passavam de um estágio ao outro à medida que avançavam na construção do conhecimento. É a chamada *Lei dos Três Estados*: teológico, metafísico e positivo. Para o autor, sociedades no primeiro estágio de evolução - o teológico - tendem a explicar fenômenos e eventos que os circundam com base no recurso a entidades maiores, superiores, às quais é atribuído o controle de todos os aspectos da vida humana e do meio ambiente. Em um segundo momento, passa-se ao estágio metafísico, no qual o homem explica o mundo à sua volta com base em abstrações metafísicas e idealizações. Nesse estágio evidencia-se a busca pela essência de um fenômeno, de sua transcendentalidade, como caminho para sua explicação. No entanto, somente o terceiro estágio seria capaz de gerar conhecimento válido para Comte: o conhecimento positivo, calcado na razão e na ciência tornada possível por meio da observação. Essa, por sua vez, é tratada com especial relevo pelo autor. Dada a impossibilidade de se conhecer o mundo em sua compleição, o cientista deveria ater-se ao que fosse empiricamente passível de comprovação, daí a importância da observação enquanto fiadora da verdade. (COMTE, 1978; RIBEIRO JÚNIOR, 1991, 2003).

Autores como Neufeld (1995), resumem que o positivismo de vertente comtiana buscava a ‘verdade’ por meio da empiria, a objetividade do conhecimento (seu desligamento com a religião, por exemplo), bem como a construção de uma noção unificada de ciência, cuja abrangência iria da sua faceta ‘natural’ àquela ‘social’. (NEUFELD, 1995, p. 24-25) Discorrendo sobre a primeira vertente do positivismo, Smith (1996) também toca no ponto da noção de ciência una da primeira vertente citada acima por Neufeld. Ao fazê-lo, Smith (1996) vai ainda além, afirmando que na visão de Comte todos os três estágios convergiriam no futuro para uma única matriz metodológica. Ponto frequentemente esquecido nessa discussão, o autor considera ser esse de enorme importância no desenvolvimento das Ciências Sociais no século XIX, influenciando nomes desde Marx, Engels e Durkheim, por exemplo, e alcançando a atualidade.<sup>3</sup>

A segunda vertente do positivismo, por sua vez, é também chamada de positivismo lógico ou neopositivismo, e é muito associada aos desdobramentos do chamado Círculo de Viena, e em menor medida, também do círculo de Berlim. Floresceu entre as décadas de 1920 e 1930, entrando em declínio após a Segunda Guerra Mundial. Seu principal nome e fundador é o físico e filósofo alemão Moritz Schlick. Em menor medida, também são expoentes da segunda vertentes autores como Otto Neurath, Hans Hahn, Rudolf Carnap e Ludwig Wittgenstein, este último sendo o responsável por fornecer ao grupo a sua obra fundadora: *O Tratado Lógico-Filosófico*, publicado primeiramente em alemão em 1921.

Neufeld (1995) afirma que o qualificativo ‘lógico’ utilizado para referir-se ao positivismo demonstrava como os proponentes dessa vertente buscavam a superação - por meio de modelos matemáticos, principalmente - do que viam como pontos problemáticos na abordagem comtiana, a saber, uma dependência excessiva de discussões metafísicas sobre o mundo natural e o social, e a relativa ausência de modelos fortemente calcados na matemática e na física para legitimar o conhecido produzido ou proposto. Para Neufeld (1995, p. 25), é sintomático que os primeiros nomes do positivismo lógico sejam matemáticos e físicos entusiastas da teoria da relatividade e da mecânica quântica.

Barry Stocker, em sua obra *Derrida: on deconstruction* (2006), faz uma análise do positivismo - e de sua segunda variante - para demonstrar o foco que os proponentes deste

---

<sup>3</sup> Para Smith (1996, p.14) torna-se visível o alcance e influência da visão comtiana no campo das Relações Internacionais quando - ainda nos dias de hoje - pode-se perceber uma gama de autores que empenham-se em explicar a arena internacional e o comportamento dos Estados buscando o mesmo tipo de leis e regularidades afins às chamadas ciências da natureza.

modelo davam à construção de modelos lógicos baseados em premissas e observação para validar sua noção de ciência ‘positiva’. De maneira geral, o foco do positivismo lógico é na maneira pela qual se estrutura determinado pensamento, donde advém sua validade, ou legitimidade, a qual seria posta à teste pela racionalidade humana. Assim, somente a construção de modelos lógicos, testáveis e replicáveis, e apoiados na observação empírica poderiam ser a grande chave para a construção de uma ciência efetiva. Para Neufeld, “[...] por meio da lógica simbólica esse grupo de filósofos tentou expurgar os últimos vestígios da metafísica do legado positivista.” (NEUFELD, 1995, p. 25, tradução nossa).<sup>4</sup>

Há que se observar que apesar da centralidade conferida ao papel da racionalidade dos indivíduos, a segunda vertente do positivismo - tal como a primeira - toma essa característica como parte intrínseca do ser humano, como uma faceta compartilhada por todos. Nesse sentido, não é proposta - pelo Círculo de Viena e seus autores - uma discussão sobre as bases dessa racionalidade ou mesmo sobre as condições sob as quais os indivíduos executam sua racionalidade. (NEUFELD, 1995; SMITH, 1996). Em outras palavras, é como se a segunda vertente do positivismo lidasse com a racionalidade, com a razão e a lógica como um lugar-comum, acessível a todos independente de suas origens ou culturas. Essas, inclusive, foram relegadas a um plano inferior à produção científica, uma vez que não poderiam ser quantitativamente mensuradas.

Apesar de grandes defensores da empiria na ciência, o positivismo lógico é o alvo da crítica de dois importantes autores que marcaram sua reputação exatamente por dedicarem-se à discussão sobre epistemologia e o papel do cientista (e por extensão da ciência) na produção do conhecimento: Karl Popper e Thomas Kuhn. Da crítica que ambos fazem ao positivismo lógico do Círculo de Viena formam-se os pilares da terceira vertente.

De maneira geral, Popper (2008) confere enorme importância ao conceito de verificacionismo empírico apregoado pelos positivistas lógicos enquanto âncora para o processo científico. O autor, entretanto, considera-o de certo modo inadequado e incompleto, propondo, por seu turno, o critério de falseabilidade enquanto verdadeiro balizador da validade de um conhecimento. Nesse sentido, teorias - ou mesmo outros tipos menos robustos de proposições científicas - só teriam validade caso pudessem ser empiricamente falseadas, por meio da experiência e do confronto com a observação. Em outras palavras, determinada

---

<sup>4</sup> [...] by means of symbolic logic this group of philosophers attempted to purge the last vestiges of metaphysics from the positivist legacy.

teoria ou postulado somente conservaria sua validade científica se resistisse às tentativas de prová-lo falso, incorreto, ou mesmo incompleto.

Kuhn (1998), por sua vez, é personagem de destaque dentre aqueles que dedicaram-se ao debate acerca da concepção maior de ciência e de método científico, seguindo-se a Popper na objeção ao positivismo lógico.<sup>5</sup> O autor apresenta a concepção de ‘programas de pesquisa’, os quais podem ser analisados como proposições mais abrangentes que a falseabilidade de Popper, visto que Kuhn entende por ‘programa de pesquisa’ um escopo mais amplo do que o conceito popperiano de teoria. Para ele, uma teoria é um contexto complexo de pressupostos e princípios, e a noção de falseabilidade implicaria refutá-los. No entanto, o que de fato tem lugar é que programas de pesquisa perdem ou ganham força ao longo das variadas tentativas de prová-los incoerentes ou incompletos. Isso se dá pois é possível refutar somente uma parte de suas proposições, porém não a ponto de abandonar todo o programa. Assim, programas fortes seriam aqueles que, mesmo com o passar dos anos, mantêm sua robustez, capacidade explicativa, e - mais ainda - relevância, a despeito dos ataques sofridos. (KUHN, 1998).

A terceira vertente do positivismo consolida-se na década de 1950 e é para autores como Lloyd (1995), Nicholson (1996) e Smith (1996, 2000) aquela de maior impacto no escopo das Ciências Sociais. Para o último, em especial, a terceira vertente do positivismo é aquela sobre a qual se assenta a maior parte da literatura de Relações Internacionais desde então. (SMITH, 1996, p. 15). Essa corrente, apesar de oriunda do positivismo lógico, busca ir além de sua dependência excessiva da noção que todo conhecimento, para ter confirmada sua validade, deve ser baseado nos princípios da física e da matemática. Lloyd (1995) resume seus pressupostos em quatro características básicas: o logicismo, a possibilidade de verificação empírica, a separação de teoria e observação e a busca pelo estabelecimento de relações de causalidade.

Pela primeira característica, percebe-se a interseção e os pontos de tangência entre segunda e terceira variantes quando considera-se que qualquer conhecimento, para ser considerado científico, deve ser submetido à lógica dedutiva de análise. Em segundo lugar, enfatiza-se a necessidade de verificação empírica da ciência ao postular-se que somente seriam científicas as proposições que pudessem ser falseadas (como cria Popper), ou que

---

<sup>5</sup> Há certa contenda, entretanto, no que concerne aos efeitos que a obra de Kuhn deixou nos debates sobre a prática científica. Para aprofundamento no tema, vide, por exemplo, *O Legado de Thomas Kuhn após cinquenta anos*, artigo de André Luis de Oliveira Mendonça na Revista Latino-Americana de Filosofia e História da Ciência (USP) e referenciado ao final desta obra.

fossem verdadeiras por definição (o chamado conhecimento analítico). Em seguida, outro pilar da terceira variante é transversal às outras duas: a separação entre teoria e observação, reforçando a visão positivista ampla que há uma realidade externa ao indivíduo, cuja existência independe de sua presença ou ausência, e sobre a qual é possível gerar conhecimento livre de valores. Em tese, esse aparte possibilitaria a não interferência de considerações pessoais do pesquisador na elaboração do conhecimento e construção da ciência.<sup>6</sup> Por fim, o quarto pressuposto reafirma a importância de Comte e sua noção de que a produção do conhecimento está atrelada ao estabelecimento de relações de causalidade entre fatores, relações essas cuja validade é atemporal (mantidas as mesmas condições) e que são estabelecidas pela observação empírica. (SMITH, 1996). Nicholson (1996) no trecho a seguir exemplifica a maneira pela qual os quatro pressupostos básicos que dão corpo à terceira vertente do positivismo podem ser correlacionados no estabelecimento de uma teoria:

Uma teoria é um conjunto de proposições com alguns postulados, que são tidos como a base dessa teoria, um grupo de implicações que, logicamente deduzidos desses postulados, são derivados. Um conjunto suficiente de proposições deve ser passível de testes (refutável) pela observação de modo que a teoria como um todo seja confirmada ou refutada pelas observações, no sentido de que, se for verdade, todas as proposições são confirmadas tanto por observação direta ou por dedução lógica daqueles que se está tentando confirmar. (NICHOLSON, 1996, p. 132-133, tradução nossa).<sup>7</sup>

Tal como nas duas vertentes que lhe antecedem, na terceira vertente a racionalidade dos indivíduos é tomada como premissa, como característica exterior ao indivíduo e acessível de igual maneira a todos, não observando-se assim a problematização da razão enquanto um conceito, um constructo passível de interpretações, tanto acerca de seu significado quanto no que tange à sua aplicação.

De forma esquemática, o quadro 1 a seguir ilustra as digressões acima acerca do positivismo e suas três vertentes, resumindo suas principais características e pontuando os autores que exprimem o período:

---

<sup>6</sup> Como será demonstrado nas seções a seguir - e amplamente discutido por Hansen (2006), Walker (1993) e Campbell (2013), a racionalidade externa ao indivíduo e a separação entre o pesquisador e seu objeto serão dois tópicos contra os quais argumentarão os proponentes do pós-positivismo.

<sup>7</sup> A theory is a set of propositions such that from some postulates, which are assumed as the basis of the theory, a set of implications, logically deduced from these postulates, are derived. Sufficient of the propositions must be testable (refutable) by observations that the theory as a whole is confirmed or refuted by observations, in the sense that, if true, all propositions are confirmed either by direct observation or by logical deduction from those which are so confirmed.

**Quadro 1: as três principais vertentes do positivismo**

|                                   | <b>Primeira (Comtiana)</b>  | <b>Segunda (Positivismo lógico / Círculo de Viena)</b>   | <b>Terceira (4 pilares)</b>  |
|-----------------------------------|---|--|--|
| <b>Contexto histórico</b>         | Século XIX e início do século XX  | Décadas de 1920 até o pós Segunda Guerra Mundial   | Década de 1950 em diante   |
| <b>Principais características</b> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- discussão metafísica sobre os estágios do conhecimento</li> <li>- busca pelo estabelecimento de leis gerais que explicariam os fenômenos da natureza.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- distanciamento da metafísica comtiana</li> <li>- conhecimento válido seria somente aquele fortemente baseado na validação pela observação e pela empiria por meio de modelos matemáticos e lógico-dedutivos.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- logicismo</li> <li>- verificacionismo empírico</li> <li>- distinção entre teoria e observação</li> <li>- relações de causalidade</li> </ul> |
| <b>Principais expoentes</b>       | Augusto Comte   | Moritz Schlick, Otto Neurath, Hans Hahn, Rudolf Carnap, Ludwig Wittgenstein  | Carl Hempel, Thomas Kuhn, Karl Popper  |

**Fonte:** Elaborado pelo autor com base em (LLOYD, 1995; NEUFELD, 1995; SMITH, 1996).

Apesar de subdividido nas três vertentes supracitadas, observa-se não obstante que - variações metodológicas à parte - o positivismo iniciado por Comte e subsistente até a atualidade possui um cerne de princípios e pressupostos que perpassam toda sua trajetória. Atuando em seu nível mais basal, conferindo-lhe estrutura e determinando sua lógica de investigação, torna-se factível considerar que tais pilares são os responsáveis por representar o positivismo como um todo coerente, como uma visão de mundo uniforme, a despeito de suas três principais vertentes. Nas palavras, do próprio Smith (1996): “[...] o que as une [as vertentes] é um forte compromisso com uma maneira específica de se obter o conhecimento sobre o mundo.” (SMITH, 1996, p. 14, tradução nossa).<sup>8</sup>

Para Neufeld (1995), o primeiro princípio do positivismo é a noção de que o conhecimento positivo - em oposição à metafísica ou à teologia, por exemplo - pode ser considerado como base sólida para a produção do conhecimento uma vez que corresponde somente ao que pode ser empiricamente observável. É exatamente essa associação direta que, para o autor, garante a verdade e a validade do conhecimento. Tal princípio assenta-se por conseguinte no pressuposto que sujeito e objeto são elementos diferentes nesse processo, e somente tal aparte garante e legitima o conhecimento produzido.

Um segundo princípio do positivismo é o que o autor chama de unidade metodológica da ciência. Em outras palavras, a metodologia de produção do conhecimento é indivisível, e pode ser aplicada tanto às ciências ditas ‘naturais’ como as chamadas ciências sociais. O

<sup>8</sup> What unites them is a strong commitment to a specific way of gaining knowledge about the world.

pressuposto que lhe dá base - o naturalismo - busca demonstrar que tecnicamente não existe uma diferença tão saliente entre os mundos ‘natural’ e ‘social’ que faça com que o segundo necessite de uma abordagem específica. Nas palavras do autor: “É um aspecto central no pressuposto do naturalismo que o mundo social contém o mesmo tipo de regularidades que podem ser encontradas no mundo natural.” (NEUFELD, 1995, p. 34, tradução nossa).<sup>9</sup>

Por fim, o terceiro princípio elencado por Neufeld (1995) diz respeito à natureza do conhecimento científico, devendo esse ser imune aos valores dos cientistas e pesquisadores. O pressuposto que lhe dá base é que os valores de cada indivíduo não são de competência da ciência e não devem interferir na observação dos fatos e fenômenos do mundo natural, esses sim pertinentes e objeto de estudo legítimo.

O quadro 2 abaixo, elaborado a partir das proposições de Neufeld (1995), sintetiza os principais pontos descritos:

**Quadro 2: princípios e pressupostos básicos do positivismo**

| Princípio  | Pressuposto                      |
|--|----------------------------------|
| Conhecimento positivo corresponde somente ao que pode ser empiricamente observado. Correspondência como garantia de verdade. | Separação entre sujeito e objeto |
| Unidade metodológica da ciência  | Naturalismo                      |
| A natureza livre de valores do conhecimento científico   | Separação entre fatos e valores  |

**Fonte: Elaborado pelo autor com dados extraídos de (NEUFELD, 1995, p. 38.)**

### 2.1.2 O positivismo e seu projeto de modernidade

Intimamente relacionado ao paradigma positivista está o projeto da modernidade, um conceito cuja discussão perpassa esferas abrangendo da filosofia à sociologia, das artes à arquitetura, e ainda além. A dificuldade de se definir de maneira mais estrita o que poder ser entendido por modernidade advém também do fato de o conceito estar associado não somente a um período, mas também a um *modus vivendi* até então desconhecido. Marshall Berman, em sua obra *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade* (1986) considera que a modernidade tal como entendida atualmente poder ser subdividida em três períodos, que juntos abrangem, a grosso modo, do início do século XVI até o início do século XX.

<sup>9</sup> It is an integral aspect of the assumption of naturalism that the social world contains the same kind of regularities as one finds in the natural world.

Contígua ao positivismo, a noção de modernidade enquanto época com características próprias também é bastante debatida na obra *Postmodern theory: critical interrogations*, de Steven Best e Douglas Kellner (1991), assim como por Stuart Hall em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006). Esse último, na tentativa de definir o conceito, afirma que “As sociedades modernas são, [...], por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Esta é a principal distinção entre as sociedades ‘tradicionais’ e as ‘modernas’.” (HALL, 2006, p. 14).

De maneira geral, tanto Best e Kellner (1991), quanto Hall (2006) e Smith (1996) postulam que - no imaginário de então - a crença na capacidade de ‘libertação’ do ser humano por meio da ciência e do conhecimento seria capaz de levar o ser humano a conquistas antes impensadas, tornadas possíveis devido à racionalidade humana, valorizada e sistematizada pela metodologia positivista. A noção de progresso e a capacidade da ciência de desvendar os ‘pormenores’ do universo conferiam ao homem moderno confiança para compreender seu ambiente tal como se apresentava. O homem moderno via-se no epicentro do mundo, para onde convergiam todo o conhecimento e energia que tornariam sua realidade mais próspera e cognoscível. (HALL, 2006; SMITH, 1996).

De visão análoga, autores como Porter (1994), consideram que a definição do conceito de modernidade tal como vista pelos positivistas envolve inexoravelmente a noção de tempo e - intimamente relacionada a ele - a noção de progresso, de evolução e de desenvolvimento que o indivíduo, sujeito de suas próprias ações, seria capaz de atingir. A razão universalizante seria o meio pelo qual tal conquista se tornaria factível, e com ela o homem moderno teria um firme compromisso. (PORTER, 1994, p. 112).

Agrega-se à visão de Best e Kellner (1991), Hall (2006), Smith (1996) e Porter (1994) a visão de Giddens (1990), para quem a definição de modernidade também gira em torno da quantidade, profundidade e intensidade das transformações sociais, culturais e econômicas observadas nos tipos tradicionais de ordem social. O advento da modernidade, para Giddens, teve tamanho ímpeto que foi capaz de alterar inclusive características da esfera íntima e pessoal da existência cotidiana dos indivíduos. (GIDDENS, 1990, p.21).

A grosso modo, o século XIX assistiu à irradiação do conceito de modernidade, que invadia praticamente todas as áreas do conhecimento e da vida social, afetando da ciência às artes, transformando as relações que encontrava pelo caminho, sempre associado à noção de

movimento, de velocidade, mas também de angústia frente à busca por explicações face a uma atmosfera de mudanças, a um turbilhão social<sup>10</sup>:

Escritores como Baudelaire, Verlaine e Poe tornaram-se ícones literários dessa ruptura, fazendo com que seus escritos refletissem esse novo mundo de mudanças. [...] Se a velocidade passa a ser um fator preponderante nessa sociedade, a realidade mostra-se mutável, já que, alterando-se o tempo ou o foco, apresenta-se de outra forma. Sendo a realidade fugidia, a representação do momento na iminência de escapar, da efemeridade na arte, passará a ter maior relevância. **Um dos pontos fundamentais da modernidade, portanto, seria extrair o eterno do transitório.** (LAGO, 2011, p. 2, destaque nosso).

Tal como observado por Lago (2011), o escritor francês Charles Baudelaire pode ser visto como um arquétipo da modernidade, seja na literatura, na arte, ou mesmo nas digressões avulsas que fazia sobre a passagem do tempo e o viver em sociedade. É do autor, inclusive, a célebre frase: “Por modernidade eu entendo o efêmero, o transitório, o contingente; a metade da arte cuja outra metade é o eterno e o imutável.” (BAUDELAIRE, 1996, p. 24).

É de Berman, no entanto, talvez a definição mais completa e sedimentada de modernidade, bem como o significado subjacente do ‘indivíduo moderno’:

Existe um tipo de experiência vital [...] que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. **Designarei esse conjunto de experiências como “modernidade”.** Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor — mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, **é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia.** Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar”. (BERMAN, 1986, p. 14, destaque nosso).

Apesar de frequentemente apresentada como uma época, um período em que determinadas características predominavam, é clássica a análise feita pelo autor sobre o que ele considera serem as diferentes fases da modernidade. Berman, ao dividir a modernidade em três, busca demonstrar as especificidades que cada etapa conferia ao significado de ser moderno, bem como a maneira pela qual se dava a construção do conhecimento e sua ligação com as ciências sociais.

<sup>10</sup> Conforme citado por Berman (1986), a ideia de turbilhão social foi primeiro associada àquela de modernidade por Jean-Jacques Rousseau, em *Emile, ou De l'Éducation*, 1762, in *Oeuvres Complètes de Rousseau* (Paris, Bibliothèque de la Pléiade, Gallimard, 1959).

De acordo com o autor, a primeira fase da modernidade compreende aproximadamente o período que cobre desde o início do século XVI até o final do século XVIII e início do século XIX. Caracterizada pelo deslumbre inicial com a instrumentalização da razão e com as primeiras modificações nas esferas econômica e social das sociedades tradicionais europeias, a primeira modernidade assiste ao início da sedimentação - ainda irregular e esparsa - do modelo positivista e da noção de movimento e agitação que caracterizam a modernidade como um todo. Para Berman, Jean-Jacques Rousseau pode ser visto como a voz arquetípica dessa primeira fase da modernidade, sendo inclusive o responsável por cunhar o termo *moderniste* - tal como hoje é empregado - para descrever o conjunto de mudanças pelas quais passava a sociedade europeia durante o período. Para uma Europa que dava adeus ao feudalismo, os incipientes traços do que viria a ser conhecido como Idade Moderna chegam trazendo em seu bojo os sentimento de desordem, aturdimento e incredulidade frente à velocidade e intensidade das mudanças. (BERMAN, 1986).

Já a segunda fase - que compreende basicamente o século XIX - é o momento em que atinge o ápice a ideia do progresso e evolução calcados na capacidade humana. Esse é o período em que o modelo capitalista de produção se expande e que as descobertas científicas rompem barreiras antes impensáveis nas áreas de transportes, energia, física, química, etc. No entanto, é também nesse período que Berman identifica as primeiras manifestações de desilusão com o projeto engendrado pela modernidade, ilustrado pela consolidação do trabalho assalariado - e a alienação dele advinda -, pelas péssimas condições de vida da população em geral, pelo sentimento de vazio e confusão que restaram da crença incólume na ciência, dentre outros. (BERMAN, 1986). Se para o autor Rousseau podia ser visto como expoente da primeira fase, Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Nietzsche (1844-1900) são os principais nomes da segunda, a despeito de ambos - cada qual a seu modo - colocarem-se como críticos do projeto moderno, denunciando a ilusão disfarçada de progresso que jazia em seu âmago.

Para Berman, Marx descrevera como poucos a sociedade capitalista vitoriana, apontando seus excessos, sua penúrias e injustiças, e denunciando a atuação daquele que fora outrora o principal agente para a consolidação do modernismo: a burguesia. Por meio de seu método dialético, o autor trazia à luz as contradições sociais aprofundadas com o advento da

modernidade, questionando sua continuidade. A crença no progresso, para Marx, enganara alguns e escravizara outros.

Nietzsche (2001, 2006), por sua vez, via no questionamento dos valores sociais estabelecidos a maneira de virar de ponta-cabeça a noção do que era ‘ser moderno’, invertendo as noções de bem e mal, e fazendo convite ao reposicionamento da maneira pela qual a sociedade de então se enxergava e se auto-descrevia. A contradição, segundo o autor, permeava cada recôndito da modernidade. Ao prometer aos homens um futuro melhor e mais digno, a modernidade acabou por enganar a todos, entregando-lhes por sua vez a angústia e a insatisfação com suas condições de vida, que deterioravam-se à revelia dos avanços científicos. Essa insatisfação viria a ser para Nietzsche (2001) um traço marcante do indivíduo moderno. Ao crer-se infalível amparado pela razão e pela ideia de progresso constante, o homem via-se na verdade preso à eterna inconformidade com sua situação. A auto-realização, assim, distanciava-se no horizonte a cada tentativa de torná-la real, contribuindo para o sentimento de vazio existencial observado por Nietzsche (2001, 2006). Ao questionar a própria existência humana e a razão universalizante, o autor colocava em xeque as próprias bases do projeto modernista.

Para Berman (1986), no entanto, é somente com o advento de sua terceira fase - que para o autor tem lugar no século XX - que ganham corpo as mais variadas formas de desilusão com o chamado ‘projeto da modernidade’. Relativizando a ‘prosperidade’ advinda do uso da racionalidade humana e o progresso que ela possibilitaria, o indivíduo do século XX é de modo geral descrente no futuro e na sua capacidade de transformação da vida quotidiana. O progresso não possuía mais a resposta para as mazelas da humanidade. (BERMAN, 1996; HALL, 2006).

O questionamento da noção de modernidade iniciado na segunda fase é aprofundado na terceira, por autores como o francês Michel Foucault (discutido em maior profundidade na seção seguinte). Somam-se a ele também Max Weber e Herbert Marcuse enquanto nomes de relevo dessa terceira fase. Esses, via de regra, demonstravam pouco entusiasmo com o indivíduo do século XX, apontando as falências e promessas não cumpridas da modernidade, sem contudo o vigor e entusiasmo dos pensadores de sua segunda fase. À desconfiança somam-se o cansaço e esgotamento intelectual. Ao discorrer sobre a terceira fase da modernidade e suas principais facetas *vis-à-vis* a segunda, Berman posiciona-se como crítico da maneira pela

qual os representantes dessa última fase enfrentaram - mais ainda, da maneira como eles descreveram - os desafios da modernidade.

Se prestarmos atenção àquilo que escritores e pensadores do século XX afirmam sobre a modernidade e os compararmos àqueles de um século atrás, encontraremos um radical achatamento de perspectiva e uma diminuição do espectro imaginativo. **Nossos pensadores do século XIX eram simultaneamente entusiastas e inimigos da vida moderna, lutando desesperados contra suas ambigüidades e contradições**; sua auto-ironia e suas tensões íntimas constituíam as fontes primárias de seu poder criativo. **Seus sucessores do século XX resvalaram para longe, na direção de rígidas polarizações e totalizações achatadas.** A modernidade ou é vista com um entusiasmo cego e acrítico ou é condenada segundo uma atitude de distanciamento e indiferença neo-olímpica; em qualquer caso, é sempre concebida como um monolito fechado, que não pode ser moldado ou transformado pelo homem moderno. Visões abertas da vida moderna foram suplantadas por visões fechadas: Isto e Aquilo substituídos por Isto ou Aquilo. (BERMAN, 1986, p.22, destaque nosso).

Tinha início o período da ‘modernidade tardia’, ou pós-modernidade.

## 2.2 O paradigma pós-positivista e a proposta da pós-modernidade

Com tentáculos se espraiando das chamadas ciências exatas até as ciências humanas e biológicas, o positivismo e seu modelo proposto de ciência passam a enfrentar - em especial a partir da segunda metade do século XX - ataques de múltiplos lados. Sob a influência das ideias de Friedrich Nietzsche, décadas antes, ganhava fôlego a contestação do modelo vigente. Mais do que uma discordância, contudo, pensadores que mais tarde encontrariam seu expoente maior em Jacques Derrida propunham uma ruptura com o paradigma positivista.

### 2.2.1 O nascimento do pós-positivismo: pressupostos e desafios

Imbuído de um senso de relativização conceitual e valorização da perspectiva em detrimento da universalidade do conhecimento, o pós-positivismo deu seus incipientes passos na filosofia, sendo o estudo da semântica e da linguagem uma de suas primeiras áreas de estudo. Destarte, é pertinente ressaltar que o prefixo ‘pós’ presente nos termos pós-positivismo e pós-modernidade não deve ser entendido como sinônimo de negação, mas como uma alusão à posterioridade, ao que se segue. O pós-positivismo apresenta-se assim não como

a negação do positivismo, mas de certo modo como a busca pela sua superação. (RESENDE, 2011).

No que tange aos primórdios de seu desenvolvimento, seus proponentes advogavam a necessidade de contextualização histórica para o entendimento do que positivistas de então consideravam como meramente fatos. Autores como Groff (2004), ao analisar os movimentos iniciais que deram origem ao pós-positivismo, demonstram como foram os primeiros embates entre os dois campos, bem como as tentativas iniciais de classificação dos novos conceitos que se propunham. Discorrendo sobre o assunto, Zammito (2004) é mais categórico, afirmando que o passar do tempo somente mostrou - em especial aos primeiros pós-positivistas - as cada vez mais evidentes clivagens entre a abordagem que propunham e aquela que o positivismo lhes oferecia. Para o autor, esse é o início da chamada crise do positivismo, momento em que o paradigma passa a sofrer ataques em seus princípios e pressupostos mais basais. A proposta de contextualização do sujeito observador - levando-se em conta a sociedade que o circunda e seu histórico de vida - ia de encontro à proposta de conhecimento universalizante e de sujeito apartado do objeto que propunha o positivismo. Como descrito na proposta de Berman (1986) de divisão da modernidade em três fases, observa-se que as primeiras aparições do paradigma pós-positivista apresentam continuidade com o sentimento de desilusão crescente do homem moderno para com as conquistas 'modernas'.

Retomando a discussão de Neufeld (1995) apresentada nas seções anteriores, tem-se que o positivismo pode ser entendido como um paradigma ancorado em três pressupostos: a verdade enquanto decorrência da separação entre sujeito e objeto; a ideia de uma ciência una e universal (aplicabilidade dos mesmos métodos das ciências naturais às ciências humanas); e a noção de que a ciência deve ser livre dos valores, sentimentos e opiniões pessoais de seus pesquisadores. (NEUFELD, 1995). O contraste entre os pressupostos supracitados e mesmo os mais incipientes movimentos de contestação do pós-positivismo demonstra, como notado por Zammito (2004), o crescente abismo que separava os dois paradigmas.

Apesar de discordar do estabelecimento póstumo de uma origem, um nascimento para um determinado evento ou fenômeno<sup>11</sup>, pode-se observar inegável alinhamento entre as proposições do pós-positivismo e o pensamento do alemão Friedrich Nietzsche. Ainda no

---

<sup>11</sup> Dentro do amplo espectro que é o pós-positivismo, tal 'postura' é discutida de maneira mais aprofundada por Derrida, como será visto a diante, quando da elucidação feita pelo autor dos cinco pontos de um discurso a serem problematizados.

período correspondente à segunda modernidade de Berman, Nietzsche discute e apresenta conceitos não problematizados até então, lançando as bases para futuras críticas ao modelo positivista, e marcando o ‘nascimento’ do que viria a ser denominado paradigma pós-positivista.

Presente por toda a obra do autor e perfazendo o cerne de seu argumento está o chamado niilismo.<sup>12</sup> Na verdade, o conceito não nasce com Nietzsche. É do alemão, contudo, a sua mais profunda elucidação e detalhamento, moldando a forma como é entendido na atualidade.

Para Nietzsche, (2006) a história da sociedade ocidental fora calcada na metafísica socrático-platoniana. Por meio dessa, o mundo era descrito por meio de pares de sentidos dicotômicos. Mais do que isso, a metafísica busca apartar a verdade da fantasia, o certo do errado:

**A metafísica segundo Nietzsche consiste na fabricação de um erro por cindir a vida em dois mundos: um valorizado, mundo “verdadeiro”, o outro, desvalorizado, mundo “falso” ou ilusório, “além”, uma miragem sendo modulada pelas necessidades que se atribuem ao termo “verdadeiro”. [...] A história desse erro já é a história do niilismo, que passa pela história da verdade. A valorização/desvalorização seria a marca do pensamento metafísico, uma resposta ordenada ao temor que provoca o múltiplo e complexo mundo dos sentidos. A divisão da vida em dois mundos separados seria uma defesa, expressão de um desejo de ordem. (OLIVEIRA, 2009, p. 57, destaque nosso).**

Dessa maneira, segundo Nietzsche, a metafísica obscurece a construção de qualquer tipo de conhecimento, posto que o mundo não pode ser separado em “mundo material” e “mundo das ideias”. O mito da caverna de Platão, nesse sentido, é a epítome do que o autor considera como um equívoco basal. Ao buscar sentido e razão em todas as coisas, ordenando-as e classificando-as segundo sua suposta natureza, a metafísica mostrava-se falha para a compreensão do mundo. Para Nietzsche, não existe uma verdade fora do homem. (OLIVEIRA, 2009).

---

<sup>12</sup> Com origem no latim *nihil*, nada. O niilismo é a proposição do vazio, de que nada existe para além da perspectiva humana, nada há para ser ‘descoberto’, nada faz sentido para o ser humano independente de sua percepção. Considera-se que a expressão fora utilizada primeiramente para designar conflitos e escaramuças da Rússia da segunda metade do século XIX. Niilistas eram aqueles que levantavam-se contra o regime czarista autocrático de então. O termo também fora utilizado para designar o grupo que posteriormente assassinou o czar Alexandre II (*Narodnaya Volya* - Vontade do Povo, em russo). Sua primeira aparição na literatura se dá em *Pais e Filhos*, de Ivan Turgeniev, mas é em *Os Irmãos Karamazov*, de Fiodor Dostoiévski que a palavra adquire o sentido e conotação sobre qual inicialmente debruça-se Nietzsche. O alemão, no entanto, aprofunda o entendimento do termo e confere-lhe status filosófico. (ARALDI, 2004).

Assim, o niilismo nietzscheano coloca-se como um movimento, uma filosofia que questiona a realidade e as crenças no futuro e no progresso humano. Mais do que isso, ele é caracterizado por refutar a noção positivista de que a ‘verdade’ poderia ser alcançada por intermédio da ciência - e de seu método - que seria, em tese, universal.

Em princípio, o niilismo é a celebração do nada, a negação da vida, da existência. Ao lançar-se sobre o tema, o autor amplia seu significado, afirmando haver três tipos diferentes de niilismo, representando condições diferentes ao longo da história. O primeiro tipo é aquele que o autor considera ser fruto da herança socrática ocidental somada à emergência do cristianismo. O homem dessa fase estava em busca do eterno, do transcendental, e para tal abnegava-se da vida terrena, em um ascetismo cujo fim maior era a celebração da vida em outra instância. Em suma, nada haveria neste plano. A moral judaico-cristã, para Nietzsche, impregnava todas as áreas da vida social, convergindo seu entendimento para a noção de ‘verdade’. (GIACÓIA JUNIOR, 2002; NIETZSCHE, 1978; OLIVEIRA, 2009).

O segundo tipo de niilismo é aquele fruto da consolidação da modernidade, quando a religião deixa de ser a única explicação para os fenômenos do mundo e passa a dividir espaço com - ou para alguns, é suplantada pela - ciência. Se não fora abandonada, a resposta cristã tradicional, atribuindo a Deus as respostas a todos os problemas e presságios, havia ao menos perdido a centralidade. Esse é o período ao qual refere-se a famosa expressão ‘morte de Deus’. Desvestido do credo na existência de uma divindade religiosa, o homem moderno via-se à deriva. Despido da confiança no transcendental, o homem via-se em busca de um novo sentido para seu viver. A negação da moral judaico-cristã o expusera à miséria de sua existência, tirando-lhe todas e quaisquer referências, que por sua vez não foram restituídas - ou mesmo suplantadas - pela crença na ciência e no seu poder de geração de conhecimento sobre o mundo. O homem moderno ainda se via cercado de dúvidas e anseios, incapaz de prover respostas. Nada mais haveria senão o imediato entorno do homem. Nada que não pertencesse a este mundo, nada além do próprio indivíduo. (NIETZSCHE, 1968, 1978, 2006; OLIVEIRA, 2009; RESENDE, 2011).

Por fim, a terceira versão do niilismo é também sua versão mais extrema.<sup>13</sup> Nela encontra-se um homem de tudo descrente, entediado pela vida. Não tem fé em Deus, nem na

---

<sup>13</sup> As três formas do niilismo nietzscheano foram amplamente estudadas e debatidas com o passar do tempo. Talvez o mais consolidado diálogo com essas proposições seja aquele articulado por Giles Deleuze (1925-1995), para quem, na verdade, existiriam quatro tipos de niilismo: negativo, reativo, passivo e ativo.

Ciência, o deus dos modernos, pois percebe que o princípio basal dessa última é o mesmo da religião, a fé. Fé no conhecimento, na matemática, nos números que se sucedem na tentativa de se explicar - ou minimamente entender - o mundo que a todos rodeia. Fé, acima de tudo, na existência de uma verdade, de uma imanência que existe apartada do homem, aguardando ser descoberta, analisada, posta à lupa de seu observador. (OLIVEIRA, 2009). Nesse sentido, “Não existe, a rigor, uma ciência ‘sem pressupostos’, o pensamento de uma tal ciência é impensável, paralógico: deve haver antes uma filosofia, uma fé, para que a ciência dela extraia uma direção, um sentido, um método, um direito à existência.” (NIETZSCHE, 1978, p.321).

É no entanto dos escombros da tradição socrático-judaico-cristã e da modernidade que ressurge o homem. Agora consciente de sua condição, ele pode ver-se livre das amarras que o tinham anteriormente atado. Pode aceitar a natureza ao mesmo tempo errática e sublime de sua existência, sem dela esperar nada em troca. Pode ser um super-homem, um homem consciente de sua condição e de sua existência no mundo. (MONTINARI, 1997; OLIVEIRA, 2009).

Tornando-se ao diálogo entre positivismo e pós-positivismo, observa-se que o último vem, desta feita, à reboque da valorização da perspectiva individual em detrimento das leis generalizantes e da experiência humana, somada a uma relativização da racionalidade do ser humano. O foco na racionalidade que perpassa de Descartes a Comte deixa de ser visto como fiador de legitimidade ao conhecimento. (HALL, 2006; RESENDE, 2011). Assim, percebe-se na posição de Nietzsche clara e frontal oposição ao modo positivista de produção e reprodução do conhecimento (tal como sintetizado por Neufeld (1995) e também discutido por Lloyd (1995) e Smith (1996)).

A passagem abaixo ilustra o ponto supracitado. Nela, Nietzsche simula um diálogo imaginário, no qual ele questiona a existência de uma realidade externa aos indivíduos, de ‘fatos’, indo de encontro à noção positivista (especialmente comtiana) de unidade da ciência, valorizando por contraste a perspectiva e a multiplicidade de significados:

Contra o positivismo, que a respeito dos fenômenos afirma - “Há apenas *fatos*” - eu diria: **Não, fatos são precisamente o que não existe, apenas interpretações.** Não podemos estabelecer qualquer fato “em si”: talvez seja loucura querer fazer uma coisa dessas.  
 “Tudo é subjetivo”, você diz; mas até isso é interpretação. O “sujeito” não é algo dado, é algo acrescentado e inventado e projetado por trás do que se há. -

Finalmente, "é necessário postular um intérprete por trás da interpretação?" Mesmo isso seria invenção, hipótese.

Na medida em que a palavra "conhecimento" tem algum significado, o mundo se torna cognoscível; mas é *interpretável* por outro lado, **não há qualquer significado por trás disso, mas incontáveis significados. - "Perspectivismo".**" (NIETZSCHE, 1968, p. 267, tradução do autor, destaque nosso).<sup>14</sup>

Dessa forma, tomada em conjunto, pode-se afirmar que a filosofia de Nietzsche perfaz o cerne e o coração de praticamente todas as teorias ou abordagens pós-positivistas que o sucedem pois - ao defender a impossibilidade do conhecimento objetivo e da observação isenta - o autor confere preponderância à perspectiva de cada indivíduo como geradora de sentido e significado. Tal seara vem a ser explorada posteriormente por Foucault na maneira como o autor desvela a relação entre os conceitos de ciência, fala, poder e verdade.

Na esteira de Nietzsche, o francês Michel Foucault trouxe robustez ao movimento de superação da proposta positivista da modernidade ao dedicar-se ao estudo do poder e das maneiras pelas quais ele se apresenta e penetra no seio social, muitas vezes de forma despercebida pelo cidadão comum.

Ao desenvolver sua obra, Foucault dedica-se ao estudo de instituições percebidas como marginais à sociedade de então - e que em certa medida o são até a atualidade - , tais como asilos, hospitais e prisões. Ao fazê-lo, o autor procura demonstrar como as sociedades modernas têm uma engrenagem própria, não somente de funcionamento mas também de legitimação de seu *modus operandi / vivendi*. Cada sociedade - observou Foucault - garantia sua diuturna continuidade por meio da criação e reprodução de um determinado discurso que, acolhido em seu seio, é legitimado e vestido de conotação positiva. De igual sorte, porém em sentido contrário, essa mesma sociedade também 'informa' a seus indivíduos quais discursos não são por ela acolhidos, não lhe são válidos, e aos quais caberia a marginalidade social. A esse processo de seleção o autor dá o nome de 'regimes de verdade'. Apesar da assinatura foucaultiana, o conceito demonstra estar firmemente ancorado no perspectivismo de Nietzsche ao jogar por terra a noção universal - mais ainda - transcendental - de verdade.

---

<sup>14</sup> Against positivism, which halts at phenomena - "There are only *facts*" - I would say: No, facts is precisely what there is not, only interpretations. We cannot establish any fact "in itself": perhaps it is folly to want to do such a thing.

"Everything is subjective" you say; but even this is interpretation. The "subject" is not something given, it is something added and invented and projected behind what there is. - Finally, "is it necessary to posit an interpreter behind the interpretation?" Even this is invention, hypothesis.

In so far as the word "knowledge" has any meaning, the world is knowable; but it is *interpretable* otherwise, it has no meaning behind it, but countless meanings. - "Perspectivism".

Desse modo, é a perspectiva adotada por uma sociedade que irá nortear em seus indivíduos o desenrolar do processo cognitivo e de interação social. (FOUCAULT, 1998, 2005).

Importante neste ponto notar a maneira pela qual uma determinada perspectiva adquire respaldo em uma sociedade e consolida-se enquanto senso comum. Na verdade, postula Foucault, por detrás dessa consolidação jaz latente uma relação de força. Para ele, a produção e reprodução do conhecimento devem ser vistas como permeadas por relações de poder: o poder da fala, do falante, sobre aquele para quem determinado discurso se direciona. Um discurso, ao impor-se como ‘verdade’, mostra sua força, sendo capaz de moldar a noção de realidade dos indivíduos, alterando sua racionalidade e influenciando suas escolhas e seu comportamento. Tomando essa visão e aplicando-a à análise do discurso cientificista afim ao positivismo (em especial à sua vertente ligada ao Círculo de Viena) observa-se um notável paralelo com a noção discutida acima:

[...] **A verdade não existe fora do poder ou sem poder. A verdade é deste mundo;** ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados pelo poder. **Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade:** isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e instancias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros ou falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 1998, p. 12, destaque nosso).

Foucault, na verdade, observa também a arbitrariedade que permeia todo esse processo, com o qual pode-se traçar iminente paralelo *vis-à-vis* a construção do conhecimento positivista. Ao definir os critérios de validade de um postulado (rotulando-o como científico ou não) a academia novecentista que adentra o século XX impunha à sorrelfa seu discurso de dominação, no caso, pelo cientificismo. Assim, apoiando-se nas ideias de Nietzsche, Foucault desfere um golpe nos pilares do positivismo, questionando a confiança e a crença do homem moderno na sua ciência ‘positiva’ e no progresso que dela adviria, e abrindo caminho para questionamentos futuros, tais como de identidade, de gênero e de método, para citar alguns. O conhecimento neutro, o saber apartado de considerações histórico-sociais, para ele, inexistente. De maneira análoga, a liberdade, tão alardeada e querida pelos positivistas e entusiastas do projeto da modernidade, não passaria então de uma ilusão. (BEST; KELLNER, 1991; FOUCAULT, 1998, 2005; RESENDE, 2011).

Resende (2011) apresenta uma pertinente análise da relação entre os ‘regimes de verdade’ e a noção de liberdade/modernidade em Foucault:

**Assim, a modernidade deve ser entendida como uma construção discursiva na qual o saber ganha status de verdade, formando o que ele denominou de “regimes de verdade”.** Aqueles no topo das estruturas de poder usam o saber para perpetuar a ordem que lhes assegura suas posições privilegiadas. Aqueles que aceitam os discursos naturalizadores da ordem estariam consentindo em ser dominados, pois rejeitam sua vontade de potência e abdicam de seu potencial de transformação. [...] Nesse sentido, o conhecimento prometido pelos Iluminismos, que conduziria os indivíduos ao fim da opressão, acabou disciplinando-os e escravizando-os. **Foucault faz um convite à (re)tomada da consciência sobre o potencial humano para a crítica e a resistência aos discursos dominantes. Se a realidade constitui uma construção social e não é natural, a mudança é, portanto, possível.** Ele entende que a verdade não se destina a explicar o mundo, mas sim a desmistificar saberes reificados em regimes de verdade. Essa seria a principal contribuição foucaultiana à crítica pós-moderna/pós-estruturalista. (RESENDE, 2011, p. 46, destaque nosso).

Dado contudo o histórico de penetração do paradigma positivista ao longo de quase três séculos, nenhum desses conceitos encontrou *terra rasa* suscetível à sua germinação logo de início. A instrumentalização do método científico calcada na racionalidade do indivíduo conferia às teorias assentadas no positivismo certos ganhos de inércia, devido à sua anterioridade em relação ao emaranhado de postulados e conceitos que perfazia o pós-positivismo até avançado o século XX. Defender uma abordagem pós-positivista é assim, antes de tudo, sinônimo de propor uma contenda que abarca da ontologia à epistemologia positivista.

Ao discutir o movimento pós-positivista em *Surface Dazzle, Ghostly Depths* (1985) Clifford Hooker estrutura sua análise buscando identificar os principais pontos que diferenciam uma abordagem pós-positivista de sua antítese, resumindo então o cerne de seus pressupostos básicos.

De maneira geral, Hooker considera que para o pós-positivismo teorias não se resumem nem são dependentes da observação do pesquisador como no positivismo. A própria observação deixa de ser vista como neutra e desvinculada dos valores e vieses de seu observador para adquirir a roupagem perspectivista de Nietzsche, questionando-se a isenção com a qual um observador deve tratar seu objeto de pesquisa. Dito doutra maneira, o conhecimento e a ciência não atuam em um vácuo societário. Pelo contrário, eles produzem e reproduzem uma determinada visão de mundo e os valores ali inseridos. Disso resulta que o método científico não vincula-se somente à lógica e à matemática como propuseram os

positivistas, sendo antes o fruto do meio e do contexto social e econômico dentro do qual se insere o indivíduo, o qual passa a ser produtor e consumidor dessa mesma ciência. Não sendo mais a única fonte a embasar a formulação de teorias, a lógica racional cessa de ser o único agente responsável por validar um determinado conhecimento. Para o pós-positivismo, o fato - o objeto de estudo de um pesquisador - não existe para além da visão do cientista, mas é criado e recriado por ele, dado seu passado e o paradigma que embala sua visão de mundo. (DEVETAK, 2005; HANSEN, 2006; HOOKER, 1985; SMITH, 1996).

Os pontos discutidos por Hooker e citados acima são listados no quadro 3 abaixo, que sintetiza os pressupostos básicos do pós-positivismo:

### Quadro 3: pressupostos básicos do pós-positivismo

|  |
|--|
| 1. Teorias não podem ser reduzidas a observações.          |
| 2. O método científico não é meramente vinculado à lógica. |
| 3. Observação não é teoricamente neutra.                   |
| 4. Teorias não são historicamente cumulativas.             |
| 5. Os fatos são carregados de teoria.                      |
| 6. A ciência não é isolada a partir de indivíduos humanos. |
| 7. A ciência não é isolada da sociedade.                   |
| 8. O método não é atemporal e universal.                   |
| 9. A lógica não deve ser privilegiada.                     |
| 10. Não há abismo entre fato e valor.                      |

**Fonte: Transcrito pelo autor; elaborado por (SANTOS, 2016, p. 57) com dados extraídos de (HOOKER, 1985, p. 156-157).**

Em suma, a proposta de superação do ideário positivista engendrada pelo pós-positivismo torna-se cada vez mais apartada da noção à qual busca se opor. Resende (2011) resume de forma bastante coesa a proposição pós-modernista:

Assim, celebrando a diferença, o dissenso, a não-conformação, a contestação, o pensamento crítico e o pluralismo em RI, a crítica pós-moderna/pós-estruturalista busca investigar as formas pelas quais a linguagem, os discursos, as identidades, as representações, as narrativas, os conceitos e os paradigmas construíram verdadeiras estruturas sociais (de valores, crenças, ideias, saberes e comportamento) capazes de determinar o que devemos julgar como realidade, verdade, ou conhecimento, já que esses nunca foram naturalmente dados. (RESENDE, 2011, p.11).

Em suma, se nada pode ser visto como existente antes do olhar do pesquisador; se o próprio conceito de que a natureza humana é uma construção metafísica; e se a racionalidade

enquanto pilar da modernidade é relativizada; o pós-positivismo acaba por opor-se frontalmente ao paradigma positivista e - a reboque - à sua ideia de modernidade. (GROFF, 2004).

### 2.2.2 *O pós-positivismo e o projeto da pós-modernidade*

A consolidação do positivismo enquanto paradigma central da ciência em especial a partir do século XIX liga-se umbilicalmente à noção de modernidade. Em verdade, essa pode ser vista como a cornucópia dos ideais engendrados por aquele. O mesmo não pode ser dito porém da relação entre pós-positivismo e pós-modernidade. Primeiramente, tem-se que o próprio nome ‘pós-positivismo’ fora conferido a uma gama inicialmente disforme de conceitos que tinham em comum a contestação do modo positivista de entender e explicar a realidade, sobre ela produzindo conhecimento. Assim, ao invés de uma corrente estruturada com propostas concretas - até mesmo pela sua própria natureza -, o pós-positivismo configura-se em verdade enquanto maneira de se denominar tal multiplicidade de visões divergentes do *status quo* (visões no entanto que guardam semelhanças entre si). Em segundo lugar, observa-se que o caráter desbravador e aventureiro associado ao modelo positivista não repete-se no pós-positivismo. A ideia de o que viria a ser a pós-modernidade é fruto majoritariamente de uma desilusão com o projeto que lhe antecede e dá nome, de pensadores que buscavam propor o novo apontando as incongruências e inconsistências do velho. É natural, desse modo, que a própria definição de pós-modernidade acolha certa amplitude de interpretações diferentes, o que por sua própria proposta não configura-se como problema. Isso posto, pode-se, contudo, identificar alguns dos pontos comuns a algumas tentativas de conceituação. (BEST; KELLNER, 1991; JAMESON, 1991; WILLIAMS, 2005). As palavras de Porter no trecho abaixo dão uma dimensão geral sobre o teor das discussões sobre a pós-modernidade. Notadamente contrária ao racionalismo extremado do período moderno, a pós-modernidade despontava como um período de sublevação e subversão de conceitos tributários e indissociáveis da modernidade:

A noção de um sujeito, ou de um “homem” como agente racional, é rejeitada pelos pós-modernistas. O sujeito é descentralizado, a “morte do autor” é anunciada, e a noção de que a história é coerente, que há uma “meganarrativa”, é rejeitada. A representação em todas as formas, incluindo a linguística, política, ciência, e artes é

rejeitada e tida como fraudulenta, e o foco no específico, no local, e nas diversas origens é defendido. (PORTER, 1994, p. 108, tradução nossa).<sup>15</sup>

Um dos principais autores a discutir o termo, Jean-François Lyotard enxerga como traço marcante da pós-modernidade o fim da crença nas chamadas metanarrativas (conceitos que sedimentam-se como senso comum e passam a atuar como pano de fundo na construção do significado). Uma dessas, é a metanarrativa do progresso, tão cara ao positivismo. ‘A condição pós-moderna’ (expressão que dá título à sua principal obra) é, para Lyotard, a condição de descrença frente ao saber pré-estabelecido e pré-existente: “Simplificando ao extremo, considera-se “pós-moderna” a incredulidade em relação aos metarrelatos”. (LYOTARD, 1986, p. xv-xvi). A pós-modernidade é assim o período da mudança, da instabilidade, das definições movediças. Mais do que isso, é a aceitação dessa condição sem dela fazer juízo negativo de moral.

Tal como os ‘regimes de verdade’ de Foucault, o fim da metanarrativa positivista do progresso marca para Foucault e para Lyotard, um posto de fronteira: a condição pós-moderna seria assim a condição de descrença nas explicações grandiloquentes, a aceitação da instabilidade, da inconstância, que passam a ser encaradas como inerentes ao ser humano. A própria sociedade passa a ser vista como uma multidão de átomos em constante colisão e encontro, muitas das vezes a ermo. A pós-modernidade, para ele, não deve ser vista como contrária à ciência, mas sim à maneira pela qual ela é percebida como portadora da verdade, e meio único de construção de conhecimento válido. O ator não projeta na dúvida um sentido de angústia, mas sim aceita-a como inerente à humanidade. (FOUCAULT, 1998, 2005; LYOTARD, 1986, p. xvi; 1987).

Em linha semelhante, o também francês Michel Maffesoli enxerga na pós-modernidade o período em que relativiza-se a confiança e a fé inabalável na razão enquanto capaz de explicar e desvendar todos os recônditos do universo. Não somente na razão *per se*, como também em tentativas de se generalizar um conhecimento que, para ele, deve ser local e particular. Em suas próprias palavras:

---

<sup>15</sup> The notion of a subject, or of a “man” as a rational agent, is rejected by postmodernism. The subject is decentered, the “death of the author” is announced, and the notion that history has coherency, that there is a “master narrative”, is rejected. Representation in all its forms, including linguistics, politics, science, and art, is rejected as fraudulent, and a focus on the specific, on the local, and on pastiche is advocated.

Para dizê-lo de maneira ainda mais clara, se uma definição provisória da pós-modernidade deve ser dada, ela poderia ser: a sinergia de fenômenos arcaicos e o desenvolvimento tecnológico. Assim, para retomar os grandes temas explicativos da pós-modernidade: Estado-nação, instituição, sistema ideológico, pode-se constatar - no que concerne a pós-modernidade - o retorno ao local, a importância da tribo e a bricolagem mitológica (MAFFESOLI, 2008, tradução nossa).<sup>16</sup>

Como observado por Maffesoli, uma característica intrínseca da pós-modernidade é sua atenção ao local, ao *sui generis*, àquilo que é oriundo da perspectiva individual. Com roupagem distinta e contribuição do sociólogo, sua visão mostra-se tributária daquela observada por Lyotard: a pós-modernidade é marcada pela descrença no saber uno, generalizante, nas metanarrativas.

A tentativa de se definir a acepção do termo pós-modernidade encontra espaço também em Hall (2006). Uma de suas características principais, segundo o autor, seria uma reorientação identitária observada no homem desse período face ao indivíduo moderno. O deslocamento de identidades pode ser considerado peça importante do arcabouço da pós-modernidade, pois traz à luz uma nova narrativa sobre o papel do indivíduo face às novas condições, face à ruptura e à fragmentação:

O homem da sociedade moderna tinha uma identidade bem definida e localizada no mundo social e cultural. Mas uma mudança estrutural está fragmentando e deslocando as identidades de classe, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Se antes estas identidades eram sólidas localizações, nas quais os indivíduos se encaixavam socialmente, hoje elas se encontram em fronteiras menos definidas que provocam no indivíduo uma crise de identidade. (HALL, 2006, p. 18)

O esforço de demarcação do conceito de pós-modernidade enquanto fruto e motor da mudança identitária do indivíduo no século XX face ao que se entendia por modernidade é congruente também com a visão de Jameson (1991). Para ele, três fenômenos são característicos do período e perfazem um distinto recorte em comparação à modernidade. E em primeiro lugar, na pós-modernidade observa-se um desgaste do modelo dicotômico de definição de conceitos, no qual uma ideia ou representação só encontra significado em

---

<sup>16</sup> Pour le dire plus nettement encore, si une définition, provisoire de la postmodernité devait être donnée, ce pourrait être : « la synergie de phénomènes archaïques et du développement technologique. C'est ainsi que, pour reprendre les grands thèmes explicatifs de la modernité : État - nation, institution, système idéologique, on peut constater, pour ce qui concerne la postmodernité, le retour au local, l'importance de la tribu et le bricolage mythologique.

oposição ao seu oposto, como as noções de certo / errado, verdade / mentira<sup>17</sup>. Segundo, para Jameson a pós-modernidade é o período da queda de utopias. Se por um lado a modernidade buscava demonstrar a regularidade e a explicação científica frente ao mundo e ao ambiente, a pós-modernidade contenta-se com a impossibilidade de existência de um conhecimento pleno, universal, descortinando por sua vez mutabilidade e inconstância, retirando desses termos sua conotação negativa. Por fim, o que considera ser a terceira característica da pós-modernidade: o declínio ou esmorecimento da emoção e do entusiasmo na visão do indivíduo. Para Jameson, isso não significa que a pós-modernidade tenha deixado de lado todo o sentimento, apenas que inexistente o que o autor chama de ‘frivolidade gratuita’. (JAMESON, 1991, p. 7-9).

A contribuição de Jameson à discussão sobre a pós-modernidade, no entanto, não se encerra nas supracitadas três características. O autor também adquiriu relevo ao ser um dos principais nomes a pesquisar e escrever sobre o que ficou conhecido como ‘capitalismo tardio’. A expressão - cuja primeira aparição é atribuída a Werner Sombart, em 1902 - identifica o período geralmente associado à pós-modernidade - a saber, o pós-Segunda Guerra Mundial para alguns e pós-Guerra Fria para outros - a três fases de desenvolvimento do capitalismo (primitivo, capitalismo áureo e capitalismo tardio). O conceito atravessa o século XX e é na Escola de Frankfurt que ele adquire novamente relevância. Sua consolidação se dará com Ernest Mandel, em 1972. Atualmente, a discussão sobre o tema encontra eco também nos escritos de David Harvey. Em sentido amplo, o cerne do argumento é que ao (re)transformar-se, o capitalismo encontra-se agora em uma nova fase, um novo estágio. O conceito de pós-modernidade entrelaça-se ao de capitalismo tardio na medida em que entende-se terem sido as transformações econômicas com a subsequente modificação das formas de acumulação do capital as responsáveis por gerar um transbordamento do apetite por mudanças, da economia à cultura, redirecionando a visão de mundo do indivíduo do fim do século XX, bem como suas crenças e valores. (HARVEY, 2013; JAMESON, 1991).

Em suma, mais do que um mero recorte temporal, a pós-modernidade pode ser vista como o período em que a visão pós-positivista expande-se, encontrando eco e reverberando

---

<sup>17</sup> Em verdade - e como elucidado mais adiante - o desgaste do modelo se dá também em função da denúncia do julgamento de valor que ocorre sobre a dicotomia, em que um termo é valorizado em detrimento do outro. A discussão sobre a construção de significado por meio de dicotomias está intrinsecamente relacionada aos trabalhos do suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913) e da crítica posterior feita pelo franco-argelino Jacques Derrida (1930-2004). A apresentação e discussão mais aprofundada do tema assim seus dois principais autores foi deixada para a última seção deste capítulo, dedicada à abordagem pós-estruturalista de Relações Internacionais.

nas ideias e proposições de autores como Jacques Derrida, que - como exposto nas seções a seguir - transmuta de modo radical a concepção racional-positivista de realidade empírica e representação linguística. Lidando de maneira diferente com as questões que afligiam o ser humano no período moderno, a pós-modernidade propõe múltiplas narrativas sobre o saber, valorizando as variadas perspectivas e encarando-as como novas interpretações sobre o que é comumente considerado como real. O saber pós-positivista é fragmentado, e não há conotação negativa nisso. O homem pós-moderno vê-se descrente das narrativas tradicionais, sedimentadas e unas, proponentes de uma única lente pela qual se enxerga o mundo. Em frontal oposição à perspectiva positivista, a pós-modernidade abandona o discurso de progresso, aceitando a incapacidade humana de prover uma explicação concisa e coerente a todo momento. É o período da ‘morte ao autor’ (BARTHES, 1977), da celebração das múltiplas e diferentes interpretações, do contraditório, do foco nos saberes difusos, na subversão, na desordem, na instabilidade e na descentralização. (BEST; KELLNER, 1991; HALL, 2006; HOOKER, 1985; LYOTARD, 1986).

### **2.3 O positivismo nas Relações Internacionais e os grandes debates da área**

A consolidação do positivismo a partir do final do século XIX e de seu ideal de modernidade acabou por conferir-lhe status central no desenvolvimento das ciências sociais ao longo do século XX. (NEUFELD, 1995; SMITH, 2000). As Relações Internacionais não foram exceção.

Analisando-se a produção do conhecimento e a consolidação do campo das Relações Internacionais, é clássico o trabalho de Waeber (1997) apresentando as principais teorias e correntes da área por meio de seus grandes debates. O termo ‘debate’, no caso em questão, deve ser entendido como um determinado momento ou período de produção intelectual em que teorias concorrentes buscavam afirmar-se não somente por meio da proposição de seus pressupostos, como também pelo rebate daqueles contra os quais se posicionavam.<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> Entretanto, há que se ressaltar que o próprio uso do termo ‘debate’ com fins de elucidação do desenvolvimento das principais teorias de Relações Internacionais encontra resistência na academia. Steve Smith, em sua obra *Six Wishes for a More Relevant Discipline of International Relations* (2008) posiciona-se contrário ao uso do termo. Na visão de Smith, o uso da palavra ‘debate’ leva o leitor a crer que havia um diálogo entre as teorias concorrentes, sendo que para ele tais teorias basicamente ignoravam-se umas às outras, não tendo ocorrido um propriamente um debate entre elas, mas sim uma construção em paralelo. A apresentação da área por meio dos grandes debates, contudo, encontra grande aceitação na academia atualmente.

Para Waeber (1997), a área de Relações Internacionais é marcada por quatro grandes debates. Na década de 1940, realismo e idealismo traziam em cena duas visões diferentes sobre o que consideravam pertencente ao campo<sup>19</sup>. Durante a década de 1960, por sua vez, tem lugar o segundo grande debate<sup>20</sup> - também chamado de 'debate periférico' - em que *behaviouristas* (ou cientificistas) divergiam dos tradicionalistas. O terceiro debate para Waeber possui dois momentos: na década de 1970, em que a discussão era dominada por realistas, liberais e marxistas, e um segundo momento, correspondendo a grosso modo à década de 1980, em que neorealistas e neoliberais monopolizavam as discussões, que sofriam também - em menor medida - a influência dos neomarxistas. Por fim, o quarto debate, na década de 1990, opôs os grupos racionalista e reflexivista<sup>21</sup>. O quadro 4 a seguir<sup>22</sup> apresenta um resumo da organização proposta pelo autor:

---

<sup>19</sup> O primeiro debate é marcado por duas obras consideradas como marcos da disciplina. Em 1939 E.H. Carr publica *Vinte Anos de Crise*, obra que juntamente com *A Política entre as Nações*, de Hans Morgenthau forma a base da teoria realista. O próprio nome conferido à corrente prenunciava a sua posição. Para Carr (2001) e Morgenthau (2003), a arena internacional possuía regras próprias de funcionamento requerendo, tal como no estado de natureza hobbesiano, uma determinada postura dos indivíduos de modo a garantir sua sobrevivência (o bem maior de cada um). À posição realista opunham-se aqueles que ficaram conhecidos por idealistas, que - concentrados majoritariamente na chancelarias e ilustrados pelas clássicas figuras do ex-presidente americano Woodrow Wilson e do ex-primeiro-ministro britânico Neville Chamberlain - viam nas Relações Internacionais uma maneira de promover a cooperação, a interdependência e a paz entre as nações. Vide obras nas referências bibliográficas.

<sup>20</sup> Tal como mencionado, o segundo grande debate é também denominado 'debate periférico' dada a natureza das discussões que tiveram lugar - e expressão máxima - nas figuras de Morton Kaplan e Hedley Bull. A alcunha deriva do fato de o cerne das discussões não ser atinente às Relações Internacionais *per se*, mas à maneira pela qual deveria ser produzido o conhecimento sobre o campo. Kaplan (1966) advogava um maior cientificismo nos estudos da área, com aplicações por exemplo da teoria da escolha racional ou da teoria dos jogos de John Nash. Seu nome em inglês - *behaviourismo* - deriva do fato de seus representantes considerarem ser possível prever o comportamento baseado na ciência. Bull (1966) , por sua vez, considerava que as ciências sociais não comportavam tal tipo de análise quantitativista e matemática, apoiando-se por sua vez nas obras tradicionais do campo, como as de Carr e Morgenthau e advogando em favor da natureza humana enquanto principal norteadora do comportamento dos indivíduos (e também dos Estados). A vitória do cientificismo/*behaviourismo* de Kaplan impactará diretamente na maneira pela qual neorealismo e neoliberalismo se posicionam durante o terceiro debate. Vide obras nas referências bibliográficas.

<sup>21</sup> Serão feitas oportunamente discussões mais aprofundadas acerca da noção que se busca transmitir por meio dos termos que dão nome às duas correntes do quarto debate.

<sup>22</sup> Há que se salientar que o quadro de Waeber (1997) não contempla todo o escopo da discussão. Pela própria data de sua elaboração, nele não está incluída toda a década de 1990, nem, obviamente, qualquer discussão sobre o que teria se sucedido após o quarto debate. De maneira geral, o passar dos anos assistiu à inclusão de outras teorias e abordagens a essa gama acima descrita. São elas: a teoria crítica, o feminismo, o pós-colonialismo, e o chamado realismo neoclássico. De maneira geral - mas não da mesma forma em cada uma - elas localizam-se ontológica e epistemologicamente mais próximas da corrente reflexivista.

**Quadro 4: grandes debates nas Relações Internacionais**

|                      | Primeiro             | Segundo                         | Terceiro                          | Quarto                                      |                               |
|----------------------|----------------------|---------------------------------|-----------------------------------|---|-------------------------------|
| Abordagem teórica    | Idealismo x Realismo | Behaviourismo x Tradicionalismo | Realismo x Liberalismo x Marxismo | Neorrealismo x Neoliberalismo x Neomarxismo | Racionalistas x Reflexivistas |
| Perspectiva temporal | 1940                 | 1960                            | 1970                              | 1980  | 1990                          |

Fonte: Transcrito pelo autor com dados extraídos de (WAEVER, 1997).

Duas décadas, entretanto, possuem importância seminal - não somente para esta pesquisa - como também para o campo das Relações Internacionais como um todo. Resguardadas generalizações temporais, a virada da década de 1980 para os anos 1990 marca não somente uma troca de protagonismo entre correntes. Pela primeira vez delineava-se um debate entre paradigmas: racionalistas de um lado, reflexivistas de outro.

De modo geral, o positivismo foi o paradigma que sustentou todas as grandes teorias de Relações Internacionais ao longo de sua evolução. Em alguns períodos em menor medida<sup>23</sup> e em outros sofrendo clara influência, teóricos e acadêmicos da área enxergavam o mundo por meio de lentes positivistas.

**Durante os últimos quarenta anos, a disciplina acadêmica de Relações Internacionais foi dominada pelo positivismo.** Esse positivismo envolveu um compromisso com uma visão unificada de ciência e a adoção de metodologias das ciências naturais para explicar o mundo social. Os chamados ‘grandes debates’ na história da disciplina, entre idealismo e realismo, tradicionalismo e behaviourismo, ou entre transnacionalismo e estatocentrismo não envolveram questões de epistemologia. A disciplina inclinou-se a aceitar implicitamente um conjunto simples e - crucialmente - incontestes de pressupostos positivistas que fundamentalmente mantiveram o debate sobre como o mundo é, e como podemos explicá-lo. [...] **foi a predominância do positivismo que determinou tanto o caráter quanto - mais**

<sup>23</sup> Importante salientar que a influência do positivismo na construção das teorias de Relações Internacionais não se dá de forma nem intensidade homogêneas. Via de regra, considerava-se que o realismo clássico e o idealismo do primeiro debate, por exemplo, partiam de pressupostos positivistas, sem contudo deixar de lado conceitos não imediatamente afins ao paradigma. Carr e Morgenthau, por, exemplo, afirmavam que fazia-se necessário enxergar a realidade tal como ela se colocava (em outras palavras, externa aos indivíduos e existente independente dos atores e suas formas de representação). De modo geral, os autores buscavam a ‘verdade’ por trás da atuação dos Estados. Ambos, contudo, também fidavam-se em conceitos como a ‘natureza humana’ e os instintos do ser humano como responsáveis por seu comportamento, de certo modo afastando-se da noção de ciência quantitativa do positivismo. É clássica inclusive a posição de Morgenthau durante o debate periférico ao defender o tradicionalismo contra o cientificismo de Kaplan na construção das RI enquanto ciência. Tal como discutido, é a vitória do cientificismo de Kaplan na década de 1960 a responsável pelas incursões da Teoria dos Jogos e da Teoria da Escolha Racional nas Relações Internacionais na década de 1980, cristalizando sua imagem de ciência eminentemente positivista conferida durante o período. Vide Carr (2001), Morgenthau (2003), Kaplan (1966), Bull (1966).

**importante - o conteúdo dos principais debates de teoria internacional.**  
(SMITH, 1996, p. 11, tradução nossa, destaque nosso).<sup>24</sup>

Tornando à divisão proposta por Waever (1997), observa-se que na década de 1980 teve lugar o debate entre neorrealistas e neoliberais (e em menor medida também os neomarxistas). O debate - que eventualmente ganhou o codinome de debate 'neo-neo' - teve várias implicações. A princípio, observou-se um reposicionamento da corrente realista, trazendo em cena o chamado neorrealismo. Os liberais - ou idealistas - do primeiro debate, de igual feita, reagruparam-se sob a égide de neoliberais, reeditando o embate de décadas antes. Pode-se dizer que o debate neo-neo traz implicações cruciais para as Relações Internacionais como um todo. Pertencem ao período duas obras que vieram a se tornar referência na disciplina, exatamente por delinearem o tom e darem forma às discussões que se seguiram: em 1979 Waltz publica *Theory of International Politics*, e em 1984 Keohane apresenta o clássico *After Hegemony*.

Perpassando toda a década, o debate cristalizado nas figuras de Waltz e Keohane dominou a cena de então. Boa parte das publicações de maior relevo do período atuavam de alguma maneira na tentativa de explicar o mundo e as relações entre países a partir de uma ou outra visão, apresentando os pontos que consideravam estruturantes em uma teoria ao passo que denunciando as fraquezas ou imperfeições da outra. A predominância era tamanha que aos poucos proliferaram-se estudos cujo principal objetivo era comparar e contrastar as duas teorias.

Dentre tais estudos, pode-se citar duas outras obras que obtiveram grande aceitação quando publicadas: em 1993 Baldwin apresenta *Neorealism and Neoliberalism: The Contemporary Debate*, e em 1994 surge *Anarchy in International Relations Theory: The Neorealist-Neoliberal Debate*, de Robert Powell. Na primeira, o autor autor busca discutir as principais diferenças que colocavam em campos opostos neorrealismo e neoliberalismo. Para ele, elas podem ser condensadas em seis principais questões, problematizadas uma a uma em

---

<sup>24</sup> For the last forty years the academic discipline of International Relations has been dominated by positivism. Positivism has involved a commitment to a unified view of science, and the adoption of methodologies of the natural sciences to explain the social world. The so-called 'great debates' in the discipline's history, between idealism and realism, traditionalism and behaviouralism, or between transnationalism and state-centrism, have not involved questions of epistemology. The discipline has tended to accept implicitly a rather simple and, crucially, an uncontested set of positivist assumptions which have fundamentally stifled debate over both what the world is like and how we might explain it. [...] it has been the dominance of positivism that has accounted for both the character, and more importantly, the content of the central debates in international theory.

sua obra<sup>25</sup>. Powell, por sua vez, é mais sintético. Na visão do autor, três pontos perfazem o cerne das discussões e são capazes de resumir as diferentes respostas que cada teoria confere aos temas que lhe são mais relevantes<sup>26</sup>.

No entanto, a consolidação do debate neo-neo - já no limiar da década de 1990 - e a polarização dela advinda não foram capazes de mascarar uma discussão mais sutil e basal: ambos neorrealismo e neoliberalismo estão firmemente apoiados no alicerce positivista e - apesar de divergirem quanto à epistemologia - partilham da mesma visão ontológica sobre o indivíduo, sobre as relações internacionais e sua instrumentalização. (HANSEN, 2006; REUS-SMIT, 2005; SMITH, 1996).

Autores como Reus-Smit (2005), por exemplo, postulam que, antes de tudo, neorrealismo e neoliberalismo são ambas teorias de cunho racionalista, construídas com base em teorias microeconômicas da escolha individual. Disso, para ele, partem três pressupostos, que são partilhados por ambas.

Em primeiro lugar, os atores políticos - sejam eles indivíduos ou Estados - são atomísticos, auto-interessados (os indivíduos estão em busca da realização de seus próprios interesses) e racionais (no sentido que suas preferências são fruto de um cálculo custo-benefício). Segundo - e em decorrência disso - os interesses desses atores são tidos como exógenos à interação social, precedendo-a. Dito doutra forma, a convivência e a presença do

---

<sup>25</sup> São eles: 1) Natureza e conseqüências da anarquia: De modo geral, neorrealistas tendem a perceber a anarquia enquanto fator que constrange a todos, forçando os atores a buscarem a auto-ajuda como forma de proteção. Neoliberais, por sua vez, conferem-lhe conotação substancialmente mas positiva, enfatizando as inúmeras possibilidades de cooperação que ela possibilita (vide também AXELROD; KEOHANE, 1985). 2) Dada essa condição de anarquia, neorrealistas não consideram efetivamente possível ações de cooperação entre Estados, ao menos não nos temas mais importantes. Neoliberais por sua vez veem na cooperação uma escolha racional para a melhor consecução de objetivos comuns. 3) Relacionado ao ponto anterior, Baldwin entende que neorrealistas são refratários à cooperação posto que estão continuamente preocupados com os ganhos absolutos de um Estado (uma vez que eles alteram as posições de um relativa ao outro). Neoliberais, por sua vez, entendem que se todos forem beneficiados, mesmo que em proporções diferentes, já existe incentivo à cooperação. 4) Para Baldwin, tanto neorrealistas quanto neoliberais consideram que a segurança será sempre a principal preocupação para um Estado. O foco, porém, está na intensidade e na maneira como maior segurança (no sentido militar da palavra) também pode ser resultado de uma maior pujança econômica. 5) Para neorrealistas, pouco importam as intenções de um determinado Estado, dado que sua atuação será sempre constrangida pela polaridade da estrutura anárquica do sistema. Keohane, por sua vez, argumenta que a intenção de um Estado ao interagir na arena internacional será decisiva na sua mensuração - sempre racional - dos ganhos relativos de uma determinada ação. 6) Considerando o todo explicitado acima, Baldwin conclui serem neorrealistas altamente refratários e céticos quanto ao poder transformador de instituições e regimes. Neoliberais, por sua vez, consideram que o fomento à articulação institucional é a melhor saída para a garantia da segurança de um Estado, pois confere previsibilidade às ações de todos os entes, além de apresentarem alto poder de inércia, tornando altos os custos de uma deserção uma vez já estabelecida. Para posterior aprofundamento na discussão, vide Baldwin (1993), Keohane (1986, 1989, 2005), Axerold e Keohane (1985), Waltz (2002) e Krasner (1991) nas referências bibliográficas.

<sup>26</sup> São eles: 1) Significado e implicações da anarquia. 2) Questão dos ganhos absolutos e relativos. 3) Tensão entre coordenação e distribuição na definição da ação de uma Estado. Vide Powell (1994) nas referências bibliográficas.

outro não altera a matriz de preferências de cada um, dado que ela é fruto de um cálculo racional, e não de interação. E terceiro, a sociedade é vista como um ambiente estratégico, em que convivem atores com interesses pré-definidos e pré-determinados, em busca de auto-realização. (REUS-SMIT, 2005, p. 192).

Assim, a despeito das diferenças, pode-se delinear o motivo de neorrealismo e neoliberalismo serem classificados como duas teorias de cunho essencialmente positivista. Tornando às definições e pressupostos do positivismo elencadas nas primeiras seções e elucidadas principalmente por Neufeld (1995), observa-se o calço positivista de ambas no que tange a alguns fatores.

Primeiro, à maneira como consideram ocorrer a interação: seja entre indivíduos ou Estados, ela é sempre oriunda do cálculo racional de cada ator. A razão, tão celebrada na era moderna como capaz de dar sentido e propósito a todas as ações, possui o mesmo significado para todos, e todos a aplicam de alguma maneira. Não se debate no neorrealismo ou no neoliberalismo a razão como influenciada - ou mesmo oriunda - da convivência e interação entre os diferentes atores.

Segundo, ao modo como ambas teorias classificam seus postulados como naturais, verdadeiros, uniformes, passíveis de generalização a todos os indivíduos (cujos comportamentos são por conseguinte previsíveis), e por isso replicáveis. Waltz (2002), ao descrever suas ideias, afirma que sua visão é aplicável à análise do sistema internacional independentemente do período.<sup>27</sup> A atemporalidade da visão waltziana, fortemente influenciada pelo triunfo da corrente *behaviourista* - ou cientificista - de Kaplan (1966) no debate periférico anos antes, é apresentada como válida principalmente devido à estrutura positivista que confere legitimidade a esse tipo de produção do conhecimento.

De forma semelhante, o pano de fundo das análises de Keohane (1989, 2005), o principal nome do institucionalismo neoliberal, também desvela-se a partir de ideais fortemente racionalistas / cientificistas. Para o autor, Estados tendem à cooperação no ambiente internacional, focando na maioria das vezes em ganhos absolutos e buscando o reforço das instituições supranacionais. Dada a mesma estrutura anárquica que constrange a todos, cooperar torna-se a melhor e mais adequada estratégia para a sobrevivência de um

---

<sup>27</sup> É sintomático dessa característica o fato de o realismo apresentar-se como a maneira pela qual a política é feita entre Estados desde Tucídides e os primórdios das cidades-estado gregas até a atualidade, independente das particularidades de cada Estado ou do paradigma ideológico a dominar cada período.

Estado. A cooperação e a ação em conjunto são, para Keohane, fruto de decisões racionais de cunho custo-benefício.

Por fim, ambos neorrealismo e neoliberalismo - esses últimos porém em menor intensidade - consideram suas teorias como capazes de oferecer explicações factíveis e fidedignas do chamado ‘mundo real’, ‘mundo material’, que existe independente da intervenção humana que e possui próprias leis de funcionamento. Descrever o comportamento dos atores nesse mundo torna-se possível somente devido ao fato de tal descrição ser fruto da observação empírica da realidade ‘objetiva’ e disponível a todos. A validade do argumento advém da empiria e seu papel na construção da ciência. Somente anos mais tarde que Keohane (1986) traz à pauta questões que - em sua visão - seriam capazes de influenciar de alguma maneira no cálculo racional dos Estados, como cultura e identidade. (BALDWIN, 1993; KEOHANE, 1986; POWELL, 1994).

Assim, autores como Smith (2008) observam que a grande área das Relações Internacionais na década de 1980 foi marcada por um consenso, ao invés de um debate. O grande questionamento do positivismo enquanto paradigma principal das relações internacionais, no entanto, se daria na década seguinte.

## **2.4 O pós-positivismo nas Relações Internacionais**

Tal como o positivismo, também o pós-positivismo encontrou espaço nas Relações Internacionais. Valendo-se das ideias de Nietzsche e das importantes contribuições de Foucault, Lyotard, Baudrillard e Derrida, teóricos e acadêmicos advogavam um entendimento do campo que fosse além do que propunham as já consolidadas visões do realismo, idealismo/ liberalismo, e marxismo. Mais do que isso, via-se no debate neo-neo que dominara as discussões na década de 1980 a personificação dos ideias positivistas de leis generalizantes, indivíduo racional e lógica empírica baseada na observação ‘isenta’ da realidade. Com expoentes como Walker, Campbell e Hansen, o paradigma pós-positivista ganhou força no campo, desencadeando o que Waever (1997) considerou ser o quarto grande debate da área:

de um lado, defensores do racionalismo positivista, dentre eles neorrealistas e neoliberais. Do outro, aqueles que ficaram conhecidos sob a etiqueta de 'reflexivistas'<sup>28</sup>.

Apesar de não haver consenso quanto à denominação proposta, e tendo-se em conta o fato de que a proposta de superação do positivismo encontra assento em correntes variadas, pode-se não obstante elencar alguns dentre os principais fatores que permitem o agrupamento de tais propostas sob a égide de 'pós-positivistas'. Duas de suas principais correntes - o construtivismo e o pós-estruturalismo - serão levadas em conta neste trabalho, uma vez que são aquelas que concentram a maioria dos estudos que têm como escopo as Relações Internacionais.<sup>29</sup>

Analisando o cerne de seus argumentos, as abordagens pós-positivistas de Relações Internacionais divergem das tradicionais abordagens positivistas pois questionam seus pressupostos e posições frente aos seguintes temas:

1) Noção de realidade enquanto externa aos indivíduos, passível de observação neutra por meio da empiria, a qual seria a fiadora da validade de um argumento. Em direção oposta, é conferida ênfase à maneira pela qual os atores percebem o ambiente que lhes rodeia, atribuindo-lhe significados e relacionando-se por meio da linguagem. (ONUF, 1998; WENDT, 1992, 1999).

---

<sup>28</sup> O ato pelo qual a corrente foi nomeada 'reflexivista' é um marco importante, e contribui de sobremaneira para o entendimento do pós-positivismo como um todo. Apesar de ser um dos principais nomes do institucionalismo liberal, foi Keohane o primeiro a apontar - no campo das Relações Internacionais enquanto disciplina consolidada - a importância da identidade de um ator para um melhor entendimento de suas ações, apesar de fazê-lo de modo superficial e não aprofundar-se na maneira pela qual poderia-se compreender a relação entre identidade e ação. Posteriormente, em seu clássico discurso ao presidente dos Estados Unidos em 1988, Keohane, já ciente do desenvolvimento de correntes de questionamento e contestação do positivismo, cunha o termo 'reflexivistas' para não somente agrupá-las como também posicioná-las dentro do espectro das teorias de Relações Internacionais. Reflexivistas, assim, seriam todas aquelas abordagens que fugiam do tradicional modelo positivista, ao qual por sua vez deu-se o nome de 'racionalista'. Para Keohane, reflexivistas estavam corretos em apontar a importância de ideias, da cultura e das identidades, mas faltava-lhes um modelo causal-hipotético minimamente coerente, passível de testes e comparações (HANSEN, 2006, p. 3).

É interessante, contudo, notar o tom da crítica de Keohane. Como bem observado por Smith (1996), ao apontar como falhas do campo reflexivista a não estruturação de seus postulados nos moldes do tradicional modelo causal-hipotético, Keohane critica essas correntes baseando-se exatamente nos critérios que elas buscam refutar ou relativizar. Mais ainda, Smith nota que Keohane também ressalta, em tom de alerta, que o não cumprimento desse quesito relegaria o campo reflexivista às margens da disciplina. Ao fazê-lo, o autor novamente demonstra não compreender - ou não demonstrar compreensão - que o positivismo não podia mais ser considerado a única medida pela qual criava-se e replicava-se o conhecimento.

<sup>29</sup> Importante ressaltar que apesar do foco naquelas que foram consideradas as duas principais teorias ou abordagens pós-positivistas, é prolífica e crescente a discussão em torno das novas abordagens de Relações Internacionais, como as já citadas: teoria crítica, pós-colonialismo, feminismo e realismo neoclássico, cada qual com sua diferente proximidade do debate maior em torno da superação do positivismo no referido campo. Gideon Rose, Naeem Inayatullah, David Blaney, Robbie Shilliam, Diana Thorburn e Lorraine Code podem ser elencados como alguns dos principais nomes a debater as Relações Internacionais sobre tais óticas ou abordagens.

2) Pressupostos centrais do positivismo, o logicismo e a razão (vista como neutra e uniforme) são colocados em cheque, sob o argumento de que os atores não encontram-se em um vácuo societário, mas sim envolvidos por um contexto social e cultural. (ADLER, 1999; HANSEN, 2006; ONUF, 1998; WENDT, 1992). Em outras palavras, a racionalidade dos atores - entendida, como supracitado, como capacidade de adequação de meios a fins - não pode ser vista como um pressuposto por todos compartilhado, uma vez que atores - dentre eles Estados - não compartilham dos mesmos contextos.

3) Intimamente relacionada com a relativização do racionalismo está a relativização da ubiquidade da relação causa e efeito, outro pilar positivista pelo qual pode-se demonstrar a validade de um argumento. Para as correntes reflexivistas não há sentido na busca pelo distanciamento e recorte da realidade com vistas à sua análise e separação entre as causas e efeitos - em especial nas ciências humanas - uma vez que a identidade do indivíduo é ao mesmo tempo causadora e reflexo de suas ações. (HANSEN, 2006). Ao identificar em cada ator uma identidade, supera-se também a noção generalizante de indivíduo que faz o positivismo. Para as teorias pós-positivistas, indivíduos imersos em contextos diferentes executam sua 'racionalidade' de formas também diferentes, descartando a ideia - presente em especial no neorealismo - da possibilidade de previsão do comportamento dos atores devido às suas características gerais (todos auto-interessados, racionais, e com preferências próprias, definidas *ex ante* a interação). (WENDT, 1999; ZEHFUSS, 2002).

Assim, questionando o conceito de realidade externa e passível de observação, relativizando o racionalismo (e sua relação causa e efeito) e tendo por base as críticas ao positivismo desferidas por Nietzsche e posteriormente por nomes como Foucault e Lyotard, o pós-positivismo faz sua incursão na disciplina de Relações Internacionais, concebendo o estudo sobre o tema de maneira radicalmente diferente de seus antecessores, a começar pela valorização do discurso e da interpretação individual, temas trazidos à ribalta pelas novas abordagens (CAMPBELL, 1992; HANSEN, 2006; WALKER, 1993).

Tomando-se de maneira ampla, verifica-se que a divisão entre positivistas e pós-positivistas em Relações Internacionais se dá tanto pela ontologia quanto pela epistemologia. No entanto, tais diferenças não ocorrem de maneira homogênea no construtivismo e no pós-estruturalismo, considerado como a mais radical das abordagens pós-positivistas. É somente

com o advento desse último que efetivamente tem lugar a chamada ‘virada pós-moderna’ superando de vez os vestígios do positivismo cientificista iniciado por Augusto Comte.

#### 2.4.1 O construtivismo

Apesar de considerado nesta obra como parte do corpo teórico reflexivista tal como proposto por Keohane, o construtivismo, para alguns, opera como um meio-termo entre os paradigmas racionalista e pós-moderno. Ao analisar o envolvimento militar alemão no estrangeiro, contrastando-o com a proposta construtivista de Alexander Wendt - um dos cânones do construtivismo em relações internacionais - Maja Zehfuss afirma que “Wendt quer posicionar-se entre os campos racionalista e reflexivista como definidos por Robert Keohane. Ele quer encontrar uma ‘via média’ entre o *mainstream* e as chamadas abordagens pós-modernas.” (ZEHFUSS, 2002, p. 38, tradução nossa).<sup>30</sup> Posição semelhante é encontrada em Emanuel Adler, na obra *O Construtivismo no Estudo das Relações Internacionais* (1999), onde o autor afirma que:

Este artigo argumenta que o meio termo entre abordagens racionalista e interpretativista relativista não é ocupado por uma versão interpretativista do racionalismo ou por alguma variante do “refletivismo” como descrito por Keohane, assim como não o é por toda sorte de teorias críticas retratadas de modo impreciso por Mearsheimer (1994/5), mas, na realidade, pelo *construtivismo*. [...] Construtivismo é a perspectiva segundo a qual *o modo pelo qual o mundo material forma a , e é formado pelo, ação e interação humana depende de interpretações normativas e epistêmicas dinâmicas do mundo material.* (ADLER, 1999, p. 205).

Ao considerar o construtivismo como uma via média, um meio-termo entre as abordagens racionalista e reflexivista<sup>31</sup> (que Adler chama de interpretativista) tanto o trecho de Zehfuss (2002) quanto o de Adler (1999) citados acima demonstram o rompimento parcial que o construtivismo perfaz em relação às teorias positivistas do neorealismo e neoliberalismo. Para se compreendê-lo, entretanto, é necessário aprofundar a discussão nos

<sup>30</sup> Thus Wendt wants to position himself *between* the rationalist and the reflective camps as defined by Robert Keohane. He aims to find a ‘via media’ between the mainstream and so-called postmodern approaches”. Tradução do autor.

<sup>31</sup> Pelo uso e aplicação do termo, percebe-se que tanto Wendt quanto Adler enxergam o construtivismo de modo diferente da maneira empregada por Keohane. Se para este último a abordagem construtivista é parte do escopo reflexivista, para Wendt e Adler ela encontra-se entre na metade do caminho entre racionalismo e reflexivismo, apresentando características de ambos. O presente trabalho tem compromisso em mostrar as posições dos dois autores, considerando porém mais adequada a posição de Keohane, inserindo assim o construtivismo no rol das abordagens reflexivistas / pós-positivistas.

principais pontos que permeiam a visão de mundo construtivista, a saber: a noção de natureza humana e ação social, a realidade como socialmente construída, a estrutura do sistema internacional, bem como os conceitos de identidade e de representação social.

Em primeiro lugar, Wendt (1992) considera errônea a transposição [neo]realista da lógica individual (hobbesiana) para o ambiente internacional<sup>32</sup>. Neste ponto, sua discordância envolve tanto realistas clássicos quanto neorealistas. Em relação aos primeiros, Wendt não atribui a ação dos atores à natureza humana, a uma tendência ‘natural’ de se agir. A ação, para ele, é fruto da interação humana, e somente através dela adquire significado. (ADLER, 1999; BERGER; LUCKMANN, 1966). Quanto aos últimos, Wendt critica o excessivo foco na materialidade advogado pelo neorealismo. O autor considera ser o neorealismo incapaz de explicar mudanças estruturais, posto que elas - nessa visão - somente seriam fruto de uma redistribuição das capacidades (materiais) dos Estados.

De maneira ampla, Wendt (1992, 1999) advoga que a noção de realidade é socialmente construída, fruto da interação entre os agentes e a interpretação que perfazem do mundo. A posição se expressa de forma clara no título de sua obra, ao considerar que a anarquia é o que quer que os Estados interpretem sobre ela. Tal interpretação, por sua vez, estará sempre baseada na estrutura ideacional compartilhada pelos atores. Wendt não rompe com o conceito de realidade exterior e objetiva, mas propõe uma nova forma de analisá-la. Em outras palavras, é a estrutura social de um período que condiciona o entendimento daqueles envolvidos a compreender a realidade de determinada maneira.

No que tange à estrutura do sistema internacional, o autor é categórico ao considerar não somente sua existência, como também seus efeitos sobre os atores, dando forma a seus interesses e influenciando seus comportamentos. Quanto a esse ponto, cabe ressaltar a proximidade que a abordagem wendtiana guarda com o neorealismo waltziano. Para ambos a ação dos atores é balizada e constrangida por uma estrutura. Ela, entretanto, adquire contornos diferentes para esse em relação àquele. Para Waltz, a estrutura do sistema internacional é formada pela distribuição das capacidades - materiais - entre os Estados. Para Wendt (1999), no entanto, tal distribuição somente adquire significado a partir da ótica, da identidade de cada ator. A estrutura wendtiana assim, adiciona a dimensão ideacional à materialidade, que

---

<sup>32</sup> De maneira geral, Wendt sofreu grande influência de Hedley Bull (da chamada Escola Inglesa de Relações Internacionais), especialmente por sua posição naquele que ficara conhecido como “debate periférico”, travado majoritariamente por Bull e Kaplan, sintetizada no artigo *International Theory: The Case for a Classical Approach* (1966), referenciado ao final desta obra.

só adquire sentido por meio dessa. Por conseguinte, a continuidade no construtivismo da noção de uma estrutura que determina a ação é ponto de relevo na análise do construtivismo enquanto teoria pós-positivista. O trecho a seguir ilustra não somente o supracitado como o não rompimento com a noção de materialidade:<sup>33</sup>

Do modo que vejo, no entanto, o construtivismo social não pode ser reduzido somente ao idealismo. Ele também se relaciona com o estruturalismo e com o holismo. Estruturas têm efeitos que não podem ser reduzidos aos agentes. [...] **A estrutura de qualquer sistema social irá conter três elementos: condições materiais, interesses e ideias.** Sem ideias não há interesses, sem interesses não existem condições materiais significativas, e sem condições materiais não existe nenhuma realidade. A tarefa de teorizar sobre a estrutura deve fundamentalmente ser aquela de mostrar como os elementos de um sistema encaixam-se em um todo. (WENDT, 1999, p. 139, tradução nossa, destaque nosso).<sup>34</sup>

Em *Social Theory* (1999), Wendt postula que Waltz - em sua obra *Teoria das Relações Internacionais* (1979) - acerta ao enfatizar a relativa autonomia conferida à estrutura (determinada pela anarquia, que atua como seu motor) em relação ao funcionamento do sistema. No entanto, para Wendt, a estratégia de Waltz ao fazê-lo erra o alvo à medida em que, para Waltz, pode-se haver somente um nível de estrutura no sistema internacional, tendo ela existência e efeitos descolados da interação entre os Estados. Wendt afirma não haver lógica na anarquia *per se*, impossibilitando por conseguinte a reificação do conceito de estrutura, separado da noção de agentes e suas práticas. (WENDT, 1999). Tal posição encontra eco também na reconfiguração do dilema de segurança, que para Waltz, é inescapável - dada a atual estrutura - e está sempre presente no cálculo racional dos Estados.

Entretanto, o principal conceito da teoria construtivista de Wendt - e que o distancia do racionalismo positivista neorrealista e neoliberal - é o de identidade:

Racionalistas podem admitir que o comportamento muda, mas eles consideram as propriedades dos atores, tais como sua identidade, externas e prévias ao processo de política internacional. O conceito de identidade é empregado para estabelecer a diferença do racionalismo. A alternativa construtivista apresentada por Wendt

<sup>33</sup> Mostrando-se por conseguinte sua clivagem em relação ao pós-modernismo.

<sup>34</sup> As I see it, however, social constructivism is not just about idealism. It is also about structuralism and holism. Structures have effects not reducible to agents. [...] The structure of any social system will contain three elements: material conditions, interests and ideas. Without ideas there are no interests, without interests there are no meaningful material conditions, without material conditions there is no reality at all. In the end for any given social system there is just structure, in the singular. The task of structural theorizing ultimately must be to show how the elements of a system fit together into some kind of whole.

revolve em torno da construção da identidade. (ZEHFUSS, 2002, p. 38, tradução nossa).<sup>35</sup>

Central à teoria de Wendt, a identidade dos atores é responsável por suas motivações e comportamentos (WENDT, 1992; ZEHFUSS, 2002). Assim, o modo pelo qual a anarquia e a noção de ameaça, por exemplo, são encaradas depende, em grande medida, da identidade dos atores em questão. Identidades essas que estão sujeitas a mudanças durante o processo de interação, e não somente o comportamento (WENDT, 1992, 1999; ZEHFUSS, 2002), ponto que o distancia do racionalismo positivista de Waltz e Mearsheimer:

**Ambos construtivismo e neorealismo partilham do pressuposto que interesses implicam escolhas, mas o neorealismo vai adiante, assumindo que Estados possuem interesses *a priori*.** Tal pressuposição homogeneizante é possível somente quando se nega que interesses são produtos das práticas sociais que mutuamente constituem atores e estruturas. **Dado que interesses são o produto da identidade, [...] e que identidades são múltiplas, a lógica construtivista exclui a aceitação de interesses pré-determinados.** [...] Ao fazer dos interesses uma variável central, o construtivismo explora não só como interesses particulares são criados, mas também o porquê de vários outros não o serem. (HOPF, 1998, p. 176, tradução nossa, destaque nosso).<sup>36</sup>

A noção de identidade formada a partir da interação, contudo, não nasce com Wendt. O autor, para construí-la e aplicá-la às relações internacionais utiliza muitos conceitos do chamado Intercionismo Simbólico<sup>37</sup>, corrente da Sociologia que tem como principais contribuintes George Herbert Mead, Herbert Blumer, Berger e Luckmann e Erving Goffman. Basicamente, o interacionismo simbólico confere papel de relevo à interação social como forma de construção do *self* de cada ator, que, a partir dele, se relaciona com seus pares por meio da representação social. Em outras palavras, os indivíduos se relacionam por meio dos papéis sociais que cada um representa, para si próprio e para o outro. (WENDT, 1992, 1999). Tal representação pode ser afim a cada um, ou pode existir também em equipe, quando por

<sup>35</sup> Rationalists may admit that behaviour changes but they consider the properties of actors, such as their identity, external and prior to the process of international politics. The concept of identity is employed to establish the difference from rationalism. The constructivist alternative presented by Wendt revolves around the construction of identity.

<sup>36</sup> Constructivism and neorealism share the assumption that interests imply choices, but neorealism further assumes that states have the same *a priori* interests. Such a homogenizing assumption is possible only if one denies that interests are the products of the social practices that mutually constitute actors and structures. Given that interests are the product of identity, [...] and that identities are multiple, constructivist logic precludes acceptance of pre-given interests. [...] By making interests a central variable, constructivism explores not only how particular interests come to be, but also why many interests do not.

<sup>37</sup> Em *Social Theory of International Politics* (1999), Wendt afirma que “The position I take is synthetic, combining elements primarily from structuration theory and symbolic interacionism” (WENDT, 1999, p. 143). Em português: “A posição que eu tomo é sintética, combinando elementos primariamente da teoria da estruturação e do interacionismo simbólico”. Tradução nossa.

exemplo uma coletividade passa a compartilhar valores entre si e a pautar seu comportamento por eles, seja sem questioná-los, seja considerando-os válidos e adequados.

Para compor sua teoria construtivista das relações internacionais, Wendt faz uso do conceito de representação - bem como da representação em equipe presentes no interacionismo simbólico -, transpondo-o para o ambiente internacional. Assim, tal como indivíduos representam nas relações que mantêm entre si, também Estados tendem a agir como uma grande coletividade com noções e valores comuns. Estados, nessa visão, possuem sua identidade, e por meio dela atuam no sistema internacional. A identidade é a lente pela qual um Estado consegue enxergar e dar sentido à realidade. (HOPF, 1998; WENDT, 1999). O construtivismo de Wendt mostra dessa forma sua faceta que mescla holismo e idealismo, ao considerar o efeito da estrutura sobre os agentes (WENDT, 1999, ZEHFUSS, 2002), bem como o efeito sobre a estrutura das práticas dos agentes.<sup>38</sup>

Semelhante ênfase à ação dos agentes na configuração das práticas sociais é dada por Nicholas Onuf em suas *magnum opus A Constructivism Manifesto* (1997) e *Worlds Of Our Own Making* (2002). Onuf, no entanto, distancia-se de Wendt ao não conferir tamanha ênfase à estrutura, advogando que a expressão ‘arranjos sociais’ perfaz melhor escolha para o conceito que se busca transmitir. (ONUF, 1998).

O cerne das proposições de Onuf e sua principal contribuição ao campo das Relações Internacionais é, entretanto, o conceito de ‘atos de fala’. Para Onuf, a grande variável que molda o comportamento de cada ator e interfere em sua representação social é a fala, mais do que sua ação:

O ato de falar de uma forma que force alguém à ação é comumente chamado de ato de fala. [...] Constantemente repetido, o velho ato de fala torna-se *convenção* na medida em que todos passam a acreditar que as próprias palavras, e não os falantes que as pronunciam, são responsáveis pelo que acontece. [...] Convenções chegam perto de serem regras. Vale lembrar que regras informam aos agentes o que eles

---

<sup>38</sup> Maja Zehfuss (2002) faz uma série de críticas ao construtivismo de Wendt. Dentre as principais, ela aponta o fato de Wendt praticamente desconsiderar a constituição da identidade antes da interação entre os atores, bem como sua descrição da identidade enquanto conceito estável (mesmo que passível de mudança, essa seria somente de uma identidade estável para outra). A autora também faz reservas à noção de ‘realidade socialmente construída’ do autor. Para ela, Wendt (1992; 1999) mostra em verdade um compromisso implícito com o positivismo, pois a realidade por ele descrita não seria de fato ‘socialmente construída’. Ela existiria independente dos indivíduos, somente sua interpretação sendo construída por meio da interação social. Talvez a maior reserva de Zehfuss (2002) no entanto - e melhor detalhado mais adiante - refira-se à ausência no construtivismo wendtiano da discussão acerca do papel da linguagem na construção da identidade dos atores.

devem fazer. Uma convenção relembra os agentes do que eles sempre fizeram. (ONUF, 1998, p. 66, tradução nossa).<sup>39</sup>

Nesse sentido - e transpondo a lógica para as relações internacionais - Estados constroem sua identidade tendo por base o discurso acerca de valores e percepções comuns, mais do que os próprios valores e percepções observados por uma ótica empiricista. A construção de tal discurso, para Onuf, está intimamente relacionada com os atos de fala. Ao descrevê-los, o autor os subdivide em três categorias, relacionadas à função que eles têm ao constranger e modificar o comportamento de cada ator. Assim, eles podem instruir, direcionar ou gerar comprometimento nos atores. (ONUF, 1998, p.68). O que irá nortear os seus comportamentos permeando sua atuação na sociedade, para Onuf, é o discurso que se cria sobre a realidade a partir de tais atos de fala: “Ideias hegemônicas tipicamente reforçam a noção de hierarquia formal. O resultado é autoridade, por convenção definida como controle legítimo.” (ONUF, 1998, p. 76, tradução nossa).<sup>40</sup>

Ao tratar da autoridade, Onuf considera impossível sua dissociação das regras compartilhadas, que por sua vez estão diretamente ligadas aos atos de fala. Como nota Ashley (1988), Onuf é um dos primeiros autores do campo a problematizar o conceito de anarquia e seus efeitos sobre os atores. Se para Wendt “a anarquia é o que os Estados fazem dela” (WENDT, 1999), Onuf considera que a existência de regras no sistema internacional capazes de subordinar Estados constrangendo-os à ação é mostra que a ausência de hierarquia formal não necessariamente significa anarquia. A realidade, para Onuf, é criada a partir do momento em que atos de fala proferidos são capazes de influenciar o comportamento em um determinado ator, alterando sua condição inicial. Tais atos possuem pesos diferentes para locutores diferentes, somente reforçando as noções de imposição e hierarquia discutidas pelo autor. (ONUF, 1998).

Dessa maneira, pode-se observar que o construtivismo de Onuf tem sua articulação assentada na fala enquanto motor criador da realidade ao conferir-lhe sentido. A identidade do ator, para Onuf, existe e é recriada através da fala. Essa, por sua vez, é outra diferença entre o

---

<sup>39</sup> The act of speaking in a form that gets someone else to act is commonly called a speech act. [...] Constantly repeated, the same old speech acts turn into *convention* as everyone comes to believe that the words themselves, and not the speakers mouthing them, are responsible for what happens. [...] Conventions come close to being rules. Recall that rules tell agents what they should do. A convention reminds agents what they have always done.

<sup>40</sup> Hegemonical ideas typically reinforce formal hierarchy. The result is *authority*, conventionally defined as legitimate control.

autor e Wendt. Esse, ao desenvolver sua teoria, deixa-a firmemente ancorada no conceito de identidade e maneira pela qual essa identidade orienta e confere significado à ação de cada indivíduo - ou Estado. Entretanto, passa praticamente despercebida em Wendt a discussão do modo pelo qual é construída, é forjada a identidade de cada ator. A ausência dessa problematização delinea de forma mais clara o motivo de o construtivismo wendtiano não romper de forma definitiva com o positivismo. (ZEHFUSS, 2002).

Pela análise de sua obra e pelo exposto acima, é perceptível a importância que Onuf confere ao discurso, sendo um dos responsáveis por trazer ao construtivismo a necessidade de se tê-lo em conta, analisá-lo e conferir-lhe papel expressivo na construção da realidade. Com essa postura, o autor vai além da noção wendtiana de construção social da realidade, razão pela qual é via de regra considerado - dentre os construtivistas - como talvez o mais próximo do pós-estruturalismo.

Para Zehfuss, observa-se desse modo a grande clivagem entre Onuf (e sua ênfase na linguagem enquanto construtora de regras e convenções) e Wendt no momento em que - a despeito de assentar sua teoria no interacionismo simbólico - esse último não se debruça em profundidade sobre o papel e efeito da linguagem sobre a ação:

**Os atores de Wendt não falam. Eles apenas gesticulam uns aos outros.**[...] O problema é que, para poder refletir e interpretar, atores têm que ser capazes de usar a linguagem. **Wendt não investiga, ou sequer menciona, o papel da linguagem nesse contexto.** [...] Os atores de Wendt não conseguem comunicar-se sobre seu comportamento, eles comunicam-se *através* do seu comportamento. Portanto, levando a abordagem de Wendt a sério, a análise deve focar no comportamento que pode ser compreendido sem um contexto linguístico. (ZEHFUSS, 2002, p. 49, tradução nossa, destaque nosso).<sup>41</sup>

Fazendo poucas aparições no construtivismo wendtiano, a linguagem passa ao foco com Onuf e suas noções de atos de fala. É contudo somente com o pós-modernismo que ela será desconstruída, assim como as noções de racionalidade, progresso humano, e objetividade do conhecimento.

---

<sup>41</sup> Wendt's actors do not speak. They only signal each other. [...] The problem is that, in order to be able to reflect and interpret, actors have to be capable of using language. Wendt does not investigate, or even mention, the role of language in this context. [...] Wendt's actors cannot communicate about their behaviour; they communicate *through* their behaviour. Thus, taking Wendt's approach seriously, analysis must focus on behaviour that can be grasped without a linguistic context.

### 2.4.2 O pós-estruturalismo

Comumente considerada como responsável pela chamada ‘virada pós-moderna’, a corrente pós-estruturalista nas Relações Internacionais é fruto dos questionamentos trazidos pelo paradigma pós-positivista contidos na noção de pós-modernidade descritos na seção 2.2.2. Na verdade, como observam Resende (2011) e Best e Kellner (1991), a relação entre os termos pós-modernidade, pós-modernismo e pós-estruturalismo é por vezes confusa e merece atenção quanto à delimitação conceitual:

O pós-estruturalismo forma parte da matriz da teoria pós-moderna, [...] nós devemos interpretar o pós-estruturalismo como um subconjunto de uma ampla gama de tendências culturais e sociais, as quais constituem os discursos pós-modernos. Portanto, para nós a teoria pós-moderna é um fenômeno mais inclusivo que o pós-estruturalismo [...] E de fato, a teoria pós-moderna apropria-se da crítica pós-estruturalista da teoria moderna, a radicaliza, e a estende a novo campos teóricos. (BEST; KELLNER, 1991, p. 25-26, tradução nossa).<sup>42</sup>

Destarte, considera-se o pós-modernismo um movimento mais amplo de contestação dos ideais da modernidade, como observado por Hansen (2006) e Waever (2002). O pós-estruturalismo, por sua vez, designa um conjunto de críticas originadas na linguística e na teoria social e questiona o conceito de estrutura enquanto modelo de análise nas ciências sociais. O fato de ambos compartilharem posição frontalmente contrária a todo o conjunto de teorias positivistas dominantes em Relações Internacionais, de maneira geral, contribui para os termos amiúde serem usados de maneira intercambiável. A pós-modernidade, por sua vez, abarca de forma genérica o período que se entende posterior à modernidade, correspondendo para alguns ao século XX, para outros ao pós-Segunda Guerra Mundial, e para outros além ao pós-Guerra Fria (RESENDE, 2011).

Apesar de afim ao construtivismo no que tange ao papel do discurso na interação social (especialmente a vertente proposta por Onuf), o pós-estruturalismo pode ser visto como o ponto de definitivo rompimento com a noção dominante até então de separação entre real e ilusório, ideia e concretude, discurso e mundo material. Apesar de focar na maneira como

---

<sup>42</sup> Poststructuralism forms part of the matrix of postmodern theory, [...] we shall interpret poststructuralism as a subset of a broader range of theoretical, cultural and social tendencies which constitute postmodern discourses. Thus, in our view, postmodern theory is a more inclusive phenomenon than poststructuralism [...] Indeed, postmodern theory appropriates the poststructuralism critique of modern theory, radicalizes it, and extends it to new theoretical fields.

é percebida, o construtivismo ainda assume e corrobora a ideia de uma realidade material externa ao indivíduo, existente independente de sua vontade ou interpretação.

Subdividida em três partes, esta seção tem por objetivo demonstrar a maneira pela qual tal rompimento é concebido e implementado, apresentando o pós-estruturalismo enquanto corrente teórica<sup>43</sup> e área de conhecimento dentro do campo das Relações Internacionais.

#### ***2.4.2.1 Antecedentes do pós-estruturalismo***

De modo a se compreender a abordagem pós-estruturalista, faz-se necessário antes apresentar a corrente que lhe antecede e em contraste à qual ela se define. Enquanto vertente metodológica das Ciências Sociais, o estruturalismo tem raízes e encontra espaço no âmbito do paradigma positivista, sendo seu apogeu o período entre o fim da Segunda Guerra Mundial e a queda do muro de Berlim (mormente as décadas de 1950 e 1960). Com expoentes como Lévi-Strauss, Barthés, Jakobson e Althusser, proponentes do estruturalismo acreditavam que um determinado sistema - dentre eles o social - era formado pela interação de partes em um todo, as quais atuavam tendo por base sistemas de regras e códigos que orientavam o comportamento.

[o estruturalismo] É essencialmente uma atividade. O objetivo de toda a atividade estruturalista é reconstruir um objeto, de modo a manifestar nessa reconstituição as regras de funcionamento desse objeto. A estrutura é, pois, de fato, um simulacro do objeto. (BARTHES apud DOSSE, 2007, v. 1, p. 277)

A busca pelas leis que regem o funcionamento de um sistema é característica basal do estruturalismo, em especial aquelas que - nessa visão - estão arraigadas na sociedade e funcionam como a engrenagem que a move, constringendo todos os envolvidos. A revolução estruturalista, como ficou conhecida, via na razão, coerência, objetividade e rigor científico o caminho para o descobrimento das verdades que estariam por trás de suas teorias. A subjetividade humana era descartada ou tratada como mero adereço, que por sua vez poluía a análise e privava-lhe de rigor. (MUSSALIM; BENTES, 2006; PETERS, 2000; WILLIAMS,

---

<sup>43</sup> Na verdade, considerar o pós-estruturalismo enquanto teoria de Relações Internacionais é motivo de certa contestação por alguns dos próprios autores da área. Para eles, o termo 'teoria' porta consigo não somente a noção de 'corrente', de 'linha de pensamento' como também as ideias positivistas de empiria e observação da realidade com vistas à estruturação do conhecimento em leis universais e generalizantes. Para muitos, dessa maneira, o termo mais apropriado para designar os conceitos pós-estruturalistas enquanto metodologia de análise seria a expressão 'abordagem'. (DEVETAK, 2005).

2005). Consoante com o trecho de Barthés acima, Lévi-Strauss reforça no excerto abaixo a natureza não filosófica e primeiramente metodológica da abordagem estruturalista. A grosso modo, pode-se afirmar que o cerne de suas proposições situa-se não tanto no campo da ontologia, mas especialmente da epistemologia:

[...] o estruturalismo não é uma doutrina filosófica, mas um método. Coleta fatos sociais na experiência e os transporta para o laboratório. Aí, esforça-se por representá-los sob a forma de modelos, tomando sempre em consideração não os termos, mas as relações entre os termos. (LÉVI-STRAUSS apud DOSSE, 2007, v. 2, p. 112).

Resguardadas generalizações, boa parte dos desenvolvimentos do estruturalismo citados acima é advinda das proposições de Ferdinand de Saussure e seus trabalhos com a linguística (que forma junto com a antropologia e a sociologia os principais *loci* de penetração da abordagem). Ao expor sua análise acerca da língua e seu estudo, o suíço acabou conferindo corpo e trabalhando a musculatura do estruturalismo enquanto vertente e método analítico.<sup>44</sup> Norris (2002, p. 25, tradução nossa)<sup>45</sup> postula que “[...] o estruturalismo partiu da ideia de Saussure que todos sistemas culturais - não somente a linguagem - poderiam ser estudados de um ponto de vista ‘sincrônico’ que colocaria em evidência seus vários níveis relacionados de atividade de significação.”

Ao elucidar as ideias de Saussure, Johnathan Culler em *On Deconstruction: Theory and Criticism after Structuralism* (1983) ressalta três importantes proposições de sua obra, as quais tornaram-se mais tarde o cerne da linguística estruturalista: o caráter arbitrário do signo, a separação da *langue* da *parole*, e a natureza inerentemente social da linguagem.

Em relação ao primeiro ponto, Saussure (2006) afirmava que a língua poderia ser entendida como um sistema fechado de sinais que expressam ideias, em uma relação estável e de forma ordenada. No processo de comunicação e construção de sentido, para o autor, atuam sempre dois polos: o conceito e sua imagem acústica, que pode ser entendida como “[...] uma impressão psíquica de um determinado som e seu caráter seria mais sensorial que

<sup>44</sup> Cabe neste ponto certo esclarecimento. Apesar de ser considerado expoente da corrente estruturalista, Saussure quase não utilizava o termo estrutura, preferindo por sua vez a noção de sistema. Desse modo, as ideias e proposições do autor são descritas pelo próprio como sistêmicas. O fato de ser considerado um dos principais nomes do estruturalismo deve-se à utilização de seus trabalhos com a linguística como um dos pilares de sustentação e ponto de partida de uma série de outros conceitos, os quais vieram mais tarde a ser reunidos sob a referida denominação. Assim, dentre os vários postulados propostos por Saussure, o rótulo de ‘estruturalista’ não deve ser visto como um deles.

<sup>45</sup> [...] structuralism took over from Saussure the idea that *all* cultural systems – not only language – could be studied from a ‘synchronic’ viewpoint which would bring out their various related levels of signifying activity.

propriamente material.” (MENDES, 2008). Dito doutra maneira, a imagem acústica seria a palavra (seja ela escrita ou oral), o modo pelo qual se externaliza e se comunica a ideia trazida por um determinado conceito. Ambos conceito e imagem acústica atuam em uma condição bidirecional, não havendo entre eles uma relação de causalidade. A essa junção dá-se o nome de ‘signo’. Posteriormente, o autor passa a referir-se à imagem acústica como significante, e ao conceito como significado. O signo seria dessa maneira a junção entre o significante e o significado. Além disso, Saussure (2006) afirma também ser essa conexão arbitrária, posto que ela não refere-se a um objeto ou a uma suposta concretude material, mas a um conjunto de significados já estabelecidos. Não haveria, dessa forma, uma relação automática ou natural entre significante e significado:

[...] a idéia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à seqüência (sic) de sons m-a-r que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra seqüência (sic), não importa qual; como prova, temos as diferenças entre línguas e a própria existência de línguas diferentes: o significado da palavra francesa *boeuf* (“boi”) tem por significante *b-ö-f* de um lado da fronteira franco-germânica, e *o-k-s* (*Oclus*) do outro. (SAUSSURE, 2006, p. 81-82).

Dessa forma, Saussure postula que o sentido de uma palavra não poderia ser construído por referência a um objeto ou ao chamado ‘mundo real’, mas sim em relação a outros conceitos, dos quais se diferencia. É exatamente nesse ponto que reside a arbitrariedade: no descolamento da construção do significado de quaisquer amarras ao mundo físico. Ao estudar a linguística e a maneira pela qual se estabelece a comunicação, Saussure distanciou-se da noção de que a língua é um mero reflexo ou representação da realidade. (CULLER, 1983, 1999; DOBIE, 2015; SAUSSURE, 2006).

Importante para a explanação de Saussure sobre o sistema linguístico é o conceito de signo, o qual ele descreve como composto por duas partes: **uma construção escrita ou sonora, conhecida como *significante*, e seu significado, chamado *significado*. A forma falada ou escrita de chapéu, por exemplo, é o significante. O conceito que vem à sua cabeça ao ouvi-lo ou escutá-lo é o significado.** Com a introdução desses termos e a teoria subjacente, Saussure transformou a noção de o que é uma palavra. Ele tornou impossível falar de uma palavra enquanto um símbolo que representa algo que lhe é externo, como era convencionalmente conhecido. **Por que o significante não se refere a algum objeto no mundo mas a um conceito na mente, é a linguagem, e não o mundo externo a nós, a mediadora de nossa realidade. Nós vemos somente o que ela nos permite, tanto dentro quanto fora de nós mesmos.** Ela estrutura a nossa experiência. Considere, por exemplo, como falantes de diferentes línguas tendem a ter visões diferentes do mundo. Eles veem o

mundo através de estruturas diferentes. (DOBIE, 2015, p. 141-142, tradução nossa, destaque nosso).<sup>46</sup>

Uma segunda característica de Saussure é a separação que o autor faz entre a língua (*langue*) e a fala (*parole*). Para ele, a *langue* compreende todo o sistema da linguagem em si, bem como suas estruturas e modo de funcionamento. Já a *parole* seria a mera externalização desse sistema pela fala. Na visão de Saussure, a segunda se subordina à primeira, uma vez que sem a língua e o sistema da linguagem como um todo não existiriam quaisquer possibilidades de construção de sentido. (CULLER, 1983; SAUSSURE, 2006). A fala é relegada à marginalidade, sendo considerada externa ao sistema linguístico. A escrita, por sua vez, estaria em posição ainda inferior, subordinada à fala. O texto, dessa forma, seria a mera representação gráfica daquilo que fora expresso pelos sons. É o logocentrismo tornado possível pelo fonocentrismo. (MENDES, 2008).

O terceiro ponto - o caráter social da linguagem - é também tido como uma das principais contribuições do autor ao estudo da linguística. Neste ponto, Saussure afirma que a linguagem possui duas características básicas: ela é sincrônica, no sentido que seu sistema atua a todo momento na construção do sentido, possibilitando a comunicação; e ela também é diacrônica, uma vez que esse mesmo sistema se altera com o tempo, mudando a conotação das palavras e atribuindo-lhes novos significados. (SAUSSURE, 2006). O ineditismo de se inserir a sociedade e seu papel na formação do sentido e na operacionalização de uma linguagem conferem ao autor a posição de destaque de que goza até a atualidade. CULLER, 1983).

Dadas as contribuições de Saussure ao estudo da língua e sua utilização - bem como sua influência que se estendera a autores como os mencionados Lévi-Strauss, Lacan e Althusser -, a partir da década de 1960 autores como Jacques Derrida, Jean Baudrillard e Jean-françois Lyotard puseram-se a questionar os desenvolvimentos do estruturalismo de então. A principal crítica desferida aos estruturalistas era contra a sua defesa intransigente do

---

<sup>46</sup> One of the concepts important to Saussure's explanation of the language system is that of signs, which he describes as composed of two parts: a written or sound construction, known as the signifier, and its meaning, called the signified. The spoken or written form of *hat*, for example, is a signifier. The concept that flashes into your mind when you hear or read it is the signified. With the introduction of these terms, and the theory underlying them, Saussure transformed the sense of what a word is. He made it no longer possible to speak of a word as a symbol that represents a thing outside it, as it had conventionally been known. Because a signifier does not refer to some object in the world but to a concept in the mind, it is language, not the world external to us, that mediates our reality. We see only what it allows us to see both outside and inside ourselves. It structures our experience. Consider, for example, how speakers of different languages tend to have differing views of the world. They see the world through different structures.

rigor científico por meio da busca de relações estáveis de significado. Esse movimento ficou conhecido como pós-estruturalismo:

O pós-estruturalismo não é ‘pós’ no sentido de este ter eliminado o estruturalismo, é ‘pós’ somente no sentido de vir depois e ter buscando ampliar o estruturalismo em sua direção correta. **O pós-estruturalismo é uma crítica ao estruturalismo feita a partir de seu interior:** isto é, ele volta alguns dos argumentos do estruturalismo contra si próprio e aponta certas inconsistências fundamentais em seu método, as quais os estruturalistas ignoraram. (STURROCK, 2003, p. 122-123, tradução nossa, destaque nosso).<sup>47</sup>

Como se verá adiante, contudo, o pós-estruturalismo, partindo de uma crítica ao estruturalismo e aos sistemas linguísticos fechados de Saussure, não objetiva sua negação, sob o risco de encontrar-se imerso nas mesmas condições das quais discorda.

#### ***2.4.2.2 O pós-estruturalismo e a realidade como discurso***

De maneira geral, pós-estruturalistas discordavam da construção de sentido por meio da oposição binária entre significante e significado proposta por Saussure, sob o argumento que o significado, na verdade, jamais poderia ser capturado em sua completude. O que existiria seria um constante processo de ressignificação em que o significado está imerso:

Para pós-estruturalistas [...] o significado é só um momento em um interminável processo de significação no qual o sentido é produzido não em uma relação estável e referencial entre sujeito e objeto, mas somente dentro de um jogo infinito e intertextual de significantes. (BEST; KELLNER, 1991, p. 21, tradução nossa).<sup>48</sup>

Assim, o pós-estruturalismo não considera - como o faz Saussure - que o sistema da linguagem se mantém por meio de estruturas coerentes de correlação de sentidos. Advoga-se que o sistema se sustenta por meio da negação e da repetição. Nessa visão, seria a repetição incessante de um conceito a responsável por criar seu significado, ao mesmo tempo que desestabiliza sua estrutura, abrindo espaço para novas ressignificações. A instabilidade no

---

<sup>47</sup> Post-structuralism is not ‘post’ in these sense of having killed Structuralism off, it is ‘post’ only in the sense of coming after and of seeking to extend Structuralism in its rightful direction. Post- structuralism is a critique of Structuralism conducted from within: that is, it turns certain of Structuralism’s arguments against itself and points to certain fundamental inconsistencies in their method which Structuralists have ignored.

<sup>48</sup> For poststructuralists [...] the signified is only a moment in a never-ending process of signification where meaning is produced not in a stable, referential relation between subject and object, but only within the infinite, inter-textual play of signifiers.

significado é que caracteriza o cerne da estrutura, e não seu oposto. (BEST; KELLNER, 1991; CULLER, 1983; DERRIDA, 1995).

Ao criticar o estruturalismo ‘por dentro’, o pós-estruturalismo confere outra ótica às ideias de Saussure, invertendo-as, dando primazia ao significante e mostrando o dinamicismo e instabilidade inerentes a todo o esquema de construção de significados. Ao criticar o modelo estruturalista, Derrida afirmava que “Ser estruturalista é prender-se em primeiro lugar à organização do sentido, à autonomia e ao equilíbrio próprio, à constituição acabada de cada momento, de cada forma; é recusar deportar para a categoria de acidente aberrante tudo o que um tipo ideal não permite compreender”. (DERRIDA, 1995, p. 47).

Analisando-se mais a fundo as críticas de Derrida à Saussure, observa-se que um de seus pilares revolve em torno da dicotomia dentro/fora e a maneira pela qual a noção de limite é entendida. Para Derrida (1973; 1995), Saussure (2006) articula sua posição tomando por pressuposto a existência de um núcleo, um cerne, donde advém uma verdade, um conhecimento a ser codificado. Ao erigir uma cerca dividindo tal núcleo, define-se à reboque sua periferia. Tal movimento é caracterizado, na visão derridiana, por um cristalino etnocentrismo metafísico, que perfaz um julgamento moral de um termo em detrimento do outro. Em verdade - e fazendo-lhe contrapeso - seria um limite que, linguística e arbitrariamente definido, informa o que lhe integra e o que lhe é estranho.<sup>49</sup> O conceito não existe assim antes de sua definição. Em suas próprias palavras, “[...] um limite não se toca.” (DERRIDA, 2000, p. 19, tradução nossa).<sup>50</sup>

De volta à Saussure, percebe-se como o autor instrumentaliza a dicotomia dentro/fora na diferenciação do mundo material do mundo das ideias. A linguagem, seria, desse modo, parte da realidade, inerente ao indivíduo e à verdade do ser. Em oposição estaria a escrita, à qual cabia a periferia, à mera representação, simples reflexo da concretude do real. Seria a

---

<sup>49</sup> Um exemplo de como a questão do estabelecimento de limites perpassa toda a construção cognitiva pode ser observado analisando-se a etimologia da palavra francesa para ‘estrangeiro’: *étranger*. Há que se notar, contudo, que *étranger* é - além da tradução imediata de ‘estrangeiro’ - a qualidade daquele que é *étrange* (estranho). Em outras palavras, a noção francesa de algo estrangeiro perpassa inevitavelmente a noção de um corpo estranho à comunidade ou àquele lugar, fora dos limites conhecidos e compartilhados. É particularmente interessante o uso do termo uma vez que ele dá nome a uma obra de relevo do escritor Albert Camus: *L'Étranger*. Dada a especificidade da formação do conceito na língua francesa, poderiam ser esperados percalços em sua tradução, o que de fato vem a ocorrer analisando-se as versões americana e britânica. Dada a impossibilidade de articulação dos dois conceitos na mesma palavra, cada lado do Atlântico fez a opção por um: a versão americana foi traduzida como *The Stranger* (O Estranho), ao passo que à britânica foi conferido o título *The Outsider* (aquele que vem de fora, forasteiro).

<sup>50</sup> Une limite ne se touche pas.

linguagem a fidedigna portadora da vontade do autor, ao passo que à escrita cabia o papel de representá-la. (CULLER, 1983; WILLIAMS, 2005).

Tal lógica, no entanto, é criticada por Derrida (1973, 1995, 2002), sob basicamente dois argumentos: a) de que ela somente se sustentaria mediante a aceitação da dicotomia dentro/fora, com a subsequente valorização de tudo aquilo que estava ‘dentro’ - pertencente à linguagem - em detrimento daquilo que lhe era externo - a escrita; e b) de que a arbitrariedade dessa relação - e conseqüentemente sua falácia -, também poderia ser aplicada no caso da escrita enquanto representativa da fala. Em outras palavras, enquanto significante do próprio significante. Para Derrida, a posição de Saussure mostra-se incoerente na medida que não faria sentido ser a escrita depreciada, subvalorizada enquanto externa e artificial, sendo que ela própria, para Saussure, seria um produto da linguagem (por sua vez interna ao sistema, natural e harmônica).

Para Derrida, nenhuma dessas proposições é passível de sustentação sem que se proceda a um julgamento moral da dicotomia dentro/fora, valorizando seu interior e subjugando o que lhe é visto como externo. (DERRIDA, 1973; 1995). Em suma:

Uma nova abordagem sobre a relação entre escritura e linguagem estaria no descentramento desta e revalorização do papel da primeira. A escrita não seria apenas uma representação do mundo, ou instrumento de comunicação de verdades de um sujeito racional. O próprio mundo estaria inserido na representação gráfica. A escritura seria a dimensão que tudo engloba, inclusive a linguagem. Uma vez que o ser humano somente tem acesso às imagens acústicas do conceito, a própria noção de conceito estaria contida na sua imagem acústica. A crença de um conceito cuja existência fosse independente do seu significante somente se sustenta a partir de uma visão metafísica do mundo. Representar o significado significa dar sentido de presença ao mesmo. Não existiria nada além da própria representação. [...] Portanto, se a relação entre significante e significado pode ser reduzida à mera presença daquele primeiro termo, o significante seria já o próprio significado. A imagem acústica de um conceito já é o conceito em si e a divisão saussureana destes termos não se sustentaria em bases objetivas. (MENDES, 2008, p. 138-139)

Pelo trecho acima, observa-se então o grande passo dado por Derrida (1973, 1995): ao denunciar o funcionamento da dicotomia dentro/fora e da crença metafísica de presença que ela engendra, demonstra-se que um indivíduo, durante o processo de construção de sentido, somente tem acesso ao significante, que passa então a conter o significado. A noção que se faz de um conceito - a sua representação - torna-se o conceito em si. Nada existe, assim, para além do texto. O texto é a própria realidade.

A grande virada linguística proposta pelo pós-estruturalismo e encampada pelo pós-modernismo configura-se então como uma quase liberdade nas relações de fala, não estando mais o significado restrito à ‘realidade’, mas atuando livremente em um contexto cultural e social. Entender a construção do discurso torna-se assim uma ferramenta crucial para o pós-estruturalismo uma vez que - sendo a interpretação a única maneira pela qual se tem acesso ao que seria real - sua análise torna-se sinônimo de analisar a própria realidade, a única que se tem acesso. (CAMPBELL, 1992; DERRIDA, 2001a, 2002; HANSEN, 2006; WILLIAMS, 2005).

#### **2.4.2.3 O pós-estruturalismo e a desconstrução**

Desconstruir uma oposição é mostrar que ela não é natural e nem inevitável mas uma construção, produzida por discursos que se apóiam nela, e mostrar que ela é uma construção num trabalho de *desconstrução* que busca dismantelá-la e reinscrevê-la - isto é, não destruí-la mas dar-lhe uma estrutura e funcionamento diferentes. (CULLER, 1999, p.122).

Retirado da obra de *Teoria Literária: Uma Introdução*, de Jonathan Culler (1999), o trecho acima revela um dos pontos centrais da proposta derridiana: a desconstrução. O conceito é - tanto para Mendes (2015) quanto para Arrojo (1992) - de difícil definição. Para o primeiro, a dificuldade de delimitação objetiva advém da própria lógica desconstrutivista, uma vez que para Derrida toda tentativa de delimitação conceitual é sempre fadada à incompletude, pois o máximo atingível serão somente novas releituras sobre determinado conceito (MENDES, 2015, p.51). Para Arrojo (1992), também não é tarefa fácil definir o significado de desconstrução, “talvez seja mais adequado dizer o que não é [...]: não é um método, nem uma técnica e nem tampouco um modelo de crítica que possa ser sistematizado e regularmente aplicado a teorias, textos ou conceitos”. (ARROJO, 1992, p. 9). Também Culler (1999) se debruça sobre a conceitualização da palavra, para quem a desconstrução pode ser vista como não um método, não como uma interpretação, nem como um projeto, mas antes uma estratégia. Para o autor, ela deve ser entendida como a busca pela desestabilização da estrutura de significados tão cara à metafísica ocidental. (CULLER, 1999; MENESES, 2013).

Tomada de maneira ampla, para se compreender a desconstrução faz-se necessário volver à linguística saussureana e seu sistema assentado na dicotomia significante/significado.

Resgatando as noções de Saussure, Derrida, considera que as oposições binárias sobre as quais sua teoria se assenta - por exemplo dentro/fora, belo/feio, claro/escuro - geram um reducionismo extremado, o qual por sua vez é fruto de uma arbitrariedade na construção das próprias oposições. Esses termos, em uma relação dialética, definem-se um ao outro, de modo que o entendimento do primeiro somente se perfaz com a consideração do segundo. Para Derrida, essa é a maneira pela qual o pensamento ocidental sempre fora estruturado. O uso de tais dicotomias e polaridades por um autor ou falante não deve, por conseguinte, ser tido como neutro ou livre de valores. Pelo contrário, tal oposição binária é feita de maneira a se privilegiar a noção de um termo em detrimento da construção cognitiva do outro. Mais ainda, ao primeiro termo é conferida a conotação positiva, ao passo que ao segundo é relegado o seu inverso, portanto a noção de negatividade, corrupção, uma versão degenerada do primeiro. (ZEHFUSS, 2002, p. 197).

Ela [a desconstrução] aprimora ao mesmo tempo que rompe com o estruturalismo, tornando a desconstrução uma dentre várias teorias pós-estruturalistas têm em comum a ideia de que, apesar de alguns princípios estruturalistas poderem ser usados para formar um novo entendimento da realidade, suas interpretações de textos são demasiado estáticas e imutáveis. [...] Onde os estruturalistas haviam fornecido um amplamente aplicável novo método de se chegar ao significado por meio da análise de códigos e regras subjacentes, a desconstrução declarou que o significado era essencialmente impossível de se decidir. [...] Pode-se encontrar muitos sentidos em um único texto, todos possíveis e todos substituíveis por outros. Ao invés de olhar para a estrutura, então, a desconstrução olha para lugares onde textos contradizem-se, e por conseguinte desconstroem-se. [...] O resultado é que um trabalho literário não pode mais possuir um sentido que uma autoridade (crítico ou autor) possui. Em vez disso, aceita-se que o significado como sendo o transbordamento de vários sistemas significantes dentro do texto que podem, inclusive, produzir sentidos contraditórios. (DOBIE, 2015, p. 142-143, tradução nossa).<sup>51</sup>

Revelando a autoridade inserida em um texto pela construção da sintaxe, a desconstrução ataca diretamente o estruturalismo da teoria de Saussure e seu sistema

---

<sup>51</sup> Deconstruction, a product of the late 1960s, took structuralist ideas about the nature of the sign, the importance of difference and binary oppositions, and the role of language in mediating experience and extended them, sometimes in ways that contradicted the theories of the structuralists. It both built on and broke with structuralism, making deconstruction one of several poststructuralist theories that find their commonality in the idea that although some structuralist principles can be used to form a new understanding of reality, their interpretations of texts are too static and unchanging. [...] Where the structuralists had provided a broadly applicable new method of arriving at meaning through an analysis of underlying codes and rules, deconstruction declared meaning to be essentially undecidable. [...] one can find many meanings in a single text, all of them possible and all of them replaceable by others. Instead of for structure, then, deconstruction looks for those places where texts contradict, and thereby deconstruct, themselves. Instead of showing how the conventions of a text work it shows how they falter. The result is that a literary work can no longer have one meaning that an authority (critic or author) can. Instead, meaning is accepted to be the outgrowth of various signifying systems within the text that may even produce contradictory meanings.

hermético de significado/significante. Ao propor-se desconstruir um texto, Derrida busca suas ambivalências, seus sentidos ocultos e sua dubiedade, que na visão do autor atuam ativamente na construção do significado. (PEDROSO, 2010). Para Derrida, ao desconstruir-se um texto - quebrando a hierarquia de sentido utilizada pela metafísica na produção do discurso e do conhecimento - reconhece-se a violência dessa própria hierarquia na construção do significado:

Fazer justiça a essa necessidade significa reconhecer que, em uma oposição filosófica clássica, nós não estamos lidando com uma coexistência pacífica de um *face a face*, mas com uma hierarquia violenta. Um dos dois termos comanda (axiologicamente, logicamente etc.), ocupa o lugar mais alto. **Desconstruir a oposição significa, primeiramente, em um momento dado, inverter a hierarquia.** (DERRIDA, 2001a, p.48, destaque nosso).

Ao rejeitar a estrutura binária de Saussure, Derrida (1973, 1995) ataca principalmente a tradição filosófica que confere base a essa ótima polarizadora: a metafísica ocidental. Norris (2002, p.19, tradução nossa)<sup>52</sup> traz à luz a crítica derridiana, afirmando que “[...] a desconstrução atua para desfazer a ideia - de acordo com Derrida a ilusão dominante na metafísica ocidental - que a razão pode de alguma forma dispensar a linguagem e alcançar um conhecimento idealmente não afetado por meras fraquezas linguísticas.”

Nesse sentido, sua proposta com a desconstrução, é fazer um convite à reavaliação da tradicional dicotomia, sem negá-la, mas privilegiando o segundo termo. Ao fazê-lo, ocorreria então um descentramento estrutural gerado pela valorização do termo periférico. A proposta é inverter a lógica de sentido de um fenômeno, expondo-o às suas próprias contradições. É essa instabilidade advinda que, para Derrida, coloca-se como a característica principal da estrutura, e não a estabilidade advogada por Saussure. A desconstrução de certa forma libera características dos conceitos que antes não vinham à tona. Mais ainda - e aprofundando essa ótica - Derrida considera que a estrutura somente se sustenta pelas suas próprias contradições, posto que um conceito somente faz sentido a partir do seu oposto. Logo, tudo que é considerado belo, lógico, coerente e estável o é devido ao silenciamento de suas inerentes contradições. Entretanto, a necessidade constante de apagamento dessas mesmas contradições em busca de conferir estabilidade à estrutura somente expõe aquelas que são suas

---

<sup>52</sup> [...] deconstruction works to undo the idea – according to Derrida, the ruling illusion of Western metaphysics – that reason can somehow dispense with language and achieve a knowledge ideally unaffected by such mere linguistic foibles.

características basais: a contradição, e a instabilidade. (BARNETT, 1999; MENDES, 2015). Como ilustra Pedroso Jr. (2010): “o que o teórico francês proporá é que se ameace metodologicamente a estrutura para melhor percebê-la”. (PEDROSO, 2010, p. 17).

Na busca pelo descentramento das dicotomias - revalorando as polaridades - o movimento de desconstrução pós-estruturalista leva em conta, por sua vez, alguns processos para os quais, em tese, uma análise que se propõe desconstrucionista deve atentar. Para Williams (2005), são eles: origem, presença, rastro, *différance* e jogo.

No que tange à origem, Williams (2005) demonstra que os argumentos em um texto costumam frequentemente direcionar o leitor para uma ideia de origem, um momento ao qual é associado o nascimento de determinado conceito ou ideia. Não somente, à origem de algo é conferida sempre a noção de pureza, em geral deturpada ou degenerada pelo que a seguiu. A idealização da noção de que todas as coisas têm uma origem, funciona, dessa maneira, também como objetivo: retornar às características iniciais de algo. Ao fazê-lo, contudo, a origem torna-se também o destino, o lugar para onde os esforços devem convergir. Para Derrida, no entanto, “origens são sempre projeções do que se espera que as suceda. A origem é sempre infectada por aquilo que a sucede.” (WILLIAMS, 2005, p. 32, tradução nossa).<sup>53</sup>

Em segundo lugar, a presença está relacionada ao ato de um texto buscar apresentar alguns conceitos e ideias como dados, prontos, e sobre os quais não se pode haver dúvida. São o que o autor chama de pontos de presença e - tal como acontece com a origem - atuam de forma a conferir validade ao que se é dito. Tais pontos não são debatidos ou problematizados pelo autor, pois seu conhecimento por parte dos leitores é tido como certo. (WILLIAMS, 2005). Como exemplo, tem-se a ideia de que - em caso de dúvida - a palavra do autor sempre será capaz de esclarecer qualquer ponto do texto por ele escrito. Para Derrida, contudo, a ideia de presença nada mais é que uma busca por pureza (como discutido nas seções anteriores, na composição binária de Saussure, a pureza seria sempre valorada positivamente em relação ao que é mestiço, composto, impuro). Tal busca, no entanto, é para Derrida uma mera ilusão. A palavra do autor confere não mais que um dentre várias outras ressignificações possíveis.

Novamente em oposição à busca pela pureza, tem-se o conceito de rastro, o qual pode ser entendido como característica que se observa nos textos quando o leitor é levado a considerar os limites de determinado conceito, demarcando o que lhe é interno e externo, com

---

<sup>53</sup> Origins are always projections from what is supposed to follow from them. e origin is always infected by what follows it.

o intuito de separar o que pertence e o que não pertence a seu entendimento. Aqui, Derrida critica a ideia que tais limites são passíveis de identificação por meio da comparação entre semelhanças e diferenças. Para o autor, o movimento é, na verdade, inverso. É exatamente a busca pela definição de limites que leva o leitor a observar as ‘semelhanças’.<sup>54</sup> “a definição só aparece posteriormente, quando a percepção é erroneamente abstraída daquilo que lhe antecedeu.” (WILLIAMS, 2005, p. 33, tradução nossa).<sup>55</sup> Na visão de Derrida, o que realmente existe são os traços de conceito, não propriamente o conceito em si:

Em outros termos, a escritura derridiana é a própria denúncia de que **todo significado não passa de um significante e que todo significante se insere numa cadeia de remetimentos sem fim**. Na verdade, como nos esclarece Paulo César Duque-Estrada, Derrida vai abandonar o termo “significante” em prol do termo “rastro” ao perceber que, se não há significado em si, também não há significante, uma vez que o significante só é o que é segundo o lugar que ocupa numa cadeia de diferenças, ou seja, cada “significante”, cada palavra, cada termo – numa frase, num discurso ou num sistema linguístico qualquer – traz o rastro de todos os outros significantes que não ele. “**O rastro é verdadeiramente a origem absoluta do sentido em geral.**” (DARDEAU, 2011, p. 60-61, destaque nosso).

Um modo de se compreender o conceito de rastro é associando-o ao de presença - e por conseguinte - também de ausência. Como nada ‘existe’ (dada a impossibilidade de demarcação absoluta e contumaz de um conceito), havendo somente os ‘rastros’ de algo, a questão revolve em torno do ser e do não ser, simultaneamente: “Um rastro que não pode ser apagado não é um rastro, é uma presença plena, uma substância imóvel e incorruptível, um filho de Deus, um símbolo da parúsia e não uma semente, em outras palavras, um germe mortal.” (DERRIDA, 1967<sup>56</sup>, p. 339, tradução nossa).<sup>57</sup> A tentativa - infrutífera - de se definir hermeticamente um conceito perpassa então pelo apontamento dos rastros ali existentes deixados pela noção de presença (de ‘ser’), combinados com a ausência (o não ser). O trecho

---

<sup>54</sup> Tal como mencionado na seção anterior, quando Derrida afirma que não se pode tocar um limite. (DERRIDA, 2000, p. 19).

<sup>55</sup> The definition only appears afterwards, when the perception is falsely abstracted from its background.

<sup>56</sup> Optou-se por referenciar duplamente *A Escritura e a Diferença* - em português e francês - devido a diferenças observadas entre a versão francesa (1967) e a brasileira, lançada quase trinta anos depois (1995). Soma-se a isso o fato de ser Derrida um autor de notória dificuldade de tradução dada a presença de inúmeros sintagmas e axiomas linguísticos tipicamente afins ao idioma francês, cuja [tentativa de] transcrição a outro idioma nem sempre ocorre sem percalços, com notado já apontado pelo próprio autor e recentemente discutido por Paulo Ottoni (2001).

<sup>57</sup> Une trace ineffaçable n'est pas une trace, c'est une présence pleine, une substance immobile et incorruptible, un fils de Dieu, un signe de la parousie et non une semence, c'est-à-dire un germe mortel.

abaixo, retirado de *O Animal que logo sou*<sup>58</sup> (2002), ilustra a questão do ser e não ser. Nele, Derrida discorre sobre a noção de nudez, comparando-a entre homens e animais:

Vergonha de quê, e diante de quem? Vergonha de estar nu como um animal. Acredita-se geralmente, mas nenhum dos filósofos que vou questionar daqui a pouco menciona isso, que o próprio dos animais, e aquilo que os distingue em última instância do homem, é estarem nus sem o saber. [...] **Assim, nus sem o saber, os animais não estariam, em verdade, nus. Eles não estariam nus porque eles são nus.** Em princípio, excetuando-se o homem, nenhum animal jamais imaginou se vestir. O vestuário seria o próprio do homem, um dos "próprios" do homem. [...] (A lista dos "próprios do homem" forma sempre uma configuração, desde o primeiro instante. **Por essa mesma razão, ela não se limita nunca a um só traço e não é nunca completa:** estruturalmente, ela pode imantar um número não finito de outros conceitos, a começar pelo conceito de conceito.) O animal, portanto, não está nu porque ele é nu. Ele não tem o sentimento de sua nudez. Não há nudez "na natureza". Existe apenas o sentimento, o afeto, a experiência (consciente ou inconsciente) de existir na nudez. Por ele *ser* nu, sem *existir* na nudez, o animal não se sente nem se vê nu. Assim, ele não está nu. (DERRIDA, 2002, p. 17).

De chofre, observa-se a clara importância que a percepção tinha para Derrida: sendo a nudez um conceito cujas raízes podem ser com certa facilidade identificadas na tradição judaico-cristã, pode-se afirmar que animal não partilha do mesmo tabu dado que sua percepção não contempla a noção de cristianismo ou religião. Tais conceitos nada dizem-lhe. Mais do que isso, a nudez é a própria condição de um animal. Para ele, nesse sentido, a nudez existe ao mesmo tempo que não existe, posto que não há mudança de sua condição: “O animal, portanto, não está nu porque ele é nu” (Ibid.). Ao encontrar-se sempre desvestido, esfumaça-se a fronteira do significado de nada vestir. Torna-se impossível a definição por conseguinte da própria noção de nudez, restando-lhe somente um rastro deixado por seus múltiplos significados.

---

<sup>58</sup> Tal como discutido na nota de rodapé imediatamente anterior a esta, um ponto digno de nota na obra supracitada relaciona-se à dificuldade de tradução da obra de Derrida (do francês ao português, no caso). *O animal que logo sou* foi a tradução convencional para *L'animal que donc je suis*. O que no entanto passa muitas vezes despercebido ao leitor - e que fora inclusive salientado por Fábio Landa, o tradutor - é que *suis* é a flexão de primeira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo francês *être* (ser/estar). O mesmo *suis*, contudo, é também a primeira pessoa do singular do verbo *suivre* (seguir). Deste modo, percebe-se o jogo de semântica criado por - e característico de - Derrida: em francês, o título pode significar tanto *O animal que logo sou* quanto *O animal que logo sigo*.

De volta aos cinco pontos levantados por Derrida, tem-se o quarto, um conceito criado pelo próprio autor: a *différance*, expressão que combina a palavra “*différence*” (diferença, em francês) e o particípio presente do verbo “*différer*” (diferir): “*différant*”. (MENESES, 2013, p. 180). Se para o estruturalismo saussureano a construção de sentido dava-se pela oposição binária (belo/feio; dentro/fora), para Derrida, a *différance* é a característica que atém-se à constante capacidade de ressignificação de um texto, sendo tanto uma estrutura baseada na diferença quanto sua abertura à constante diferenciação. Há que se notar, contudo, que o termo não significa a existência de um conceito que fora ‘aberto’ por meio de múltiplas interpretações. Ele deve ser entendido como condição relativa ao rastro: esse somente aparece porque ele pode diferenciar-se e o faz em todas direções. (WILLIAMS, 2005, p. 34).

Como discutido acima, ao problematizar a noção de presença, Derrida demonstra como o pensamento ocidental constrói-se por meio do estabelecimento de conceitos, os quais, por sua vez, somente podem ser compreendidos se tratados como entes, como um corpo que existe por si só, como uma presença. A *différance*, pode dessa forma ser compreendida como o processo pelo qual cada termo não encontra estabilidade em sua definição, pois se assim o fosse ele desaguaria inevitavelmente no estabelecimento de novas reificações, novas presenças. Note-se que a *différance* não é a simples denúncia de uma contradição. Sê-lo implicaria em seu simples reforço. Ela é a abertura à diferença, em cuja repetição reside a igualdade: “Deste modo, a repetição do diferente que se supõe igual é que construiria a noção de realidade. Existir é repetir-se constantemente em um fluxo que busca estabilizar incongruências através de valorações.” (MENDES, 2008, p. 143).

A repetição desempenha, desse modo, papel crucial na desconstrução derridiana. Dada a impossibilidade de definição completa de um sentido, um termo busca a estabilização de seu significado por meio da repetição incessante da diferença (onde também reside a igualdade). Essa busca, no entanto, é infrutífera e interminável: ao ser repetido *ad eternum*, um termo esgarça os feixes de sentido aos quais se prende, catalisando novamente outras ressignificações: “O inédito surge, quer queiramos ou não, da multiplicidade de repetições.” (DERRIDA, 2000, p.19, tradução nossa).<sup>59</sup>

Dada a instabilidade inerente ao processo de significação, a estrutura enxerga na repetição incessante um modo de buscar sua estabilização, a qual por sua vez não se

---

<sup>59</sup> L'inédit surgit, qu'on le veuille ou non, dans la multiplicité des répétitions.

materializa posto que está sempre sob atuação de um outro processo constante de ressignificação conceitual.

Como exemplo, tome-se o conceito de identidade. Identidade que implica ser algo, ou alguém, o que por sua vez somente pode existir pelo não ser [algo, alguém]. A negação de um conceito é parte de sua afirmação e - como supracitado - cria a ilusão de estabilidade conceitual. A *différance* reside, entretanto, no entendimento - e aceitação - da contradição intrínseca a todo processo de significação. Só é possível compreender algo pelas suas contradições:

Apesar do status de ‘différance’ enquanto uma nova palavra inventada por Derrida, ela aparece furtivamente em SP [iniciais para a obra *Speech and Phenomena*, na tradução inglesa. *A Voz e o Fenômeno* na tradução em português] sem uma definição explícita. Ela só poder ser definida contextualmente, o que significa que a definição tem que ser inferida do contexto no qual a palavra é utilizada. Neste contexto, parece que uma ‘différance’ significa o tipo de diferença que indica a não-identidade dentro do mesmo [da igualdade], o que sugere que o tipo regular de diferença distingue entre coisas que são consideradas iguais. [...] ‘Différance’ é um modo de se referir à maneira como a própria materialidade perturba a identidade mostrando que o ‘mesmo’ em nossas ideias contém a diferença. Identidade e não-identidade são igualmente idênticas. Tal argumento pode ser visto como reafirmando a identidade, já que ele diz que identidade e não-identidade estão unidas pela identidade. No entanto, a inclusão da não-identidade dentro da identidade é uma forma de enfraquecer a identidade da identidade, e esse é o movimento da ‘différance’. (STOCKER, 2006, p.175-176, tradução nossa).<sup>60</sup>

Por fim, jogo é uma característica ligada à ideia que as estruturas possuem o cerne frouxo, aberto, passíveis assim de múltiplas interpretações, não estando restritas a um único significado, um único sentido. Williams (2005, p.34) também utiliza o conceito para refutar a ideia que *Gramatologia* (a obra em que Derrida apresenta as premissas) seja de viés negativo. Pelo contrário, o autor enxerga na abertura à diferença e à multiplicidade de possíveis sentidos não um defeito, mas uma virtude, devendo ser encarada tal como um prazeroso jogo, no qual

---

<sup>60</sup> Despite the status of ‘différance’ as a new word invented by Derrida, it appears rather surreptitiously in SP without an explicit definition. It is only defined contextually, that is the definition has to be inferred from the context in which the word is used. In this context, it looks like a ‘différance’ means the kind of difference that indicates non-identity within the same, which suggests that the regular kind of difference distinguishes between things that are taken as the same. [...] ‘Différance’ is a way of referring to how materiality itself disrupts identity, by showing that the ‘same’ in our ideas contains difference. Identity and non-identity are identical in the same. That claim might seem to reassert identity, since it says that identity and non-identity are joined by identity. However, the inclusion of non-identity within identity is a way of undermining the identity of identity, and is the movement of ‘différance’.

amplas possibilidades de escolhas abrem-se ao leitor.<sup>61</sup> Para o autor, se por um lado a *différance* parece ser um processo que toma a acontece fora das estruturas, o jogo mostra por sua vez como essas são frouxas e abertas em seu núcleo.

Os cinco pontos a serem problematizados em uma análise pós-estruturalista e citados acima são - em linha com a escrita derridiana - por vezes de difícil compreensão e com frequência parecem também apresentar interseções no que tange ao significado ou, mais ainda, nas funções. Como apontado por Norris (2002, p.18, tradução nossa)<sup>62</sup>, “[...] os textos de Jacques Derrida desafiam a classificação de acordo com todas as bem definidas fronteiras que definem o moderno discurso acadêmico.” Não obstante, apesar de próximos, os conceitos não podem ser reduzidos um ao outro. Nesse sentido, observa-se que há um deliberado senso de jogo na própria maneira de sua elucidação, estando seus significados em constante choque, interseção ou expansão, entrecruzando-se e atuando na definição um do outro. (WILLIAMS, 2005, p. 34-35).

Assim, tendo na desconstrução a sua principal estratégia, o pós-estruturalismo faz incursões em variados ramos da ciência social, artes, filosofia, etc, como um convite à reflexão sobre a maneira pela qual constroem-se os significados no sistema da linguagem, que por sua vez possibilitam a comunicação entre os indivíduos. Como observado por Campell (1998, p.23, tradução nossa)<sup>63</sup> “A desconstrução é dessa forma uma vocação - uma resposta a um chamado.” Sua aplicação, ao transbordar para várias outras áreas do conhecimento, chega também às Relações Internacionais.

---

<sup>61</sup> Cabe aqui a comparação com Nietzsche e sua concepção de niilismo (seção 1.2.1 desta obra). Em ambos os casos, confundem-se as ideias trazidas por cada autor com um negativismo extremado, um viés de eterna negação do [quase] tudo que existe no mundo, de quase todo conhecimento que já se construiu para entendê-lo. Ao apontar o jogo como uma questão a ser problematizada em uma análise desconstrutivista, Derrida demonstra como sua obra não deve ser vista como uma simples denúncia ou negação de tudo. Fazê-lo seria incorrer no mesmo erro sistematizado nos conceitos de presença e de rastro. A Nietzsche - que precede Derrida em quase um século - também frequentemente é atribuída pecha de negatividade. Na visão deste autor, tal visão é não somente imprecisa, como também fruto de uma leitura muitas vezes enviesada do autor, haja vista sua elucidação do terceiro tipo de niilismo: consciente de sua condição humana, o indivíduo vê-se liberto das amarras da fé, seja em Deus ou na Ciência.

<sup>62</sup> The texts of Jacques Derrida defy classification according to any of the clear-cut boundaries that define modern academic discourse.

<sup>63</sup> Deconstruction is therefore vocation – a response to a call.

#### 2.4.2.4 A agenda do pós-estruturalismo em Relações Internacionais

Tendo por base as digressões feitas nas seções acima, a discussão pode então ser direcionada ao modo pelo qual o pós-estruturalismo e a desconstrução derridiana encontram aplicação no entendimento e compreensão dos fenômenos da arena internacional.

Tal como observado por Devetak (2005), uma das formas de se delinear a agenda do pós-estruturalismo em Relações Internacionais é pelo modo como a corrente lida com conceitos tradicionais à área.

Demonstrando como esses consolidaram-se ao longo dos anos enquanto constructos teóricos com existência *per se*, autores pós-estruturalistas discutiram em suas obras a pertinência da continuidade de seu uso, ao passo que relativizaram sua caracterização e aplicação de formas reificadas (dentre uma série de outros pontos). Nesta seção, serão apresentados os principais conceitos em torno dos quais construíram-se as análises pós-estruturalistas na disciplina: soberania estatal, *self e other*, *inside e outside*, e a relação entre discurso, identidade e política externa. Também será demonstrado como cada um desses conceitos foram trabalhados por alguns dos principais nomes do campo, como David Campbell, Rob Walker, Lene Hansen, assim como pontos selecionados das obras de Richard Devetak e Cynthia Weber.

Tomando-se como exemplo o conceito de soberania estatal e analisando-o à luz da proposta pós-estruturalista, Devetak (2005) posiciona-se em frontal divergência de uma análise tipicamente positivista sobre o tema. Fazendo uso do conceito de 'performatividade' de Cynthia Weber (1998), Devetak (2005) demonstra como a interação tem papel crucial na construção do significado da ação de cada ator:

Como Richard Ashley (1987:410) reforçou em seu pioneiro artigo, sujeitos não têm existência antes da prática política. Estados soberanos emergem na esteira de práticas históricas e políticas. Isso sugere ser melhor entender o Estado enquanto performativamente constituído, não possuindo identidade para além da constante encenação do conjunto de políticas externas e domésticas [...] A própria existência do Estado é assim um efeito da performatividade. Por 'performatividade' devemos compreender a iteração continuada de uma norma ou conjunto de normas, não somente um ato singular, a qual produz a própria coisa à qual dá nome. Como Weber (1998: 90) explica, **'a identidade do Estado é performativamente constituída**

**pelas próprias expressões entendidas como sendo seu resultado**'. (DEVETAK, 2005, p.180, tradução nossa, destaque nosso).<sup>64</sup>

A referência a Cynthia Weber e sua obra sobre o que a autora chama de 'Estados performativos' (*Performative States*. Millennium, 1998), é de especial relevo uma vez que Weber caracteriza a identidade enquanto construída pelas expressões que, tecnicamente, seriam dela advindas. É relevante apontar, nesta parte, a congruência das ideias de Weber com a denúncia feita por Derrida em *Gramatologia* (1973), apresentando as cinco características de uma análise desconstrutivista (origem, presença, rastro, *différance*, jogo). Assim, ao postular que a identidade dos Estados constitui-se pelas próprias expressões que entende-se serem dela seu resultado (WEBER, 1998), a autora põe em prática algumas das supracitadas características da desconstrução derridiana, em especial a origem (noção de existência do Estado, bem como da existência de sua soberania) e o rastro (ao mostrar que a análise tradicional, ao explicar o conceito de identidade, faz uso de expressões que lhe precedem, mas que são comumente entendidas como dela resultantes). Como será demonstrado adiante, de semelhante ótica e posição afim é o estudo que Lene Hansen perfaz sobre a construção do discurso ocidental sobre a Guerra da Bósnia.

A relação entre *self* e *other*, por sua vez, é discutida por David Campbell ao fazer uma análise discursiva da construção da política externa americana em sua *magnum opus Writing Security: United States Foreign Policy and the Politics of Identity* (1992). Nela, o autor advoga antes de tudo uma releitura de Hobbes pois, em sua visão, é errônea a tradicional associação (feita particularmente pelo realismo clássico Carr e Morgenthau) da racionalidade humana com o advento da criação do Estado na busca de superação do estado de natureza.

Na visão de Campbell, não seria a racionalidade individual a responsável pelo o nascimento do contrato social - criando o Estado moderno -, mas sim o medo da morte, cujo risco assolava a todos os indivíduos. Fruto do medo, o Estado - enquanto criação jurídico-burocrática - passa a ter significado somente por meio do discurso que se faz sobre ele. Nesse sentido, Campbell (1992) postula, a construção do inimigo adquire papel central, pois é

---

<sup>64</sup> As Richard Ashley (1987: 410) stressed in his path-breaking article, subjects have no existence prior to political practice. Sovereign states emerge on the plane of historical and political practices. This suggests it is better to understand the state as performatively constituted, having no identity apart from the ceaseless enactment of the ensemble of foreign and domestic policies [...] The state's 'being' is thus an effect of performativity. By 'performativity' we must understand the continued iteration of a norm or set of norms, not simply a singular act, which produces the very thing it names. As Weber (1998: 90) explains, 'the identity of the state is performatively constituted by the very expressions that are said to be its result'.

precisamente contra o agente externo que se mobiliza um Estado e, ao fazê-lo, acaba por construir-se enquanto entidade. Tal como feito por Weber (1998), Campbell desconstrói um conceito - nascimento e razão de existência do Estado - ao evidenciar o mito da origem, presença, e traços, propostos por Derrida em *Gramatologia* (1973).

Campbell discute a representação do conceito de *self* (o eu) e *other* (o outro), desconstruindo a noção de identidade enquanto conceito fechado, atribuindo sua formação ao outro, àquele que é estranho à noção de Estado e contra a qual ele se constrói. Para o autor, ao enfrentar um inimigo, um Estado reforça a sua própria existência enquanto entidade. Dando elasticidade ao conceito e trazendo Hobbes novamente à tona, Campbell considera que a identidade de um Estado é construída enquanto contraponto ao que “não se é”, ao que lhe é estranho, estrangeiro. Assim, novamente inverte-se a noção tradicional de identidade enquanto formadora da política externa. Mais do que isso, entende-se a identidade - do ator, do Estado - de maneira substancialmente diferente da como era entendida até então pelo racionalismo ou mesmo pelo construtivismo.<sup>65</sup>

Em ótica semelhante àquela de Weber (1998), Campbell postula ser a política externa que - ao levar o outro (*other*) em seu cálculo - cria o próprio eu (*self*) e, por conseguinte, a própria identidade. Tal processo, ressalta-se, é permeado por oposições, generalizações e conceitualizações tanto do *self* quanto do *other*, de modo a circunscrever, reduzir e enquadrar ambos na noção de identidade de cada um, mais uma vez valendo-se da oposição derridiana ao conceito de presença, e à delimitação conceitual. Em suma, a política externa de um Estado não é axioma, ou mero reflexo, de uma identidade coletiva estruturada pois essa própria identidade é construída e reconstruída por sua política externa. (CAMPBELL, 1992; DEVETAK, 2005; HANSEN, 2006).

Talvez um dos conceitos de maior relevo para agenda pós-estruturalista em Relações Internacionais, a relação *inside/outside* (dentro/fora) é fruto em grande medida dos estudos de outro importante nome no debate: Robert B. J. Walker.

---

<sup>65</sup> Há que se fazer neste ponto um contraste com o conceito de identidade desvelado pelo construtivismo wendtiano. Como elucidado na seção 1.4.1, para Wendt cada ator possui uma identidade, a qual será a responsável por informar desde sua estrutura de preferências até seu comportamento e suas motivações. Note-se que Wendt não debruça-se sobre o processo de construção dessa mesma identidade. Ele a toma como intrínseca a cada indivíduo, mesmo que passível de mudança pela interação. Ela, no entanto, existe (no sentido denunciado por Derrida; existir no sentido de presença, de reificação). Para Campbell, Walker, Hansen e os outros pós-estruturalistas, no entanto, nada há fora do discurso. Os atores de Campbell constroem suas identidades pelo discurso que fazem de si - e do outro. Os de Wendt a possuem *ex ante*.

Partindo de uma base derridiana, Walker (1993) desconstrói o próprio conceito de soberania dos Estados calcado na delimitação territorial, cultural e psicológica do outro. Em sua visão, Estados são entidades que comumente se constroem pela imposição - via de regra pelo medo - da valorização do que existe dentro de suas fronteiras, em detrimento do que está do lado de fora, alhures, que passa a ser associado ao perigo, à ameaça. Para fazer-lhe frente, o Estado acaba por acionar uma série de ideias, conceitos e noções de coletividade que - ao definir o inimigo e codificar o perigo - acabam por atuar também no sentido inverso, conceituando e delimitando o significado do próprio *eu* face ao *outro*.

Para Walker (1993), a análise tradicional erra exatamente ao partir do pressuposto de que algo existe 'dentro' (o Estado), que precisa ser defendido contra tudo o que existe do lado de 'fora' (o ambiente internacional). Tal visão, dessa forma, acaba por tornar-se presa da oposição binária discutida por Saussure e que dá base a posteriores análises de cunho estruturalista. Para o autor, é a aceitação dessa arbitrariedade que leva Estados a adotarem certas práticas uns em relação aos outros - delimitação e defesa intransigente de fronteiras, por exemplo - as quais, por sua vez, não existiriam doutra forma.

Indo adiante, o autor novamente retoma as características da desconstrução derridiana (no caso, a falácia da presença) ao denunciar a aceitação 'automática', seja pelos Estados como pela comunidade internacional, da dicotomia *inside/outside*. Para ele, fazer dessa dicotomia sua metáfora fundadora limita substancialmente os desenvolvimentos da própria área de Relações Internacionais enquanto campo do conhecimento. (MENDES, 2008; WALKER, 1993).

Não somente a noção de presença, mas também de limites - tão discutida e subvertida por Derrida - é amplamente relativizada por Walker. Aplicando-se seus postulados e fazendo-se um cruzamento com os conceitos anteriores de Derrida (1967, 1973, 1995, 2002), observa-se como é possível rever a própria classificação de algo enquanto *internacional*. Para Walker (1993), não existem *a priori* o ambiente internacional nem o doméstico. Nenhum deles existe antes do homem, da fala, da significação. Diferentemente do que pensam os neorrealistas e neoliberais, por exemplo, uma dada coletividade não existe anteriormente à sua delimitação. conceitual, a qual, por sua vez, é feita por meio da delimitação física das fronteiras. Dito doutra forma, franceses, russos, alemães, palestinos, etc não existem *dada* uma circunscrição territorial. São as fronteiras de seus territórios - ou dos territórios que percebem seus - que

atuam na criação e recriação diuturna do significado de ser francês, russo, alemão ou palestino.

Assim, ao relativizar a busca pela compreensão do ambiente internacional, Walker (1993) desconstrói a noção fundadora do próprio campo, revelando a arbitrariedade da noção de um território enquanto propulsor e gerador de uma determinada identidade. Indo ainda além, pode-se afirmar que o autor, ao fazê-lo, relativiza a reboque um conceito sobejamente relacionado à noção de fronteira: a soberania estatal. Para tal, Walker (1993) dedica grande parte de sua obra à análise e crítica das Relações Internacionais enquanto teoria política.<sup>66</sup> Em sua visão, as teorias comumente elencadas como célebres pilares da área<sup>67</sup> não deveriam ser consideradas como explicações substantivas e definitivas. Nem poderiam, doutra forma, serem vistas como tentativas isentas, imparciais ou mesmo científicas de entendimento sobre o que convencionou-se atinente ao campo.

Desse modo, tais teorias não mais seriam do que “[...] expressões de um entendimento histórico específico do caráter e localização da vida política em geral”. (WALKER, 1993, P. 5, tradução nossa).<sup>68</sup> Em outras palavras, elas seriam o reflexo e produto de uma visão de mundo compartilhada por uma determinada coletividade, em uma dada localização geográfica e em um circunscrito recorte temporal, e não explicações transcendentais da natureza ou de [quase] tudo que se refere às relações internacionais enquanto fenômeno e/ou disciplina no seio das Ciências Sociais.<sup>69</sup> Isso posto, considerando-se a contumaz relativização da dicotomia *inside/outside* e o entendimento de teorias como constructos sociais, pode-se ao fim e ao cabo desconstruir a noção de soberania estatal sobre a qual se assentou [quase] toda produção acadêmica do campo no último século. Se a soberania estatal pode ser encarada como

---

<sup>66</sup> A comparação inclusive foi tomada de empréstimo do subtítulo do nome de sua obra. *Inside / Outside: International Relations as Political Theory*. Vide referências.

<sup>67</sup> A grosso modo, o autor refere-se neste ponto às teorias que protagonizaram os grandes debates da área, discutidas por Waever (1997) e descritas na seção 1.3 desta obra.

<sup>68</sup> “[...] expressions of an historically specific understanding of the character and location of political life in general.

<sup>69</sup> Tal posição, ver-se-á a seguir, encontrou enorme eco em Lene Hansen e permeou boa parte de sua obra.

reificação conceitual<sup>70</sup> que faz uso da figuratividade fronteira, questiona-se em consequência a noção de existência da própria política externa.

Alinhando-se às digressões expostas acima, a posição pós-estruturalista no que concerne à relação entre identidade, discurso e política externa foi construída outrossim com as contribuições de Lene Hansen, autora que alcançou relevo na academia ao analisar a construção do discurso ocidental sobre a Guerra da Bósnia em sua obra *Security as Practice: Discourse Analysis and the Bosnian War* (2006). Dividindo-a em duas partes, a autora dedica toda a primeira seção para elucidar a metodologia utilizada. Já em seu capítulo introdutório, Hansen mostra a relação entre identidade e política externa, bem como sua indissociabilidade:

**A relação entre identidade e política externa está no centro da agenda de pesquisa pós-estruturalista: políticas externas dependem de representações de identidade, mas é também pela formulação da política externa que identidades são produzidas e reproduzidas.** Compreendendo política externa enquanto prática discursiva, o pós-estruturalismo argumenta que discursos de política externa articulam e entrelaçam fatores materiais e ideias de tal modo que não pode-se separar um do outro. Ele também argumenta que discursos políticos são inerentemente sociais uma vez que formuladores de políticas lidam com oposição política além da ampla esfera pública na tentativa de institucionalizar seu entendimento sobre as identidades e as opções de políticas em jogo. (HANSEN, 2006, p. 1, tradução nossa, destaque nosso).<sup>71</sup>

Ao afirmar que identidade e política externa entrelaçam-se de maneira co-constitutiva, Hansen fida-se também a outros dois outros pontos da metodologia pós-estruturalista: a ausência de uma objetividade material existente para além do discurso e a impossibilidade daí decorrente de adequação do pós-estruturalismo à noção positivista de explicação científica por meio do estabelecimento de relações causal-hipotéticas. Nas palavras da autora:

---

<sup>70</sup> Imprescindível neste ponto notar como o alicerce basal do pós-estruturalismo desconstrutivista derridiano faz-se presente na literatura que lhe sucede, de autoria daqueles partilham do mesmo paradigma e replicam sua influência. Ao discutir como o conceito de soberania estatal é tomado por certo, garantido (a ideia talvez seja melhor veiculada pela tradicional expressão inglesa *taken for granted*), Walker está, na verdade, problematizando alguns dos pontos levantados por Derrida como caros à toda análise desconstrutivista: na avaliação deste autor, mormente presença e *différance*. Ao ser reificada, é como se à soberania estatal fosse concedida uma imanência, um status de presença. É como se ela existisse à revelia da ação e descrição humanas, norteando acadêmicos e pesquisadores em suas digressões sem que antes se proceda a uma discussão da própria caracterização do termo. Dito doutra forma, é como se o termo ganhasse vida por si só. Mais ainda, é como se ele significasse a mesma coisa para todos tipos de atores - e Estados. A sua repetição *ad infinitum*, contudo, serve a trazer a nu as incoerências que lhe são intrínsecas.

<sup>71</sup> The relationship between identity and foreign policy is at the center of poststructuralism's research agenda: foreign policies rely upon representations of identity, but it is also through the formulation of foreign policy that identities are produced and reproduced. Understanding foreign policy as a discursive practice, poststructuralism argues that foreign policy discourses articulate and intertwine material factors and ideas to such an extent that the two cannot be separated from one another. It also argues that policy discourses are inherently social because policymakers address political opposition as well as the wider public sphere in the attempt to institutionalize their understanding of the identities and policy options at stake.

Teorizar a identidade enquanto construída pelo discurso, para políticas serem dela dependentes, significa dizer que **não existem identidades objetivas localizadas em algum reino extra-discursivo**, de modo que a identidade não pode ser usada como variável contra qual comportamento e fatores não discursivos podem ser mensurados. (HANSEN, 2006,p.5, tradução nossa, destaque nosso).<sup>72</sup>

Além de demonstrar a via de duplo sentido que se estabelece entre política externa e identidade, Hansen (2006) dedica a primeira parte de sua obra também à elucidação e sedimentação da metodologia pós-estruturalista. Reconhecendo que a dedicação à ontologia muitas vezes levava ao esquecimento da epistemologia por parte de seus pares, a autora no entanto não furta-se a criticar aqueles que valem-se da métrica positivista/racionalista para apreciar obras e estudos de cunho pós-estruturalista. Para Hansen, a tradicional denúncia dos positivistas de ausência - no pós-estruturalismo - da aplicação de relações do tipo causa-efeito não deve ser encarada como sinônimo de falta de rigor acadêmico. A questão, discutida pela autora, gravita em torno da necessidade do estabelecimento dessas relações como medida de validade de um estudo. Tal como observado por Walker (1993) nos parágrafos anteriores, o ponto é que essa própria noção deveria, na verdade, ser vista em contextual, qual seja, enquanto reflexo da dominância anterior da visão positivista calcada no método causal-explicativo:

Isso não significa dizer que há uma concepção de causalidade que deveria ser cultivada por todos e a todo tempo. [...] **A concepção de causalidade tem uma história própria.** [...] para pós-estruturalistas o que constitui 'conhecimento verdadeiro' não é a habilidade de uma teoria em descobrir verdades causais, uma vez que o conhecimento é histórica e politicamente localizado. **A epistemologia causal é nesse sentido um discurso particular de conhecimento, o qual não é capaz de sustentar seu privilégio fora de seu próprio lugar na história e na política (Foucault 1970, 1974).** Enfrentando a acusação de racionalistas e construtivistas de que o pós-estruturalismo não se engaja na teorização causal, este livro argumenta que representações de identidade e política são ligados pelo discurso, sem contudo estar em uma relação causal um com o outro, uma vez que representações de

---

<sup>72</sup> To theorize identity as constructed through discourse, and for policy to be dependent thereon, is to argue that there are no objective identities located in some extra-discursive realm, hence identity cannot be used as a variable against which behavior and non-discursive factors can be measured.

identidade são simultaneamente precondição e (re)produzidas por meio de articulações de políticas. (HANSEN, 2006, p. 9, tradução nossa, destaque nosso).<sup>73</sup>

Baseando-se em Walker e sua dicotomia *inside/outside* e também nos conceitos de *self/other* de Campbell, Hansen (2006) apresenta também dois processos que lapidam o seu estudo sobre a Guerra da Bósnia. São eles: *linking and differentiation* (apresentados em detalhe posteriormente). Mostrando como os discursos - dentre eles a política externa - se constroem por meio da valoração tanto da semelhança quanto da diferença entre determinadas identidades, Hansen traz contribuição de relevo à corrente pós-estruturalista e sua agenda em Relações Internacionais.

Tomados em conjunto, tanto Weber quanto Campbell, Walker e Hansen desenvolvem suas obras fortemente influenciados pela ótica proposta anos antes por Derrida. Característica comum aos quatro autores é a consecução de suas análises partindo de um viés desconstrutivista. Ao fazê-lo, têm por objeto de pesquisa aquilo que para Derrida é a própria realidade: o discurso. Analisá-lo, a maneira pela qual se estrutura, se sedimenta, se reafirma e se contradiz, torna-se assim sinônimo de analisar a própria realidade. O próximo capítulo dedica-se, então, à apresentação e elucidação dessa que configura-se como a principal ferramenta metodológica do pós-estruturalismo.

---

<sup>73</sup> This is not to say that there is one undisputed conception of causality that should be honed by everyone at all times, or that there are no important conceptual questions to be pursued in the space between the rationalist conception and everyday use. The conception of causality has a history of its own [...] In contrast to conventional constructivism's embrace of causal epistemology, for poststructuralists what constitutes 'proper knowledge' is not a theory's ability to uncover causal truths as knowledge is historically and politically situated. Causal epistemology is therefore a particular discourse of knowledge, which cannot sustain its privilege outside of its own historical and political location (Foucault 1970, 1974). Engaging rationalism's and constructivism's faulting of poststructuralism for its unwillingness to engage in causal theorizing, this book argues that representations of identity and policy are linked through discourse, but that they do not stand in a causal relationship with one another as representations of identity are simultaneously the precondition for and (re)produced through articulations of policy.

### 3 ANÁLISE DE DISCURSO

Sendo o discurso o veículo pelo qual a identidade se expressa e por ele é modificada, a análise de discurso (AD) torna-se ferramenta de crucial importância para seu entendimento. Com raízes se espalhando no marxismo de Althusser, na psicanálise de Lacan e em linguistas como Pêcheux e o estruturalista Saussure, a AD tenta reintegrar o entendimento das ações do sujeito pautado por um contexto social e interpessoal que o circunda (FAIRCLOUGH, 2001; MUSSALIM; BENTES, 2006).

Este terceiro capítulo tem como tema central a AD. Na primeira seção, é traçado um panorama abrangendo a semântica da expressão, bem como seu nascimento e questionamentos iniciais. Em seguida, a seção 3.2 faz a apresentação da noção de fases da AD, sendo elucidadas a AD-1 (saussurreana) e a AD-2 (construtivista). A seção 3.3, por sua vez, trata da AD-3 (pós-estruturalista), apresentando seus pressupostos e demonstrando sua ancoragem na desconstrução pós-estruturalista de Derrida. A seção 3.4 contempla a apresentação de alguns pontos da metodologia de análise de discurso proposta por Lene Hansen (2006), cujos avanços serão contribuição de relevo para a proposta analítica deste trabalho. Por fim, a seção 3.5 parte das contribuições da metodologia de Hansen anteriormente elencadas para traçar o panorama geral de organização e estruturação desta pesquisa levando em conta o discurso sobre Slobodan Milosevic enquanto seu foco de estudo e objeto principal.

#### 3.1 Histórico da AD

Mesmo tomando-se a semântica de forma ampla, definir o significado da expressão Análise de Discurso não é, a princípio, tarefa fácil. Tal como observado por Mussalim e Bentes (2006, p.101) em *Introdução à Linguística 2: Domínios e Fronteiras* “Falar em Análise do Discurso pode significar, num primeiro momento, algo vago e amplo, praticamente pode significar qualquer coisa, já que toda produção de linguagem pode ser considerada “discurso”.” Entretanto, tomada em sentido estreito, a AD pode ser vista hoje enquanto método bem articulado e sedimentado. As autoras citam Malidier (1994) para atribuir a fundação da AD como desenvolvida atualmente a Jean Dubois e Michel Pêcheux, na

França da década de 1960. Também à França do mesmo período é atribuído seu nascedouro para Angermuller (2014), que cita a década de 1970 como seu período de consolidação. O autor atribui ao linguista americano Zellig Harris a cunhagem do termo, quando da publicação, em 1952, de sua obra *Discourse Analysis*.

Outro autor com prolífica contribuição ao estudo e desenvolvimento da AD é Norman Fairclough. Em *Discurso e Mudança Social* (2001), o autor não se furta à discussão do sentido com que a expressão será empregada em sua obra. Antevendo a possibilidade de confusão conceitual, o autor põe-se primeiramente a delimitar a maneira qual o termo será empregado em sua obra: “Ao usar o termo ‘discurso’, proponho considerar o uso de linguagem como prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 90). Apesar de a expressão ‘prática social’ carregar de certa forma o viés com o qual o autor enxerga a AD - como será discutido mais adiante - pode-se dizer que a definição de Fairclough cumpre sua proposição de delimitação conceitual: o discurso a ser posto sob análise é produto da interação social, não um mero ato de fala isolado de qualquer significado.

A grosso modo, credita-se a dois autores - e as correntes que costumam ser-lhes correspondentes - significativa contribuição à sedimentação da AD tal como vista atualmente: Saussure e Althusser. O primeiro, tal como elucidado no capítulo antecedente, conferia à linguagem posição de destaque no entendimento da sociedade, buscando prover-lhe crivo científico ao seu estudo. Ao entender a linguagem enquanto um sistema composto por partes que interagem formando um todo coerente e estruturado, Saussure (2006) conferia novo patamar à linguística enquanto ciência da linguagem.

O franco-argelino Althusser, por seu turno - que também sofrera influência das ideias de Saussure - objetivava compreender o discurso enquanto *locus* da ideologia, entendendo-a a partir de sua materialidade.<sup>74</sup> Um dos principais nomes do chamado neomarxismo, Althusser via na sistematização da linguagem trabalhada por Saussure uma ferramenta para se compreender a penetração da ideologia no discurso tomado enquanto parte da realidade e

---

<sup>74</sup> Há que se ressaltar que o marxismo apoia-se no chamado materialismo histórico, para o qual a realidade material existe independente da vontade ou da representação humanas. Para Althusser, entretanto, a ideologia tem status de existência material (inserindo-se no âmbito da superestrutura marxista). Em outras palavras, a ideologia não pode ser tratada somente pelo viés filosófico, mas sim enquanto prática que atua reforçando as condições de reprodução da estrutura.

catalisador de efeitos na estrutura social. (BEST; KELLNER, 1991; MUSSALIM; BENTES, 2006).

Dessa maneira, a união de uma ‘ciência da língua’ com a noção de que ela pode também ser vista como veículo de dominação, de alteração de percepção e construção do comportamento<sup>75</sup>, faz nascer a ideia de se estabelecer um modo de analisar um discurso, seus falantes e ouvintes, bem como aquilo que é dito e aquilo sobre o qual há silêncio. A importância de tal convergência não pode ser subestimada. (MUSSALIM; BENTES, 2006, p. 104-105).

Tornando ao capítulo anterior - em especial à seção em que são apresentados os antecedentes do pós-estruturalismo -, observa-se que Saussure relegava à fala - mais especificamente, ao uso social e interativo da língua - papel subalterno à linguagem (entendida aqui por meio de sua visão sistêmica)<sup>76</sup>. (DERRIDA, 1973; SAUSSURE, 2006). Essa deveria ser estudada e sistematizada, aquela era basicamente ignorada. Tal posição encontrou ferrenho embate dos chamados sociolinguistas, para quem o uso da linguagem é um ato inerentemente social, e não confinado à esfera do indivíduo. Para eles, seria exatamente a característica de correlação e entrelaçamento com variáveis sociais que tornaria possível a sistematização do estudo científico da linguagem. Também Pêcheux subscreve a essa visão, para quem a significação não está contida dentro de um sistema hermético, sendo por sua vez da ordem da fala. Essa posição é quase frontalmente oposta à de Saussure, que consigna o processo de significação à diferenciação entre termos, os quais não subordinavam-se à concretude material, mas sim ao conceito. Para Pêcheux, no entanto, o processo de significação encontra-se em outra esfera, uma vez que tanto o sujeito como os sentidos seriam histórica e socialmente construídos:

O autor [Pêcheux] retoma esta dicotomia saussureana para inscrever os processos de significação num outro terreno, mas não concebe nem o sujeito nem os sentidos como individuais, mas como históricos, ideológicos. Assim é que o autor propõe uma semântica do discurso - concebido como lugar para onde convergem componentes linguísticos e socioideológicos - em vez de uma semântica linguística, pois as condições sócio-históricas de produção de um discurso são constitutivas de suas significações.”(MUSSALIM; BENTES, 2006, p. 105-106).

---

<sup>75</sup> À contribuição althusseriana soma-se aquela de Foucault, sem dúvida um dos principais nomes no estudo da linguagem enquanto vetor da ideologia e dominação. Vide referências ao final desta obra.

<sup>76</sup> A escrita, por sua vez, estaria em posição ainda inferior.

Nesse ponto, entende-se que talvez uma das poucas concessões feitas por Saussure à ideia de construção social da língua tenha sido admitir suas características tanto sincrônicas quanto diacrônicas (vide capítulo anterior). Ou seja, ela também seria passível de mudança ao longo do tempo em decorrência da prática social. (DOBIE, 2015; FAIRCLOUGH, 2001; SAUSSURE 2006).

Dessa forma, torna-se mais claro o motivo pelo qual afirma-se que “[...] presidem o nascimento da AD o marxismo e a linguística”. (MUSSALIM; BENTES, 2006, p.104). Com os incipientes passos do campo tendo lugar na década de 1960, foi a junção da ideia de sistematização da linguagem com a noção de que ela era capaz de moldar a percepção dos indivíduos - alterando sua visão e comportamento - a responsável por dar corpo e sustentação à maneira pela qual a AD é desenvolvida na atualidade.

Uma outra figura da academia francesa que tem papel relevante no quadro de surgimento da AD é Lacan e sua psicanálise. Ao reler Freud - e suas considerações sobre o sujeito e a sua subordinação ao inconsciente -, Lacan recorre ao estruturalismo da linguística de Saussure para definir seu conceito de sujeito. A linguagem, para Lacan, atuaria como ferramenta de interação com o inconsciente:

**Para poder trazer à tona seu material, Lacan assume que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, como uma cadeia de significantes latente que se repete e interfere no discurso efetivo, como se houvesse sempre, sob as palavras, outras palavras, como se o discurso fosse sempre atravessado pelo discurso do Outro, do inconsciente. [...] O inconsciente é o lugar desconhecido, estranho, de onde emana o discurso do pai, da família, da lei, enfim, do Outro e em relação ao qual o sujeito se define, ganha identidade. Assim, o sujeito é visto como uma representação [...] sendo, portanto, da ordem da linguagem.** Apoiado em alguns critérios do estruturalismo linguístico, Lacan aborda esse inconsciente, demonstrando que existe uma estrutura discursiva que é regida por leis. Decorrem dessa proposta implicações para a psicanálise. A que mais diretamente interessa à AD diz respeito ao conceito de sujeito, definido em função do modo como ele se estrutura a partir da relação que mantém com o inconsciente, com a linguagem, portanto, já que, para Lacan, “a linguagem é condição do inconsciente”. (MUSSALIM; BENTES, 2006, p. 107, destaque nosso).

Do trecho acima, depreende-se que também Lacan divergia de Saussure no que tange aos limites de seu sistema linguístico proposto. Esse não poderia ser visto como fechado, refratário à fala e à interação social uma vez que o sujeito lhe integra enquanto parte, não podendo por conseguinte sua comunicação advir meramente do que é interno ao sistema, mas também de seu inconsciente e de sua história. Se Saussure define a linguística a partir do critério diferencial (quando um termo só adquire sentido pela diferença com algum outro,

também parte do sistema) Lacan o faz por meio do critério posicional. Ou seja, a identidade do indivíduo - tornada possível pela linguagem - é formada não somente por termos que diferenciam-se entre si, mas também pela posição desses termos em relação uns aos outros. Desse modo, Lacan afasta-se de Saussure não somente pela inserção do sujeito na estruturação da linguagem, como também pela posição do próprio sujeito em relação ao Outro, contra quem se define e se constrói. (MUSSALIM; BENTES, 2006, p. 108-109).

Dessa maneira, percebe-se que tanto para Mussalim e Bentes (2006), quanto para Fairclough (2001) e Williams (2005), o nascimento da AD é um momento em que aglutinam-se as contribuições de diversas áreas na sua consolidação enquanto método e ferramenta, sendo o estruturalismo francês, o marxismo althusseriano e a psicanálise lacaniana suas mais robustas âncoras.

Talvez pelas variegadas contribuições ao que hoje entende-se como AD e também pelos diferentes períodos em que elas tiveram maior ou menor influência, o limiar de sua consolidação assiste também ao início de um processo no qual a AD - sofrendo influência dos paradigmas positivista e pós-positivista, passa a diferenciar-se, desdobrando-se em fases ou tipos.

De maneira geral, Angemuller (2014) atribui a divisão da AD em fases ou períodos a Pêcheux. Esse modo de apresentação, no entanto, não deve levar o leitor à crença que a fase posterior somente entra em cena com a efetiva erradicação ou completa superação de sua antecedente. Em verdade - apesar de sua esquematização considerar o fator cronológico (antes da AD-3 veio a AD-2) -, as fases sobrepõem-se concomitantemente à sua diferenciação. Dito doutra forma, um pesquisador pode na atualidade optar por conduzir seu estudo por meio da AD-1, -2, ou -3 (as duas últimas ocorrendo no entanto com frequência substancialmente maior).

Entendidas por sua sobreposição ou concomitância, para Mussalim e Bentes (2006), o principal fator a diferenciar as três fases da AD está intrinsecamente relacionado ao objeto de estudo de cada uma. As próximas duas seções dedicam-se à apresentação e discussão do tema.

### 3.2 Tipos de AD: AD-1 (saussureana) e AD-2 (construtivista)

A primeira fase da AD (chamada de AD-1 ou AD saussureana) assenta-se nas proposições da linguística de Saussure e nas posteriores releituras contidas nos trabalhos de Zellig Harris e Noam Chomsky, a partir do final da década de 1950. Para Pêcheux, essa fase teve lugar especialmente ao longo da década de 1970 (Angemuller, 2014, p. 10). A grosso modo, ela assiste às incipientes tentativas de se trazer o fator social à análise linguística, de certo modo superando os postulados saussureanos que não consideravam o indivíduo em seu contexto social.<sup>77</sup> Como observado por Ferreira (2010, p.2), "Ao longo do percurso triunfal dos estruturalistas, que marcou de forma indelével os anos 50 e 60, houve sempre uma constante: a deliberada *exclusão do sujeito*."

Esse movimento de alçar o sujeito e o 'social' à análise não ocorre porém sem dificuldades ou mesmo contradições. Assim, a AD-1 analisa a construção do discurso tal como em um ambiente fechado, no qual há um sujeito acabado, produtor de um discurso estável e relativamente homogêneo, o qual reflete as características de seu autor e de forma direta e objetiva:

Extrapolando a lógica da linguística estrutural saussureana, estes autores começam a perceber que a produção de sentido somente é gerada a partir do momento em que as estruturas linguísticas entram em contato com um patrimônio histórico-social. Deste modo, tão importante quanto estudar o sistema da linguagem enquanto estrutura fechada em si, seria estudar como este sistema linguístico entraria em contato com elementos sociais produzindo determinados sentidos e as conseqüências dos mesmos. (MENDES, 2008, p. 148-149).

A despeito desse esforço inicial, o autor (ibid., p. 149) também observa que "[...] esta primeira tentativa de superação da linguística de Saussure ainda era extremamente influenciada pela noção de coerência e estabilidade contidas no estruturalismo."

Uma noção cara à AD-1 é o conceito de máquina discursiva, que pode ser entendida como "[...] uma estrutura [...] responsável pela geração de um processo discursivo a partir de um conjunto de argumentos e de operadores responsáveis pela construção e transformação das proposições, concebidas como princípios semânticos que definem, delimitam um discurso". (MUSSALIM; BENTES, 2006, p. 118). Cada máquina discursiva, dessa forma, é responsável

---

<sup>77</sup> Como previamente discutido, para Saussure (2006) o sentido é gerado pela diferença entre termos (critério diferencial).

por gerar um processo discursivo diferente, e cada máquina, por sua vez, é fruto de uma dada estrutura social. Mussalim e Bentes (2006) citam como exemplo a instituição de um partido comunista, cuja máquina discursiva é responsável por gerar um discurso bem delimitado social e historicamente. Para as autoras, marca a AD-1 a divisão do procedimento de análise em etapas. O resultado desse modo analítico é a delimitação e recorte de uma determinada máquina discursiva :

- a) primeiramente se seleciona um *corpus* fechado de seqüências discursivas (um manifesto político, por exemplo);
- b) em seguida faz-se a análise linguística de cada seqüência, considerando as construções sintáticas (de que maneira são estabelecidas as relações entre os enunciados) e o léxico (levantamento de vocabulário);
- c) passa-se depois à análise discursiva, que consiste basicamente em construir sítios de identidades a partir da percepção da relação de sinonímia (substituição de uma palavra por outra no contexto) e de paráfrase (seqüências substituíveis entre si no contexto);
- d) por fim, procura-se mostrar que tais relações de sinonímia e paráfrase são decorrentes de uma mesma estrutura geradora do processo discursivo. (MUSSALIM; BENTES, 2006, p. 118)

Ao analisar seu desenvolvimento e emprego, Mendes (2008) considera-se que a primeira fase da AD tem paulatinamente caído em desuso devido à rigidez de sua forma e à ausência da consideração de discursos que se chocam e se entrecruzam.

A partir de 1975 (ANGEMULLER, 2014, p. 10), contudo, a AD começa a diferenciar-se, sendo seu catalisador o conceito foucaultiano de Formação Discursiva (FD), definido como: “[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 1969 apud MUSSALIM; BENTES, 2006, p. 119). Em outras palavras, uma FD pode ser vista como o conjunto de regras e mecanismos que partem de uma coletividade e norteiam a formação de um discurso. Sempre definida como histórica e social, a FD delimita o que lhe está dentro e o que lhe é estranho, e, ao fazê-lo, acaba por definir ambos.

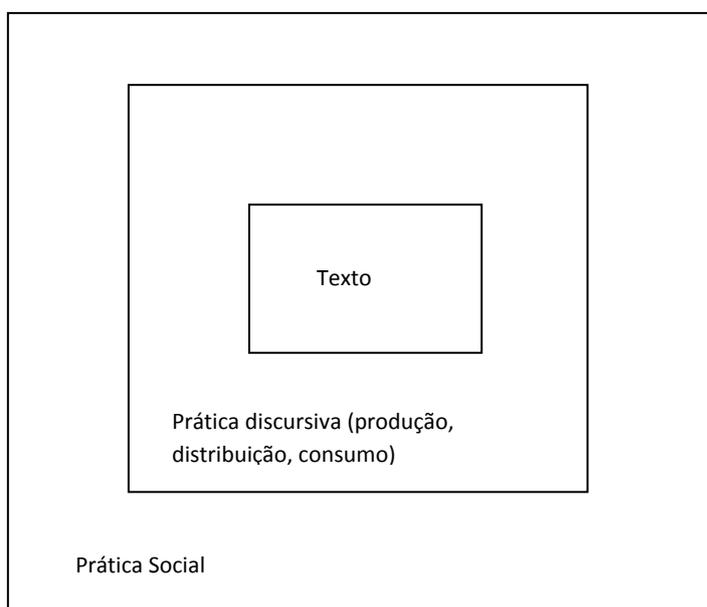
Levando-se em conta o conceito de FD, a AD-2 ainda partilha com a AD-1 a noção de que o discurso origina-se de uma realidade material. A grande diferença, contudo, encontra-se na mudança do objeto de análise: se na AD-1 o objeto de análise é uma determinada máquina discursiva, na AD-2 o foco recai sobre as relações que essas máquinas discursivas travam

entre si, haja vista que uma FD é sempre atravessada por outra FD. A relação contígua de uma FD com a realidade social e material que a gera é, no entanto, preservada:

Assim, uma FD, ao definir-se sempre em relação a um externo, ou seja, em relação a outras FDs, não pode mais ser concebida como um espaço estrutural fechado. **Ela será sempre invadida por elementos que vêm de outro lugar, de outras formações discursivas.** Nesse sentido, o espaço de uma FD é atravessado pelo “pré-construído”, ou seja, por discursos que vieram de outro lugar (de uma construção anterior e exterior) e que são incorporados por ela numa relação de confronto ou aliança. Uma FD, portanto, é constituída por um sistema de paráfrases, já que é um espaço onde enunciados são retomados e reformulados sempre **“num esforço constante de fechamento de suas fronteiras em busca da preservação de sua identidade”**. (MUSSALIM. BENTES, 2006, p. 119).

Tradicionalmente utilizada para representar a segunda fase da AD, a figura abaixo representa o esquema proposto por Fairclough (2001). Por meio de sua análise, observa-se como a AD-2 concebe a prática discursiva. Ela encontra-se entre o texto (o discurso puro) e a prática social (a realidade da interação entre os indivíduos):

**Figura 1: diagrama de Fairclough**



**Fonte: extraído de (FAIRCLOUGH, 2001).**

Ao conferir esse *locus* ao discurso (chamado por Fairclough de ‘prática discursiva’), torna-se possível assim compreender a maneira pela qual ele é entendido na segunda fase da

AD. De maneira geral, essa visão não somente reflete como também é produto da aceitação de três pressupostos com raízes no estruturalismo.

Em primeiro lugar, ao considerar a existência de uma ‘prática social’, a AD-2 acolhe o pressuposto positivista - e estruturalista - de separação entre o mundo material, a ‘realidade empírica’ e o mundo das ideias. A prática social pode assim ser vista como o somatório das relações entre indivíduos, relações essas que são parte da realidade dentro da qual eles se inserem. Mesmo que se possa atribuir papel relevante ao modo pelo qual essa realidade é representada pelo texto, a separação entre o ‘concreto’ e o ‘ilusório’ é marca indelével da AD-2.

Em segundo - e interligado ao primeiro ponto - a segunda fase da AD postula a existência de um sujeito criador e responsável pelo discurso. Ele habita um contexto externo ao texto e - apesar de conceder a possibilidade de interpretações diversas - pode ser visto como uma entidade que o precede, e que tem autoridade, ‘paternidade’ sobre o que se escreve ou se diz.

Dada a aceitação da existência de uma realidade concreta independente dos indivíduos e da noção de sujeito responsável pelo discurso (ou de sujeitos, a depender), tem-se que a forma mais efetiva de se alcançar o sentido ‘verdadeiro’ de um discurso seria aliar os dois pontos. É por esse motivo que, em terceiro lugar, a segunda fase da AD confere papel de destaque às tentativas de contextualização de um discurso: seria somente pelo entendimento das condições sócio-espáço-temporais de criação de um discurso que poderia-se depreender seu sentido, sua essência, seu significado oculto. A análise do contexto permitiria assim a delimitação dos falantes e das máquinas discursivas atuando em paralelo, influenciando-se mutuamente (mesmo que mantendo sua unidade estrutural).

Tomados em conjunto, pode-se assim apontar a forte correlação entre o modo pelo qual o construtivismo percebe o mundo - e por extensão as relações internacionais - e a AD-2, sendo essa uma ferramenta por excelência daquele. Mesmo que a relação entre os agentes - os falantes - seja alçada à posição central (influenciando o outro e o eu); mesmo que o discurso dependa em última instância da identidade dos atores (construída e reconstruída pela interação) e a influencie; e mesmo que a realidade somente adquira sentido por meio de valores e normas comuns, analisar o discurso pela ótica da AD-2 pressupõe a aceitação de um entendimento do mundo e das relações sociais afins àqueles postulados pelo construtivismo.

Com o cuidado da generalização, pode-se afirmar que o sujeito da AD-2 assemelha-se de certo modo àquele descrito por Adler (1999), e especialmente àquele de Onuf (1998)<sup>78</sup>. O construtivismo, ao aceitar a noção de realidade enquanto empiricamente acessível e ao enfatizar a interação e a linguagem, tem na AD-2 uma de suas principais ferramentas para avaliar não somente a construção do processo identitário como também sua relação com o todo societário que lhe rodeia.

### **3.2 Tipos de AD: AD-3 (pós-estruturalista)**

Tal como o capítulo anterior apresentou, a chamada ‘virada pós-moderna’ só teve efeito no âmbito das Relações Internacionais com o advento do pós-estruturalismo, sendo que o construtivismo desempenhara importante papel enquanto pioneiro na contestação do paradigma racional-positivista. De maneira análoga, a terceira fase AD-3 é chamada de AD pós-estruturalista - ou AD desconstrutivista - devido à maneira pela qual sua análise é desenvolvida. Substancialmente diferente das duas fases anteriores, a AD-3 rompe de vez com a noção de estruturas estáveis de discurso assentadas na concretude da realidade social.

Para se compreender as lentes através das quais a AD-3 analisa o discurso, faz-se necessário antes de tudo compreender a maneira pela qual ela se posiciona contrariamente aos três pressupostos da AD-2 elucidados na seção anterior: a) separação entre mundo material e o mundo das ideias; b) a noção de autor externo ao discurso; e c) necessidade de sua contextualização histórica.

No que tange ao primeiro ponto, uma análise de discurso pós-estruturalista vai de encontro à noção de existência uma materialidade, uma concretude real que confere à linguagem mero papel de veículo de sua representação e comunicação. As raízes dessa noção podem ser traçadas ao paradigma racional-positivista (vide Neufeld (1995) discutido no capítulo anterior), perpassando também a maneira pela qual o construtivismo enxerga o mundo. Nesse sentido, a AD-2 de Fairclough (2001) vem a corroborar a classificação do construtivismo enquanto um meio-termo, uma via média entre teorias tipicamente positivistas e outras de cunho reflexivista. (ADLER, 1999).

---

<sup>78</sup> Tal paralelo, no entanto, não pode ser feito de maneira tão direta com a noção de indivíduo proposta pelo construtivismo de Wendt, uma vez que o próprio autor não desenvolve o tema do papel do discurso na constituição dos atores. Como já citado por Maja Zehfuss, “Os atores de Wendt não falam. Eles apenas gesticulam uns para os outros.” (ZEHFUSS, 2002, p. 49, tradução nossa).

Como afirma Williams (2005), esse entendimento é criticado por Derrida<sup>79</sup>. Para o filósofo, a noção de que existe uma realidade ‘lá fora’ só se sustenta ao se garantir conotação positiva à noção de presença (ensejando o real, a verdade). Essa, porém, não é compreensível apartada do conceito de ausência (por sua vez a ilusão, a mentira). Em consequência, aceitar a existência de uma realidade externa ao indivíduo é visto por Derrida como sinônimo de aceitação da própria dicotomia, o próprio julgamento moral que valoriza de forma arbitrária um termo em detrimento do outro.

Faz-se necessário, todavia, atentar para o fato de que a relação de Derrida (1973, 1995, 2002) com a dicotomia real/ilusório não é de negação. Fazê-lo seria cair na mesma armadilha da qual o autor busca escapar: de que algo existe, e que algo não existe. Para ele, é desnecessária a divisão entre os dois termos. Para o autor, não pode-se conceber um conceito independente de sua representação: o conceito é a própria representação, não se sustentando fora dela. A realidade é o texto. O texto é tudo o que se possui.

Em segundo lugar, outro pressuposto da AD-3 é a impossibilidade de se entender o autor enquanto entidade externa ao texto. A separação entre autor e texto não pode ser encarada como ‘natural’. Pelo contrário, essa postura deve-se ao enraizamento de uma visão de mundo talhada pelo logocentrismo, que aponta a causa de um fenômeno (o autor do texto, seu criador), por meio de suas consequências (o texto enquanto produto). No autor estaria contida a verdade intrínseca ao texto, acessível a comparações em caso de dúvidas sobre a escrita, tida enquanto mera representação, reflexo, alegoria. Dobrar-se a essa separação seria, para Derrida, o equivalente a render-se ao mito de origem (que todas as coisas possuem um início, uma versão pura), ao mito da presença, e indo de encontro ao conceito de rastro (pelo qual são buscados rastros de semelhança e diferença entre conceitos com vistas à sua delimitação). Aludindo-se a Barthes (1977), o autor é seu texto, seu leitor.

[...] o nome do autor não é simplesmente um elemento em um discurso (capaz de ser tampouco sujeito ou objeto, de ser substituído por um pronome, ou algo do tipo); ele atua em certo papel com consideração ao discurso narrativo, assegurando uma função classificatória. Tal nome permite um grupo juntar um certo número de textos,

---

<sup>79</sup> As cinco questões a serem problematizadas em uma análise desconstrutivista apresentadas no capítulo anterior (origem, presença, rastro, *différance* e jogo), tomadas em conjunto, expõem de maneira aberta a maneira pela qual uma AD derridiana, uma AD da terceira fase, relativiza os três pressupostos da AD construtivista.

defini-los, diferenciá-los de e contrastá-los com outros. Além disso, ele estabelece um relacionamento entre os textos. (RABINOW, 1991, p. 107, tradução nossa).<sup>80</sup>

O trecho acima encontra eco nas palavras de Mendes (2008, p. 159), para quem a identificação do autor tem como objetivo garantir-lhe status. Citá-lo, por conseguinte, seria maneira de induzir no leitor aceitação - ou em igual medida, repulsa - *ex ante*. Explicitar a paternidade de um texto como ‘guia’ de sua leitura equivale à tentativa de direcionar no leitor um determinado viés ou entendimento.

Por fim - e relacionado ao ponto anterior - uma AD pós-estruturalista problematiza a necessidade de contextualização de um discurso como maneira de se garantir um entendimento mais refinado de um determinado evento ou fenômeno: “O contexto histórico-social, então, o contexto de enunciação, constitui parte do sentido do discurso e não apenas um apêndice que pode ou não ser considerado.” (MUSSALIM; BENTES, 2006, p. 123). Na verdade, o pós-estruturalismo não se opõe à contextualização, mas crê que fazê-lo implicaria não mais que a construção de novos discursos, de releituras. Dito doutra forma, ao recontar o passado criam-se novos discursos sobre e com os olhos do presente. Derrida, inclusive, critica a própria noção de tempo enquanto progressão temporal, sob o argumento que essa notação é oriunda do pressuposto metafísico de presença (bem como de origem), de algo que existiu, em contraposição à ausência, à não-presença. (CULLER, 1983; DERRIDA, 2001a, 2002; WILLIAMS, 2005). Em suas próprias palavras, “[...] logo, de toda a vida, sempre foi e sempre será presente. Não há e nunca haverá nada além do presente. O ser é presença ou modificação de presença”. (DERRIDA, [s.d.], p. 67). A AD-3, nesse sentido, não leva em conta outro relato que não o próprio que se deseja analisar.

Tendo-se então que a AD-3 concentra no texto - e somente nele - seu esforço analítico, é factível afirmar que para ela o não-dito é de importância semelhante aos pensamentos e expressões aos quais fora concedido espaço em seus parágrafos. Como argumentado por Foucault:

A esse tema conecta-se outro de acordo com o qual todo discurso manifesto é secretamente baseado em um ‘já-dito’; e que esse ‘já-dito’ não é meramente uma expressão que já fora dito, ou um texto que já fora escrito, mas um ‘nunca-dito’, um

---

<sup>80</sup>[...] an author’s name is not simple an element in a discourse (capable of being either subject or object, of being replaced by a pronoun, and the like); it performs a certain role with regard to narrative discourse, assuring a classificatory function. Such a name permits one to group together a certain number of texts, define them, differentiate them from and contrast them to others. In addition, it establishes a relationship among the texts.

discurso incorpóreo, uma voz silenciosa como a respiração, uma escrita que é meramente o vazio de sua própria marca. Supõe-se portanto que tudo o que é formulado em discurso já fora articulado nesse meio-silêncio que o precede, o qual continua a correr obstinadamente debaixo dele, mas que ele cobre e silencia. **O discurso manifesto, portanto é nada mais do que a presença repressiva do que ele não diz; e esse 'não-dito' é um vazio que debilita por dentro tudo o que é dito.**" (FOUCAULT, 1972, p.25, tradução nossa, destaques nossos).<sup>81</sup>

Desse modo, uma análise de discurso que se propõe desconstrutivista deve necessariamente atentar para as regularidades e irregularidades daquilo que é dito, que encontra-se expresso em palavras no seio do texto, mas também para os pontos de silêncio, de não-discurso, em que os parágrafos que se sucedem furtam-se a discutir um assunto do qual se tem ciência ou que já fora superficialmente tratado.

Além do silêncio, ao proceder-se a uma AD pós-estruturalista, um leitor deve outrossim tomar nota das contradições que jazem latentes no interior do texto, as quais muitas vezes o autor busca apagar, seja por meio do silêncio - daí a importância da discussão acima - seja por meio da repetição, que por sua vez esgarça os feixes de sentido de um conceito, expondo-o à sua natureza inerentemente instável e contraditória.<sup>82</sup>

Desse modo, discutidos os pilares da AD pós-estruturalista, observa-se mais claramente o quanto ela dista da AD saussureana e mesmo da AD construtivista. A ideia de demarcação de um discurso é implodida, uma vez que nenhum discurso constitui-se de maneira isolada. Ele é sempre construído e reconstruído múltiplas vezes, e de infinitas maneiras. Assim, a noção de formação discursiva presente na AD-2 também é relativizada, dando lugar ao que a AD-3 considera como interdiscurso, entendido como a resultante desse processo de contato e transbordamento entre diferentes discursos:

A desconstrução da maquinaria discursiva só ocorrerá mesmo na terceira fase da Análise de Discurso (AD-3). Essa desconstrução é decorrente de um deslocamento

---

<sup>81</sup> To this theme is connected another according to which all manifest discourse is secretly based on an 'already-said'; and that this 'already-said' is not merely a phrase that has already been spoken, or a text that has already been written, but a 'never-said', an incorporeal discourse, a voice as silent as a breath, a writing that is merely the hollow of its own mark. It is supposed therefore that everything that is formulated in discourse was already articulated in that semi-silence that precedes it, which continues to run obstinately beneath it, but which it covers and silences. The manifest discourse, therefore, is really no more than the repressive presence of what it does not say; and this 'not-said' is a hollow that undermines from within all that is said.

<sup>82</sup> Dentre várias outras, duas obras constantes nas referências desde trabalho podem ser citadas como exemplo do papel exercido pela contradição na análise de discurso pós-estruturalista. Hansen (2006) ao estudar a Guerra da Bósnia aponta os múltiplos recursos dos quais valiam-se os governo americano e britânico na tentativa de silenciar as contradições que assolavam a posição de ambos no que tange às respostas que davam ao conflito. Também Mendes (2008) discute o papel das contradições e da repetição na tentativa de estabilização de sentido e delimitação dos conceitos de terrorismo e terrorista presentes nos discursos do ex-primeiro-ministro britânico Tony Blair.

que ocorre no que diz respeito à relação de uma FD com as outras. Na AD-2, o “outro” - outra(s) FD(s) - é incorporado pela FD em questão, que mantém, mesmo sendo atravessada por outros discursos, uma identidade. É possível, através de uma análise discursiva, determinar, no interior da dispersão, o que pertence a uma ou à(s) outra(s) FD(s). [...] **Na AD-3, por sua vez, adota-se a perspectiva segundo a qual os diversos discursos que atravessam uma FD não se constituem independentemente uns dos outros para serem, em seguida, postos em relação, mas se formam de maneira regulada no interior de um interdiscurso.** Será a relação interdiscursiva, portanto, que estruturará a identidade das FDs em questão. Em decorrência dessa nova concepção do objeto de análise - o interdiscurso -, o procedimento de análise por etapas, com ordem fixa [descrito na seção anterior], como afirma Pêcheux (1983), explode definitivamente. (MUSSALIM; BENTES, 2006, p. 120, destaque nosso).

Tomando então a ideia do interdiscurso à luz dos três pressupostos supracitados, pode-se inferir o escopo da AD-3, qual seja, analisar a maneira pela qual um determinado discurso se constrói e se reproduz levando em conta a porosidade e plasticidade dos significados ali acionados, utilizando para tal não uma posição que oscila entre polos de sentido, mas abrindo-se à multiplicidade de sentidos que podem dali advir. O nome ‘análise de discurso’, nesse sentido, torna-se-lhe mais que adequado. Se a única forma de acesso ao que se entende por ‘real’ é por meio de sua representação, por meio do discurso que se cria sobre ele, analisá-lo torna-se assim sinônimo de analisar a própria realidade. A fronteira entre os dois mundos se apaga. O discurso é tudo o que resta.

### 3.4 A metodologia analítica de Lene Hansen

Penúltima parte deste capítulo, esta seção tem por objetivo apresentar alguns pontos da metodologia de pesquisa aplicada por Lene Hansen em *Security as Practice* (2006). Por escolha deste pesquisador e pela repercussão alcançada por sua obra ela servirá como alicerce metodológico na construção do modelo de pesquisa e na sua operacionalização. O motivo dessa escolha deu-se em parte pela simplicidade porém grande efetividade analítica de seus modelos, assim como pela relativa proximidade entre os objetos de pesquisa. Dentre os vários recursos metodológicos utilizados pela autora, dois serão de crucial pertinência nos capítulos a seguir: os processos de *linking and differentiation* e a representação gráfica dos quatro vetores de uma AD.

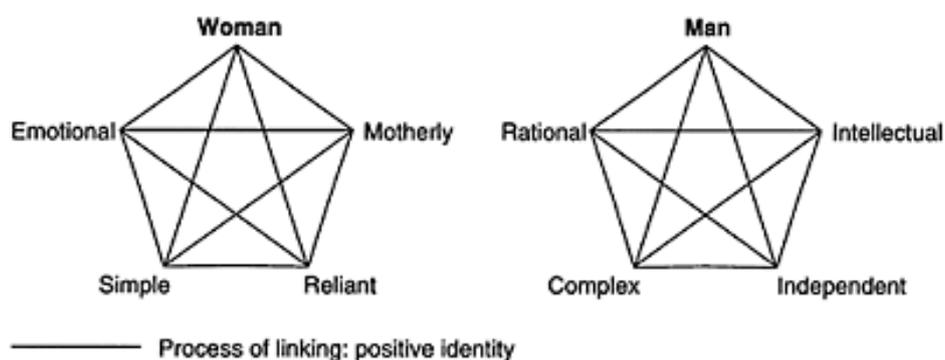
Ao analisar a construção do discurso ocidental sobre a Guerra da Bósnia (1992-1995), Hansen se debruça em especial sobre a maneira pela qual o Ocidente foi ao longo dos anos construindo e moldando o conceito e entendimento geral sobre os Bálcãs (península onde se

localiza a Bósnia, assim como os outros países da antiga Iugoslávia). O importante, para a autora, era compreender como desenrolou-se o processo que conferia significado ao nome. Posto doutra forma, interessava-lhe descobrir quais características eram comumente associadas aos Bálcãs, e a maneira pela qual tais características contribuíam no processo de construção da sua identidade, seja enquanto região geográfica, como lar de etnias, ou mesmo enquanto fronteira ideológica.

Procedendo a essa tarefa, Hansen faz uso de dois processos, denominados por ela de *linking and differentiation*. Ao utilizar os verbos *link* (ligar, em inglês) e *differentiate* (diferenciar-se), a autora nomeia o fenômeno por meio de seus dois processos. O primeiro, *linking*, é apresentado na figura 2 a seguir e refere-se à maneira pela qual determinadas características são conectadas de modo a criar um determinado todo conceitual. Detectando quais atributos são conferidos a um, mas estão todavia ausentes em outro, o processo busca demonstrar que a construção de um conceito - e de forma análoga, de uma identidade - dá-se por meio do acionamento de algumas características que, atuando em conjunto, conferem sentido e delimitam seu significado.

Tomando o conceito de mulher e homem como exemplos, a autora demonstra com os pentagramas como é construída a identidade da mulher pela ligação das características de emocional, maternal, simples e dependente. Tais conceitos são acionados no processo de significação, os quais, conectados, possibilitam a construção de sentido de um todo: a mulher. Processo semelhante é utilizado pela autora para demonstrar como se dá a construção da identidade do homem, ao qual são conferidas as características de racional, intelectual, complexo e independente.

**Figura 2: processo de *linking***



Fonte: extraído de (HANSEN, 2006, p. 17).

Aplicando o processo de *linking* ao seu objeto de estudo, a autora considera que a identidade balcânica<sup>83</sup> - o discurso sobre o Balcãs - foi construída pelo Ocidente por meio da soma de características que tinham em comum o fato de serem todas de conotação mormente negativa. Assim, Hansen afirma que a região ficara conhecida enquanto bárbara, violenta, subdesenvolvida e irracional.

No entanto, há que se lembrar que para o pós-estruturalismo nenhuma identidade existe ou constrói-se de forma isolada, nem pode ser criada a partir de um único processo. Ela acontece juntamente com o outro, o de *differentiation*, que consiste na construção de sentido por meio não do somatório de semelhanças, mas pela exacerbação das diferenças. Em outras palavras, é a definição de um dado conceito pela demarcação daquilo que ele não é, do que busca não ser, ou mesmo do que - acionando uma ideia de temporalidade - jamais fora. Para Hansen, o processo de *linking and differentiation* deve conciliar tanto as esferas metodológica quando analítica no momento de construção e definição da identidade dos atores. Assim:

**Metodologicamente, deve-se então começar por identificar aqueles termos que indicam uma clara construção do *other* (o outro), tais como ‘mau’, ‘ditador’, ‘assassino’, e ‘terrorista’, ou do *self* (eu), como ‘bom’, ‘civilizado’, ‘justo’ e ‘atacado’. A construção da identidade não é, entretanto, garantida somente por meio da designação de uma característica particular para o *other* ou para o *self*, mas pela localização dessa característica no âmbito de um sistema maior. [...] Analiticamente, a construção da identidade deve então estar situada dentro de uma cuidadosa investigação a respeito de **quais características são articuladas por um discurso ou texto em particular, como elas são acopladas para atingir estabilidade discursiva, onde as instabilidades e falhas entre essas construções podem ocorrer, e de que maneira discursos concorrentes constroem a mesma característica para diferentes efeitos.** (HANSEN, 2006, p. 37, tradução nossa, destaque nosso).<sup>84</sup>**

No caso em questão, a identidade dos Balcãs é construída somando-se características de conotação negativa, ao passo que essas são projetadas em contraste às características consideradas afeitas à Europa: civilizada, controlada, desenvolvida, e racional. Nesse duplo

<sup>83</sup> No decorrer do livro a autora demonstra que, na verdade, houve não somente uma construção identitária sobre os Balcãs, mas no mínimo três ao longo dos dois últimos séculos. Toma-se aquela citada acima a título de exemplo. Vide Hansen (2006) nas referências.

<sup>84</sup> Methodologically, one should therefore begin by identifying those terms that indicate a clear construction of the Other, such as ‘evil,’ ‘dictator,’ ‘murderer,’ and ‘terrorist,’ or of the Self, such as ‘good,’ ‘civilized,’ ‘justified,’ and ‘attacked.’ Identity construction is not, however, accomplished solely through the designation of one particular sign for the Other or the Self but rather through the location of this sign within a larger system. [...] Analytically, the construction of identity should therefore be situated inside a careful investigation of which signs are articulated by a particular discourse or text, how they are coupled to achieve discursive stability, where instabilities and slips between these constructions might occur, and how competing discourses construct the same sign to different effects.

movimento, um conceito só existe em relação ao outro. Mais ainda, cada característica é apresentada de modo a representar o todo balcânico ou o todo europeu. Torna-se possível criar um discurso de viés depreciativo sobre os Bálcãs somente se existir um outro, positivo, contra o qual se lhe pode contrastar. Em termos práticos, ao construir um discurso sobre outrem, constrói-se ao mesmo tempo um discurso sobre o eu, o falante. Os Bálcãs somente poderiam ser vistos como bárbaros caso haja um outro local entendido como civilizado.

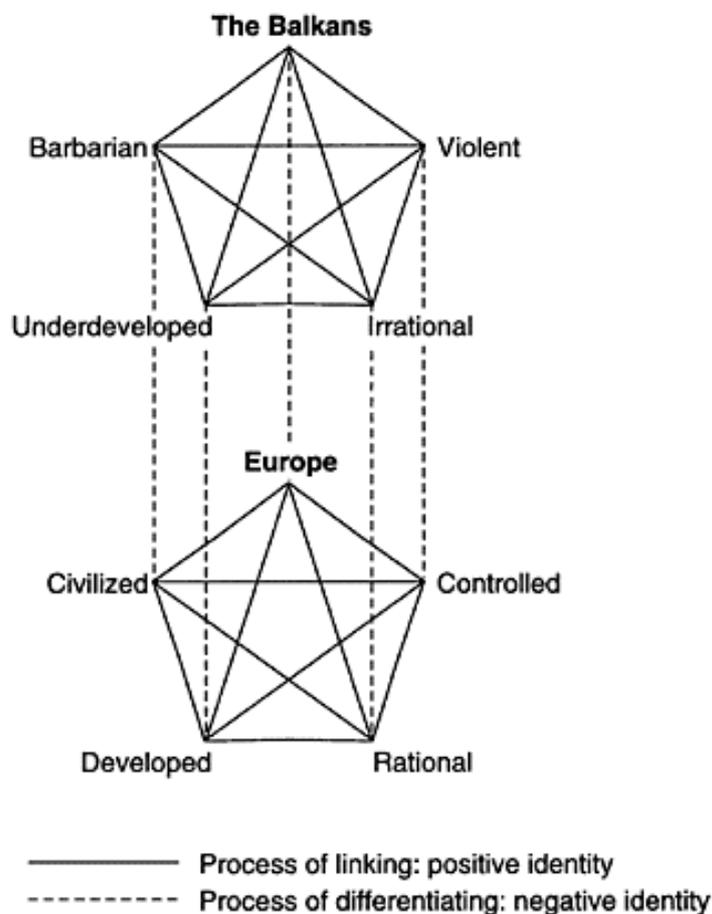
É interessante ressaltar que a mais notável incoerência dessa proposta é exatamente que os Bálcãs - enquanto região geográfica - são parte integrante do continente europeu<sup>85</sup>. Percebe-se aqui outra faceta digna de nota: a noção de pertencer à Europa passa a não mais a se atrelar à localização geográfica, mas ao compartilhamento de valores. Assim, os Bálcãs somente podem existir enquanto conceito em contraposição à Europa, e vice-versa (HANSEN, 2006).

A figura 3 a seguir representa esses dois processos interconectados e sobrepostos:

---

<sup>85</sup> A região conhecida como Bálcãs integra o continente europeu na sua parte mais a leste. O Leste Europeu, por sua vez, também é - por lógica - chamado de Europa Oriental. A classificação, no entanto, é permeada por contradições e incoerências, sendo o caso grego o mais notável. Tecnicamente, a Grécia corresponde à porção mais setentrional da península balcânica, pertencendo, em um primeiro momento aos Bálcãs e ao contexto maior, a Europa Oriental. Com o advento da Guerra Fria, entretanto, a Grécia tornou-se o único país capitalista de toda a região, dentro da esfera de influência da Europa Ocidental e fora do bloco comunista, o qual viu-se sob a batuta e influência da União Soviética. Disso resulta que a identidade da Grécia moderna foi construída de tal modo a exacerbar suas ligações com a chamada Europa Ocidental, e silenciando por sua vez as inúmeras influências orientais em sua cultura, em especial no período que abrange o fim da segunda guerra mundial e a queda do muro de Berlim (1945 - 1989). Aliás, pode-se dizer que o processo de 'ocidentalização' da Grécia tem início ainda antes, quiçá remontando à Idade das Luzes, em que foram revividos uma série de conceitos e pensadores gregos na tentativa de se estabelecer uma relação de herança quase direta da Grécia Antiga pela sociedade europeia. Nesse sentido, é como se a cultura grega tivesse sempre feito parte da cultura europeia [ocidental], mesmo estando a centenas de quilômetros da fronteira 'ocidental' mais próxima (a Áustria), e tivesse muito pouco ou quase nada em comum com Macedônia, Albânia, Bulgária e Turquia, por exemplo, países que lhe são fronteiriços. O tema é amplamente discutido na obra de Larry Wolff, *Inventing Eastern Europe* (1994), assim como naquela de Maria Todorova, *Imagining the Balkans* (2009). A última, inclusive, é citada por Lene Hansen enquanto análise da construção identitária balcânica. Vide referências.

**Figura 3: processo de *linking and differentiation***



Fonte: extraído de (HANSEN, 2016, p. 38).

A estruturação do duo de processos supracitados de *linking and differentiation*<sup>86</sup> adquire assim papel crucial para toda AD, pois ela delinea o que a autora chama de discursos básicos: “[...] o ponto de partida metodológico para a análise de discurso é a explícita articulação da identidade dentro de uma rede de sinais.” (HANSEN, 2006, p. 39, tradução nossa).<sup>87</sup> A identificação de um discurso básico, para a autora, é o alicerce para a se analisar como se desenvolve a construção da identidade.<sup>88</sup>

<sup>86</sup> É pertinente notar que, ao apresentar os conceitos, Hansen (2006) começa pelo processo de *linking*, mas não apresenta a *differentiation* como algo independente, que pode ou não existir à revelia de *linking*. Prova disso é que a autora nem mesmo os classifica como concomitantes. Para ela, eles fundem-se e tornam-se faces da mesma moeda, um não existindo sem o outro e sendo ao mesmo tempo parte de sua criação. Para maior aprofundamento sobre a discussão, vide o terceiro capítulo de sua obra referenciada ao final desta pesquisa.

<sup>87</sup>[...] the methodological starting point for discourse analysis is the explicit articulation of identity within a web of signs.

<sup>88</sup> Deve-se ressaltar antes de tudo - como também faz Hansen - que a noção de ‘discurso básico’ não existe em sua plenitude, devendo por sua vez ser entendida nos termos de um tipo-ideal weberiano. Para a autora, seu valor analítico é que eles são capazes de fornecer uma espécie de lente pela qual se pode melhor distinguir como representações e conceitos sobre o *self* e sobre o *other* conectam-se em um debate - ou também como articulam-se as divergências. (HANSEN, 2006, p. 46-47).

Indo mais a fundo nessa investigação, Hansen argumenta que à medida que discursos buscam estabilidade aproximando-se ou distanciando-se de outros discursos e outras identidades, eles o fazem via de regra pelo acionamento do que ela considera serem as três dimensões envolvidas no processo de construção identitária: espacialidade, temporalidade e ética. Para ela, essas dimensões serão articuladas de modo a sempre atuarem em conjunto. Ao trazer à luz tais dimensões, Hansen - analisando no caso em questão a construção dos discursos de política externa - confere robustez ao processo de *linking and differentiation*, demonstrando o meio por onde ele se desenrola:

Metodologicamente, construções espaciais, temporais e éticas são investigadas por meio da análise de *linking and differentiation*, mas não deve-se esperar que discursos de política externa usem explicitamente os conceitos de espaço, tempo e responsabilidade em suas formulações. [...] Eles são lentes analíticas que trazem à luz a importante substância política da construção de identidade, não sinais explicitamente articulados. [...] Eles têm igual status teórico e ontológico; não há uma dimensão que seja mais fundamental que as outras, ou que possa determinar as outras duas. [...] **O objetivo primordial dos discursos de política externa é articular os três elementos de tal modo que eles possam basear-se ao mesmo tempo que reforçam uns aos outros.** (HANSEN, 2006, p. 42, tradução nossa, destaque nosso).<sup>89</sup>

Discutido o processo - ou os processos duais - de *linking and differentiation*, pode-se então ter uma noção mais bem elaborada sobre como identificar um discurso básico em meio à multiplicidade de discursos sobre os quais uma AD às vezes se depara. Para Hansen, eles frequentemente não acionam todas as dimensões de espacialidade, temporalidade e ética ao mesmo tempo, e via de regra o fazem com intensidades diferentes, o que demonstra como pode ser complicada a tarefa de definição de um discurso básico sobre o *self* ou sobre o *other*. Ciente disso, a autora discorre sobre o que ela considera serem certas guias - metodologicamente falando - capazes de nortear um pesquisador em meio à pluralidade de textos com que geralmente se depara ao buscar definir a maneira pela qual se estrutura a construção da(s) identidade(s). Assim, para ela:

O primeiro ponto é que, por que discursos básicos devem indicar as principais posições estruturais de um debate, é pertinente que eles sejam baseados na leitura de

---

<sup>89</sup> Methodologically, spatial, temporal, and ethical constructions are investigated through analysis of linking and differentiation, but one should not expect foreign policy discourse to explicitly use the concepts of space, time, and responsibility in formulations. [...] [They] are analytical lenses that bring out the important political substance of identity construction, not explicitly articulated signs. [They] have equal theoretical and ontological status; there is not one dimension which is more fundamental than the others or which can be said to determine the other two. [...] the overriding goal of foreign policy discourse is to articulate the three elements in such a manner that they draw upon and reinforce each other.

um grande número de textos. [...] O segundo ponto metodológico é que discursos básicos devem ser construídos sobre explícitas articulações das principais representações da identidade. [...] Uma vez que as principais representações foram selecionadas, deve-se passar para o terceiro, [...] que é basear-se nas concepções históricas das representações escolhidas. A importância da concepção histórica não é somente, no entanto, para criar uma comparação com discursos passados, mas também, em termos foucaultianos, conduzir uma leitura genealógica que rastreia a constituição do presente conceito ao longo da história para entender quando e como ele se formou e como ele foi bem-sucedido em marginalizar outras representações (Foucault 1984). (HANSEN, 2006, p. 47, tradução nossa).<sup>90</sup>

Discutidas as maneiras e formas de se identificar os principais processos e identidades que jazem em um discurso - latentes ou a descoberto - tem-se que o segundo grande aporte da obra de Hansen a ser utilizado neste trabalho é o modo pelo qual a autora estrutura graficamente a representação da AD. Nela são apontados quatro vetores que, referindo-se a diferentes dimensões, convergem para a construção do discurso sob análise. São eles: número de *selves*<sup>91</sup>, modelo intertextual, perspectiva temporal, e número de eventos. De modo geral, a demarcação desses quatro pontos estabelecidos nos vetores irá balizar todo o processo de análise que se segue.

O primeiro vetor refere-se ao número de *selves*, de sujeitos que produzem o discurso. A noção aqui remete a Campbell (1992), em que o *self* (eu) produz determinado discurso sobre si e também sobre o *other* (outro). Assim, esse vetor identifica quantos sujeitos produtores do discurso atuam na sua construção. A autora considera a possibilidade de haver somente um sujeito, ou múltiplos, nesse caso comparados em relação ao tempo ou a um determinado evento que de alguma forma os conecta. Uma outra possibilidade é o chamado ‘encontro discursivo’, em que o discurso do *self* é tomado em perspectiva com as ‘contra-construções’ do *other* (no caso tanto sobre *self* quanto sobre *other*).

O segundo vetor identifica o modelo intertextual utilizado na construção do discurso a ser analisado. Pela expressão a autora busca explicitar e delimitar tanto o foco quanto o objeto de análise, bem como o seu objetivo. A autora identifica três modelos em que a pesquisa pode desenrolar-se. No primeiro modelo, são utilizados somente discursos oficiais (de chefes de

---

<sup>90</sup> The first point is that, because basic discourses should indicate the main structural positions within a debate, it is pertinent that they are based on the reading of a larger number of texts. [...] The second methodological point is that basic discourses should be built on explicit articulations of key representations of identity [...] Once the key representations have been selected one might turn to the third, [...] which is to draw upon available conceptual histories of the representations chosen. The importance of conceptual history is not only, however, to create a comparison with past discourses, but also, in Foucault's terms, to conduct a genealogical reading which traces the constitution of the present concept back in history to understand when and how it was formed as well as how it succeeded in marginalizing other representations (Foucault 1984).

<sup>91</sup> Afora a explanação inicial, optou-se por não traduzir o termo ao longo do texto, mantendo seu uso tal como no original, em inglês, devido ao fato de a expressão já ser de uso corrente na academia.

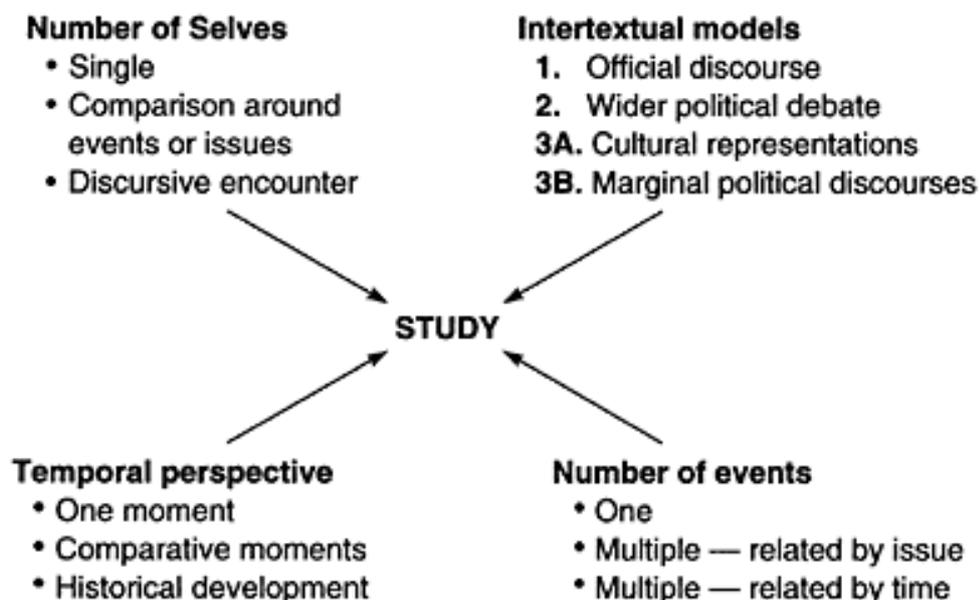
Estado, por exemplo). Nele, busca-se entender como se dá a estabilização do discurso oficial bem como as respostas que esse oferece a críticas e tentativas de desestabilização. O segundo modelo, por sua vez, amplia o espectro, levando em consideração também discursos da mídia, da oposição (política, por exemplo), de empresas, instituições, etc. Neste caso o alvo é entender como se articula e se mantém a hegemonia do discurso oficial e suas transformações. Por fim, o terceiro modelo (que na verdade a autora subdivide em partes A e B) amplia ainda mais a lente, trazendo representações culturais e discursos marginais à análise, com vista a identificar a consolidação ou sedimentação de identidades em um determinado contexto.

O terceiro vetor diz respeito à perspectiva temporal a ser considerada na análise. Pode-se analisar um momento de curta ou longa duração (neste caso dividido em períodos para fins mais didáticos), múltiplos momentos (uma análise comparativa), ou mesmo a evolução histórica de um discurso no decorrer do tempo (que ela chama de desenvolvimento histórico).

O quarto e último vetor refere-se ao número de eventos que compõem o discurso. Neste ponto, Hansen concede que a própria noção de o que pode ser considerado como evento - e por contrapartida o que não pode - é de escolha do pesquisador. Como exemplificado pela autora, o evento pode tratar-se tanto da 'integração europeia', do 'Tratado de Maastricht', quanto de uma guerra, por exemplo. Ao delimitar-se um evento, no entanto, delimita-se também - e por consequência - a sua perspectiva temporal. No exemplo acima, o Tratado de Maastricht é um fenômeno amplamente conhecido, ocorrido em um ano específico, e na cidade que lhe dá nome.

Unindo os quatro vetores, chega-se ao esquema gráfico proposto por Hansen, apresentado na figura 4 a seguir. Dele, depreende-se o caráter multifacetado que possui uma AD pós-estruturalista, estando o discurso sob análise sempre sujeito a ser escrito e reescrito na busca por estabilização:

**Figura 4: representação gráfica dos vetores da análise de discurso**



Fonte: extraído de (HANSEN, 2006, p. 72).

Tomando os dois processos acima descritos em perspectiva, observa-se que a estruturação da AD por meio dos vetores auxilia na identificação dos fatores que intervêm na construção de um discurso. Já o processo de *linking and differentiation* atua precisamente na demarcação de quais características serão acionadas ao se construir uma identidade, bem como a maneira pela qual elas se relacionam na busca pela estabilização de seus sentidos. Os capítulos seguintes, em que passa-se à prática analítica dos discursos objetos de estudo deste trabalho, fazem uso de ambas ferramentas na elaboração da análise aqui proposta.

### **3.5 O discurso sobre Slobodan Milosevic e metodologia analítica de Lene Hansen**

Promovendo a junção da proposta de pesquisa desta obra com a metodologia acima elucidada (e tomando-se de empréstimo o modelo analítico trazido por Hansen), é possível assim estruturar de forma análoga o processo de análise de discurso ao qual procederá esta pesquisa.

Destarte, tem-se que o objeto a ser estudado é a construção do discurso da mídia escrita ocidental sobre o ex-presidente da Sérvia e também da antiga Iugoslávia<sup>92</sup> Slobodan Milosevic durante o conflito que ficou conhecido por Guerra do Kosovo, que abrange os meses de março de 1998 (data das primeiras escaramuças) até junho de 1999, quando da assinatura do acordo de paz e subsequente suspensão dos bombardeios da OTAN e retirada das tropas sérvias e iugoslavas. Mais especificamente, serão analisados todos editoriais publicados pelo jornal britânico *The Guardian* (TG) e o americano *The New York Times* (NYT) em que a palavra ‘Milosevic’ consta de algum modo (seja no título, na chamada ou no corpo do texto).

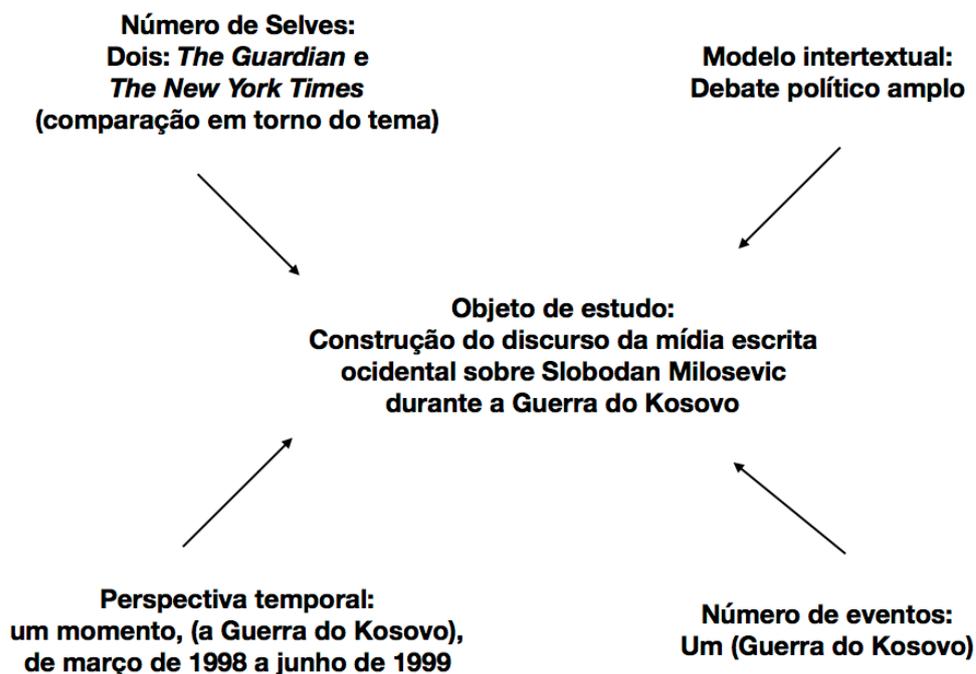
No que tange à apresentação dos discursos, este pesquisador cumpriu as diretrizes desta instituição, traduzindo à língua desta obra todos os discursos analisados e trazendo por sua vez os textos originais como notas de rodapé. Ressalta-se, entretanto, a preferência para que - sempre que possível - os trechos citados sejam lidos em sua língua de publicação original - o inglês, sempre referenciado no rodapé da página - de modo a preservar a fidelidade de cada apresentação, por maior que seja o contrassenso entre pós-estruturalismo e fidelidade. Fazê-lo permitirá ao leitor ter acesso ao texto tal como apresentando nas páginas do jornal no dia de sua publicação.

Desse modo, aplicando-se o recorte temporal supracitado chega-se ao total de 59 editoriais referentes ao TG e 66 presentes no NYT. Isso posto - e aplicando-se o desenho de pesquisa de Hansen ao tema aqui posto em estudo - pode-se então estruturar a AD proposta neste projeto de pesquisa tal como elucidado na figura 5 abaixo:

---

<sup>92</sup> Na verdade, é comum a confusão a respeito do cargo que Milosevic ocupava ao longo do conflito, que era de presidente da República da Iugoslávia. No entanto, pelos idos de 1998 o Estado já não possuía as mesmas configurações do início da década, devido às secessões de Eslovênia (1991), Croácia (1991), Macedônia (1991), e Bósnia e Herzegovina (1992). O fator de dubiedade é que o mesmo Milosevic havia ocupado anteriormente o cargo de presidente da República da Sérvia, um dos entes federados da então Iugoslávia, principalmente durante as guerras de independência da Croácia e da Bósnia, dois conflitos de intensa cobertura midiática. Tal como na configuração elaborada - e por décadas mantida de pé - por Tito (grande articulador da Iugoslávia comunista do pós-Segunda Guerra Mundial), a presidência da república deveria sempre obedecer a uma certa rotatividade (mesmo que não perfeita), de modo a garantir a representatividade de todas as nações que perfaziam a federação.

**Figura 5: representação gráfica da análise de discurso proposta**



Fonte: Elaboração própria com base no modelo proposto por (HANSEN, 2006).

O primeiro vetor (canto superior à esquerda) apresenta cada um dos jornais enquanto um *self*, um sujeito produtor do discurso. Assim, por mídia ocidental esta pesquisa referir-se-á à junção de TG e NYT. Cada jornal, ao longo do período, publicou uma série de editoriais dedicados à Guerra do Kosovo e principalmente à figura de Milosevic em si, os quais tidos em conjunto delineiam um visão e posição acerca do tema - e da pessoa.

Definidos os *selves*, define-se também em consequência o modelo intertextual (quadrante superior à direita), que segue o segundo tipo, levando em conta o debate político amplo (no qual são considerados outros discursos que não os oficiais).

No quadrante inferior à esquerda, tem-se que a perspectiva temporal é definida como um único momento, qual seja, a Guerra em Kosovo. Mesmo que o conflito tenha passado por fases de tensão e afrouxamento, ele ainda pode ser considerado como um evento em si, em cima do qual ambos TG e NYT criaram seus discursos, moldando a visão da opinião pública sobre o conflito e seus principais personagens.

Por fim, tal como apresentado, este estudo desenvolve-se em torno de um evento principal, composto por uma série de microeventos que formam em conjunto o que ficou conhecido por Guerra do Kosovo, identificados no diagrama em seu quadrante inferior à direita.

No que tange à contextualização histórica do conflito e do personagem tema desta análise, esta obra fida-se à postura pós-estruturalista ao considerar que o próprio ato de apresentar ao leitor um contexto dentro do qual estariam inseridos os discursos em questão resumir-se-ia à geração de novos discursos sobre o tema. Desse modo, optou-se - tal como mais detalhadamente explicitado nos capítulos antecedentes - pela apresentação e discussão dos discursos tendo-se em conta única e exclusivamente cada discurso *per se*.

Apresentados os marcos teóricos que balizam e dão sustentação a esta pesquisa, seja quanto ao paradigma à qual se filia como quanto à metodologia analítica que emprega, pode-se então proceder à efetiva discussão e análise dos discursos presentes nas páginas de TG e NYT, assuntos dos dois capítulos subsequentes.

#### **4 O DISCURSO SOBRE SLOBODAN MILOSEVIC NO *THE GUARDIAN***

Ancorado na visão de mundo pós-estruturalista, este capítulo dedica-se a entender como deu-se a construção do discurso do jornal TG sobre Slobodan Milosevic. De maneira geral - e como discutido em partes ao longo do capítulo - o discurso sobre o personagem desenrolou-se apoiado em alguns pilares, em torno dos quais o jornal buscava assentar a construção de sentido que transmitia assim determinada mensagem. Dito doutra forma, a leitura e análise dos textos demonstrou que o TG buscou estabelecer algumas linhas-mestras que norteavam a maneira pela qual Milosevic foi retratado, a saber:

- a) Concentração/dispersão dos discursos ao longo do período;
- b) Caracterização da personalidade de Milosevic;
- c) Comparação da Guerra do Kosovo com outras situações e conflitos anteriores;
- d) Caracterização da ação do Ocidente: compreendidos aqui os EUA (Estados Unidos), a UE (União Europeia), a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), a ONU (Organização das Nações Unidas), e por vezes a Rússia;
- e) Caracterização das etnias e nacionalidades envolvidas.

Discutidas a seguir, dedicou-se a cada uma delas uma seção deste capítulo. Antes de todas, uma primeira seção traz uma visão geral dos principais pressupostos da AD pós-estruturalista (AD-3) inseridos no caso específico desta pesquisa. Ao final, há uma última seção, em que sintetizam-se os resultados encontrados.

##### **4.1 Os pressupostos da AD-3 e os discursos sobre Milosevic no *The Guardian***

Como discutido nos dois capítulos anteriores, a abordagem pós-estruturalista derridiana orbita em torno de alguns pressupostos essenciais à sua compreensão.

Em primeiro lugar - posto que o discurso sobre algo é tudo ao qual se tem acesso - uma análise que diz-se pós-estruturalista de cunho derridiano não considera possível a construção de sentido fora do texto. Assim, o que convencionou-se chamar de realidade somente é cognoscível por meio da linguagem, do discurso que se faz sobre ela. Em outras palavras, não há que percepções sobre algo: analisar o discurso é analisar a realidade tal como se apresenta. No caso em questão, esta pesquisa não tem como objetivo contrastar o que

dizia-se sobre Milosevic com aquilo que o ex-líder “ realmente era”. O que ele “era”, para este estudo, era exatamente o que se dizia sobre ele.

Segundo, tem-se que Derrida, como discutido no capítulo primeiro, considerava a estrutura de significação linguística inerentemente instável. Um conceito está sempre à deriva em busca de um porto onde possa ancorar sua construção de sentido. Esse, por sua vez é volátil, nunca estável e auto-referenciado como pensavam os estruturalistas. A ilusória estabilidade de um termo só pode ser atingida pelo apagamento das diferenças e das contradições que jazem no cerne de todo processo de significação. De modo geral, quanto maior a repetição de um conceito, maior o esgarçamento de seus sentidos, tornando mais visíveis as instabilidades discursivas.

Dada essa instabilidade inerente, uma consequência daí advinda (e que de igual modo retroalimenta o sistema enquanto causa) é a impossibilidade de fixação de um conceito. É inútil a busca pela definição de algo, pois os feixes de significado estarão sempre transbordando em todas as direções. Definir algo é buscar o sentido de presença inicial, é impor limites ao que pertence e ao que é externo ao conceito. Tentar fazê-lo é contido como a fotografia de um trem em movimento: ela representa somente um momento dentre uma infinidade de outros que não foram capturados.

Por fim, um terceiro ponto marcante em uma AD de cunho pós-estruturalista derridiano - também como discutido nos capítulos anteriores - é a relativização do apontamento ou demarcação contextual para um dado discurso. Fiel a esta visão - por maior que seja o contrassenso entre pós-estruturalismo e fidelidade -, esta pesquisa não preocupou-se em descrever ao leitor o contexto histórico no qual os discursos sobre Milosevic foram proferidos. Limita-se a dizer que foram durante o conflito conhecido por Guerra do Kosovo, delimitado temporalmente entre março de 1998 e junho de 1999. No que concerne à autoria dos discursos - questão também problematizada pela AD pós-estruturalista -, o interesse pelos textos circunscreve-se ao fato de terem sido publicados nos editoriais de TG ou NYT, o que caracteriza os jornais enquanto dois *selves*, dois falantes. Nesse sentido, a preocupação central é definir quem se responsabiliza pela autoria dos textos, e não tanto sua autoria *per se* (no caso, quem escrevera as palavras).

## 4.2 Concentração/dispersão temporal dos discursos

Ao longo de sua história, o jornal inglês TG citou inúmeras vezes o nome - na verdade, sobrenome - Milosevic. Em todas, à exceção de uma, a palavra fazia referência a Slobodan Milosevic, tema desta pesquisa. Dados os resultados das buscas nos arquivos do jornal (ocorrência do nome ao menos uma vez), foram encontrados 193 editoriais publicados ao longo dos anos (sendo o limite superior desta busca o ano de 2006, o mesmo de sua morte).

No entanto, um curto período de 18 meses - entre março de 1998 e junho de 1999 - chama a atenção por corresponder a cerca de um terço de todas as ocorrências do nome na história do jornal. Durante essa janela temporal o nome apareceu por 59 vezes, em contraste com 69 ocorrências durante todos os anos anteriores (a primeira ocorrência datando do final da década de 1980) e outras 65 nos anos posteriores, até 2006.

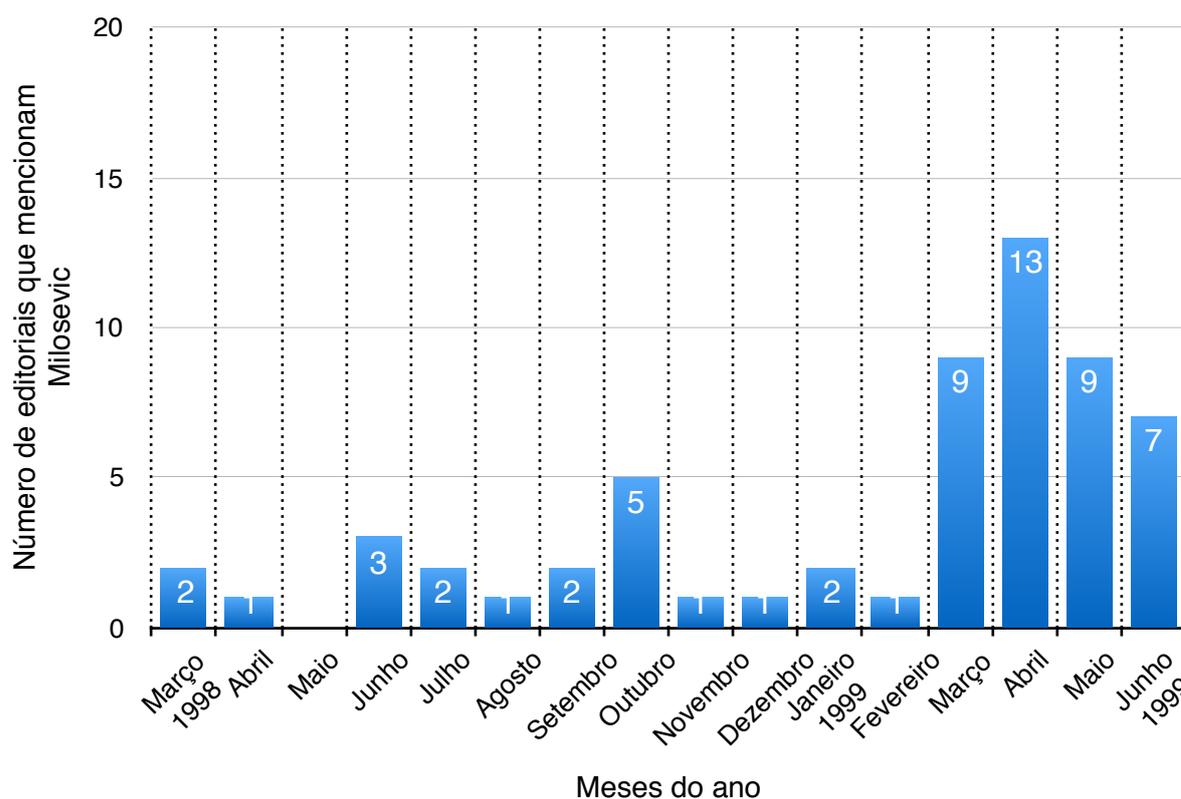
Tornando-se ao capítulo segundo, relembra-se que como é o discurso sobre algo que efetivamente dá-lhe vida, nenhum evento pode existir apartado dos discursos que o criaram em primeira instância. Em outras palavras, pode-se dizer que não fora a sucessão de embates e de negociações a fonte criadora, a razão de existência dos discursos a respeito da Guerra do Kosovo. A relação é em verdade inversa. Foi a sucessão de discursos de vários *selves* (aqui analisados dois deles) a responsável por construir e dar corpo à noção de que havia naquele dado momento e naquele dado lugar um conflito, que - batizado então de Guerra do Kosovo - colocava alguns em frontal oposição a outros - e a seus líderes.

Assim, aplicando-se mais a fundo os conceitos supracitados, infere-se que o oposto da presença, da existência, do discurso - a ausência, a não menção, o não discurso - é de igual importância para a análise da construção de um conceito. No caso em questão, uma primeira inferência relaciona-se exatamente a este ponto: um dos pilares de sustentação do discurso do TG sobre Milosevic é a forma como ele é apresentado, dissecado e discutido *ad nauseum* em determinados momentos, ao passo que em outros nada se diz sobre sua pessoa. Tal fato empurra a construção de sua figura para a periferia de um sistema de significação. Como já visto, a instabilidade inerente a toda estrutura torna-se mais visível quanto mais repetida, mais presente.

Tomando-se o escopo temporal desta pesquisa, pode-se de igual modo replicar a análise exposta acima quando observa-se que também durante os onze meses analisados

foram observadas consideráveis variações no que tange à concentração/dispersão temporal dos discursos. O gráfico 1 abaixo apresenta a totalização dos editoriais em que o nome Milosevic aparece, separados pelo número de ocorrências em cada um dos meses do conflito.

**Gráfico 1: Distribuição dos editoriais com menção à Milosevic ao longo da Guerra do Kosovo no *The Guardian***



**Fonte: Resultados da pesquisa.**

Mesmo à primeira vista, observa-se visível concentração nos meses de março a junho de 1999, e em menor intensidade também em outubro de 1998. Considerando-se a natureza inerentemente instável das estruturas de significação discutida na seção acima e no capítulo primeiro, tem-se que um conceito busca sua fixação por meio da repetição. O objetivo, por sua vez, está sempre a escapar-lhe. Ao aumentar exponencialmente as menções ao nome de Milosevic o TG buscava conferir alguma a estabilização, a cristalização do conceito em seus leitores (os interlocutores do discurso). A maior exposição, por sua vez, trazia à descoberto as instabilidades associadas à delimitação conceitual do termo (quem era o homem e o líder Milosevic), o que por sua vez engendrava novas tentativas de classificação e significação.

### 4.3 Caracterização da personalidade de Milosevic

Um dos mais importantes pilares que sustentam a construção do discurso sobre Milosevic é a maneira pela qual ele era caracterizado em cada editorial. Ao atribuir-lhe determinadas qualidades (sejam elas virtudes ou defeitos), o jornal paulatinamente consolidava sua posição sobre a questão.

De modo geral, pode-se dizer que o TG construiu o discurso sobre Milosevic com uma constante conotação negativa, que pode ser observada desde os primeiros meses do conflito. Mesmo dentro desse espectro, contudo, o discurso sofreu certas flutuações, em especial de intensidade. A seguir são apresentadas as principais características atribuídas a Milosevic ao longo do período, sempre seguidas de citações, recortes de trechos do jornal que ilustram e exemplificam a construção apontada.

Primeiramente, observou-se que, para o TG, Milosevic fazia uso das atribuições e da posição ocupada por seu cargo para semear a discórdia e o ódio racial, fomentando as rivalidades, provocando a violência, e jogando combustível no já complicado jogo de etnias e nacionalidades que compunham o quadro da antiga Iugoslávia:

[...] resoluções que levaram a nenhuma ação estão por toda parte na histórica recente da antiga Iugoslávia. Assim como a acomodação com aqueles que fomentam a guerra e a limpeza étnica, Milosevic o primeiro entre eles. (MOVING..., 1998, p. 23, tradução nossa).<sup>93</sup>

[...] aqueles que queriam que a OTAN atacasse para proteger a população do Kosovo da brutalidade da máquina persecutora de Milosevic. (EXPLORING..., 1999, p. 23, tradução nossa).<sup>94</sup>

Interessante questão a ser observada neste ponto é que o TG, ao caracterizar Milosevic, faz uma importante inflexão ao afirmar que não haveria qualquer necessidade de explicação das ações de Milosevic.

---

<sup>93</sup> [...] resolutions that led to no action litter the recent history of former Yugoslavia. So do compromises with the warmakers and ethnic cleansers, chief among them Milosevic.

<sup>94</sup> [...] those who wanted Nato [North Atlantic Treaty Organization] to strike in order to protect Kosovo's people from the brutality of the Milosevic program machine.

O conflito entre sérvios e albaneses no Kosovo e o papel de Milosevic em fomentá-lo não precisam de explicação. (SANCTIONS..., 1998, p. 23, tradução nossa).<sup>95</sup>

Fazendo uso das noções derridianas de construção de sentido discutidas no capítulo primeiro, pode-se neste ponto compreender como o TG problematiza a noção de presença. Ao informar ao leitor que as ações de Milosevic não necessitam de explicação, o jornal buscava-lhe servir de guia, oferecendo-lhe um atalho cognitivo. Se são desnecessárias explicações para algo, pode-se inferir que seu significado é já partilhado por todos. O significado (a personalidade de Milosevic), porém, era veiculado pelo próprio jornal. Assim, é como se os defeitos impressos ao ex-presidente iugoslavo tivessem sempre estado lá. Esticando ainda mais o conceito, é como se o TG pedisse uma carta branca ao seu leitor, guiando-o a determinado tipo de conceituação.

À soma das variadas características pessoais marcadamente negativas que o jornal emprega para construir a personalidade de Milosevic (semeador da discórdia e do ódio racial, incitando sua população à violência), o TG também é constante ao caracterizar negativamente sua figura enquanto chefe de Estado: ele fazia uso de sua posição dentro da estrutura do governo iugoslavo para chefiar uma estrutura de repressão social. Neste ponto, o TG, no entanto, deixa claro que tal repressão não recaía de modo uniforme em todos os cidadãos da Iugoslávia, mas era direcionada de modo a acometer em especial os albaneses kosovares (parcela da população do Kosovo que possui origem albanesa e religião predominantemente muçulmana):

[...] enquanto Milosevic alimenta sua máquina de repressão no Kosovo. (RESTRAINING..., 1998, p.19, tradução nossa).<sup>96</sup>

Em adição aos pontos supracitados, é pertinente notar também que o jornal busca traçar a relação problemática de Milosevic com a província do Kosovo a um período que antecede o conflito. Ao fazê-lo, o TG atribui a Milosevic não somente - e novamente - a noção de presença derridiana, como faz também o acionamento de noções de origem ao creditar a explicação do momento atual ao passado. No caso em questão, o jornal considera que Milosevic havia esmagado a autonomia kosovar no final da década de 1980:

<sup>95</sup> The conflict between the Serbs and the Albanians in Kosovo, and the role played by Slobodan Milosevic in fomenting it, does not need explanation.

<sup>96</sup> [...] while Milosevic powers up his repressive engine in Kosovo.

[...] simplesmente retornar a autonomia kosovar ao que fora no período de 1974-1989 - antes de ser esmagada por Milosevic - é irreal. Naquela época o Kosovo pertencia a uma genuína Federação Iugoslava: agora ele existiria dentro do que restou de uma federação dominada por seus inimigos em Belgrado. (CARVING..., 1998, p. 19, tradução nossa).<sup>97</sup>

Outra caracterização relevante que o TG faz do ex-presidente iugoslavo refer-se à maneira pela qual ele relacionava-se com terceiros, especialmente o Ocidente.

Tornando-se às digressões de Hansen (2006) sumarizadas em seu diagrama de *linking and differentiation*, tem-se que um determinado discurso-base é construído por meio da conexão entre conceitos, formando assim um todo identitário capaz de informar um determinado sentido. De modo inseparável e concomitante a esse processo está a busca pela diferenciação do referido conceito em relações a outros, acabando por fim conferindo limites e fronteiras cognitivas que servem de guia e apoio ao interlocutor. No caso em questão, a caracterização que o TG faz do Ocidente é peça central em seu discurso sobre Milosevic posto que esse é construído em oposição àquele. Milosevic era o não-Ocidente. Nesse sentido - e tal como observado por Hansen (2006) - o mero ato de delimitação conceitual de um define à reboque também o outro.

Para o TG, Milosevic era astuto, sorrateiro, e sabia driblar os líderes ocidentais de modo a conseguir seus objetivos (que para o jornal eram não menos que erradicar a população de albaneses no Kosovo) ou a extrair concessões dos países com quem negociava o término das hostilidades. Intimamente relacionado com a astúcia, o jornal sublinha também a sua inclinação para esquivar-se das responsabilidades para com o conflito (que na visão do jornal ele próprio causara):

A despeito das sanções ainda mais restritivas, o líder iugoslavo intensificou seu temerário jogo político desde que o Grupo encontrou-se no último mês. (KOSOVO..., 1998, p.15, tradução nossa).<sup>98</sup>

Em conjunto com as características supracitadas, em sua absoluta maioria de conotação negativa, o jornal também constrói a figura de Milosevic apontando o modo pelo

---

<sup>97</sup> [...] merely to return to Kosovan autonomy of the 1974-1989 period - before it was quashed by Milosevic - is unrealistic. Then Kosovo belonged within a genuine Yugoslav federation: now it would exist within a rump federation dominated by its enemies in Belgrade.

<sup>98</sup> In spite of tighter sanctions, the Yugoslav leader has stepped up his brinkmanship since the Group met last month.

qual o Ocidente deveria relacionar-se com ele considerando esse cenário. Assim, para o TG Milosevic deveria ser contido e também ser persuadido a retroceder:

Contendo Milosevic: as forças da ONU são a chave. (CONTAINING..., 1998, p.17, tradução nossa)<sup>99</sup>

[...] o real problema diplomático: como persuadir o Sr. Milosevic que a retirada é a única saída sensata. (NAILING..., 1998, p. 19, tradução nossa).<sup>100</sup>

Por fim, as inúmeras características imputadas a Milosevic completam-se quando de seu efetivo indiciamento pelo Tribunal Penal Internacional para a antiga Iugoslávia, tornando-se o primeiro chefe de Estado em exercício do cargo a ser formalmente indiciado sob acusações de crimes contra a humanidade.

Quando a história desta guerra vier a ser escrita, a data de 27 de maio de 1999 pode muito bem constar como uma das mais significantes. Pois foi nesse dia que o Tribunal Penal Internacional para a antiga Iugoslávia quebrou todos precedentes e fez de Slobodan Milosevic o primeiro chefe de Estado em exercício em toda a história a ser indiciado por crimes sob a lei internacional. [...] Como pode a OTAN negociar com um criminoso de guerra indiciado? (PRICE..., 1999, p. 23, tradução nossa).<sup>101</sup>

De especial relevo é o reforço - por meio da repetição - da singularidade e da novidade do ato. Ao informar e reforçar ao leitor que tal indiciamento jamais havia ocorrido antes é como se o TG estivesse trazendo ao interlocutor uma inequívoca evidência da singularidade do ato, convidando-o a partilhar da interpretação ali construída.

#### **4.4 Comparação da Guerra do Kosovo com outras situações e conflitos anteriores**

Além da concentração temporal e da caracterização da personalidade de Milosevic, um terceiro pilar do discurso do TG sobre o ex-líder Milosevic gravita em torno da comparação da Guerra do Kosovo com outras situações e eventos, de modo a acionar em seu leitor memórias desses acontecimentos passados e por consequência moldar a percepção do conflito

---

<sup>99</sup> Containing Milosevic: UN forces are the key.

<sup>100</sup> [...] the real diplomatic problem: how to persuade Mr Milosevic that withdrawal is now his only sensible way out.

<sup>101</sup> When the history of this war comes to be written, the date of May 27, 1999 may well stand out as one of the most significant. For that was when the International Criminal Tribunal for the Former Yugoslavia broke from all precedent and made Slobodan Milosevic the first ever serving head of state to be indicted for crimes under international law. [...] How can Nato negotiate with an indicted war criminal?

em questão - e, a reboque, a percepção sobre Milosevic. Em outras palavras, é como se o jornal, ao constantemente traçar tais paralelos, trouxesse ao seu leitor um atalho cognitivo, apresentando-lhe uma espécie de guia para auxiliá-lo a compreender o desenrolar dos eventos em questão.

A grosso modo, essa estratégia corresponde ao terceiro ponto metodológico sobre os chamados ‘discursos básicos’ discutidos por Lene Hansen (2006) e apresentados no capítulo terceiro. Ao acionar a história, o falante indica ao seu interlocutor uma espécie de fio condutor que liga o momento em questão àquele momento pretérito, fazendo com que o passado contribua na classificação e entendimento do presente.

Ao longo dos 59 editoriais analisados, notou-se constante a comparação entre o conflito no Kosovo e os conflitos da dissolução da Iugoslávia de alguns anos antes, como as guerras da Croácia e da Bósnia. Mais ainda, o TG busca traçar entre eles uma situação de linearidade (facilitada em ampla medida pela proximidade geográfica e pela construção e reafirmação, ainda na Guerra da Bósnia, do conceito de ‘Bálcãs’), a qual permite, por sua vez, conferir mais lastro à posição ‘atual’ de Milosevic:

Slobodan Milosevic está se esquivando novamente, igual fizera tão frequentemente durante a crise na Bósnia. (NAILING..., 1998, p.19, tradução nossa).<sup>102</sup>

É uma história à qual já estamos acostumados. Oficiais sérvios negam a limpeza étnica, mas as casas em chamas e os camponeses desorientados em estradas empoeiradas evocam memórias da Bósnia de não muito tempo atrás. (KOSOVO’S MAP..., 1998, p. 19, tradução nossa).<sup>103</sup>

[...] nossos países estão face a uma longa continuação e aprofundamento de um já difícil envolvimento com essa região que começou com as primeiras graves lutas na Croácia. (THE GLIMMER..., 1999, p. 19, tradução nossa).<sup>104</sup>

Ao classificar a Guerra do Kosovo enquanto sucessora, ‘herdeira’ de questões antigas, maiores, as quais por sua vez jaziam no cerne da desintegração iugoslava dos anos anteriores, o TG confere não somente status de presença - nos termos derridianos da palavra - como torna saliente os conceitos de rastro e *différance*, discutidos no capítulo primeiro. Assim, ao definir a Guerra do Kosovo face ao que ela não fora (as guerras da Croácia e da Bósnia) o jornal cria

<sup>102</sup> Slobodan Milosevic is dodging again as he did so often during the Bosnian crisis.

<sup>103</sup> It is a familiar tale. [...] Serb officers deny ethnic cleansing, but the burning houses and the bewildered peasants on dusty roads evoke memories of Bosnia not long ago.

<sup>104</sup> [...] our countries face a long continuation and broadening of the already costly and difficult engagement with this region that began with the first serious fighting in Croatia.

no leitor a noção de o que ela seria e, a reboque, constrói o discurso sobre Milosevic atrelando ao que fora classificado como horrores dos conflitos anteriores:

O Kosovo já se tornou **uma outra Bósnia**, contudo nós ainda estamos muitos distantes de **um outro acordo de Dayton**. (KOSOVO'S..., 1998, p. 19, tradução nossa, destaque nosso).<sup>105</sup>

À medida que a força internacional continua a ser desmontada na Bósnia neste verão, algumas de suas tropas deveriam ser enviadas à Albânia e à Macedônia para ajudar a prevenir **um outro iminente banho de sangue na Europa**. (KOSOVO..., 1998, p. 15, tradução nossa, destaque nosso).<sup>106</sup>

#### 4.5 Caracterização da ação do Ocidente

Um quarto pilar da construção discursiva sobre o ex-presidente deu-se pela caracterização, por parte do TG, das ações do Ocidente, ponto discutido de maneira introdutória na seção 4.3. Enquanto as ações de Milosevic eram classificadas como brutais, intransigentes, violentas, repressivas e oriundas de um desejo por limpeza étnica, a descrição ações do Ocidente seguia outra toada, com um verniz de conotação majoritariamente positiva.

Na verdade, mais do que mera conotação positiva, ponto a ser destacado é que a ação do Ocidente é classificada como justificável devido ao fim ao qual se destinava: ao classificá-la como humanitária, o jornal teoricamente legitima perante seu público as decisões acordadas bem como os principais cursos de ação postos em prática:

Severas violações dos direitos humanos podem justificar uma intervenção vinda de fora mesmo que isso signifique violar a soberania nacional. (TAKING..., 1998, p. 17, tradução nossa).<sup>107</sup>

Novamente, percebe-se como o TG constrói seu discurso sobre Milosevic por meio do contraponto, da diferenciação (da *differentiation* de Hansen (2006), além do *linking*). Ao classificar a ação do Ocidente enquanto humanitária, e por conseguinte legítima - e tendo-se em vista que Milosevic era apontado como o principal culpado pelas mortes decorrentes do conflito -, o TG gera em seu interlocutor uma correlação automática entre as partes, atribuindo significado a um e também ao outro.

<sup>105</sup> Kosovo has already become another Bosnia, although we are still a long way off another Dayton agreement.

<sup>106</sup> As the international force continues to wind down in Bosnia this summer, some of its troops should be sent to Albania and Macedonia to help to pre-empt what otherwise could be another looming bloodbath in Europe.

<sup>107</sup> Gross breaches in human rights may justify intervention from outside even it is means violating national sovereignty.

Tornando à elucidação do pós-estruturalismo do capítulo primeiro, relembra-se que para Derrida nenhuma tentativa de definição de um conceito pode ser frutífera, posto que todo conceito carrega em si um constante fator de instabilidade, o qual ameaça a estrutura de definição expondo-a a si mesma e à arbitrariedade de sua dicotomia. No caso presente, a tentativa de justificar a ação ocidental enquanto legítima devido ao seu caráter humanitário demonstra a instabilidade latente da definição quando esse discurso era confrontado com a constatação que os atores que acionavam o fator ‘discurso humanitário’ eram os mesmos que causavam baixas a civis devido aos constantes bombardeios da OTAN às tropas e posições sérvias e iugoslavas:

A OTAN admitiu o erro, apesar que isso não será consolo para as vítimas: os mortos continuam mortos. [...] A OTAN está lutando uma guerra em nome dos valores humanitários. [...] Por tudo isso, o que aconteceu na quarta-feira [erro dos bombardeios da OTAN, matando civis] não altera os fatos fundamentais desta guerra. Se a causa era justa antes, ela ainda é justa agora. [...] **A missão para salvar os albaneses kosovares não assenta-se em uma fundação tão frágil que um episódio - não importa o quão trágico - seja capaz de destruir a sua legitimidade.** (THE MOMENT..., 1999, p. 19, tradução nossa, destaque nosso).<sup>108</sup>

Face à desnudação da instabilidade intrínseca ao discurso de ação humanitária, o *self* (TG) vê-se obrigado a responder às incongruências apontadas. A grosso modo, ele o faz por meio do reforço de seu discurso inicial. Em outras palavras, apesar das casualidades trazidas pelos bombardeios da OTAN, a causa - para o jornal - permanecia válida, pois o objetivo continuava ser a ‘libertação’ dos albaneses kosovares do jugo de Milosevic. A despeito das mortes, a empreitada ainda era encarada como um ‘mal menor’:

A OTAN erra novamente. Mas sua causa continua válida. [...] nossos líderes concluíram que a guerra permanece um mal menor quando comparada à indiferença em face à brutalidade desencadeada por Slobodan Milosevic. (NATO..., 1999, p. 23, tradução nossa).<sup>109</sup>

Em algumas ocasiões, inclusive, o jornal, sempre tentando ressaltar a diferença entre as mortes causadas pelas bombas ocidentais (da OTAN) das mortes causadas pela ação do

<sup>108</sup> Nato has admitted a mistake, though that will be no solace for the victims: the dead are still dead. [...] Nato is fighting a war in the name of humanitarian values. [...] For all that, what happened in Wednesday [a bombing mistake killing civilians] does not alter the fundamental facts of this war. If the cause was right before, it's still right now. [...] The mission to save Kosovo Albanians does not rest on so frail a foundation that one episode - no matter how tragic - destroys its legitimacy.

<sup>109</sup> Nato errs again. But its cause remains valid. [...] our leaders have concluded that war remains a lesser evil compared to indifference in the face of the brutality unleashed by Slobodan Milosevic.

exército iugoslavo, imputava a Milosevic a culpa pela ação do Ocidente. Dito doutra maneira, o ex-presidente era culpado pelas mortes ocasionadas pela ação da OTAN devido ao fato de ter sido a sua ação contra os albaneses kosovares o catalisador e grande motivador da ação ocidental em primeira instância.

Tomado em panorama amplo, pode-se perceber o duplo movimento de conceituação utilizado pelo TG ao construir seu discurso sobre o ex-líder sérvio. Além de elencar todas as já citadas características pessoais e profissionais marcadamente negativas, o jornal faz da descrição das ações do Ocidente - a OTAN aí inserida - a ferramenta para, indiretamente, dar corpo ao seu conceito sobre Milosevic, conceituando-o por meio da diferenciação apontada por Hansen (2006). Ao tornar a OTAN uma outra faceta do mundo ocidental, se lhe são estendidas todas as características de conotação positiva a ele atribuídas.

#### **4.6 Caracterização das etnias e nacionalidades envolvidas**

Uma quinta linha-mestra do discurso sobre Milosevic no TG é a maneira pela qual o jornal caracteriza os povos/nacionalidades/etnias envolvidos.

Em primeiro lugar, tem-se que o jornal faz uso da expressão Ocidente, ou mesmo 'países ocidentais' para referir-se na verdade a um diminuto grupo de países, mormente resumido às posições americana e britânica (por vezes acrescida de Alemanha, França e Itália), seja no âmbito individual, no âmbito da OTAN ou da ONU (e do Conselho de Segurança).

De extrema relevância neste ponto é citar que - mais do que meramente utilizar uma definição particular de ocidente - o jornal também trazia o leitor para dentro dessa posição ao utilizar regularmente o pronome na primeira pessoa do plural: nós. Em outras palavras, o ocidente poderia ser visto não somente enquanto uma região geográfica, mas também como a junção daqueles que lutavam unidos contra o despotismo, a brutalidade, a violência e o ódio racial, sublimados na figura de Milosevic. Mais do que isso, o leitor integrava esse grupo e era convidado a partilhar no enfrentamento contra ex-presidente:

Por que **estamos** em guerra? Porque a Sérvia é liderada por um homem acusado de deportar 740.000 albaneses kosovares e do assassinato de 340 deles. (PRICE..., 1999, p. 23, tradução nossa, destaque nosso).<sup>110</sup>

**O que faremos** quando - como o primeiro-ministro prevê - Milosevic der uma resposta diplomática pode ser decidido somente quando esse momento chegar. Mas é desnecessário dizer que no atual momento qualquer negociação que deixe Milosevic ou a Sérvia com qualquer poder ou força sobre o Kosovo não deve ser esperada. Na verdade, **logo podemos decidir** que o reconhecimento da independência do Kosovo é um passo inevitável. (FOLLY..., 199, p. 15, tradução nossa, destaque nosso).<sup>111</sup>

Outro ponto marcante ao longo de todo o conflito era que o jornal posicionava-se usualmente enquanto crítico contumaz do que considerava ser uma excessiva demora e hesitação dos países ‘ocidentais’ em tomar providências contra o homem que reprimia violentamente civis, expulsando cidades inteiras de suas moradias.

A hesitação dos países da OTAN sugere que essas vidas podem ter sido sacrificadas por nada. **Se nós não iremos invadir o Kosovo, partindo portanto para uma acomodação com Milosevic, então por que não fazê-lo cedo ao invés de tarde**, salvando assim as vidas de civis que irão doutra forma morrer em novos horrores como aquele em Korisa. (A COMMON..., 1999, p. 19, tradução nossa, destaque nosso).<sup>112</sup>

Tal como discutido acima, ao ser proferido - e principalmente, ao ser repetido - um discurso expõe suas instabilidades. No caso em questão, um fator que ao longo dos meses desestabilizava a construção do conceito de que haveria um ‘ocidente’ era a posição russa: por vezes vista enquanto parte do ‘time’, por vezes enquanto aliada de Milosevic, mas quase sempre com desconfiança. Considerando a abordagem derridiana do discurso, o TG conferia um constante status de presença à noção de ocidente. É como se o conceito existisse *per se* e fosse de igual modo acessível a todos, veiculando a mesma ideia. Para tal, fazia-se necessário o apagamento das diferenças e divergências entre aqueles inseridos no contexto ocidental, em especial a posição russa, que teimava em evadir a tentativa de demarcação:

Os russos não são contrários à ideia de tropas estrangeiras no Kosovo. Eles querem participar plenamente da missão com iguais direitos a controle político e militar.

<sup>110</sup> Why are we at war? Because Serbia is led by a man charged with the deportation of 740,000 Kosovar Albanians and the murder of 340 of them.

<sup>111</sup> What we should do when, as the Prime Minister predicts, Milosevic makes a diplomatic response can only be decided when it comes. But it should go without saying, now, that no negotiations which would leave Milosevic and Serbia with any power, or any forces, in Kosovo should be entertained. Indeed, we may soon decide that recognition of Kosovo’s independence is an unavoidable step.

<sup>112</sup> The wavering of Nato countries suggests these lives may have been sacrificed for nothing. If we are not going to invade Kosovo, and are, therefore, going to do a compromise with Milosevic, then why not do it sooner rather than later, saving the lives of the civilians who will otherwise die in new horrors like that in Korisa.

[...] A velha fórmula que a Rússia pode ter “uma voz, mas não um veto” é humilhante e contraproducente em um assunto que a Rússia e o Ocidente concordam. [...] O Ocidente não deveria criar obstáculos a isso [maior envolvimento russo]. (STANDING..., 1999, p. 21, tradução nossa).<sup>113</sup>

Nesse sentido, pode-se afirmar que a forma por meio da qual o jornal apresenta a Rússia impacta diretamente no modo como ele constrói o discurso sobre o ex-líder. A incapacidade do TG em conferir-lhe um espaço conceitual mais claro na mente de seu leitor afetava o modo como era caracterizado Milosevic, abrindo brechas em sua interpretação.

Além do Ocidente, o TG também construiu seu discurso em torno de Milosevic por meio da caracterização das duas etnias diretamente envolvidas no conflito: os sérvios (aí inseridos os sérvios habitantes do Kosovo) e os kosovares, nome utilizado quase sempre em referência aos habitantes do Kosovo com origem albanesa.

Em primeiro lugar, ponto interessante da análise dos editoriais é que durante todo o conflito o TG fez uso da expressão ‘etnia’, e ‘limpeza étnica’ sem antes proceder a qualquer tipo de discussão sobre o modo pelo qual se classifica determinada população enquanto sérvia ou albanesa. Apesar de haver alta correlação entre etnia e religião (sérvios são em sua maioria cristãos ortodoxos ao passo que albaneses são majoritariamente muçulmanos), o jornal sequer tangencia a discussão de o que entende-se por etnia em suas páginas. Novamente, é como se o conceito tivesse sempre feito parte da bagagem cognitiva de seus leitores.

Entretanto, definir o que se entende por etnia seguramente não é tarefa livre de percalços, posto que são acionados uma série de fatores psicossociais de muitas vezes complicada identificação ou articulação, tais como língua, cor da pele, religião, dentre outros. Assim, ao afirmar que Milosevic promovia uma limpeza étnica no Kosovo, o jornal tomava por pressuposto um conceito que é em verdade de difícil definição, apresentando não raro significados diversos para leitores em diferentes contextos. Jacob Schurman, ao escrever no ano de 1916 sobre as guerras balcânicas de 1912-1913, já havia notado a histórica maleabilidade do conceito (discorrendo sobre o caso específico da Macedônia), apontando sua complexidade:

---

<sup>113</sup> The Russians do not object to the idea of foreign troops in Kosovo. They want to be a full part of the mission with equal rights to political and military control. [...] The old formula that Russia can have “a voice, but not a veto” is demeaning and counter-productive on an issue where Russia and the West see eye-to-eye. [...] The West should not make a mountain of it [greater Russian involvement].

De todos os assuntos intrigantes no mundo poucos podem ser mais chocantes que a distribuição de raças na Macedônia. **Os turcos classificam a população não pela linguagem ou pelas características físicas, mas pela religião.** Um grego é um membro da Igreja Ortodoxa que reconhece o patriarcado de Constantinopla; um búlgaro, por outro lado, é alguém de mesma fé religiosa que reconhece o exarca; e como os sérvios na Turquia não possuem igreja mas reconhecem o patriarcado eles são frequentemente - em oposição aos búlgaros - chamados de gregos. **Raça, desta forma fundida com religião** - em algo que assenta-se na vontade humana e não em características físicas determinadas pela natureza - **pode naquela parte do mundo ser modificada tão facilmente quanto religião. Um macedônio pode ser um grego hoje, um búlgaro amanhã e um sérvio no dia seguinte.** (SCHURMAN, 1916, p. 47, tradução nossa, destaque nosso).<sup>114</sup>

Ao utilizar da maneira acima descrita o conceito de etnia, observa-se novamente a noção derridiana de presença, posto que o conceito é empregado de modo a acionar no interlocutor a ideia de que ele representa algo que sempre ali estivera, sendo que, em verdade, o conceito é nada mais do que o rebento de uma eterna disputa de significação ao longo dos anos, disputa essa que teria sido tornada joguete por Milosevic (que na visão do TG explorava as rivalidades existentes entre sérvios e kosovares para promover uma limpeza étnica ao mesmo tempo em que buscava manter-se no poder).

Não somente a problematização da presença, observa-se também como o jornal tenta pela repetição assentar a definição do conceito de etnia, a qual porém está sempre a evadir o texto e trazendo à descoberto sua inerente instabilidade. Assim, pode-se dizer que, tal como considerava Derrida, nunca se é possível definir, delimitar precisamente o que pertence ou não ao conceito de etnia. Há somente o rastro da ideia engendradora pela palavra.

Sendo o conceito de etnia essencial à estruturação do discurso sobre Milosevic, evidencia-se desse modo uma outra instabilidade: via de regra, o TG furta-se a discutir em maior profundidade um termo essencial à compreensão do outro (o ex-líder) em questão. Dito doutra forma, tem-se que o conceito do homem e do líder Slobodan Milosevic somente existe enquanto discute-se sobre ele. Assim, não há para o TG um Milosevic que não aquele que instigava o ódio racial e explorava o conflito étnico. Sendo o conceito de etnia um tanto obscuro na mente de seu leitor - e na de muitos acadêmicos também, como demonstra o trecho de Schurman (1916) - é como se o TG privasse o interlocutor exatamente das

---

<sup>114</sup> Of all perplexing subjects in the world few can be more baffling than the distribution of races in Macedonia. The Turks classify the population, not by language or by physical characteristics, but by religion. A Greek is a member of the Orthodox Church who recognizes the patriarch of Constantinople; a Bulgarian, on the other hand, is one of the same religious faith who recognizes the exarch; and since the Servians in Turkey have no independent church but recognize the patriarchate they are often, as opposed to Bulgarians, called Greeks. Race, being thus merged in religion - in something that rests on the human will and not on physical characteristics fixed by nature - can in the that part of the world be changed as easily as religion. A Macedonian may be a Greek to-day, a Bulgarian to-morrow, and a Servian the next day.

ferramentas que tornariam possível a construção de significado. Diante então desse obstáculo, a resposta encontrada foi a repetição e proliferação do uso do termo e de seus afins, na busca de uma estabilização intangível.

Soma-se a essa observação uma outra: a grosso modo, da leitura e análise dos textos depreendeu-se relativo silêncio sobre a população sérvia em geral. Se a Milosevic são destinadas as piores qualidades, o jornal via de regra furta-se a discutir os desejos e principalmente a posição da população sérvia em relação ao conflito. O ponto torna-se ainda mais relevante quando leva-se em conta que - ao menos tecnicamente - Milosevic era acusado de privilegiar os sérvios em meio ao conjunto de etnias que compunham o quebra-cabeças iugoslavo.

Fator que somente aprofunda essa instabilidade é o fato que, como apresentado acima, os bombardeios da OTAN são a todo tempo considerados legítimos pelo fato de estarem - ao menos em tese - defendendo uma causa humanitária. Nesse caso, os sérvios são inicialmente desenhados como vítimas da brutalidade e repressão de seu presidente. Entretanto, tal posição não se sustenta quando, findos os conflitos e aceito o cessar-fogo e o acordo de paz, os sérvios passam a não mais gozar da classificação imediata de vítima (tal como os albaneses kosovares). O término do conflito trouxe também a rearticulação da construção discursiva que o jornal fazia sobre os sérvios em geral e à reboque sobre Milosevic.

Citando Tony Blair, ex-primeiro-ministro britânico, o TG passa a considerar que os sérvios poderiam passar ao posto de ‘acobertadores’, caso não se esforçassem para proporcionar a queda daquele que fora considerado o fomentador e instigador inicial do conflito. Mais do isso, a ajuda à Sérvia passava a estar de certo modo condicionada à entrega de Milosevic para julgamento (a essa altura já indiciado pelo TPII).

**No encontro acordou-se que, na ausência de remoção do cargo do indiciado criminalmente, a Sérvia não receberia nada além da mais básica assistência humanitária.** Entretanto, ao menos por agora, o Sr. Milosevic continua teimosamente no mesmo lugar, e ninguém em Colômbia ofereceu qualquer ideia clara a respeito de como e quando ele poderia ser removido. Habilmente esquivando-se desse ponto, **Tony Blair argumentou que o povo sérvio como um todo não estava livre da culpa pelo que acontecera. De maneira a mostrar sua contrição e a tornarem-se aptos a receber a ampla generosidade ocidental eles devem derrubar o Sr. Milosevic.** Outros líderes da União Europeia seguiram a mesma

toada, porém de forma mais suave. (SERBIA..., 1999, p.17, tradução nossa, destaque nosso).<sup>115</sup>

Claramente o desfecho ideal é que seu destino seja definido, em primeira instância, pelos sérvios, mas **isso deixa aberta a questão se os aliados poderiam pressionar para fazer esse desfecho mais provável**. É uma escolha delicada. Negá-los ajuda no imenso e ainda não planejado trabalho de reparar o dano econômico e estrutural suportado nesta guerra parece desumano e potencialmente instigador do legado de amargura. No entanto, como o primeiro-ministro continua a argumentar, **a ameaça de reter a ajuda seja talvez o instrumento mais potente que o Ocidente poderia utilizar para orquestrar sua remoção**. (THE OBSEQUIES..., 1997, p. 21, tradução nossa, destaque nosso).<sup>116</sup>

Em outras palavras, pode-se afirmar que, ao rearranjar a posição do povo sérvio - passando-o de vítima a cúmplice, ou até mesmo à condição de potencial vilão - o TG vai de frontal encontro à sua construção inicial, a qual por sua vez era a responsável por respaldar a ação - humanitária - do Ocidente. Abalada a caracterização da ação ocidental, abala-se também o próprio discurso sobre Milosevic (e o modo como fora caracterizado), inicialmente apontado como a raiz de todo o conflito desde o final da década de 1980, quando retirara parte da autonomia administrativa da província.

A outra etnia que interfere de forma muito significativa na construção do discurso sobre Milosevic é aquela representada pela população de origem albanesa, os chamados albaneses kosovares, ou até mesmo somente kosovares<sup>117</sup>, em alguns casos. Ao longo dos quase 16 meses em que discursos foram gerados sobre a Guerra do Kosovo, pode-se dizer que os albaneses kosovares foram certamente atores a receber substantiva atenção, e o modo como isso é feito é parte integrante do modo como construiu-se o discurso sobre Milosevic.

Uma tônica que perpassa todo o período analisado é a sua caracterização enquanto as grandes vítimas de um presidente tirano, inescrupuloso e instigador do ódio e de conflitos étnicos. Somada à posição de vítimas em um país em que não eram bem-vindos - a Iugoslávia

---

<sup>115</sup> The summit agreed that, in the absence of the indicted criminal's removal from office, Serbia would receive nothing but the most basic humanitarian assistance. Yet, for now at least, Mr Milosevic remains stubbornly in place, and no one in Cologne offered any clear idea about how and when he might be dislodged. Deftly dodging that point, Tony Blair claimed that the Serbian people as a whole were not free of guilt for what had happened. As a way of showing their contrition, and qualifying for full-scale western largesse, they must overthrow Mr. Milosevic. Other EU leaders took a similar, albeit more nuanced line.

<sup>116</sup> Clearly the ideal outcome is for his fate to be settled, in the first instance, by the Serbs, but that leaves open the question as to whether pressure can be applied by the allies to make that outcome more likely. It is a delicate choice. To deny them help in the huge and as yet largely unplanned work of repairing the economic and structural damage sustained in this war would seem inhumane and likely to feed the inevitable legacy of bitterness. Yet, as the prime minister continues to argue, the threat of withholding aid is perhaps the most potent device the west can use to engineer his removal.

<sup>117</sup> Observa-se a dificuldade de jornal em classificar os habitantes da província do Kosovo, exatamente por não conseguir definir o que significa ser um kosovar: se o fato de residir na província, ou o fato de possuir ascendência albanesa.

e mais especificamente, a Sérvia - o TG sempre ressaltou o fato de serem a maioria absoluta da população da província do Kosovo. Por toda a guerra - especialmente no início e no fim - o jornal utilizava o termo 'maioria' para se referir aos kosovares de origem albanesa, sendo que em inúmeras ocasiões a percentagem 90% fora empregada. Não somente a ênfase no fato de serem maioria, também tônica ao longo de todos os discursos foi o posicionamento do jornal a favor da autonomia da província.

Considerando que os ideais de democracia e autodeterminação dos povos ligam-se de forma umbilical à noção de Ocidente tal como aplicada atualmente, ao mostrar a ameaça que as ações sérvias ofereciam a esses ideais o TG caracterizava também Milosevic por extensão. Posto que a motivação inicial da ação fora justificada em bases humanitárias, abundam durante os meses do conflito frases incitando o Ocidente a apoiar os kosovares. Mais do que isso, a resgatá-los, a apoiá-los em sua luta desproporcional e para a qual marchavam indefesos e desguarnecidos.

**Deve-se esperar que nenhum político ocidental realmente acredite no mito de uma via média entre o que os kosovares querem e o que Milosevic quer. Seus objetivos são incompatíveis.** Cedo ou tarde, não importando como esta crise termine, o Ocidente terá que colocar-se solidamente do lado do Kosovo, enviando tropas em números substanciais para proteger os kosovares do poder sérvio e policiar qualquer acordo quanto ao seu futuro. (KOSOVO..., 1998, p.21, tradução nossa, destaque nosso).<sup>118</sup>

Relativo aos discursos sobre a guerra mas não necessariamente vinculado ao discurso sobre Milosevic, cita-se também que um dos outros grandes fatores de instabilidade encontrado nos textos é a forma como o jornal discorre sobre os albaneses kosovares. A grosso modo, o fato de a província também apresentar uma resistência armada, o chamado ELK (Exército de Libertação do Kosovo, em português) ou KLA (Kosova Liberation Army, em inglês) desestabilizava a noção inicialmente construída de que havia uma resistência pacífica (inclusive liderada por Ibrahim Rugova). O passar dos meses somente aprofundava a dificuldade em delinear os albaneses kosovares enquanto uma etnia minimamente coesa. Face a esse desafio, o TG reestrutura seu discurso, passando com o tempo a silenciar as clivagens existentes entre a posição kosovar e apresentando-a como um todo, uma coletividade de

---

<sup>118</sup> It is to be hoped that no Western policy maker really believes in the myth of a middle way between what Kosovars want and what Milosevic wants. Their objectives are incompatible. Sooner or later, however this present crisis ends, the West will have to come down solidly on the side of Kosovo, sending in troops in substantial numbers to protect Kosovars from Serbian power and to police any agreement on their future.

cidadãos que estavam sob ataque e enfrentando possibilidade de quase aniquilação nas mãos do então presidente.

A política de não-provocação do presidente “alternativo” Ibrahim Rugova está desmoronando enquanto a ação militar do Front de Liberação do Kosovo é um convite a mais repressão por parte da Sérvia. (RESTRAINING..., 1998, p.19, tradução nossa).<sup>119</sup>

O grupo de albaneses kosovares deve, em todas as negociações, ser plenamente representativo. Também é razoável apelar ao ELK para que evite atividades armadas em troca de ser trazido de volta ao processo. (CARVING..., 1998, p. 19, tradução nossa).<sup>120</sup>

A resistência kosovar tem que ser costurada de modo a formar um front comum - uma tarefa mais difícil do que o usual. Na quarta-feira o embaixador dos EUA da vizinha Macedônia pensou que havia vencido o acordo para unir o separatista Exército de Libertação do Kosovo e alguns dos elementos políticos em Pristina para formar um governo transitório multipartidário. [...] O ELK, tornado possível devido a anos de repressão sérvia, é um fator de complicação. (KOSOVO'S..., 1998, p.19, tradução nossa).<sup>121</sup>

Por fim, - e intimamente relacionado à reorientação do discurso do TG sobre a etnia sérvia -, o aparecimento de citações sobre a intensificação dos bombardeios ao longo dos meses de abril e maio de 1999 foi expondo paulatinamente uma outra grande instabilidade estrutural. Essa, por sua vez, liga-se também de forma umbilical à tentativa de justificação dos bombardeios da OTAN enquanto meios para um fim humanitarista: considerando-se que continuados os ataques a probabilidade era de eventual rendição das posições sérvias, deveriam os países ocidentais passar a ter como objetivo a efetiva remoção de Milosevic do poder?

Ele prometeu que não seria permitido que aqueles culpados por crimes de guerra escapassem; porém, quando questionado, ele firmemente negou que a remoção do Presidente Milosevic seria um dos objetivos dos aliados. (THE WAR..., 1999, p. 19, tradução nossa).<sup>122</sup>

---

<sup>119</sup> The non-provocation policy of the “alternative” president Ibrahim Rugova is now crumbling as militant action by the Kosovo Liberation Front invites more Serbian repression.

<sup>120</sup> The Kosovo Albanian team in any negotiation must be fully representative. It is also reasonable to urge the KLA to avoid armed activities in return for being brought back into the process.

<sup>121</sup> Kosovan resistance has to be knitted together to form something like a common front - a more than usually difficult task. On Wednesday the US ambassador from neighbouring Macedonia thought he had won tentative agreement to bring together the separatist Kosova Liberation Army and some of the political elements in Pristina to form an all-party transitional government. [...] The KLA, brought to life by years of Serb repression, is a complicating factor.

<sup>122</sup> He promised that those guilty of war crimes would not be allowed to escape the consequences; though, when questioned, he firmly denied that the removal of President Milosevic was one of the allies’ war aims.

De modo geral, pode-se dizer que a importância desse questionamento extrapola a esfera meramente tático-operacional, pois equivale dizer que os países ocidentais, sob efetiva liderança de Estados Unidos e Reino Unido estariam desviando-se do objetivo humanitário original, ou então expondo um objetivo que subsistira à socapa ao longo de toda a investida e que somente então - dada a situação de vitória praticamente certa - saía à descoberto. A grosso modo, pode-se dizer que essa talvez seja uma das mais firmes posições do jornal, exposta e lembrada à exaustão: dado que o real inimigo era Milosevic, quaisquer ações que não o seu enfrentamento eram paliativas e não tocavam no cerne do problema:

**Desde o princípio nós argumentamos** que os ataques aéreos somente faziam sentido se eles fossem pensados de com o objetivo militar de preparar o terreno para uma guerra no solo para capturar Kosovo e torná-lo um protetorado internacional, ao invés de ter como objetivo político forçar a rendição de Milosevic. **Nossa visão continua sendo que** - por mais difícil e perigosa que seja essa luta - essa deveria permanecer a estratégia. Mas, em todo caso, de um modo ou de outro uma decisão sobre a guerra no solo deve ser tomada logo. (A CHOICE..., 1999, p. 23, tradução nossa, destaque nosso).<sup>123</sup>

Face à instabilidade aflorada do questionamento do propósito inicial, observa-se que o jornal respondeu com a exacerbação e o reforço de sua posição inicial, a saber, que a intervenção ocidental tinha como fim terminar o que o jornal classificara como situação de penúria dos albaneses kosovares. Mais do que isso, TG diz-se contrário ao chamado ‘alargamento’ do rol de alvos em potencial sob o argumento que tal curso de ação não guardava relação com o enfraquecimento das posições sérvias e iugoslavas no conflito no Kosovo, sendo em verdade destinado a abalar o moral e infligir sofrimento ao povo sérvio em geral (o que poderia solapar as bases de apoio de Milosevic enquanto chefe da administração do país).

Ao posicionar-se contra o dito alargamento dos potenciais alvos, o TG mostrava a tensão constante que residia entre a necessidade de se combater Milosevic sem contudo fazer sua população pagar o preço, tudo isso considerando que os próprios sérvios também eram por vezes delineados enquanto cúmplices de Milosevic:

---

<sup>123</sup> We argued from the start that air strikes only made sense if they were designed to have the military aim of preparing the way for a land war to capture Kosovo and turn it into an international protectorate, rather than having the political aim of forcing the surrender of Milosevic. It remains our view that - difficult and dangerous though that fight should be - this should remain the strategy. But, in any event, a decision one way or the other over a land war should be taken soon.

Enquanto os bombardeios continuavam por toda a Sérvia, nós criticamos o constante alargamento dos alvos da OTAN, a destruição de estações de televisão, de energia elétrica, o aniquilamento dos estoques de água sérvios e a ruína de pontes. (PEACE..., 1999, p. 21, tradução nossa).<sup>124</sup>

A campanha até o presente momento falhou em seu propósito inicial de prevenir um desastre humanitário. Uma catástrofe humanitária ocorreu em uma escala e de um modo tão maligno que nunca fora sonhado na Europa desde o fim da segunda guerra mundial. [...] **Bombardear escritórios de televisão e estações de eletricidade de modo a desmoralizar a população sérvia é claramente errado.** (A CHOICE..., 1999, p. 23, tradução nossa, destaque nosso).<sup>125</sup>

**Os amplos ataques a fontes de energia sugerem uma expectativa que os sérvios irão culpar sua liderança pelas novas privações daí advindas. Está longe de ser evidente que os ataques terão esse efeito.** A preocupação deve ser que a campanha aérea esteja ficando sem alvos, e que possa haver uma corrida irresponsável para encontrar outros novos. (RIGHT..., 1999, p. 19, tradução nossa, destaque nosso).<sup>126</sup>

Tal inflexão é importante, pois denota a constante busca por caracterizar o Ocidente enquanto conceito diametralmente oposto ao que representava Milosevic. Ao promover a destruição deliberada de instalações cujos principais destinatários eram os civis o Ocidente poderia, em tese, ser taxado de utilizar os mesmos meios que dizia combater em Milosevic. Assim, a incessante busca por aclarar sua posição contrária a esses novos alvos somente traz à descoberto a dificuldade enfrentada pelo jornal em construir o discurso sobre Milosevic tanto pelo *linking* quanto pela *differentiation*.

#### 4.7 Conclusões

Tal como exposto ao longo deste capítulo, da leitura dos editoriais durante o período desta pesquisa depreendeu-se que a construção de sentido em torno da figura de Slobodan Milosevic deu-se por meio do estabelecimento de alguns eixos, algumas linhas-mestras responsáveis por nortear o modo pelo qual Milosevic era retratado.

Assim - como discutido nas seções acima - observou-se que os principais fatores que estruturaram o discurso em torno de Milosevic nas páginas do TG foram: a concentração, a

---

<sup>124</sup> As the bombing campaign continued throughout Serbia, we criticised the constant widening of Nato's targets, the destruction of television stations, the ruin of electric power plants, the smashing of Serbia's water supply, and the collapse of bridges.

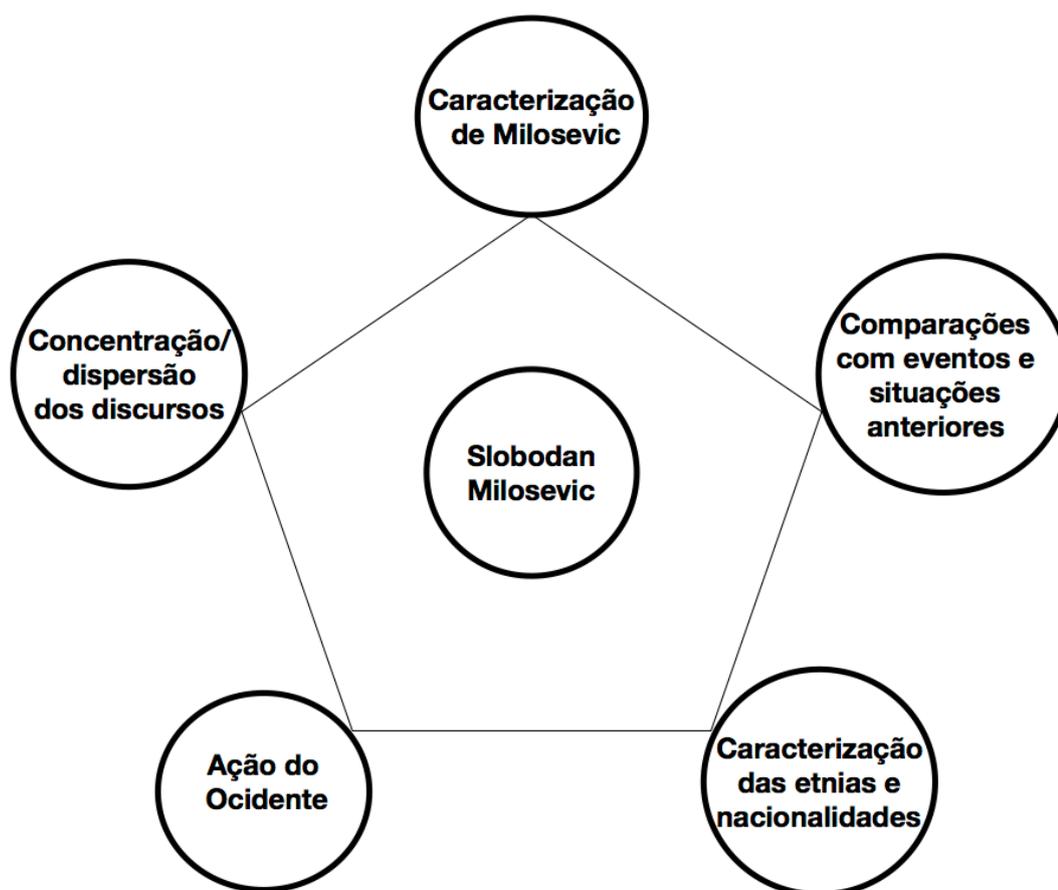
<sup>125</sup> The campaign has so far failed in its initial purpose of preventing a humanitarian disaster. A humanitarian catastrophe has occurred on a scale, and of an evil, undreamed of in Europe since the end of the second world war. [...] Bombing tv offices and electricity stations in order to demoralise the Serbian population is plain wrong.

<sup>126</sup> The wider attacks on energy supplies suggest an expectation that Serbs will blame the leadership for the fresh privations that will result. It is far from clear that the attacks will have that effect. The worry must be that the air campaign is running out of targets, and there may be an irresponsible rush to find new ones.

dispersão, a frequência com que o jornal dedicava-se a tratar do tema em seus editoriais; o modo como Milosevic fora caracterizado enquanto indivíduo, ser humano, e presidente de um Estado; a comparação do que acontecia naquele momento no Kosovo com eventos anteriores e como isso contribuía para construir a imagem do ex-líder; a maneira pela qual foram apresentadas - e representadas - as diversas etnias e nacionalidades que compunham o mosaico da população iugoslava (e a relação que elas tinham com Milosevic); e por fim o modo com eram classificadas as ações do Ocidente - e o próprio conceito de Ocidente em si - face aos acontecimentos retratados e em contraste à figura de Slobodan Milosevic.

A figura 6 a seguir apresenta um esquema que ilustra graficamente tais eixos atuantes na construção do discurso sobre Milosevic ao longo das páginas do jornal inglês:

**Figura 6: eixos da construção do discurso sobre Milosevic no TG**



Fonte: resultados da pesquisa.

Tendo-se coberto a maneira pela qual tal discurso é estruturado, pode-se então proceder à aplicação do modelo de *linking and differentiation* proposto por Lene Hansen (2006) - e discutido em maior detalhe no capítulo anterior - para se compreender de que modo o jornal TG veiculou e construiu em seus leitores a imagem do ex-líder sérvio e iugoslavo durante a Guerra do Kosovo.

Nesse sentido, depreende-se que ao longo dos meses do conflito o jornal britânico construiu seu discurso sobre Slobodan Milosevic por meio da conexão de algumas características principais que, acionadas em conjunto, reforçavam-se umas às outras., colaborando mutuamente na criação e transmissão de sentido. Desse modo, postula-se que Milosevic foi representado como um líder cruel e violento contra seu próprio povo, que instigava o ódio entre diferentes etnias, via de regra para valer-se dessas rivalidades de maneira a manter-se no poder. Ele também prevaricava e mentia, esquivando-se das tentativas do Ocidente de trazê-lo ao acordo. Por fim - e para o TG também em decorrência disso - ele configurava-se também como o primeiro chefe de Estado em exercício a ser indiciado por crimes contra a humanidade, fato bastante explorado e recorrentemente citado, que trazia ares de novidade e contribuía no reforço da conotação negativa.

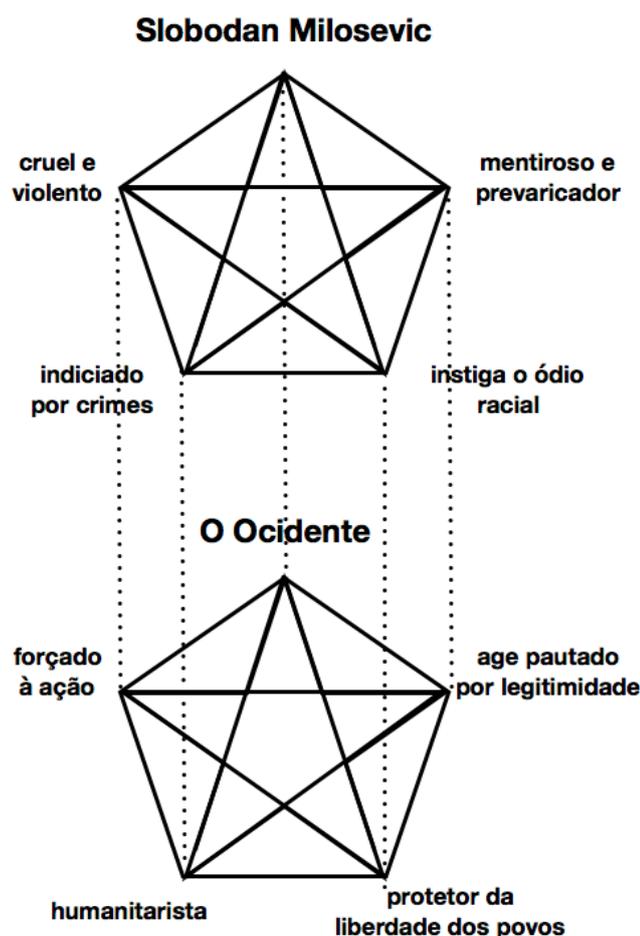
Tal como explicitado por Hansen (2006), contudo, tais características não atuam em um vácuo de significação. Elas somente são capazes de gerar sentido quando confrontadas concomitantemente com o que lhes faz frente, com o que se lhes opõe. No caso em estudo, o Ocidente (compreendido aqui como basicamente os Estados Unidos, o Reino Unido, A Alemanha, a França, a Itália e em raras ocasiões a Rússia) é a figura discursiva contra a qual estrutura-se o discurso sobre Milosevic. Os países ocidentais - mais especificamente, seus líderes e seus cidadãos -, por conseguinte, eram retratados como substancialmente diferentes de Milosevic, sendo exatamente essa diferença que habilitava-os a agir de modo a cercear e impedir o ex-líder de continuar suas ações.

O Ocidente, assim, encontrou nas páginas dos editoriais do TG uma coloração mormente positiva. Tal movimento deu-se via de regra por meio da correspondência e ligação direta entre valorações opostas da mesma noção, ou de noção semelhante. Assim, posto que Milosevic era cruel e violento, o Ocidente era compelido a agir. Em oposição ao fato de o ex-líder ter sido indiciado por crimes contra a humanidade, o Ocidente tinha em seu mérito a motivação humanitária. Se Milosevic mentia e prevaricava enquanto instigava o ódio étnico e

racial, o Ocidente balizava-se pela legitimidade em seus atos e pela defesa intransigente da liberdade de todos os povos.

A figura 7 a seguir elucida esse processo dual para a análise em questão:

**Figura 7: o processo de *linking and differentiation* no caso de Milosevic**



Fonte: elaboração própria a partir de resultados da pesquisa.

Em suma, ao caracterizar Milosevic, o TG delimitava a reboque também o Ocidente, ponto antípoda da figura do ex-presidente iugoslavo. Esse movimento, por sua vez, é circular e auto-referenciado. Ao fazê-lo, redefine-se também a própria construção inicial quando trazidas à descoberto as instabilidades inerentes a toda tentativa de classificação e demarcação de significado. Desse modo, e considerando-se que nada é passível de existir fora do discurso e da linguagem, analisar a construção do discurso sobre Slobodan Milosevic torna-se sinônimo de analisar a própria realidade, ou o que percebe-se dela.

## **5 O DISCURSO SOBRE SLOBODAN MILOSEVIC NO *THE NEW YORK TIMES* E O CONTRASTE COM O *THE GUARDIAN***

Tal como seu antecedente, este capítulo dedica-se à análise do discurso em torno do ex-líder sérvio e iugoslavo Slobodan Milosevic ao longo do conflito que ficou conhecido como Guerra do Kosovo. O sujeito produtor do discurso - o *self*, o falante - passa no entanto a ser o jornal americano *The New York Times* (NYT).

A grosso modo, a leitura e análise dos discursos demonstrou que - tal como no caso do TG - a construção do discurso do NYT em torno de Milosevic deu-se por meio do acionamento de alguns conceitos e constructos, de maneira que o jornal ancorava em alguns pilares o modo como Milosevic era retratado ao grande público. Este capítulo dedica uma seção ao exame pormenorizado de cada uma dessas linhas-mestras que atuaram na estruturação do discurso, a saber:

- a) Concentração/dispersão temporal dos discursos;
- b) Caracterização da personalidade de Milosevic;
- c) Comparação da Guerra do Kosovo com outras situações e conflitos anteriores;
- d) Caracterização da intervenção militar;
- e) Caracterização das etnias e nacionalidade envolvidas

Por fim, tal como no capítulo anterior, sua última seção é dedicada à síntese das principais conclusões inferidas.

### **5.1 Concentração/dispersão temporal dos discursos**

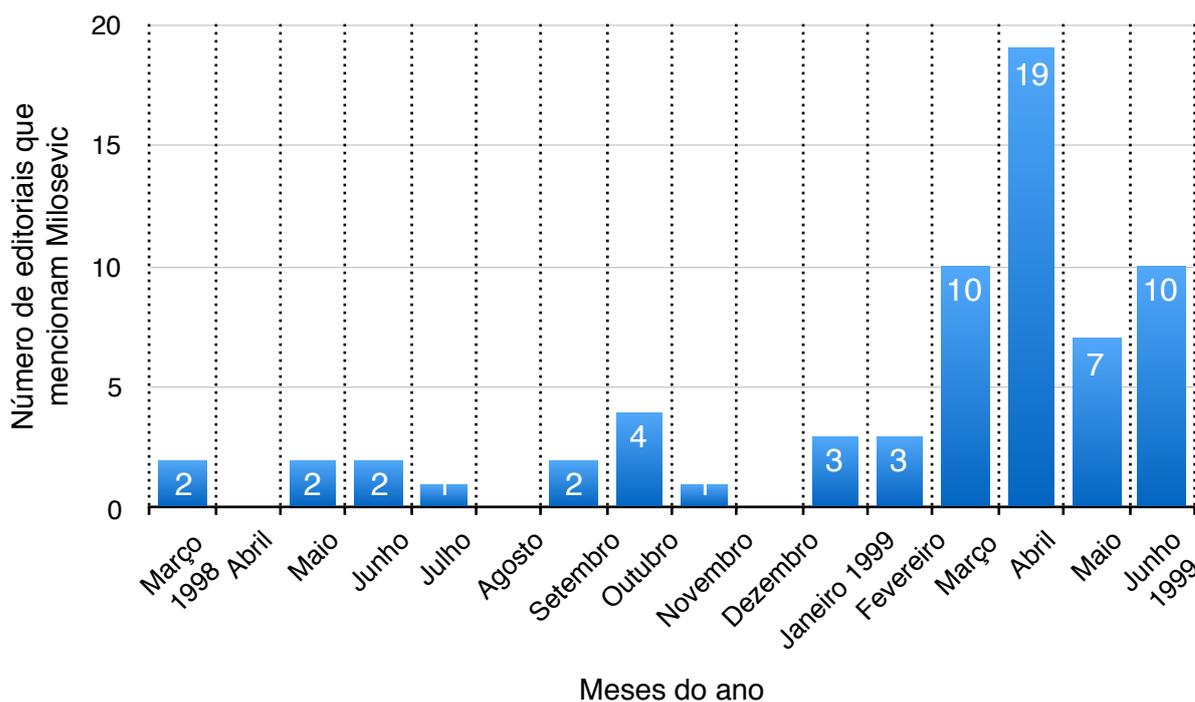
De maneira similar ao jornal britânico, também o NYT foi responsável por citar o nome de Milosevic inúmeras vezes ao longo dos anos. Em termos numéricos, esta pesquisa encontrou um universo de 227 editoriais em que o nome Milosevic consta ao menos uma vez, seja no título ou no corpo do texto. Desses, 90 referem-se ao período que abrange desde a criação do jornal até o fim de fevereiro de 1998, e 71 são referentes ao período que sucede o conflito e termina na morte de Milosevic, no ano de 2006.

Tal como explanado na última seção do capítulo terceiro e aplicado no capítulo quarto, esta pesquisa debruça-se no entanto nos dezesseis meses de duração do conflito que ficou

conhecido como Guerra do Kosovo. Assim como ocorrido no TG, no NYT os discursos sobre o ex-líder iugoslavo concentram-se de modo explícito nessa janela temporal, durante a qual o jornal publicou um total de 66 editoriais em que seu nome encontrava-se presente ao menos uma vez. De modo análogo, essa concentração corresponde à cerca de um terço do total das citações encontradas ao longo de toda a história de sua publicação.

Como anteriormente discutido, para Derrida e para a AD pós-estruturalista como um todo não pode haver construção de sentido fora do texto. Além disso, a ausência de qualquer texto também pode ser vista como fator importante e interveniente em uma análise, alterando e moldando os novos e infinitos sentidos possíveis. Disso resulta que a concentração ou dispersão das menções ao nome é variável importante nesse tipo de análise. Também como no caso do jornal britânico, as ocorrências espalham-se de modo desigual ao longo do escopo temporal, apresentando contudo comportamento semelhante, evidenciado no gráfico 2 a seguir. De sua análise depreende-se que também no NYT foi no período de março a junho de do ano de 1999 que mais vezes houve menção ao nome de Milosevic, sendo o mês de outubro de 1998 o segundo maior grupamento de ocorrências.

**Gráfico 2: distribuição dos editoriais com menção à Milosevic ao longo da Guerra do Kosovo no *The New York Times***



Fonte: resultados da pesquisa.

## 5.2 Caracterização da personalidade de Milosevic

Além da maneira pela qual se distribuem as menções a Milosevic ao longo dos meses, uma segunda linha-mestra a estruturar e ordenar o modo pelo qual foi construído o discurso em torno do ex-líder foi a forma de caracterização de sua personalidade, seja enquanto indivíduo ou enquanto líder e chefe de Estado.

A grosso modo, pode-se dizer que da análise dos 66 discursos do NYT depreendeu-se um sobejo alinhamento de posições das linhas editoriais de ambos jornais. Com algumas variações, tanto TG quanto NYT apresentaram aos seus leitores um indivíduo e um líder que cristalizava uma série de características de conotação nomeadamente negativa. Em ambos os *selves* geradores dos discursos em questão, Milosevic era descrito como um indivíduo astuto e artiloso, como um político com apuradas habilidades de manipular outros líderes com vistas a conseguir implementar seus planos e objetivos:

O Sr. Milosevic sem dúvida estará em busca de qualquer vantagem que ele possa encontrar se as negociações começarem de verdade. (ELEMENTS..., 1999, tradução nossa).<sup>127</sup>

O Sr. Milosevic tem um longo histórico de minar acordos. (THE KOSOVO..., 1999, tradução nossa).<sup>128</sup>

Slobodan Milosevic é mestre em utilizar atraso, surpresa e confusão para dividir seus oponentes, e ele está agora utilizando todos três para minar o acordo de paz que ele aceitou em Belgrado na semana passada. O Sr. Milosevic está claramente tentando ganhar tempo. (JOUSTING..., 1999, tradução nossa, destaque nosso).<sup>129</sup>

Hábil não somente na manipulação de outros líderes e das principais cabeças decisórias da então Iugoslávia, da Europa e quiçá do mundo, Milosevic era retratado também como um líder que fazia uso da propaganda de Estado para manter-se no poder, enganando e iludindo sua população por meio da censura da imprensa e dos meios de comunicação.

O líder sérvio basicamente baniu as vozes que ele mais teme, as estações independentes de rádio e televisão da Iugoslávia. [...] Preservá-las [as mídias] é crucial para uma resolução no Kosovo e para manter vivas as chances de democracia na Sérvia. [...] Censurar a imprensa foi somente uma das recentes atividades do Sr. Milosevic. **O Sr. Milosevic vem com uma ideia criativa atrás da outra na**

<sup>127</sup> Mr. Milosevic will doubtless be looking for every advantage he can find if negotiations begin in earnest.

<sup>128</sup> Mr. Milosevic has a long record of undermining agreements.

<sup>129</sup> Slobodan Milosevic is a master at using delay, surprise and confusion to divide his opponents, and he is now using all three to undermine the peace agreement that he accepted in Belgrade last week. Mr. Milosevic is clearly playing for time.

**tentativa de manter-se no poder às custas de sua população.** A maioria delas requer propaganda. Para o Sr. Milosevic, controlar a mídia é essencial para controlar seu país. (MUZZLING..., 1998, tradução nossa, destaque nosso).<sup>130</sup>

Mais do que isso, para o NYT Milosevic fazia uso de seu domínio de tais meios para disseminar políticas que instigavam o ódio racial e o conflito entre as variadas etnias que compunham o mosaico da antiga Iugoslávia.

O principal fator da violência na Iugoslávia, entretanto, foi a emergência de Slobodan Milosevic, **um líder disposto a destruir seu país para manter-se no poder. Conflitos étnicos não explodem sozinhos.** Eles são explorados por líderes cruéis que desejam poder, terra ou tesouros. A ascensão do Sr. Milosevic ameaçou minorias não-sérvias como os croatas e os bósnios muçulmanos, que então separaram-se da Iugoslávia. Mas como as novas nações possuíam minorias sérvias, os sérvios ficaram nervosos, possibilitando que o Sr. Milosevic utilizasse propaganda para explorar seus medos e transformá-los em assassinos. (EDITORIAL..., 1999, tradução nossa, destaque nosso).<sup>131</sup>

Além dessas características, outro importante traço que estrutura a personalidade de Milosevic é o fato de ser, para o jornal, um líder repressor, cruel, brutal, sanguinário. Tal como ocorrido no TG, no NYT essas facetas são constantemente repetidas, sendo uma tônica durante todo o período. Para ambos, o ex-líder iugoslavo aterrorizava e massacrava seus próprios concidadãos de modo a conseguir extirpar a província do Kosovo de seus habitantes de origem albanesa (os chamados albaneses kosovares):

O Sr. Milosevic tem um histórico de utilizar o terror, depois recuar sob a ameaça de uso da força, somente para retomar seus ataques quando o mundo volta-se para outros problemas. (THE KILLING..., 1998, tradução nossa).<sup>132</sup>

A intransigência e brutalidade de Milosevic. (AIR..., 1999, tradução nossa).<sup>133</sup>

---

<sup>130</sup> The Serbian leader has now essentially banned the voices he fears most, Yugoslavia's independent radio and television stations. [...] Preserving them [the media] is crucial for a settlement in Kosovo and to keep alive any hopes of democracy in Serbia. [...] Censoring the press was just one of Mr. Milosevic's recent activities. Mr. Milosevic comes up with one creative idea after another to keep himself in power at the expense of his people. Most require propaganda. For Mr. Milosevic, controlling the media is critical to controlling his country.

<sup>131</sup> The single most importante factor in Yugoslavia's violence, however, was the emergence of Slobodan Milosevic, a leader willing to destroy his country to keep himself in power. Ethnic conflicts do not explode on their own. They are exploited by ruthless leaders who want power, land or treasure. The rise of Mr. Milosevic threatened non-Serb minorities such as Croats and Bosnian Muslims, who then seceded from Yugoslavia. But since the new nations had Serbian minorities, Serbs grew nervous, allowing Mr. Milosevic to use propaganda to exploit their fears and turn them into killers.

<sup>132</sup> Mr. Milosevic has a history of using terror, then retreating under threat of force, only to resume his attacks when the world turns to other problems.

<sup>133</sup> Milosevic's intransigence and brutality.

Milosevic certamente não está interessado em uma solução diplomática para a crise do Kosovo. [...] A oferta diplomática do Sr. Milosevic ontem foi inaceitável. [...] As tropas assassinas do Sr. Milosevic. (ANSWERING..., 1999, tradução nossa).<sup>134</sup>

Tal como acontecera no TG, também o NYT posiciona-se de maneira bastante clara no que tange ao melhor modo de se fazer frente à ameaça que Milosevic materializava. Um dos veículos escolhidos para expressar essa posição foi a forma de representação dos bombardeios. Assim, a imagem de repressor brutal impressa em Milosevic passou a ser intimamente relacionada com o posicionamento do jornal em respeito aos ataques aéreos: dada a personalidade do ex-líder, não haveria outra escolha que não prosseguir com investida de modo a forçar sua capitulação:

**O bombardeio** fornece o incentivo para que o Sr. Milosevic desista de seu jogo mortal no Kosovo, e **não deve ser suspenso até que ele o faça.** (MR. MILOSEVIC'S..., 1999, tradução nossa, destaque nosso).<sup>135</sup>

Ao Sr. Milosevic foram dadas todas as chances de encerrar essa agressão e todos os avisos sobre o que aconteceria se ele não o fizesse. Ele os ignorou, e os bombardeios devem começar logo antes que esse tumulto consuma mais vidas. [...] O objetivo é limitar a capacidade do Sr. Milosevic de atacar a população do Kosovo e fazê-lo assinar o plano de paz que seria salvaguardado pelas tropas de manutenção da paz da OTAN. (THE RATIONALE..., 1999, tradução nossa).<sup>136</sup>

A brutal campanha de limpeza étnica sérvia. [...] Os líderes políticos e militares sérvios deveriam ser responsabilizados de alguma forma pela matança que eles sancionaram no Kosovo. [...] Esta guerra pode não terminar tão cedo, mas quando terminar a Sérvia terá que desistir de seu papel destrutivo nos Bálcãs. (DIPLOMATIC..., 1999, tradução nossa, destaque nosso).<sup>137</sup>

Além das similitudes encontradas entre TG e NYT quando da caracterização da personalidade de Milosevic e de sua astúcia enquanto líder, um outro ponto de convergência a ser apontado é o dilema em que se encontravam os países face ao modo pelo qual deveriam lidar com sua pessoa.

A grosso modo, pondera-se que a dificuldade de se encontrar o 'rótulo' apropriado para descrever Milosevic ilustra a impossibilidade de fixação conceitual discutida nos

<sup>134</sup> Milosevic is clearly not interested in a diplomatic solution to the Kosovo crisis. [...] Mr. Milosevic's diplomatic offer yesterday was unacceptable. [...] Mr. Milosevic's murderous troops.

<sup>135</sup> The bombing provides the incentive for Mr. Milosevic to give up his deadly game in Kosovo, and it should not be suspended until he does.

<sup>136</sup> Mr. Milosevic has been given every chance to end his aggression, and every warning of what would happen if he did not. He has ignored them, and the bombing must begin quickly before his rampage takes more lives. [...] The purpose is to limit Mr. Milosevic's ability to attack the people of Kosovo, and get him to sign the peace plan that would be safeguarded by NATO peacekeeping troops.

<sup>137</sup> Serbian brutal campaign of ethnic cleansing. [...] Serbian political and military leaders should be held accountable in some fashion for the killing they sanctioned in Kosovo. [...] This war may not end any time soon, but when it does, Serbia must give up its destructive role in the Balkans.

capítulos anteriores, para a qual o sujeito do discurso está sempre em busca de resposta. No caso do NYT, ela veio de duas formas, atuando em concomitância: primeiro, por meio da repetição exaustiva de todas as referidas facetas negativas que permeavam sua personalidade, e segundo por meio da sugestão que o ex-líder era não somente maléfico, mas também errático, imprevisível e inconstante:

Promover a integração econômica, política e étnica da Europa já é suficientemente difícil sem um lançador de bombas como o Sr. Milosevic. (WAR..., 1999, tradução nossa).<sup>138</sup>

Também como no caso do jornal britânico, a dificuldade de se estabelecer contornos e limites para a caracterização da personalidade de Milosevic evidenciada acima foi aguçada ao se trazer em cena seu indiciamento pelo TPII. Apesar de conferir certo alívio ao jornal na tarefa de delimitação dos papéis dos atores - a OTAN, o Ocidente, Milosevic, a Rússia - dada a associação direta entre o indiciamento e a necessidade de proteção àqueles que sofriam em suas mãos, o ato de tornar Milosevic o primeiro chefe de Estado em exercício submetido a tal situação também complicava ainda mais a tarefa de delinear para seu interlocutor quem seria o ‘inimigo’: Milosevic ou a Sérvia. Como abordado mais adiante, tal complexidade tornava-se especialmente visível ao término do conflito. Dada a situação de penúria em que o país fora deixado, como contribuir para sua reconstrução se o destinatário desses recursos era o mesmo que os fizera necessários em primeiro lugar? Interessante notar que nessa questão o alinhamento dos jornais torna-se ainda mais evidente pelo fato de justificarem tal posicionamento com falas de seus chefes de governo.

O impulso inicial de limitar a ajuda à Sérvia enquanto Slobodan Milosevic permanece no poder é certa. Algum tipo de assistência humanitária é justificável, mas nenhum dinheiro deve ir para o Sr. Milosevic ou seu governo. [...] Mesmo que poucos sérvios tenham mostrado interesse nas atrocidades que seus compatriotas estão cometendo no Kosovo, eles não merecem congelar neste inverno por causa disso. A democracia será promovida na Sérvia se as pessoas superem sua fúria com o Ocidente e percebam que é o seu líder, não os sérvios comuns, o alvo das sanções. [...] A mais básica necessidade da Sérvia não é assistência econômica, mas

---

<sup>138</sup> Advancing the economic, political and ethnic integration of Europe is hard enough without a bomb-thrower like Mr. Milosevic.

democracia, que é melhor promovida se seja negada ajuda ocidental ao Sr. Milosevic. (RESTRAINT..., 1999, tradução nossa).<sup>139</sup>

Tal como Blair no TG, o NYT cita trechos o então presidente Clinton ao afirmar que:

Os sérvios não ganharão um centavo de ajuda de reconstrução enquanto não pararem de negar todo o tumulto étnico que causaram no Kosovo e substituírem Slobodan Milosevic como presidente. (MR. CLINTON..., 1999, tradução nossa).<sup>140</sup>

De modo geral o quebra-cabeças acima torna-se ainda mais complexo quando leva-se em conta o fator democracia. Em outras palavras, como forçar a retirada de um líder que fora não somente democraticamente eleito como gozava do apoio de sua população?

**Tragicamente, muitos líderes autocráticos não precisam de manipular eleições. Na Sérvia, Slobodan Milosevic goza de cerca do mesmo apoio público que ele possuía antes da guerra: 20 por cento.** Particularmente em lugares em que a política é baseada em regiões ou na etnicidade, eleitores quase sempre apoiam um candidato de seu próprio grupo étnico independente de seu histórico. (UNDEMOCRATIC..., 1999, tradução nossa, destaque nosso).<sup>141</sup>

### 5.3 Comparação da Guerra do Kosovo com outras situações e conflitos anteriores

Além da concentração e dispersão dos discursos e a caracterização da personalidade de Milosevic, uma outra linha-mestra responsável pela construção de sua imagem é a comparação do advento da Guerra do Kosovo com situações e eventos pretéritos. Como abordado no capítulo anterior, tal ação serve como um atalho cognitivo, permitindo ao leitor traçar minimamente um desenho dos acontecimentos. A grosso modo, a comparação com eventos passados é um dos pilares do processo de *linking* utilizado por Hansen (2006). Como o TG, também o NYT faz extenso uso dessa ferramenta de modo a veicular uma determinada mensagem ao interlocutor. Dito doutra forma, o conceito acionado como exemplo atua ativamente na construção de seu produto (a construção do discurso que lhe sucede). Esse, por

<sup>139</sup> The initial impulse to limit aid to Serbia while Slobodan Milosevic remains in power is right. Some humanitarian assistance is justified, but no money should go to Mr. Milosevic or his Government. [...] While few Serbians showed interest in the atrocities their countrymen were committing in Kosovo, they do not deserve to freeze this winter because of it. Democracy will be furthered in Serbia if people get over their fury with the West and realize that it is their leader, not ordinary Serbs, who is the target of sanctions. [...] Serbia's most basic need is not economic help, but democracy, which is best furthered if Mr. Milosevic is denied Western aid.

<sup>140</sup> Serbs would not get "one red cent" of reconstruction aid until they "get out of denial" on their ethnic rampage in Kosovo and replace Slobodan Milosevic as President.

<sup>141</sup> Tragically, many autocratic leaders do not need to rig elections. In Serbia, Slobodan Milosevic enjoys about the same public support he did before the war, 20 percent. Particularly where politics is based on region or ethnicity, voters often support a candidate from their own group no matter what his record.

sua vez, é o assoalho sobre o qual assentam-se os discursos básicos sobre uma determinada situação ou evento.

Ao analisar tal processo o leitor depara-se novamente com as noções derridianas de *différance*, de rastro e também, em menor medida, de origem. Ao se estabelecer uma linha de comparação entre um evento atual e um outro já transcorrido, evidencia-se como o ato de ser liga-se umbilicalmente ao de não ser. Para existir enquanto conceito, o constructo Guerra do Kosovo precisava ser semelhante a alguma situação passada para não ser igual a ela no presente. É o rastro tornado possível pela infinita *différance*. Faz-se presente também a noção derridiana de origem devido ao fato de o jornal buscar não somente a analogia com o passado, mas também identificar as raízes do conflito de então:

Nós Balcãs, as idas e vindas de impérios ao longo dos séculos deixaram uma longo ciclo de mortes e vingança. **A identidade de cada grupo étnico, particularmente os sérvios, foi largamente moldada por memórias de vitimização, derrota militar e humilhação, deixando as pessoas suscetíveis à propaganda de ódio.** Isso não é somente uma história antiga, visto que a Segunda Guerra Mundial viu assassinatos em massa de sérvios nas mãos dos croatas e, em menor extensão, dos muçulmanos. (EDITORIAL..., 1999, tradução nossa, destaque nosso).<sup>142</sup>

De modo geral, o uso de alusões e analogias para se classificar e delimitar a construção do discurso sobre a Guerra é ponto comum a tanto TG quanto NYT. Apesar de semelhantes na forma, observam-se algumas variações de conteúdo. Mesmo que ambos TG e NYT utilizem exaustivamente - e compreensivelmente - a Guerra da Bósnia como paralelo mais imediato, nota-se no NYT também a utilização da Guerra do Vietnã como fator de comparação e contraste. Evento de grande apelo ao público americano, a alusão ao Vietnã - quase ausente nos editoriais do TG - faz recorrentes aparições no NYT. Se para a população britânica o conflito no sudeste asiático encontra lugar em meio a outros tantos conflitos do século XX, para os americanos ele possui papel central e estruturante, definidor de sua própria identidade e papel enquanto líder e potência. Assim, possuindo a mesma situação significados diferentes para cada público (ou seja, sendo efetivamente dois eventos diferentes), infere-se que o ato de comparação com a Guerra do Vietnã é importante faceta da construção do

---

<sup>142</sup> In the Balkans, the ebb and flow of empires over the centuries left a long cycle of killings and revenge. The identity of each ethnic group, particularly the Serbs, was largely shaped by memories of victimization, military defeat and humiliation, leaving people susceptible to hate propaganda. This is not just ancient history, as World War II saw mass killings of Serbs at the hands of Croats and, to a far lesser extent, Muslims.

discurso sobre Milosevic nas páginas do NYT pois ele serve como guia, como direção à interpretação, veiculando uma mensagem com conotação bastante específica:

**Cada guerra é conduzida à sombra de suas antecessoras, e o conflito no Kosovo não é exceção.** A nação é assombrada pelas memórias da Segunda Guerra Mundial e do Vietnã enquanto ela considera quão intensamente deve proceder à guerra nos Balcãs. Isso é inteiramente pertinente, dado que **a histórias dessas lutas é relevante à esta. [...]** Os ecos do Vietnã são compreensivelmente - e propriamente - fortes em uma Casa Branca e em um Pentágono povoados por homens e mulheres que viram a vida de seus colegas desperdiçadas por Lyndon Baines Johnson. (WAR..., 1999, tradução nossa, destaque nosso).<sup>143</sup>

Ambas analogias contêm **sólidas verdades.** A Segunda Guerra Mundial de fato mostrou que **é melhor que ditadores maníacos sejam extirpados logo.** O Vietnã nos ensinou que pode ser um ato criminoso enviar tropas para o combate sem o apoio do povo americano e do Congresso. Mas contextos históricos mudam, e isso afeta o modo como antigas analogias se ajustam a novas circunstâncias. [...] **o conflito é um teste da disposição americana e europeia de fazer frente à agressão e ódio étnico homicida antes que eles se espalhem.** Eles argumentam que ao lidar com Slobodan Milosevic o Ocidente não deve repetir a política de apaziguamento de Munique em 1983 e outros erros que inicialmente permitiram que **Hitler** se movesse desimpedido contra seus vizinhos e o levaram a concluir que políticas nazistas não enfrentariam oposição. (WAR..., 1999, tradução nossa, destaque nosso).<sup>144</sup>

#### 5.4 Caracterização da intervenção militar

Apresentado o modo como os discursos sobre Milosevic distribuem-se ao longo dos meses, a maneira pela qual sua personalidade é apresentada e os efeitos de comparação acionados, um outro pilar ao qual recorrem os discursos sobre o ex-líder é a intervenção militar - efetivamente, os bombardeios - do Ocidente por meio da OTAN. Assim, postula-se que a forma como a intervenção é descrita incita no leitor determinada construção de sentido, a partir da qual - ou contra a qual - pode-se sobrepor a figura de Milosevic. Tal como

---

<sup>143</sup> Every war is conducted in the shadow of its predecessors, and the conflict in Kosovo is no exception. The nation is haunted by memories of the Second World War and Vietnam as it considers how intensely to prosecute the war in the Balkans. That is entirely appropriate, for the history of those struggles is relevant to this one. [...] The echoes of Vietnam are understandably -- and properly -- strong in a White House and Pentagon populated with men and women who saw the lives of their peers wasted by Lyndon Baines Johnson.

<sup>144</sup> Both analogies contain enduring truths. World War II did show that maniacal dictators are best crushed early. Vietnam taught us that it can be a criminal act to send troops into combat without the support of the American people and Congress. But historical contexts change, and that affects the fit of old analogies to new circumstances. [...] the conflict is a test of American and European willingness to confront aggression and homicidal ethnic hatred before they spread. They argue that in dealing with Slobodan Milosevic, the West must not repeat the appeasement at Munich in 1938 and other mistakes that initially allowed Hitler to move unimpeded against his neighbors and led him to conclude that Nazi policies would go unopposed.

apontado por Hansen (2006), a mera assinalação de uma determinada natureza a um conceito engendra automaticamente a delimitação daquele que é colocado como seu oposto.

Uma das primeiras maneiras observadas de se caracterizar, de se justificar a intervenção militar (e a reboque, o discurso sobre Milosevic) foi o recurso à noção que na Guerra do Kosovo estava em jogo todo o desenho estratégico da Europa costurado por décadas a fio pelos americanos:

A história ensina que instabilidades na Europa inevitavelmente machucam os Estados Unidos, e podem levar a conflitos maiores. (THE LOGIC..., 1999, tradução nossa).<sup>145</sup>

Assim, ao apontar Milosevic como o perpetrador dos ataques à população albanesa (o que por sua vez tornava necessária e justificável a intervenção), o NYT por extensão atribuía-lha o carimbo de desestabilizador da ordem internacional posta a cabo pela política americana.

Mesmo que os aviões da OTAN tenham atacado milícias sérvias na Bósnia alguns anos atrás, a aliança nunca antes tinha liberado seu poderio militar contra um Estado soberano. [...] A campanha militar [de Milosevic] contra os civis inocentes do Kosovo. [...] O objetivo da OTAN é proteger esses civis mutilando a armada iugoslava e, além disso, forçar o Sr. Milosevic a aceitar o plano de paz acordado. (AIR..., 1999, tradução nossa).<sup>146</sup>

Intimamente relacionada a este ‘xadrez geopolítico europeu’ estava a questão da OTAN. Criada para ser a principal aliança militar do ocidente e fazer frente à União Soviética e o bloco comunista, a década de 1990 trazia os primeiros sinais que a instituição passava por uma crise de identidade. Ao cair o mundo comunista, a OTAN perdia também seu inimigo e razão maior de existência, tendo esvaziado seu discurso maior. Nesse sentido, a ofensiva da OTAN ‘em defesa dos inocentes kosovares’ e contra Milosevic era a um só tempo a criatura e o criador da nova identidade da instituição.<sup>147</sup> Em outras palavras, a figura institucional da

---

<sup>145</sup> History teaches that instability in Europe inevitably hurts the United States, and can produce larger conflicts.

<sup>146</sup> While NATO planes attacked Serbian militias in Bosnia a few years ago, the alliance had never before unleashed its military power against a sovereign state. [...] [Milosevic’s] military campaign against the innocent civilians of Kosovo. [...] NATO’s aim is to protect those civilians by hobbling the Yugoslav military, and beyond that, to force Mr. Milosevic to accept the compromise peace plan.

<sup>147</sup> Generalizações à parte, entender a ação de um Estado ou instituição como gerador e ao mesmo produto de uma identidade é a tônica das obras de Campbell e de Hansen referenciadas nesta obra. Para maior detalhamento, vide capítulo segundo.

OTAN e seu novo papel no mundo pós-Guerra Fria têm papel central no modo como se estruturou o discurso sobre Milosevic:

A campanha aérea contra a Iugoslávia [...] está começando a definir o papel que a aliança da OTAN irá desempenhar na Europa do pós-Guerra Fria. (INVENTING..., 1999, tradução nossa).<sup>148</sup>

Trazida à luz a discussão sobre uma ‘nova OTAN’, tem-se na posição do NYT no que tange ao apoio aos ataques aéreos talvez o seu mais direto e cristalino posicionamento editorial em todo o escopo analisado. Ao longo do período, o jornal recorrentemente expunha sua defesa da ideia que o bombardeio das posições da polícia sérvia e do exército iugoslavo iria eventualmente mutilar a capacidade das tropas de Milosevic de continuar sua investida contra os albaneses kosovares:

Amontoam-se os reveses no Kosovo. [...] este conflito não produzirá uma rápida vitória militar para os Estados Unidos. [...] Slobodan Milosevic provou ser um oponente astuto e cruel, que tem explorado as limitações do ataque aéreo da OTAN ao enviar suas tropas com voracidade pelo Kosovo. [...] Os comandantes americanos e da OTAN subestimaram sua resistência e selvageria, mas isso não é razão para precipitar-se em uma nova fase de batalha. [...] **Ataques aéreos mais intensos podem não impedir as atrocidades sérvias, mas eles podem retardar a ofensiva sérvia e eventualmente levar o Sr Milosevic a buscar um acordo político.** (PATIENCE..., 1999, tradução nossa, destaque nosso).<sup>149</sup>

**Não deve haver ilusão sobre as dificuldades e custos potenciais de uma guerra no solo.** Muito mais bombardeios e diplomacia devem ser empregados antes que o Sr. Clinton e a nação façam alguma decisão fatídica sobre o uso de tropas terrestres. [...] Com o tempo os ataques podem exaurir a resistência de Slobodan Milosevic e tornar seu povo impaciente pelo fim dos bombardeios. É certamente prematuro concluir que os ataques aéreos não são suficientes e que somente uma invasão poderá garantir os objetivos políticos e militares da OTAN. O Sr. Milosevic bem sabe que a contínua destruição de refinarias de óleo, fábricas de armamentos, suprimentos de munição e redes de comunicação **irão eventualmente mutilar suas forças militares, e possivelmente minar seu poder político.** (A CRUCIAL..., 1999, tradução nossa, destaque nosso).<sup>150</sup>

<sup>148</sup> The air campaign against Yugoslavia [...] is beginning to define the role for the NATO alliance to play in post-cold-war Europe.

<sup>149</sup> Setbacks mount in Kosovo. [...] this conflict will not produce another lightning military victory for the United States. [...] Slobodan Milosevic has proved to be a cunning and cruel opponent who has exploited the limitations of NATO's air assault by sending his troops on a rampage across Kosovo. [...] American and NATO commanders underestimated his endurance and savagery, but that is no reason to rush wildly into some new phase of warfare. [...] Augmented air strikes cannot prevent Serbian atrocities, but they can slow the Serbian advance and may eventually drive Mr. Milosevic to seek a political settlement.

<sup>150</sup> There should be no illusions about the difficulties and potential costs of a land war. A great deal more bombing and diplomacy should be employed before Mr. Clinton and the nation make any fateful decisions about the use of ground troops. [...] Given time, the attacks can wear down Slobodan Milosevic's resistance and make his people impatient to end the bombing. It is certainly premature to conclude that air strikes are not enough and only an invasion can secure NATO's political and military goals. Mr. Milosevic well knows that the steady destruction of oil refineries, weapons factories, ammunition supplies and communication networks will eventually cripple his military forces, and possibly undermine his political power.

Se por um lado a defesa dos ataques aéreos é marca incontestada do discurso do NYT - alinhando-o ao discurso do TG -, por outro o jornal americano exprime visível clivagem com seu equivalente britânico no que tange à maneira como é feita essa defesa. Assim - e como demonstrado no capítulo anterior -, se para o TG os bombardeios somente fariam sentido em um contexto de futura ação por tropas no solo, para o NYT eles seriam suficientes para acuar Milosevic e forçá-lo à capitulação. Em relação ao vigoroso debate de ambos os lados do Atlântico sobre a possibilidade de invasão da província do Kosovo, a mais pronunciada concessão feita pelo NYT em sua defesa dos bombardeios é admitir que era imperativo que a OTAN - ou o Ocidente - tivesse prontos planos e cursos de ação alternativos. Nesse sentido, se para o TG o conceito de Milosevic atua como amálgama, conclamando todos à ação, observa-se no NYT posição muito mais conservadora e refratária no tange ao efetivo comprometimento de seu corpo editorial com sua remoção a todo custo:

Nós continuamos a acreditar que os bombardeios da OTAN irão eventualmente compelir o Sr. Milosevic a apoiar um acordo político que seja aceitável para a OTAN. Mas se as negociações vacilarem ou falharem, a OTAN deve ter outras opções disponíveis. (BEFORE..., 1999, tradução nossa).<sup>151</sup>

**Apesar de o uso de tropas no solo ser a última opção**, o ato de planejar uma invasão pode dar motivos ao Sr. Milosevic para arquitetar uma via diplomática. [...] Nesse meio tempo, **os bombardeios devem continuar** e a nação pode entrar em um vigoroso debate para saber se os interesses vitais deste país serão servidos por meio do envio de tropas para a Iugoslávia. (A CRUCIAL..., 1999, tradução nossa, destaque nosso).<sup>152</sup>

Ontologicamente, pode-se afirmar que a discussão em torno do novo papel da OTAN no pós-Guerra Fria caminhava em paralelo com o debate maior acerca de qual seria o papel do Ocidente em relação ao conflito. Ao fazê-lo, demarcava-se por extensão o entendimento maior sobre - e a maneira como é caracterizado - o Ocidente. Neste ponto, o NYT demonstra novamente posição semelhante ao TG ao acionar a moral - cristã - para balizar quais comportamentos seriam aceitáveis - e a reboque, os inaceitáveis - da parte do 'mundo

---

<sup>151</sup> We continue to believe that NATO bombing will eventually compel Mr. Milosevic to support a political settlement that is acceptable to NATO. But if the negotiations falter or fail, NATO should have other options available.

<sup>152</sup> Though the use of ground troops should be the option of last resort, planning for an invasion may give Mr. Milosevic reason to plot a diplomatic course. [...] Meanwhile, the bombing should proceed and the nation can engage in a vigorous debate about whether this country's vital interests will be served by sending troops into Yugoslavia.

ocidental'. Desse modo delinea-se a ideia de obrigatoriedade moral de ação para resguardar a segurança e a vida dos kosovares:

[...] um **imperativo moral** de proteger pessoas inocentes contra assassinatos e a destruição de seus lares. (AIR..., 1999, tradução nossa, destaque nosso).<sup>153</sup>

Somente o imperialismo ocidental - mesmo que poucos irão gostar de chamá-lo dessa forma - pode neste momento **salvar o continente europeu e os Bálcãs do caos**. (KAPLAN, 1999, tradução nossa, destaque nosso).<sup>154</sup>

Justificada a intervenção em termos morais e também estratégicos, torna-se aparente a instabilidade que jaz latente a essa tentativa de significação (instabilidade essa também presente nos discursos do TG) quando são reportadas as primeiras mortes em decorrência dos erros de cálculo - e alvo - dos aviões da OTAN, causando mortes de civis.

Por mais dolorosa que seja a guerra aérea na Sérvia - ontem um míssil da OTAN destruiu uma ponte férrea, matando ao menos 10 pessoas [...] - **a OTAN deve manter os ataques**. Diferentemente da investida sérvia no Kosovo, a aliança não está propositalmente mirando em civis. (A CRUCIAL..., 1999, tradução nossa, destaque nosso).<sup>155</sup>

Face ao desnudamento da monta de tal instabilidade, o NYT reage em busca de estabilização, reiterando a defesa dos bombardeios. No entanto, o jornal adiciona um novo elemento face ao que seria o mero reforço de sua posição. Não somente deveriam ser mantidos os ataques - a despeito das casualidades -, mas a decisão de evitá-los jazia não com os generais e estrategistas da OTAN, mas com o próprio Milosevic, por meio da sua mudança de postura (e eventual capitulação). Assim, se por um lado nota-se no TG maior combatividade em relação ao ex-líder, é o NYT que atribui-lhe maior papel de agência :

O principal objetivo da campanha aérea da OTAN contra a Sérvia é fazer cessar as mortes e a expulsão dos albaneses kosovares que têm sido perseguidos. A OTAN deve continuar a fazer tudo que ela pode para minimizar as mortes, **mas ela não pode evitá-las por completo. Somente Slobodan Milosevic pode fazer isso**, concordando com os termos de paz da OTAN. (GRISLY..., 1999, tradução nossa, destaque nosso).<sup>156</sup>

<sup>153</sup> [...] a moral imperative of protecting innocent people against killings and the destruction of their homes.

<sup>154</sup> Only Western imperialism -- though few will like calling it that -- can now unite the European continent and save the Balkans from chaos.

<sup>155</sup> As painful as the air war may sometimes be in Serbia -- yesterday a NATO missile severed a rail bridge, killing at least 10 people [...] -- NATO must sustain the attacks. Unlike the Serbian assault on Kosovo, the alliance is not deliberately targeting civilians.

<sup>156</sup> The whole point of NATO's air campaign against Serbia is to stop the killing and reverse the expulsion of Kosovo's persecuted ethnic Albanians. NATO must continue to do all it can to minimize civilian deaths, but it cannot avoid them entirely. Only Slobodan Milosevic can do that, by agreeing to NATO's peace terms.

Uma outra variável a intervir no grande tema da intervenção militar - e por sua vez na construção do discurso sobre Milosevic - é a maneira pela qual é definida a Rússia, bem como suas posições finda a Guerra Fria e participação no chamado Grupo de Contato, o conjunto dos países do Ocidente a orquestrar a ofensiva em questão. Tradicional adversária americana, a herdeira da União Soviética chega ao limiar do século XX com uma economia obsoleta e em frangalhos, perdendo a cada dia influência e peso decisório na arena internacional. Se nos editoriais do TG as menções à Rússia adquirem um caráter de ‘participação’, é nas publicações do NYT que a posição russa é explorada em maior acuidade.

Ao longo dos textos, é constante a preocupação americana com o papel que a Rússia desempenhava na geopolítica europeia (em especial em sua porção mais a leste), assim como o que ainda poderia desempenhar. A grosso modo, a Rússia é retratada como historicamente próxima aos seus ‘irmãos eslavos’ sendo um ator de envergadura e com grande influência sobre Milosevic. Em outras palavras, o país é muitas vezes representado como o caminho e o atalho para se chegar a Milosevic. Contudo, abundam ocasiões em que o jornal aponta a dificuldade de se obter a cooperação russa para uma ação de cunho eminentemente militar e orquestrada pela OTAN. Para o jornal:

O desafio para Washington é dar ao Kremlin algum espaço de manobra diplomática sem contudo prejudicar os interesses da OTAN no Kosovo. (A CRUCIAL..., 1999, tradução nossa).<sup>157</sup>

A Rússia poderia aumentar consideravelmente sua estatura internacional ao intermediar uma resolução política. [...] A Casa Branca deveria estar trabalhando nos bastidores para encorajar um papel construtivo da Rússia. (RUSSIA'S..., 1999, tradução nossa).<sup>158</sup>

Com relação esse imbróglio, notou-se constante ao longo dos textos que o jornal buscava a estabilização discursiva de duas principais formas. Em primeiro lugar, enfatizava que apesar de desejável e relevante a participação da Rússia, a OTAN deveria agir qualquer fosse a decisão dos russos (dado que, como discutido, havia uma obrigação moral em proteger os civis):

---

<sup>157</sup> The challenge for Washington is to give the Kremlin some diplomatic maneuvering room without undercutting NATO's aims in Kosovo.

<sup>158</sup> Russia could greatly enhance its international stature by brokering a political settlement. [...] The White House should be working behind the scenes to encourage a constructive Russian role.

Se ela fracassar em fazê-lo devido à oposição russa, o que é provável, a OTAN deve continuar avançando de qualquer forma se a ação militar mostrar-se necessária para salvar milhares de vidas. (THE KILLING..., 1998, tradução nossa).<sup>159</sup>

Em segundo lugar, o NYT buscava associar o desenvolvimento e modernização da Rússia com seu alinhamento com o Ocidente:

A corajosa decisão de Boris Yeltsin de alinhar a Rússia com o Ocidente. (THE KOSOVO..., 1999, tradução nossa).<sup>160</sup>

Mais do que isso, o NYT ao longo do tempo passou a apresentar tal caminho como nada menos que a opção lógica. Em outras palavras, é como se a chave que destrancava um novo período de prosperidade e relevo para os russos fosse a aceitação da ordem internacional tal como articulada pelos Estados Unidos, sob a égide de valores mormente ocidentais. Dessa forma, fazia-se necessário quebrar antigas alianças, as quais Washington classificava como fadadas à ruína e à decadência (mesmo que reconhecendo sua importância nas décadas anteriores). A tradicional aliança com os sérvios - e Milosevic - era exatamente uma delas:

Se em algum momento a Rússia quiser romper com a **herança que retarda seu desenvolvimento, ela deve superar sua aliança reflexiva com tiranos sanguinários como Slobodan Milosevic e Saddam Hussein**. Por mais difícil que seja para Boris Yeltsin, ele deve usar este momento crítico na Europa para impulsionar a Rússia para uma duradoura parceria com o Ocidente. **Somente assim a Rússia poderá almejar construir a economia e democracia modernas que seu povo deseja e merece**. [...] O apoio do Kremlin a ditadores possuía uma certa lógica inescrupulosa durante a Guerra Fria. [...] O desenvolvimento futuro da Rússia tem pouco a ver com o Kosovo e muito a ver com a maneira pela qual Moscou lida com suas relações com os Estados Unidos e a Europa. (RUSSIA..., 1999, tradução nossa, destaque nosso).<sup>161</sup>

O desejo do Kremlin de dar adeus a Slobodan Milosevic e apoiar os termos da paz do Ocidente é um dos mais promissores acontecimentos desde o fim da Guerra Fria. [...] **o Sr. Yeltsin reconheceu que a continuada aliança com a ditadura do Sr. Milosevic era uma via sem saída para a Rússia, tanto econômica quanto política**. Por mais lógica que essa decisão possa parecer no Ocidente, ainda assim

<sup>159</sup> If it fails to do so because of Russian opposition, which is likely, NATO should move ahead anyway if military action proves necessary to save thousands of lives.

<sup>160</sup> Boris Yeltsin's courageous decision to align Russia with the West.

<sup>161</sup> If Russia is ever to break free of the heritage that stunts its development, it must overcome its reflexive allegiance to bloody-minded tyrants like Slobodan Milosevic and Saddam Hussein. As hard as it may be for Boris Yeltsin, he should use this critical moment in Europe to push Russia toward an enduring partnership with the West. Only then can Russia hope to build the modern economy and democracy that its people want and deserve. [...] The Kremlin's embrace of dictators had a certain ruthless logic during the cold war. [...] Russia's future development has little to do with Kosovo and a great deal to do with how Moscow manages relations with the United States and Europe.

ela foi um corajoso ato de liderança em Moscou. (THE KREMLIN..., 1999, tradução nossa, destaque nosso).<sup>162</sup>

Por fim, uma última variável a balizar a caracterização da intervenção militar da OTAN era o modo pelo qual o NYT abordava a questão do futuro do Kosovo uma vez vencido Milosevic, ponto em que novamente o jornal se distancia da posição britânica. Se para esses a defesa de maior autonomia para a província foi paulatinamente dando lugar à constatação que não haveria outra alternativa que não a independência, é firme e constante a postura americana de eliminar quaisquer possibilidades de apoio à criação de um Estado independente:

Washington e a comunidade internacional não apoiam o desejo dos albaneses do Kosovo de criar um Estado independente. (THE KILLING..., 1998, tradução nossa).<sup>163</sup>

Com seu ataque assassino ao Kosovo o Sr. Milosevic mostrou que no futuro o Kosovo deve ser democraticamente auto-governado e livre da intimidação sérvia. **Mas ele não deve ser um país independente.** (DIPLOMATIC..., 1999, tradução nossa, destaque nosso).<sup>164</sup>

De maneira geral, a perspectiva do NYT quanto ao futuro do Kosovo relaciona-se intimamente com sua postura comentada anteriormente em relação ao destino da Sérvia e de Milosevic. Não obstante reconhecida a necessidade de ajuda ao povo sérvio para a reconstrução de seu país, tal auxílio esbarrava na figura de seu principal receptor, o próprio ator contra o qual se lutava naquele momento:

A reconciliação e reconstrução no Kosovo, assim como na Sérvia, não virá de forma rápida ou fácil, e a continuada dominação do Sr. Milosevic é um impedimento a ambas. (THE KOSOVO..., 1999, tradução nossa).<sup>165</sup>

Washington deve portanto começar a reforçar seus preparativos diplomáticos para uma possível ação militar para proteger os refugiados. **Os Estados Unidos não têm interesse em encorajar a independência do Kosovo ou em entrar em guerra contra a Sérvia.** Mas uma ação militar pode ser necessária **com o específico**

---

<sup>162</sup> The Kremlin's willingness to part company with Slobodan Milosevic and throw its influence behind the West's peace terms in Kosovo is one of the more hopeful international developments since the end of the cold war. [...] Mr. Yeltsin recognized that continued alliance with Mr. Milosevic's dictatorship was a political and economic dead end for Russia. As logical as that decision might seem in the West, it was a bold act of leadership in Moscow.

<sup>163</sup> Washington and the international community do not support the desire of Kosovo's Albanians to create an independent state.

<sup>164</sup> With his murderous assault on Kosovo, Mr. Milosevic has shown that in the future Kosovo should be democratically self-governed and free of Serbian intimidation. But it ought not to be an independent country.

<sup>165</sup> Reconciliation and reconstruction in Kosovo, as well as Serbia, will not come quickly or easily, and Mr. Milosevic's continued rule is an impediment to both.

**objetivo de ajudar os refugiados.** (KOSOVO'S REFUGEE..., 1998, tradução nossa, destaque nosso).<sup>166</sup>

### 5.5 Caracterização das etnias e nacionalidades envolvidas

Tomadas em conjunto, a concentração dos discursos, a caracterização da personalidade de Milosevic e da intervenção militar bem como a comparação com eventos anteriores, o último grande eixo a estruturar a construção do discurso sobre Milosevic no NYT é a forma como são descritas e representadas as etnias e nacionalidades envolvidas. Como anteriormente abordado, ao longo de suas páginas o NYT faz inúmeras referências ao que o jornal chama de 'limpeza étnica', entendida como a deliberada tentativa de extermínio de uma determinada etnia para suplantá-la por outra. Entretanto, ele repete o mesmo descuido encontrado nas páginas do TG. Os termos 'etnia', 'nacionalidade' e 'povo' são usados de modo quase que intercambiável, sem contudo uma discussão prévia do real significado de das palavras. Assim, ao deixar para seu leitor a tarefa de delimitar o conceito de 'sérvio' e de 'albanês kosovar', o NYT não somente dá sentido de presença aos termos (na acepção derridiana da palavra, vide capítulo segundo), como também toma por garantida a noção de origem.

Assim - fazendo-se uso novamente do aporte de Hansen (2006) - o modo como o NYT descreve e atribui significado aos povos e etnias envolvidos relaciona-se à construção do discurso sobre o ex-líder iugoslavo na medida em que a ação de apontar e de delimitar as vítimas das investidas de Milosevic acarreta também a sua própria delimitação e construção conceitual.

A grosso modo, pode-se afirmar que - tal como o TG - o NYT aborda o fato da dificuldade em classificar todos albaneses kosovares como um grupo coeso, que sofria em conjunto. No entanto, é conspícua no jornal a continuada ênfase conferida às múltiplas divisões existentes sob esse guarda-chuva conceitual. Indo ainda adiante, o NYT classifica (desde seus primeiros textos até os últimos) como 'guerrilhas' grupos como a KLA, salientando que eles também colocavam-se como obstáculos à paz, por exemplo ao não levar a sério - e a cabo - os compromissos de entregar armas e cessar as hostilidades:

---

<sup>166</sup> Washington must therefore begin reinforcing its diplomacy with preparations for possible military action to protect refugees. The United States has no interest in encouraging Kosovo's independence or in going to war with Serbia. But military action may be needed for the limited objective of helping the refugees.

O desarmamento das guerrilhas da etnia albanesa, **não menos essencial à paz**, não será fácil. (CONSTRUCTING..., 1999, tradução nossa, destaque nosso).<sup>167</sup>

**Os dois lados têm repetidamente violado partes do acordo. Mas as violações do Sr. Milosevic são piores.** [...] Os bombardeios devem ser associados a um aviso à etnia albanesa que **o objetivo do Ocidente é proteger os civis, e não ajudar as guerrilhas a vencer.** [...] a solução correta: um retorno à autonomia que o Kosovo desfrutava antes do Sr. Milosevic tomar o poder. (CRISIS..., 1999, tradução nossa, destaque nosso).<sup>168</sup>

Especialmente refratária à KLA é a maneira como o NYT descreve a insistência dos albaneses kosovares em não assinar o acordo de paz [o falido acordo de Rambouillet] caso não sejam atendidas suas demandas por independência (ou ao menos sua futura consideração). Para o jornal, consequência imediata da multiplicidade de forças no seio da população kosovar era o fortalecimento da posição de Milosevic.

**Ao pressionar por um referendo, a etnia albanesa dificulta o uso da força contra Milosevic por parte da OTAN.** [...] O Grupo de Contato deve continuar **insistindo no desarmamento do exército de guerrilha**, o qual cometeu alguns abusos e não deveria ter a capacidade de ameaçar os políticos democráticos albaneses que governarão o Kosovo. (THE TANGLED..., 1999, tradução nossa, destaque nosso).<sup>169</sup>

Assim, indo muito além do mero apontamento da existência de facções, o NYT constrói uma perspectiva de futuro um pouco diversa daquela encontrada nas páginas do TG (outra diferença, como já discutido, é a posição quanto à independência da província). Ao sobrelevar esses rachas, o discurso americano reforça o mandato de ação do Ocidente - e da OTAN - uma vez que, ao menos em tese, o problema não encerra-se com Milosevic. De igual modo, a solução também passava pela inclusão e entrelaçamento civil entre as duas principais forças do Kosovo de então: aqueles que pregavam a resistência pacífica (tendo em Ibrahim Rugova seu principal líder) e aqueles que propunham o recurso às armas como de conquista de sua autonomia (ou quiçá independência).

<sup>167</sup> The disarming of ethnic Albanian guerrillas, no less essential to peace, will not be easy.

<sup>168</sup> But both sides have repeatedly violated parts of the agreement. But Mr. Milosevic's violations are worse. [...] The bombing must be coupled with a warning to the ethnic Albanians that the West's goal is to protect civilians, not help the guerrillas win. [...] the right solution: a return to the autonomy Kosovo enjoyed before Mr. Milosevic took over.

<sup>169</sup> In pushing for a referendum, the ethnic Albanians make it more difficult for NATO to use force against Mr. Milosevic. [...] The Contact Group should continue to insist on disarming the guerrilla army, which has committed some abuses and should not be able to threaten the ethnic Albanian democratic politicians who will run Kosovo.

Os principais competidores do ELK eram os democratas não violentos liderados por Ibrahim Rugova. Mas as conversas do Sr. Rugova com Slobodan Milosevic nesta primavera enquanto forças sérvias expulsavam milhares de kosovares acabaram desacreditando-o e a maioria de seus seguidores. **Agora a principal disputa política no Kosovo é entre as alas radical e pragmática do ELK.** [...] se o ELK desmilitarizar-se voluntariamente, muitos de seus atuais combatentes deveriam sem maiores problemas poder ser realocados em novos cargos como policiais em comunidades de albaneses kosovares, ajudando a tornar uma realidade tangível a autonomia e a segurança prometidas pelo acordo de paz. A resistência do ELK ao acordo somente irá condenar o Kosovo a mais miséria e derramamento de sangue. (PEACE..., 1999, tradução nossa, destaque nosso).<sup>170</sup>

## 5.6 Semelhanças e contrastes entre TG e NYT

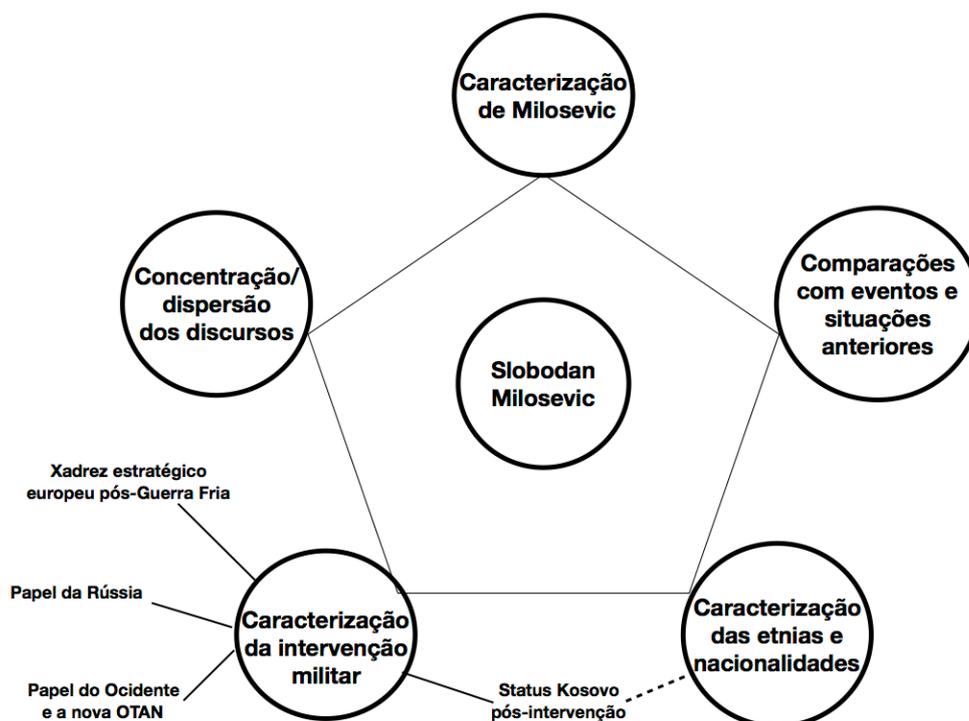
De modo a construir seu discurso, tanto TG quanto NYT apoiaram-se em determinados eixos estruturantes, linhas-mestras à qual se relacionavam quase todos os conceitos e recursos utilizados e acionados ao longo dos textos. De maneira análoga ao TG, a figura 7 a seguir esquematiza a tentativa de representar graficamente tais eixos, assim como alguns sub-eixos, que na análise em questão despontaram enquanto relevantes subdivisões de estruturação discursiva (que por sua vez aparecem de forma mais homogênea no caso do TG).

Da análise da figura - e do contraste do atual capítulo e seu precedente -, depreende-se que as principais diferenças na construção do discurso sobre Milosevic deram-se na maneira pela qual atribuiu-se sentido e significado às noções de Ocidente (e como o conceito de Milosevic era construído fazendo-lhe oposição), de intervenção militar, das etnias e nacionalidades envolvidas assim como os paralelos traçados entre a então situação do Kosovo e seu futuro.

---

<sup>170</sup> The K.L.A.'s chief competitors used to be the nonviolent democrats led by Ibrahim Rugova. But Mr. Rugova's talks with Slobodan Milosevic this spring while Serbian forces were expelling hundreds of thousands of Kosovars have discredited him and most of his followers. **Kosovo's main political contest is now between the pragmatic and radical wings of the K.L.A.** [...] If the K.L.A. willingly demilitarizes, many of its current fighters should be able to move smoothly into new roles as police in Albanian Kosovar communities, helping to make the autonomy and security promised by the peace agreement a tangible reality. K.L.A. resistance to the agreement would only doom Kosovo to additional misery and bloodshed.

**Figura 7: eixos da construção do discurso sobre Milosevic no NYT**



Fonte: resultados da pesquisa.

Em suma, considerando-se a lente pós-estruturalista proposta no prelúdio desta pesquisa, torna-se possível e plausível - partindo dos pressupostos da desconstrução derridiana para se analisar o ambiente internacional bem como os eventos e fenômenos que lhe são afins - relativizar suas posições e desconstruir algumas de suas interpretações sedimentadas, apontando as arbitrariedades subjacentes em toda estrutura de significação.

Assim, no caso em questão, a análise do discurso de TG e NYT sobre o ex-líder sérvio Slobodan Milosevic chegou a algumas conclusões quando da comparação e do contraste entre cada um dos *selves* geradores do discurso, as quais são apresentadas de forma sintética no quadro 5 ao final desta seção.

Em primeiro lugar, observou-se que os discursos do TG concentram-se mormente nos meses de abril, março e maio de 1999. No caso do jornal americano, a concentração ocorre em janela temporal semelhante, porém não idêntica, sendo abril, março e junho os meses de maior ocorrência de menções ao nome.

Uma outra constatação importante desta análise é que notou-se no caso do TG uma tentativa constante de inserção do jornal e do próprio leitor na caracterização da noção de Ocidente e de mundo ocidental, com recorrente uso do pronome pessoal em primeira pessoa do plural ‘nós’ (*we* em inglês) para referência ao Ocidente. Assim, para o TG, tanto o próprio jornal quanto seus leitores eram vistos como integrantes da visão de mundo ocidental, nela imersos. Nesse caso, a figura de Milosevic foi construída por meio da soma e ligação de uma série de características pessoais e profissionais do ex-líder ao mesmo tempo em que ele era apresentado enquanto constructo frontalmente oposto à noção de Ocidente do jornal (no estilo do modelo de *linking and differentiation* de Lene Hansen), do qual o leitor era parte integrante.

Tentativa semelhante de construção foi também observada no NYT (aproximação e diferenciação identitária entre Milosevic e o Ocidente), porém com uma importante diferença: no caso americano, é conspícua a não inserção do leitor do âmbito do texto. São raras as ocasiões em que o jornal aproxima-se de seu leitor por meio do pronome pessoal ‘nós’.

No que tange à discussão sobre a possível invasão militar por terra e seus impactos na caracterização de Milosevic, observou-se outra importante e visível clivagem, que perpassa todos os meses de discursos sobre o conflito. Durante o período, o TG mostrou-se sempre a favor dos ataques aéreos enquanto modo de possibilitar a futura ação militar em solo iugoslavo. O NYT, por sua vez mostrou-se constante e frontalmente contrário à invasão por tropas em terra, advogando a todo momento a necessidade de se aguardar até que os bombardeios surtissessem o efeito desejado, qual seja, a capitulação de Milosevic com subsequente retirada do exército iugoslavo e da polícia sérvia do território kosovar.

Iniciados os ataques, TG mostrou-se terminantemente contrário a o que o jornal classificou de ‘alargamento dos alvos’, o que em outras palavras significava que os bombardeios não seriam mais restritos a alvos militares, podendo englobar também outros alvos de modo a causar dano na posição iugoslava como um todo, atingindo a reboque a população civil por meio da interrupção dos serviços a ela prestados, tais como eletricidade e vias de telecomunicações. No caso do NYT, o jornal americano não dedica espaço a um discussão mais aprofundada sobre a opção da OTAN (de considerar outros alvos que não somente aqueles puramente militares). Apesar de certo silêncio e por vezes ambiguidade, o jornal coloca-se a grosso modo a favor de ações que possibilitassem uma capitulação mais

rápida de Milosevic por meio do desgaste de sua imagem para com a população de seu país. A discussão feita pelo TG sofre o possível sofrimento a ser impresso à população civil pela decisão de reorientação estratégica é praticamente ausente nas páginas de seu par americano.

Outra conclusão desta pesquisa refere-se à forma como a figura de Milosevic foi construída - tanto no TG quanto no NYT - por meio da frequente alusão a conflitos e situações anteriores, as quais atuavam como um atalho cognitivo, informando ao seu leitor e atuando como um norte comparativo. No caso britânico, tais comparações concentraram-se em menções à Guerra do Golfo, aos chamados ‘conflitos históricos da região’, bem como às então recentes guerras de independência da Bósnia e da Croácia. Ao longo de suas páginas, ação semelhante foi observada no NYT, porém novamente não idêntica. No caso americano, o rol de comparações foi substancialmente menor, e focado mormente em dois eventos: a Guerra da Bósnia e a Guerra do Vietnã, evento por sua vez de grande apelo ao público americano e praticamente ausente nas páginas do TG.

A caracterização da ação internacional face aos acontecimentos no Kosovo é outra linha-mestra de estruturação do discurso de ambos. No caso britânico, constatou-se que o TG construiu seu discurso legitimando a ação internacional posta em curso devido ao que o jornal chamou de fator humanitário. Em outras palavras, para o TG o Ocidente obtinha seu aval para a investida contra Milosevic devido ao que ele classificou de desastre humanitário levado a cabo pelo então líder. Recorte de legitimação análogo ocorre no NYT, porém com escopo aumentado. Para o *self* americano a ação internacional justificava-se não somente enquanto resposta a Milosevic (construindo assim sua imagem face ao público), mas também enquanto resultado da nova estratégia de defesa americana - e também europeia -, a qual passava por um momento de rearticulação e reestruturação no contexto pós-Guerra Fria e de derrocada do bloco comunista, discussão praticamente ausente no caso britânico, que limita-se a citar o que classifica como desafios da nova conjuntura internacional.

Um outro pilar de estruturação do discurso sobre Milosevic foi a maneira pela qual os jornais apresentavam e descreviam as etnias envolvidas no conflito, basicamente os sérvios e os chamados albaneses kosovares. A grosso modo, inferiu-se que o TG trabalhou o conceito de etnia albanesa-kosovar conferindo-lhe certo tom de homogeneidade e coesão. Mesmo que admitindo as clivagens entre as posições daqueles que perfaziam a maioria da população da província, o TG via de regra as considerava como um *front* que sofria minimamente unido os

ataques do então presidente da Iugoslávia. Posição essa que não encontra eco nas páginas do NYT, o qual por sua vez destaca com frequência as grandes - e por vezes classificadas como insuperáveis - divergências entre os principais grupos que compunham o mosaico da etnia albanesa kosovar. Apesar de descrevê-la como destinatária da ira de Milosevic, fato de relevo é o NYT dar recorrente menção à existência de inúmeras guerrilhas que optavam pela luta armada contra Milosevic, as quais colocavam-se também enquanto responsáveis pelo então estado do conflito. Assim, se no caso britânico o leitor é apresentado ao conceito de um líder cruel e opressor, no caso americano destacam-se também outras facetas que atuam de modo interveniente na classificação das ações de Milosevic.

Em relação ao próprio ex-líder e sua caracterização enquanto indivíduo e chefe de Estado, foi encontrada a maior e mais visível convergência entre os discursos de ambos *selves*. De modo geral, TG e NYT apresentaram a seus leitores um Milosevic caracterizado como ditador, assassino, cruel, sanguinário e perpetrador de uma política de limpeza étnica na província do Kosovo voltada contra os albaneses kosovares, expulsando-os de seus lares e massacrando quaisquer oposição a seus ditames. No que tange às suas facetas pessoais, tanto TG quanto NYT rotulam Milosevic enquanto político hábil, experiente ator no jogo internacional e sempre pronto a articular suas palavras e posições de modo a obter benesses do Ocidente. É nas páginas do NYT, contudo, que tal marca é associada mais fortemente ao chamado *establishment* comunista, pintando Milosevic enquanto rebento do regime que desintegrava-se no final da década de 1990.

Por fim, um ponto que interfere e molda o discurso sobre Milosevic de ambos TG e NYT é postura que cada jornal veicula no que concerne à questão do futuro da província do Kosovo findos os conflitos e a intervenção da OTAN. A grosso modo, infere-se que a posição de cada jornal é fator interveniente na maneira pela qual a figura do ex-líder é construída. No caso do TG, observou-se inicialmente a defesa de uma estrutura de governo que fosse capaz de abarcar os albaneses kosovares enquanto absoluta maioria da população do Kosovo. Assim, nota-se a preocupação do jornal com a situação pós-intervenção relacionada diretamente ao fato de não ser suficiente o mero cessar das hostilidades, mas também a discussão sobre o modelo futuro de governança a ser adotado. Posição essa que sofre uma inflexão a partir da segunda metade do conflito, quando o jornal passa a defender de forma aberta e resoluta que - consideradas as atrocidades veiculadas - nada menos que a

independência seria capaz de dar efetiva resolução ao conflito, posto que - para o jornal - era despida de sentido a ideia que os albaneses kosovares poderiam viver tranquilamente em um Estado ainda chefiado por quem os massacrava naquele momento.

Tal posição, por sua vez, é frontalmente divergente daquela observada nas páginas do NYT, que durante praticamente todo o período analisado coloca-se contrário à qualquer discussão sobre a independência da província, defendendo de modo intransigente o retorno ao esquema vigente no Kosovo anterior às reformas administrativas de 1989 (já com Milosevic no poder). Tal posição sofre leve abalo somente nas últimas semanas do conflito, em que o jornal começa meramente a aventar - e mesmo assim de maneira superficial - a possibilidade de independência.

O quadro 5 a seguir sintetiza as informações supracitadas:

**Quadro 5: O comparativo entre *The Guardian* e *The New York Times***

| <b>O discurso sobre Slobodan Milosevic</b>   |  |
|--|--|
| <b>The Guardian</b>  | <b>The New York Times</b>  |
| Concentração dos discursos: abril, março e maio de 1999.   | Concentração dos discursos: abril, março e junho de 1999.  |
| Inserção do jornal e do leitor na caracterização do mundo ocidental com o uso do pronome 'nós'. Figura de Milosevic construída em oposição ao conceito de Ocidente.  | Distanciamento: o jornal e o Ocidente são conceitos separados. Milosevic contudo ainda é construído em oposição ao conceito de Ocidente.   |
| A favor da invasão militar terrestre e a favor dos bombardeios enquanto meio para possibilitar a abertura de caminho para a invasão e impedimento de Milosevic.  | Frontalmente contrário à invasão por tropas em guerra. Bombardeios vistos como suficientes para forçar a capitulação de Milosevic.   |
| Terminantemente contrário ao 'alargamento dos alvos' dos bombardeios (passando a incluir centros de comunicação e usinas de energia elétrica e não somente alvos militares).                                     | Posição ambígua, porém mormente a favor do alargamento dos alvos desde que isso culminasse em uma capitulação mais rápida dado o desgaste de Milosevic.  |
| Alusão a conflitos passados com foco na Guerra do Golfo; conflitos históricos na região dos Balcãs; guerras da Bósnia e Croácia.   | Alusão ao passado concentrada majoritariamente em dois eventos: Guerra da Bósnia e Guerra do Vietnã.   |
| Ação internacional é legitimada pelo viés humanitarista.   | Ação internacional legitima-se pelo lado humanitário mas também pela estratégia de defesa da Europa e o papel dos EUA no contexto pós-Guerra Fria.   |
| Albaneses kosovares vistos como um povo com certa coesão, e que sofria ataques de Milosevic mesmo sendo maioria em sua própria região.   | Albaneses kosovares como povo que - apesar de maioria no Kosovo - também é fortemente dividido, assolado por guerrilhas radicais que opõem-se pela força às ações de Milosevic.  |
| Milosevic como ditador, assassino, cruel, sanguinário e perpetrador de uma política de limpeza étnica no Kosovo com vistas à expulsão dos albaneses kosovares.   |  |
| Milosevic visto como um político hábil e experiente em jogar com as posições dos países ocidentais para obter benesses.  | Milosevic também é visto como hábil e manipulador, porém tal <i>modus operandi</i> político é de certo modo relacionado ao cotidiano do establishment comunista, Milosevic como seu expoente e rebento.  |
| Início da guerra: defesa da definição de uma estrutura governativa mais autônoma para o Kosovo (pós-intervenção) em que albaneses kosovares fossem maioria.<br>Meio e fim: Defesa da independência da província. | Frontalmente contrário durante quase todo período à independência. Defesa de estrutura governativa autônoma semelhante ou inspirada no modelo pré-1989. Possibilidade de independência passa a ser no máximo aventada de forma superficial somente no final do conflito. |

**Fonte: Resultados da pesquisa.**

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as noções derridianas de desconstrução contidas na abordagem pós-estruturalista das Relações Internacionais, esta dissertação de mestrado buscou analisar a o discurso de dois jornais da mídia escrita ocidental - o britânico *The Guardian* e o americano *The New York Times* - de modo a compreender como deu-se a construção de seu discurso sobre o ex-líder sérvio e iugoslavo Slobodan Milosevic durante o escopo temporal da Guerra do Kosovo.

Tal como discutido no capítulo segundo desta obra, as incipientes tentativas de relativização do ideário e dos pressupostos positivistas foram paulatinamente ganhando corpo e robustez a partir da segunda metade do século XX. Assentados nos caminhos abertos por Friedrich Nietzsche quase um século antes, acadêmicos e autores do período questionavam os pilares sobre os quais se baseava o paradigma positivista, tais como a separação entre sujeito e objeto de pesquisa e a possibilidade de existência de neutralidade na ciência.

Para os chamados pós-positivistas, um indivíduo não pode ser apartado das configurações e constructos que contribuíram em sua formação, os quais acabam por tornar seu passado fator interveniente em toda e qualquer análise. A ciência, desse modo, não pode ser vista como constructo livre e desligado dos valores e das cercas sociais daqueles que a colocam em prática. Pelo contrário, a própria ciência é o rebento da sociedade que a criou e que a recria constante e diariamente.

Assim, para as abordagens pós-positivistas a existência - ou não - de uma realidade externa aos indivíduos e passível de observação pode ser relativizada posto que tal constatação não é acessível a todos os indivíduos de igual maneira, uma vez que nem todos partilham da mesma imersão social. Nesse sentido, entende-se que em verdade é o discurso o grande fator a gerar a realidade e o próprio conceito de real. Em outras palavras, ao dar nome a um determinado conceito, o discurso inaugura sua criação. Não é - como considera o positivismo - uma realidade empírica que engendra um discurso, o qual responsabiliza-se somente por contar e retransmitir o que existe. É exatamente o discurso que - ao dar nome - informa ao indivíduo sobre a existência de algo.

Mais do que a mera valorização do discurso e da interpretação enquanto motores de construção do que se entende por realidade, as abordagens pós-positivistas mais radicais

buscam ir além, na tentativa de compreender como dá-se a construção de sentido em um discurso. Uma dessas abordagens ficou conhecida por pós-estruturalismo, devido ao modo pelo qual é relativizado o conceito de estrutura (vide discussão sobre o estruturalismo no capítulo segundo).

Autores como o franco-argelino Jacques Derrida, um dos grandes nomes do pós-estruturalismo, consideram que o mundo ocidental estruturou seu pensamento sempre por meio de dicotomias que se contrapunham. Mais do que isso, elas o faziam de modo a perfazer um constante julgamento moral do primeiro termo em detrimento do segundo. Assim, ao definir-se um termo, definia-se o outro a reboque - e por oposição. Fazia-se necessário dessa forma inverter a polaridade, revalorando a dicotomia e dando primazia ao segundo termo, sempre preterido. A esse movimento o autor dá nome de desconstrução.

Definir o termo é tarefa inerentemente complicada. Para o pós-estruturalismo toda tentativa de definição está fadada ao fracasso, uma vez que não é possível o acesso ao significado de um termo por completo, posto que o próprio conceito de completo pressupõe a incompleição. Desse modo, entende-se que a desconstrução é a tentativa de compreender o modo pelo qual se organiza uma determinada posição, evidenciando as inconsistências e instabilidades ali presentes, atuantes na construção do significado veiculado.

De cunho inicialmente filosófico, as noções de pós-estruturalismo e de desconstrução começaram a transbordar de seu ambiente original e foram paulatinamente encontrando morada em outras áreas do conhecimento, nomeadamente as Relações Internacionais, especialmente a partir do final do século XX. Autores influenciados pela abordagem viram na desconstrução do discurso um outro modo de se entender, compreender e descrever o ambiente internacional, até então praticamente dominado por abordagens calcadas no paradigma positivista. Pouco a pouco, autores como Campbell, Walker e Hansen construíram suas análises relativizando conceitos até então caros à disciplina, como a soberania nacional e política externa. Para eles, uma análise dita pós-estruturalista deveria questionar a maneira pela qual tais conceitos foram inicialmente estruturados, problematizando e denunciando as inconsistências e instabilidades presentes no seu processo de criação e aplicação.

Tendo então o discurso papel destaque e lugar central em uma análise pós-estruturalista, analisá-lo torna-se sinônimo de analisar a própria realidade, ponto discutido no capítulo terceiro, momento em que é apresentada a análise de discurso enquanto técnica e

método de análise por excelência das abordagens de cunho pós-estruturalista. Tal como exposto, esta pesquisa desenvolveu-se fazendo uso da terceira fase da análise de discurso, a chamada AD-3. Para essa corrente, o discurso não prende-se nem se fida a quaisquer amarras ao que se convencionou chamar de real, motivo pelo qual ele deve ser analisado por si só, e não em contraste aos chamados ‘fatos reais’, posto que esses próprios são também uma construção discursiva.

Assim - e tal como apresentado -, esta pesquisa propôs-se a analisar os discursos de dois *selves*, dois falantes, dois sujeitos geradores do discurso em um determinado recorte temporal para compreender como deu-se a construção de seus discursos sobre Slobodan Milosevic. Para tal, foram considerados todos os editoriais publicados tanto no britânico *The Guardian* quanto no americano *The New York Times* ao longo do conflito conhecido por Guerra do Kosovo (que abrange os meses de março de 1998 a junho de 1999). Como apresentado na introdução desta obra, foram encontrados e efetivamente analisados um total de 105 discursos, sendo 59 correspondentes ao *The Guardian* e 66 ao *The New York Times*.

Considerando que para o pós-estruturalismo o ato de se traduzir um determinado discurso configura-se como nada menos que a geração de um novo discurso sobre algo, esta pesquisa pautou sua análise por meio da leitura dos artigos em sua língua original, o inglês. Face contudo à necessidade de tradução de todo e qualquer texto à língua vernácula desta publicação, optou-se por tentar combinar a regra sem no entanto sacrificar a especificidade do procedimento. Desse modo, todas as citações foram apresentadas tanto em português quanto em inglês, sendo contudo a análise deste pesquisador fruto da leitura e consideração dos textos em seu original.

Assim, considerando os editoriais publicados e cobertos por esta pesquisa, concluiu-se que TG e NYT construíram seus discursos sobre Milosevic por meio da articulação de alguns conceitos-chave, linhas-mestras que foram responsáveis por estruturar e dar corpo ao significado veiculado. Tal como descrito no modelo analítico proposto por Lene Hansen e apresentado em maior detalhe no capítulo terceiro, ambos TG e NYT fizeram uso das noções de aproximação e distanciamento de conceitos para construir seu discurso em torno do ex-líder sérvio. O processo, chamado de *linking and differentiation*, considera que o movimento é de caráter dual e simultâneo. Uma determinada imagem sobre algo é desse modo construída

por meio da ligação de características semelhantes ao mesmo tempo em que são enfatizadas as diferenças em relação ao outro, ao que se lhe opõe.

De modo geral, observou-se que foram cinco os principais fatores intervenientes na construção do discurso sobre Milosevic no caso de TG e NYT. Dentre eles, em quatro observou-se semelhança na maneira pela qual ambos *selves* veicularam sua construção discursiva, a saber: a maneira pela qual o ex-líder foi descrito e caracterizado, o modo pelo qual os discursos concentraram-se ou dispersaram-se ao longo dos meses de análise, a tentativa frequente e constante de comparação entre o conflito em questão e situações anteriores (como as guerras de independência das ex-repúblicas iugoslavas), bem como a caracterização das etnias e nacionalidades diretamente envolvidas nos conflitos, mormente os sérvios e os albaneses kosovares.

Um quinto pilar de estruturação do discurso, no entanto, mostrou substanciais diferenças na comparação entre TG e NYT. No caso do jornal britânico, constatou-se que, a grosso modo, a imagem de Milosevic era construída por meio da aproximação de conceitos (como anteriormente discutido) e da oposição à noção de Ocidente - e de mundo ocidental - do próprio jornal, e também de seu leitor. No caso do NYT, contudo, o fio estruturante do discurso de oposição fora não somente o Ocidente, mas também toda a noção de intervenção militar em si, aí inseridas as considerações sobre o xadrez estratégico europeu pós-Guerra Fria, o novo papel do Ocidente e da OTAN, assim como o novo lugar a ser ocupado pela Rússia.

Em conclusão, considerando-se que o discurso sobre algo é tudo aquilo ao qual se tem acesso e que ele cria e recria a noção de realidade de cada indivíduo, analisar a maneira pela qual deu-se a construção do discurso de dois relevantes atores da mídia escrita ocidental coloca-se como ferramenta essencial para o entendimento e compreensão do próprio mundo e das relações internacionais, ou do que convencionou-se entender por esses conceitos.

## REFERÊNCIAS

A CHOICE that cannot wait: Nato must settle its view on a ground war. **The Guardian (1959-2003)**, p. 23, 7 May 1999.

A COMMON purpose. **The Guardian (1959-2003)**, p.19, 18 May 1999.

A CRUCIAL debate on Kosovo. **The New York Times**, 13 Apr 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/04/13/opinion/a-crucial-debate-on-kosovo.html>>. Acesso em: 11/07/2017.

ADLER, Emanuel. O construtivismo no estudo das Relações Internacionais. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n.47, p. 201-246, 1999.

AIR campaign against Yugoslavia. **The New York Times**, 25 Mar 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/03/25/opinion/air-campaign-against-yugoslavia.html>>. Acesso em: 10/07/2017.

ANDERSON, Benedict. **Imagined communities: reflections on the origins and spread of nationalism**. 2nd edition, London: Verso, 1983.

ANGERMULLER, J. **Poststructuralist discourse analysis: subjectivity in enunciative pragmatics**. Houndmills, United Kingdom: Palgrave Macmillan, 2014.

ANSWERING Mr. Milosevic. **The New York Times**, 31 Mar 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/03/31/opinion/answering-mr-milosevic.html>>. Acesso em: 10/07/2017.

ARALDI, Claudemir Luís. **Nilismo, criação, aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos**. Coleção Sendas e Veredas. São Paulo: Discurso Editorial, 2004.

ASHLEY, Richard. Untying the sovereign state: a double reading of the anarchy problematique. **Millenium Journal of International Studies**, v. 17, n. 2, p. 227-262, 1988.

AXELROD, Robert; KEOHANE, Robert. Achieving cooperation under anarchy: strategies and institutions. **World Politics**, v. 38, n.1, p.226-254, Oct. 1985.

ARROJO, Rosemary. **O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino**. Campinas: Editora Pontes, 1992.

BALDWIN, David. A. Neoliberalism, Neorealism, and World Politics. In: BALDWIN, David A. (editor). **Neorealism and neoliberalism: the contemporary debate**. New York: Columbia University Press, 1993.

BARNETT, Clive. Deconstructing context: exposing Derrida. **Transactions of the Institute of British Geographers**, 24, n.3, p. 277-293, 1999.

BARTHES, Roland. **Image, music, text**. London: Fontana Press, 1977.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BEFORE winter arrives in Kosovo. **The New York Times**, 20 May 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/05/20/opinion/before-winter-arrives-in-kosovo.html>>. Acesso em: 12/07/2017.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **The social construction of reality: a treatise in the sociology of knowledge**. London: Penguin Books, 1966.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Schwarcz Ltda, 1986.

BEST, Steven; KELLNER, Douglas. **Postmodern theory: critical interrogations**. New York: The Guilford Press, 1991.

BULL, Hedley. International theory: the case for a classical approach. In: **World Politics**, Vol. 18, No. 3 (Apr. 1966), pp. 361-377.

CAEIRO, Alberto. Há metafísica bastante em não pensar em nada. In: **O guardador de rebanhos**. Lisboa: Athena, 1925.

CAMPBELL, David. **National deconstruction: violence, identity and justice in Bosnia**. Minneapolis: The Minnesota University Press, 1998.

CAMPBELL, David. **Writing security: United States foreign policy and the politics of identity**. Manchester: Manchester University Press, 1992.

CARR, Edward.H. **Vinte anos de crise: 1919-1939**. 2 ed. São Paulo: Editora UnB e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001. (Coleção Clássicos IPRI). Disponível em: <[http://funag.gov.br/loja/download/40-Vinte\\_Anos\\_de\\_Crise\\_-\\_1919-1939.pdf](http://funag.gov.br/loja/download/40-Vinte_Anos_de_Crise_-_1919-1939.pdf)>. Acesso em: 04 ago. 2016.

CARVING Kosovo: autonomy is ambiguous. **The Guardian (1959-2003)**, p. 19, 10 Jul 1998.

CHANEL, Coco. **Já não sou quem eu era: devo ser quem me tornei**. Paris: s.d.

COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

CONSTRUCTING peace in Kosovo. **The New York Times**, 10 Jun 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/06/10/opinion/constructing-peace-in-kosovo.html>>. Acesso em: 14/07/2017.

CONTAINING Milosevic: UN forces are the key. **The Guardian (1959-2003)**, p.17, 11 Mar 1998.

CRISIS in Kosovo. **The New York Times**, 20 Jan 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/01/20/opinion/crisis-in-kosovo.html>>. Acesso em: 14/07/2017.

CULLER, Jonathan. **On deconstruction: theory and criticism after structuralism**. New York: Cornell University Press, 1983.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. São Paulo: Becca, 1999.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

DERRIDA, Jacques. **A voz e o fenômeno**. Lisboa: Ed. 70, [s.d].

DERRIDA, Jacques. Jacques Derrida: “Autrui est secret parce qu’il est autre”. In: **Le Monde de l’éducation**. Septembre, 2000. Disponível em: <[http://palimpsestes.fr/module\\_geopo/derrida.pdf](http://palimpsestes.fr/module_geopo/derrida.pdf)>. Acesso em: 07/06/2017.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Tradução de Mirim Schnaiderman e Renato Ianini. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DERRIDA, Jacques. **L’écriture et la différence**. Collection Tel Quel. Paris: Éditions du Seuil, 1967.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001a.

DERRIDA, Jacques. **Papier machine**. le ruban de machine à écrire et autres réponses. Paris: Galilée, 2001b.

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. Tradução de Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

DARDEAU, Denise. Jacques Derrida: Da linguagem à escritura, da escritura como transbordamento. In: **Ensaio filosóficos**, volume 3, abril, 2011.

DEVETAK, Richard. Postmodernism. In: BURCHILL, Scott.; LINKLATER, Andrew et al. **Theories of International Relations**. 3rd edition. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

DIPLOMATIC principles for Kosovo. **The New York Times**, 8 April 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/04/08/opinion/diplomatic-principles-for-kosovo.html>>. Acesso em: 10/07/2017.

DOBIE, Ann. **Theory into practice: an introduction to literary criticism**. 4th edition. Boston: Wadsworth Cengage Learning, 2015.

DOSSE, François. **História do estruturalismo: o campo de signo – 1945/1966**. São Paulo: Edusc, 2007, v. 1.

DOSSE, François. **História do estruturalismo: o canto do cisne, de 1967 a nossos dias**. São Paulo: Edusc, 2007, v. 2.

EDITORIAL observer: keeping ethnic tension from turning violent. **The New York Times**, 22 April 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/04/22/opinion/editorial-observer-keeping-ethnic-tension-from-turning-violent.html>>. Acesso em: 10/07/2017.

ELEMENTS of a peace deal. **The New York Times**, 7 May 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/05/07/opinion/elements-of-a-peace-deal.html>>. Acesso em: 10/07/2017.

EXPLORING the ground rules: this war is escalating. **The Guardian (1959-2003)**, p.23, 9 Oct 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora UnB, 2001.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. In: **Organon**. Revista do Instituto de Letras da UFRGS. v.24, n.48, 2010.

FOLLY and madness: Serbs must be ousted. **The Guardian (1959-2003)**, p. 15, 5 Apr 1999.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. Tradução de Maria Ermantira Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Tópicos).

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 9. ed. Tradução e Organização de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **The archaeology of knowledge and the discourse on language**. Translated from the French by A. M. Sheridan Smith. New York: Pantheon Books, 1972.

GIACÓIA JUNIOR, Oswaldo. **Nietzsche e para além de bem e mal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIDDENS, Anthony. **The consequences of modernity**. Cambridge: Polity Press, 1990.

GLENNY, Misha. **The Balkans, 1808-2012: nationalism, war, and the great powers**. London: Granta Books, 2012.

GLENNY, Misha. **The fall of Yugoslavia**. 3rd revised edition. London: Penguin, 1996.

GRISLY accident in Kosovo. **The New York Times**, 16 Apr 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/04/16/opinion/grisly-accident-in-kosovo.html>>. Acesso em: 08/07/2017.

GROFF, Ruth. **Critical realism, post-positivism and the possibility of knowledge**. London: Routledge, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11a edição. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.

HANSEN, Lene. **security as practice: discourse analysis and the Bosnian War**. London and New York: Routledge, 2006.

HARVEY, David. **Os limites do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

HOOKER, Clifford. Surface dazzle, ghostly depths: an exposition and critical evaluation of van Fraassen's vindication of empiricism against realism. In: CHURCHLAND, Paul M. (Ed.); HOOKER, Clifford A. (Ed.). **Images of science: essays on realism and empiricism**. Chicago: Chicago University Press. Cap. 8, p. 153-196, 1985.

HOPF, Ted. The promise of constructivism in International Relations theory. In: **International Security**, 23 (1) (1998): p. 171-200.

HOSMER, Stephen T. **Why Milosevic decided to settle in when he did**. RAND, 2001.

INVENTING Nato's new role. **The New York Times**, 28 Mar 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/03/28/opinion/inventing-nato-s-new-role.html>>. Acesso em: 10/07/2017.

JACKSON, Robert.; SORENSEN, Georg. **Introdução às Relações Internacionais: teorias e abordagens**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

JOUSTING with Belgrade. **The New York Times**, 8 Jun 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/06/08/opinion/jousting-with-belgrade.html>>. Acesso em: 10/07/2017.

JUDAH, Tim. **Kosovo: what everyone needs to know**. reprint edition. New York: Oxford University Press USA, 2008.

JUDAH, Tim. **The Serbs: history, myth and the destruction of Yugoslavia**. 3rd revised edition. New York: Yale University Press, 2009.

KAPLAN, Morton. **The new great debate: traditionalism vs science in International Relations**. The Johns Hopkins University Press: World Politics, Vol. 19, No.1, (Oct, 1966), pp

1-20. Disponível em: <<http://reinhardmeyers.uni-muenster.de/docs/GraduateT/Kaplan1966.pdf>>. Acesso em: 26/09/2016.

KAPLAN, Robert D. **Balkan ghosts: a journey through history**. New York: Picador, 1993.

KAPLAN, Robert D. In the Balkans, no wars are 'local'. **The New York Times**, 7 Apr 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/04/07/opinion/in-the-balkans-no-wars-are-local.html>>. Acesso em: 09/07/2017.

KEOHANE, Robert. **After hegemony: cooperation and discord in the world political economy**. Princeton: Princeton University Press, 2005.

KEOHANE, Robert. **International institutions and state power: essays in International Relations theory**. Boulder, San Francisco & London: Harvard University, Westview Press, 1989.

KEOHANE, Robert. (editor). **Neorealism and its critics**. New York: Columbia University Press, 1986.

KOSOVO on brink: intervention is essential. **The Guardian (1959-2003)**, p.15, 27 Apr 1998.

KOSOVO'S MAP: self-rule must be credible. **The Guardian (1959-2003)**, p.19, 31 Jul 1998.

KOSOVO'S REFUGEE emergency. **The New York Times**, 20 Sep 1998. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1998/09/20/opinion/kosovo-s-refugee-emergency.html>>. Acesso em: 13/07/2017.

KRASNER, Stephen. **Global communications and national power: life on the Pareto frontier**. In: World Politics, Vol. 43, Issue 3 (April 1991), pp. 336-366.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva S.A., 1998.

LAGO, Natasha. O olhar do poeta moderno – diálogo entre as obras de Manuel Bandeira e de Charles Baudelaire. In **Palimpsesto**. N.12, ano 10, 2011.

LLOYD, Christopher. **As estruturas da história**. Tradução de Maria Julia Goldwasser. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno explicado às crianças**. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

MACSHANE, Denis. **Why Kosovo still matters**. London: Haus Publishing, 2011.

MAFFESOLI, Michel. Qu'en est-il de la postmodernité? In: **Sur la post-modernité**. 19 Ago 2008. Disponível em: <<http://www.levidepoches.fr/weblog/2008/08/intervention-de.html>>. Acesso em: 16/05/2017.

MALDIDIER, Denise. Elementos uma história da Análise do Discurso na França. In: ORLANDI, E. P. (org.) **Gestos de leitura**: da história no discurso. Tradução B. S. Z. Mariani et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

MARSHALL, Tim. **Shadowplay**: the inside story of the overthrow of Slobodan Milosevic. BookBaby, 2003.

MEARSHEIMER, John J. The false promise of International Institutions. **International Security**, v. 19, n.3, winter, p.5-49, 1994/95.

MENDES, Cristiano G. **A construção do conceito de terrorismo**: análise dos discursos do ex-primeiro-ministro britânico Tony Blair. Tese de doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

MENDES, Cristiano G. Pós-estruturalismo e a crítica como repetição. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.30, n.88, jun.2015.

MENDONÇA, André Luis de Oliveira. O legado de Thomas Kuhn após cinquenta anos. In: **Scientiæ Zudia - Revista Latino-Americana de Filosofia e História da Ciência** (USP). São Paulo, v. 10, n. 3, p. 535-60, 2012.

MENESES, Ramiro de. A desconstrução em Jacques Derrida: o que é e o que não é pela estratégia. **Universitas Philosophica** 60, año 30: 177-204. Enero-junio 2013, Bogotá, Colômbia. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/unph/v30n60/v30n60a09.pdf>> Acesso em: 18/10/2016.

MONTINARI, Mazzino. Ler Nietzsche: O Crepúsculo dos Ídolos. In: **Cadernos Nietzsche**. Vol. 03, p. 77-91, 1997. Artigo originalmente publicado em Nietzsche-Studien, 13, 1984. Tradução de Ernani Chaves.

MORGENTHAU, Hans J. **A política entre as nações**: a luta pelo poder e pela paz. Editora UnB e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: São Paulo, 2003. Disponível em: <[http://funag.gov.br/loja/download/0179\\_politica\\_entre\\_as\\_nacoes.pdf](http://funag.gov.br/loja/download/0179_politica_entre_as_nacoes.pdf)>. Acesso em: 07/08/2016.

MOVING Milosevic: force can't be ruled out. **The Guardian (1959-2003)**, p. 23, 9 Oct 1998.

MR CLINTON looks home. **The New York Times**, 26 Jun 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/06/26/opinion/mr-clinton-looks-home.html>>. Acesso em: 10/07/2017.

MR. MILOSEVIC'S peace overture. **The New York Times**, 3 May 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/05/03/opinion/mr-milosevic-s-peace-overture.html>>. Acesso em: 10/07/2017.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna C. (org). **Introdução à Linguística 2: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

MUZZLING dissent in Serbia. **The New York Times**, 22 Oct 1998. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1998/10/22/opinion/muzzling-dissent-in-serbia.html>>. Acesso em 10/07/2017.

NAILING Milosevic: withdrawal is the only way out. **The Guardian (1959-2003)**, p.19, 17 Jun 1998.

NATO errs again: but its cause remains valid. **The Guardian (1959-2003)**, p.23, 15 May 1999.

NEUFELD, Mark A. **The restructuring of International Relations theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

NICHOLSON, Michael. The continued significance of positivism? In: SMITH, Steve; BOOTH, Ken; ZALEWSKI, Marysia. **International theory: positivism and beyond**. New York: Cambridge University Press, Cap. 6, p. 128-145, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal ou prelúdio de uma filosofia do futuro**. Tradução Marco Pugliesi (USP). Curitiba: Hemus, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**; seleção de textos de Gérard Lebrun; tradução e notas de Rubens Torres Filho; posfácio de Antônio Candido de Mello e Sousa – São Paulo: Abril Cultural, 1978.

NIETZSCHE, Friedrich. **The will to power**. Tradução de Walter Kaufmann e R.J Hollingdale. New York: Vintage Books (Random House), 1968.

NORRIS, Christopher. **Deconstruction: theory and practice**. Third edition. London and New York: Routledge, 2002.

OBUCINA, Vedran. **A war of myths: creation of the founding myth of Kosovo Albanians**. Association for Promotion of Social Sciences and New Media, Zagreb. CONTEMPORARY issues, (2011) Vol. 4, No. 1.

OLIVEIRA, Rita de Cássia. Considerações sobre o niilismo em Nietzsche. In: **Revista em Foco em Educação e Filosofia**. UFMA. Vol.01, p.56-65. 2009.

ONUF, Nicholas. Constructivism: a user's manual. In: KUBÁLKOVÁ, Vendulka; ONUF, Nicholas; KOWERT, Paul. (eds). **International Relations in a constructed world**. Armonk and London: M. E. Sharpe, 1998.

OTTONI, Paulo. A responsabilidade de traduzir o in-traduzível: Jacques Derrida e o desejo de [la] tradução. **Delta: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v.19, p.163-174, nov.2003.

PATIENCE and tenacity in Kosovo. **The New York Times**, 2 Apr 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/04/02/opinion/patience-and-tenacity-in-kosovo.html>>. Acesso em: 10/07/2017.

PEACE and the KLA. **The New York Times**, 11 Jun 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/06/11/opinion/peace-and-the-kla.html>>. Acesso em: 15/07/2017.

PEDROSO JR., Neurivaldo. Jacques Derrida e a desconstrução: uma introdução. **Revista encontros de vista**. quinta edição, jan/jun 2010. Disponível em: <[http://www.encontrosdevista.com.br/Artigos/Neurivaldo\\_Junior\\_Derrida\\_e\\_a\\_desconstrucao\\_uma\\_introducao\\_final.pdf](http://www.encontrosdevista.com.br/Artigos/Neurivaldo_Junior_Derrida_e_a_desconstrucao_uma_introducao_final.pdf)>. Acesso em: 17/10/2016.

PERRONE, Moisés. Aquele que desprende da ponta da cadeia. In: NASCIMENTO, Evando (org.). **Jacques Derrida: pensar a desconstrução**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PETTIFER, James. **The Kosova Liberation Army: underground war to Balkan insurgency, 1948-2001**. London: C Hurst & Co Publishers, 2014.

PHILLIPS, D.L. **Liberating Kosovo: coercive diplomacy and US intervention**. Cambridge; London: The MIT Press, 2012.

POPPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica**. 16a edição. São Paulo: Cultrix, 2008.

PORTER, Tony. Postmodern political realism and International Relations theory's third debate. In: SJOLANDER, Claire Turenne; COX, Wayne S. **Beyond positivism: critical reflections on International Relations**. Colorado: Lyenne Rienner Publishers, 1994.

POWELL, Robert. Anarchy in International Relations Theory: The neorealist-neoliberal debate. In: **International Organization**, Vol. 48, No. 2 (Spring 1994), pp. 313-344.

PRICE on Milosevic's head: indictment is a milestone for human rights. **The Guardian (1959-2003)**, p.23, 28 May 1999.

RESENDE, Erica Simone Almeida. **A crítica pós-moderna / pós-estruturalista nas Relações Internacionais**. Boa Vista: Editora da Universidade Federal de Roraima, 2011.

RESTRAINING Milosevic: Kosovo needs autonomy. **The Guardian (1959-2003)**, p.19, 6 Mar 1998.

RESTRAINT on rebuilding Serbia. **The New York Times**, 29 Jun 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/06/29/opinion/restraint-on-rebuilding-serbia.html>>. Acesso em: 10/07/2017.

REUS-SMIT, Christian. Constructivism. In: BURCHILL, Scott.; LINKLATER, Andrew. et al. **Theories of International Relations**. 3rd edition. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

RIBEIRO JÚNIOR, João. **Augusto Comte e o positivismo**. Campinas: Edicamp, 2003.

RIBEIRO JÚNIOR, João. **O que é positivismo**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

RIGH to reject Serb offer: wrong to target TV and power stations. **The Guardian (1959-2003)**, p.19, 24 Apr 1999.

RODRIGUES, Carla. Mulher, verdade, indecidibilidade. In: DUQUE-ESTRADA, Paulo César (org.). **Espectros de Derrida**. Rio de Janeiro: NAU Editora : Ed, PUC-Rio, 2008.

RUSSIA, captive of history. **The New York Times**, 24 Apr 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/04/24/opinion/russia-captive-of-history.html>>. Acesso em: 13/07/2017.

RUSSIA'S role in Kosovo. **The New York Times**, 6 Apr 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/04/06/opinion/russia-s-role-in-kosovo.html>>. Acesso em: 11/07/2017.

SANCTIONS now: the Serbs must be stopped. **The Guardian (1959-2003)**, p.23, 4 Jun 1998.

SANS, Clément. Dorian Astor: "Pour Nietzsche, tout langage est une traduction". In: **PHILITT, Revue de Philosophie et de Littérature**. Numéro 5, 15 mars 2017. Disponível em: <<https://philitt.fr/2017/03/15/dorian-astor-pour-nietzsche-tout-langage-est-une-traduction>>. Acesso em: 18/06/2017.

SANTOS, Wagner Martins dos. **Os governos de George W. Bush (2001-2008) e a construção do inimigo: uma análise pós-estruturalista**. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2016.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHMITT, Carl. **O Conceito do político**. Petrópolis: Vozes, 1992.

SCHURMAN, Jacob G. **The Balkan Wars 1912-1913**. 3rd edition. Amazon Media EU S.à r.l. Public Domain Book.

SERBIA should not starve. **The Guardian (1959-2003)**, p.17, 22 Jun 1999.

SLOBODAN MILOŠEVIĆ INTERVIEW KOSOVO WAR. **Youtube**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8or18rPZUE0>>. Acesso em 31/06/2016.

SMITH, Steve. The discipline of International Relations: still an American social science? **British Journal of Politics and International Relations**, v. 2, n. 3, p. 374-402, 2000.

SMITH, Steve. Positivism and Beyond. In: SMITH, Steve; BOOTH, Ken; ZALEWSKI, Marysia. **International theory: positivism and beyond**. New York: Cambridge University Press. Cap. 1, p. 11-44, 1996.

SMITH, Steve. Six wishes for a more relevant discipline of International Relations. In: REUS-SMIT, Christian; SNIDAL, Duncan (eds). **The Oxford Handbook of International Relations**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

STANDING up to Milosevic: air strikes are not enough. **The Guardian (1959-2003)**, p.21, 19 May 1999.

STOCKER, Barry. **Routledge philosophy guidebook to Derrida on deconstruction**. London: Routledge, 2006.

STRATHERN, Paul. **Derrida em 90 minutos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

TAKING care in Kosovo: try peaceful means first. **The Guardian (1959-2003)**, p.17, 10 Jun 1998.

THE CASE against Mr. Milosevic. **The New York Times**, 28 May 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/05/28/opinion/the-case-against-mr-milosevic.html>>. Acesso em 10/07/2017.

THE GLIMMER of a way out: but will Milosevic see it? **The Guardian (1959-2003)**, p.19, 14 Apr 1999.

THE KILLING in Kosovo. **The New York Times**, 2 Oct 1998. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1998/10/02/opinion/the-killing-in-kosovo.html>>. Acesso em: 12/07/2017.

THE KOSOVO peace plan. **The New York Times**, 4 Jun 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/06/04/opinion/the-kosovo-peace-plan.html>>. Acesso em: 10/07/2017.

THE KREMLIN looks west. **The New York Times**, 6 Jun 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/06/06/opinion/the-kremlin-looks-west.html>>. Acesso em: 12/07/2017.

THE LOGIC of Kosovo. **The New York Times**, 2 May 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/05/02/opinion/the-logic-of-kosovo.html>>. Acesso em: 10/07/2017.

THE MOMENT Nato feared: but its cause is still valid. **The Guardian (1959-2003)**, p.19, 16 Apr 1999.

THE OBSEQUIES of war. **The Guardian (1959-2003)**, p.21, 11 Jun 1999.

THE RATIONALE for air strikes. **The New York Times**, 24 Mar 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/03/24/opinion/the-rationale-for-air-strikes.html>>. Acesso em: 10/07/2017.

THE TANGLED Kosovo peace talks. **The New York Times**, 22 Feb 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/02/22/opinion/the-tangled-kosovo-peace-talks.html>>. Acesso em: 15/07/2017.

THE WAR at Westminster: where were all the rest of them? **The Guardian (1959-2003)**, p. 19, 19 May 1999.

TODOROVA, Maria. **Imagining the Balkans**. Updated edition. New York: Oxford University Press, 2009.

UNDEMOCRATIC elections. **The New York Times**, 27 Jun 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/06/27/opinion/undemocratic-elections.html>>. Acesso em: 10/07/2017.

WAEVER, Ole. Figures of international thought: introducing persons instead of paradigms. In: NEUMANN, Iver B; WAEVER, Ole. **The future of International Relations: masters in the making?** London: Routledge, Cap 1, p. 1-37, 1997.

WAEVER, Ole. Identity, communities and foreign policy: discourse analysis as foreign policy theory. In: HANSEN, Lene; WAEVER, Ole. **European integration and national identity: the challenge of the Nordic states**. London: Routledge, 2002.

WALKER, R.B.J. **Inside / Outside: International Relations as Political Theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

WALTZ, Kenneth. **Teoria das Relações Internacionais**. Lisboa: Gradiva, 2002.

WAR and analogy. **The New York Times**, 18 Apr 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/04/18/opinion/war-and-analogy.html>>. Acesso em: 10/07/2017.

WEBER, Cynthia. Performative States. In: **Millennium - Journal of International Studies**. March 1998. Vol. 27, No. 1, p. 77-95.

WENDT, Alexander. Anarchy is what states Make of It: The Social Construction of Power Politics. In: **International Organization**, Vol. 46, No. 2, (Spring, 1992), pp. 391-425.

WENDT, Alexander. **Social theory of international politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

WHY Kosovo matters: it's a test for our generation. **The Guardian (1959-2003)**, p.21, 26 May 1999.

WILLIAMS, James. **Understanding poststructuralism**. Chesham: Acumen, 2005.

WOLFF, Larry. **Inventing Eastern Europe: the map of civilization on the mind of the enlightenment**. Stanford: Stanford University Press, 1994.

ZAMMITO, John. **A nice derangement of epistemes: post-positivism in the study of science from Quine to Latour**. Chicago: The University of Chicago Press, 2004.

ZEHFUSS, Maja. Identity change? Wendt's constructivism and German military involvement abroad. In: **Constructivism in International Relations: the politics of reality**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.